

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO



ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Casimiro de Abreu

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

 CORRESPONDÊNCIA
COMPLETA DE
CASIMIRO DE ABREU

*Reunida, organizada e comentada por
Mário Alves de Oliveira*

Rio de Janeiro 2007

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

Antonio Carlos Secchin (Diretor)

José Murilo de Carvalho

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2007

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*

Secretário-Geral: *Cícero Sandroni*

Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*

Segundo-Secretário: *Domício Proença Filho*

Diretor Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*

PUBLICAÇÕES DA ABL

Produção editorial

Monique Mendes

Revisão

Mário Alves de Oliveira

Projeto gráfico

Victor Burton

Editores eletrônicos

Estúdio Castellani

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

- 869.6B Abreu, Casimiro de, 1839-1860
AI48c Correspondência completa / de Casimiro de Abreu ; reunida,
organizada e comentada por Mário Alves de Oliveira.
Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, 2007.
XX, 271 p., [16] f. de lâms. : il., fac-síms., retrs. ; 21 cm. –
(Coleção Afrânio Peixoto, 77)

ISBN 978-85-7440-113-3

- I. Abreu, Casimiro de, 1839-1860. 2. Correspondência.
I. Oliveira, Mário Alves de. II. Título. III. Série.

*Dedicado à Ilma. Sra.
D.^a Maria José de Abreu Sampaio
de Lima Carneiro Pacheco de Andrade,
da cidade do Porto,
prima em quarto grau de Casimiro,
gentilíssima e nobre representante
dos mais altos valores espirituais
do bravo povo português.*

Casimiro de Abreu em foto de Joaquim José “Insley” Pacheco.
(Col. Dr. Waldyr da Fontoura Cordovil Pires)



Viveu, cantou, morreu.

Clímaco Ananias Barbosa de Oliveira

A Casimiro de Abreu

Viveu como uma flor tão curta vida,
Ou foi uma esperança falecida,
Ou sonho que acabou;
Sem gozar dos festins que o mundo afaga,
Como um batel que a tempestade traga,
Os dias seus passou.

Cantou suas passadas primaveras,
Tendo saudades dessas lindas eras
Em que tudo é sonhar;
Seus pesares gemeu e suas dores,
Esperanças cantou o seu penar.

Morreu inda na flor da mocidade
Entoando uma nênia de saudade
Por sobre os sonhos seus!
Foi saudar nova vida, novo sol;
Subiu ainda da vida no arrebol,
Alegre aos pés de Deus.

❧ Paisagens infantis de Casimiro

Há muitas controvérsias envolvendo a vida de Casimiro de Abreu. Uma das mais persistentes, das que mais têm despertado a curiosidade dos que se interessam pela sua história, é a que se refere ao local do seu nascimento, que ele próprio, sutilmente, fez questão de camuflar. Já houve quem o desse como nascido em cinco ou seis diferentes pontos do território fluminense. E como seria motivo de orgulho para qualquer município saber-se berço natal do autor de *Primaveras*, é compreensível que a velha questão siga rendendo seus frutos.

Depois de quinze anos de obstinadas pesquisas, depois de ler quase tudo que se escreveu a respeito, devo dizer que, hoje, se me perguntarem: “Afinal de contas, onde nasceu Casimiro?”, responderei sem pestanejar que foi em Rio das Ostras. Mas se me pedirem a resposta por escrito e com a firma reconhecida em cartório, me negarei a dá-la, por não dispor de um documento que a comprove expressamente. Nisso, contudo, não me diferencio em nada dos demais biógrafos do poeta, uma vez que, pelo existe de provas documentais, ninguém pode, de modo honesto e seguro, reconhecer a firma em cartório. Nisso estamos quites.

Sabe-se que Casimiro nasceu em 1839 no primitivo e jovem município de Macaé, que fora criado 26 anos antes, em 1813. Dividido em quatro imensas Freguesias (São João Batista, Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora do Desterro de Quissamã e Sacra Família do Rio São João), o citado município era maior do que muitos dos países que têm assento na ONU. Sua superfície abarcava os territórios de seis grandes municípios fluminenses atuais, a saber, Macaé, Carapebus, Quissamã, Conceição de Macabu, Casimiro de Abreu e Rio das Ostras.

Sabe-se mais, que Casimiro nasceu na quarta das freguesias acima, a da Sacra Família, cuja área correspondia à soma dos atuais municípios de Casimiro de Abreu e Rio das Ostras. Quanto a isso, não há dúvida; o seu termo de batismo é uma prova incontestável. Aliás, o próprio poeta o disse claramente ao ditar o testamento a Bernardino José Fernandes dos Reis: “Sou filho de José Joaquim Marques de Abreu já falecido, e de D. Luísa Joaquina das Neves; nascido e batizado nesta Freguesia da Sacra Família, da Vila da Barra de São João.”

A sede da citada freguesia era o Arraial (depois Vila e depois Cidade) de Barra de São João. Além do arraial sede, a freguesia contava com uma enorme quantidade de *lugares* espalhados por seu vasto território. Dou apenas vinte exemplos: Águas Livres, Ipuca, Lontra, Três Morros, Iriri, Quarenta, Indaiaçu, Rio Dourado, Vila Verde, Lumiar, Palmital, Rio das Ostras (ou Rio d’Ostras, como diziam os portugueses), Cantagalo, Purgatório, Samambaia, Serra Seca, Corujas, Itapebussus, Descoberto e Jundiá.

Ora, no dia 15 de setembro de 1859 (uma semana após Casimiro haver publicado no Rio de Janeiro o livro *Primaveras*), a Freguesia da Sacra Família passou à condição de Vila, desligando-se do município de Macaé e se tornando ela própria município; o município de Barra de São João. Com isso, de cidadão macaense, Casimiro passou a cidadão sanjoanense. Tinha apenas vinte anos e alguns meses de idade e

morreria um ano e pouco depois. Dele, portanto, se pode dizer que nasceu macaense e morreu sanjoanense.

Pois bem. Com o surgimento do novo município, passou-se a se tomar o todo pela parte. Passou-se a se dizer que Casimiro nascera em Barra de São João, pura e simplesmente, dando margens a se pensar que ele nascera dentro do antigo arraial sede, quando o mais adequado seria dizer que ele nascera em algum dos muitos “lugares” da antiga freguesia. Trata-se de uma distorção perfeitamente aceitável, pois sempre se apela para o nome de maior destaque quando se quer dar alguma referência geográfica.

Casimiro nasceu sim na Sacra Família. Mas não na sua sede, o arraial. Disso estou convencido, como convencido estou também de que não nasceu no Indaiáçu, embrião da atual cidade de Casimiro de Abreu. Em sua famosa página em prosa “A virgem loura”, ele diz de modo quase afirmativo que nasceu à beira mar, o que afasta a hipótese de que tenha sido no Indaiáçu, quase 30 km distante do litoral. Sei que poderão me lembrar que Barra de São João (refiro-me ao antigo arraial) estava (está) plantada à beira-mar. E é verdade. Mas leiam atentamente “A virgem loura”. Procurem ali pelo Rio São João e pelo Morro de São João, duas das mais belas e famosas referências visuais daquela localidade. Não acharão. É como se alguém falasse de Paris e não lembrasse o Rio Sena, falasse do Rio de Janeiro e não citasse o Corcovado ou não notasse o Pão de Açúcar. Em contrapartida, o poeta se refere a campos, a prados e a um riacho que não existiam (e não existem) na estreita faixa de terra em que Barra de São João se encontra assentada, mas que passam a existir quando se avança uns dois ou três quilômetros para o norte e se entra em terras do atual município de Rio das Ostras. Aí, sim; há de tudo isso. Ou pelo menos havia, quando o local não passava de uma modesta povoação à beira mar, ladeada de planícies e prados que recebiam “de longe”, “da montanha”, “o perfume das florestas”.

Há cartas e documentos datados de 1840, 1845, 1847 e 1849, que dão seu pai, José Joaquim Marques de Abreu, como residente em Rio

das Ostras. Era ali que ele tinha a sua casa de comércio e fazia parte de um esquema de tráfico de escravos, desembarcados por ele ao pé do Morro do Limão, morro esse que, não por acaso, era propriedade sua. E mais. Todo o arco de praia que vai do pé desse morro até 37 passos além da Rua Maria Letícia era testada de um gigantesco lote que também lhe pertencia. Eram 440 metros de frente para o mar, por quase um quilômetro de fundos, área superior a 40 campos de futebol. Coincidentemente, nesse arco de praia é que se encontra a figueira centenária, atração turística de Rio das Ostras, provavelmente a mesma “figueira velha que me viu nascer” a que Casimiro se refere em “A virgem loura”, onde aliás, habilidosamente, quis apagar as pegadas do pai, negando-se a identificar o local que amava mas lhe trazia vergonha: “Nasci em ... não, não digo o nome do lugar onde eu nasci.”

Desastradamente, ignorando que por 15 anos, de 1835 a 1849, os pais de Casimiro haviam vivido na Freguesia da Sacra Família do Rio São João, Nilo Bruzzi, o mais polêmico de seus biógrafos, o deu como nascido no município de Capivari, hoje Silva Jardim (RJ), onde a mãe do poeta era dona da Fazenda da Prata, que herdara do marido, Manoel da Silva Teixeira Travanca, falecido em 1.º de janeiro de 1835. Nos capítulos 2 a 5 de *Casimiro de Abreu e seu pai: uma tragédia luso-afro-brasileira*, o principal dos seis livros que estou preparando e que formarão o conjunto “Em torno a Casimiro de Abreu”, publico e analiso documentos que desfazem essa tese, desfazendo também uma outra; a de que o poeta tenha nascido no trapiche de Barra de São João, a atual “Casa de Casimiro de Abreu”. Ressalvo porém que esse imóvel merece e deve ser preservado. Trata-se de uma relíquia arquitetônica (é de cerca de 1828), e tem de fato relação com Casimiro. Seu pai era dono de uma olaria no Gargaó, na margem oposta do Rio São João, em terras de Cabo Frio, e era no trapiche que ele estocava as telhas e tijolos produzidos e as madeiras e produtos que mandava para fora. O que não significa que Casimiro houvesse ali nascido. Ressalvo também que

sim, que José Joaquim tinha mesmo uma casa no arraial de Barra de São João, casa essa que aparecerá no seu inventário e tocará à filha Albina. Era porém uma casa com quintal, coisa impossível no trapiche, que tem ao fundo o Rio São João. Era usada sobretudo pelo irmão solteiro de José Joaquim, Francisco José Marques de Abreu, esse sim, comerciante no referido arraial.

O cenário em que se desenrola a infância de Casimiro é mais amplo do que sempre se supôs. Ele inclui Rio das Ostras (onde o poeta teria nascido, a julgar pelos muitos e fortes indícios que existem), Barra de São João (onde foi batizado, alfabetizado, e sepultado ao lado do pai), Indaiáçu, hoje a cidade de Casimiro de Abreu (que ele freqüentou, e onde morreu em 18 de outubro de 1860), além de alguns *lugares* da antiga e vizinha Freguesia de Nossa Senhora do Amparo de Correntezas, em Capivari, hoje Silva Jardim (RJ), como Rio do Ouro (onde ficava a fazenda da mãe), Corridos (onde vivia o tio paterno Claudino Antônio Marques de Abreu), Madrugá (dentro da atual Reserva Biológica Nacional de Poço das Antas, onde viviam a avó materna, Joaquina das Neves Silva e Pinto, e o tio materno, Manuel Joaquim Pinto Osório) e o deslumbrante Salto d'Água, onde vivia o outro tio materno, José Joaquim Pinto Osório, e onde existe uma tranqüila e bela cachoeira, provavelmente a mesma em que, nos versos de "No lar", o poeta disse haver-se banhado em seu cansaço infantil.

Casimiro passou metade da existência no vale do São João: de 4 de janeiro de 1839, quando veio ao mundo, ao dia 15 de julho de 1849, quando, levado pelo pai, a bordo do patacho "Fluminense", deixou para trás as verdes paisagens da aurora da sua vida e tomou a direção do Rio de Janeiro. Estava, na verdade, sendo expulso do paraíso. Daí em diante, sua vida entraria por trilhas imprevisas e ele iria, acima de tudo, revelar-se poeta. Não um poeta qualquer, como tantos que surgiram nessa fase de formação da literatura brasileira, mas um dos maiores e mais amados que a língua portuguesa produziu.

Nota

A publicação da *Correspondência Completa* de Casimiro de Abreu representa, sem dúvida, importante contribuição para que melhor se compreenda a vida e a obra do poeta. É fruto da grande competência e do não menor entusiasmo de Mário Alves de Oliveira, bacharel em línguas e literaturas portuguesa e espanhola, que há mais de uma década se vem dedicando à pesquisa e à redação de um conjunto de cinco livros sob o título geral de *Em Torno a Casimiro de Abreu*, de que o presente trabalho é o marco inicial.

Com a *Correspondência Completa*, a Academia Brasileira de Letras reaviva a memória do patrono de sua Cadeira número 6, um poeta de grande talento e de curta existência, que encontrou em Mário Alves de Oliveira um pesquisador exemplar.

ANTONIO CARLOS SECCHIN

Sumário

Paisagens infantis de Casimiro	xi
Nota <i>Antonio Carlos Secchin</i>	xvii
 Introdução	3
 As coleções	7
 As cartas	27
 Índice	269

∞ CORRESPONDÊNCIA
COMPLETA DE
CASIMIRO DE ABREU

Introdução

A correspondência de Casimiro, pelo que se pôde reunir até hoje, se encontra reduzida a 82 cartas por ele escritas e a 25 que lhe foram dirigidas. Pode-se no entanto, a partir da leitura dessas 107 cartas, afirmar que, além delas, houve 60 (ou mais) que se perderam, sendo no mínimo 28 escritas por ele, e no mínimo 32 a ele enviadas. Diante disso, classifiquei a sua correspondência em “Cartas escritas por Casimiro: 1) cartas conhecidas; 2) cartas perdidas” e “Cartas recebidas por Casimiro: 1) cartas conhecidas; 2) cartas perdidas”.

Pus em ordem cronológica o conjunto das cartas, as escritas pelo poeta e as que lhe foram mandadas, incluindo nessa lista as datas (nem sempre muito precisas) das cartas que se perderam. A minha intenção foi a de facilitar o trabalho dos futuros estudiosos e biógrafos de Casimiro. Sei, pela experiência de muitos anos de pesquisas, o quanto indicações indiretas podem servir de pista para achar-se um documento. E mais. Estou convencido de que, no futuro, com o desenvolvimento da informática e a ampliação do número de usuários da internet, hão de surgir novos dados para a biografia do autor de *Primaveras*.

Preparei a lista abaixo, com os nomes das 15 pessoas ou instituições que detêm ou detiveram os originais ou fotocópias das cartas, ou dos jornais e revistas que pela primeira vez publicaram seus textos. Redigi, para cada um deles, um texto explicativo que me pareceu oportuno, não só pelo que tem de didático, mas por ser um meio de patentear gratidão aos que me ajudaram a realizar o presente trabalho.

01. Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).
02. Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.
03. Coleção do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).
04. Coleção da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (RJ).
05. Coleção Pedro Corrêa do Lago, São Paulo (SP).
06. Coleção Mário Rui Champalimaud Carneiro Pacheco, Porto, Portugal.
07. Três cartas publicadas em *Vamos ler!*
08. Duas cartas publicadas em *Dispersos*
09. Duas cartas publicadas pelo Dr. Sena Campos.
10. Duas cartas da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ).
11. Duas cartas pertencentes ao Sr. Willys Rodrigues, Rio de Janeiro (RJ).
12. Uma carta do Arquivo João Condé, Rio de Janeiro (RJ).
13. Uma carta do Arquivo Histórico do Itamarati, Rio de Janeiro (RJ).
14. Uma carta (fragmento) publicada por Paula Brito.
15. Uma carta (fragmento) publicada por Valentim Magalhães.

Redigi também um resumo introdutório à transcrição de cada uma das cartas, adiantando a data em que a mesma foi escrita ou recebida, as características do documento, e o nome da coleção, da instituição,

ou da publicação em que pode ser achada. Atualizei a ortografia, eliminei (quando pude) as abreviações, para tornar mais fluida a leitura, mantendo porém a pontuação adotada por Casimiro, mesmo nos casos em que parece incorreta. E para terminar, chamo a atenção dos leitores para os tópicos abaixo:

1) Salvo a primeira carta, de 8 de setembro de 1851, todas as outras, enviadas ou recebidas por Casimiro, são posteriores a 9 de julho de 1857, data da sua chegada ao Brasil após a longa estada na Europa, não importando que algumas tenham ido posteriormente parar em Portugal, levadas por Francisco José, tio do poeta.

2) Considerei como sendo duas, as cartas de Casimiro à irmã Albina datadas de 8 de novembro e 8 de dezembro de 1858, publicadas em *Vamos ler!*, uma vez que, ainda que escritas no mesmo papel, guardam entre si a distância de um mês. De maneira idêntica, e ainda que escritas no mesmo dia (19 de fevereiro de 1859) e tenham sido enviadas juntas a Francisco do Couto Sousa Júnior, considereei como sendo duas as cartas com tal data, que por algum motivo acabaram separadas, pertencendo atualmente: a primeira, ao Dr. José Mindlin (São Paulo-SP), e a segunda ao Sr. Willys Rodrigues (Rio de Janeiro-RJ). Em contrapartida, considereei como uma, e não duas, a carta que Casimiro envia a Albina em 6 de fevereiro de 1859, em que pôs um pequeno adendo com data do dia seguinte.

3) Extraviaram-se os originais das seguintes 13 cartas escritas por Casimiro: 1857.out.14 (à irmã Albina); 1858.jul.15 (a Luís Pereira de Sousa); 1858.ago.25 (a Francisco do Couto Sousa Júnior); 1858.nov.08 e 1858.dez.08 (à irmã Albina); 1858.dez.04 (a Francisco do Couto Sousa Júnior); 1859.jun.06 (a Cristóvão Corrêa e Castro); 1860 (?) e 1860.mar.19 (a Pedro Luís Pereira de Sousa);

1860.jul.19 [a Machadinho (Machado de Assis)]; 1860.ago.23 (a Paula Brito); 1860.set.17 e 1860.set.29 (a Antônio Francisco da Costa Cabral).

4) Todos os destaques em negrito foram feitos por mim, salvo o da palavra “quero”, negritada pelo próprio remetente, Manuel de Melo, na carta que, do Rio de Janeiro para Nova Friburgo, enviou a Casimiro em 21 de setembro de 1860.

5) Quanto ao microfilme citado em vários pontos deste livro, informo que doe uma cópia do mesmo ao Arquivo da Academia Brasileira de Letras, onde pode ser consultado.

Mário Alves de Oliveira

(mario65@globocom)

As coleções

I. Coleção José Mindlin, São Paulo (SP)

Trata-se da maior das coleções a serem estudadas neste livro. São 39 cartas escritas por Casimiro, sendo 38 originais, e uma cópia feita à mão por terceiros. Quanto às primeiras, são 38 cartas que, do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro dirigiu ao amigo, confidente e ex-companheiro de estudos no Instituto Colegial de Nova Friburgo, Francisco do Couto Sousa Júnior. Quanto à cópia, trata-se de uma pequena carta que, em 19 de julho de 1860, a exatos três meses de descer à sepultura, Casimiro enviou a Machadinho, apelido carinhoso com que os amigos de juventude tratavam Machado de Assis. Traz esta anotação, “Carta existente nos arquivos da Academia.”, que parece indicar o local de onde a teriam copiado, onde porém, lamentavelmente, não tive a sorte de achá-la.

Suponho que a primeira vez que se tenha escrito alguma coisa sobre as cartas de Casimiro ao amigo de Porto das Caixas, tenha sido a 14 de novembro de 1913, no *Diário Fluminense*, de Niterói (RJ), que em sua primeira página, sob o título “Duas cartas de Casimiro de

Abreu”, publicou uma matéria datada de dois dias antes, e assinada por Sena Campos, forma simplificada com que o escritor e médico Bernardino de Almeida Sena Campos assinava seus artigos. As duas cartas vinham precedidas desta nota introdutória:

“Sr. Redator: Agora que se agita a idéia de erguer a Casimiro de Abreu uma herma em um dos jardins desta cidade, despertará com certeza interesse entre os leitores do *Diário Fluminense* a notícia da existência de cartas autógrafas do meigo poeta fluminense.

Um de meus amigos, mostrou-me de fato há anos uma coleção delas e mimoseou-me com duas, das quais somente uma encontro neste momento, junto a um fragmento da cópia da outra. A que tenho presente é escrita em cursivo miúdo e bem talhado, em papel azul desmaiado com ramagens de morangos, tendo no alto em relevo o timbre “Casimiro Abreu”. Quanto à segunda das cartas, que acabou reduzida a um fragmento de cópia, diz Sena Campos que era “traçada em papel cor de palha, com borboletas e ramos de flores tendo igualmente o nome em relevo”.

Quase 19 anos depois, Sena Campos voltou a falar dessas cartas em seu artigo “Um autógrafo valioso de Casimiro de Abreu”, publicado às páginas 34 e 35 do número de abril-maio de 1932 da revista *Ideal*, também de Niterói. Desta vez, só publicou a primeira delas, que trata da morte por afogamento de um primo do poeta, mas deu, em compensação, mais pormenores sobre como as obteve. Diz ele no primeiro parágrafo:

“Há alguns anos já, o guarda-livros de uma casa comercial de Cordeiro de Cantagalo, o Sr. Américo Couto, hoje falecido, mostrou-me uma vintena de cartas do infeliz poeta, cujo nome epigrafa estas linhas. Encontrara-as no arquivo de seu Pai, de quem fora aquele muito amigo. Guardara-as o fiel confidente e o filho, zelando pelo

precioso legado, a custo cedeu-me duas delas, com o mal disfarçado pesar do avaro que se despoja de uma parte de seu tesouro.”

Sena Campos se refere a uma vintena de cartas, mas estou certo de que somavam, no mínimo, 42. Isso porque, desfalcada das duas que lhe foram dadas por Américo Couto, a referida coleção seria a mesma que, dois anos e meio depois, Raimundo Magalhães Júnior citaria em seu artigo “A tragédia íntima de Casimiro de Abreu (Através de uma correspondência inédita)”, saído em *O Jornal* de 16 de setembro de 1934. Basta ver que, ao falar da importância biográfica das cartas enviadas por Casimiro a Francisco do Couto Sousa Júnior, diz ele, duplicando o número indicado por Sena Campos:

“Devo à gentileza de Alma Breedveld, encantadora sensibilidade feminina e herdeira desse precioso arquivo, a oportunidade de haver lido as quatro dezenas de cartas que o poeta dirigiu àquele amigo e confidente.”

Aliás, não é de todo impossível que tenha partido do próprio Magalhães Júnior a sugestão à distinta senhora de propor à Academia Brasileira de Letras a compra da importante coleção. O fato é que ela não tardou a dirigir-se à Casa de Machado de Assis e oferecer-lhe o raro lote de cartas. Basta ver que, na sessão da Academia realizada a 4 de abril de 1935 e relatada à página 89 do livro de atas referente àquele ano, o Conde de Afonso Celso, presidente da sessão, comunicou

“que a senhora dona Alma Brudweld (*sic*) propôs à Academia a venda de 37 cartas autógrafas de Casimiro de Abreu dirigidas ao amigo íntimo do poeta Francisco do Couto Sousa Reis (*sic*). Tendo ido a proposta aos senhores Afrânio Peixoto, bibliotecário, e Fernando Magalhães, tesoureiro, ambos emitiram parecer, o pri-

meiro alegando que a verba da Biblioteca não comporta a despesa dessa compra (Rs 2:500\$000), e o segundo entendendo que ao Presidente cabe a solução do caso. A proposta e os pareceres serão discutidos na próxima sessão.”

Discutida na sessão de 17 de abril de 1935, que se acha registrada às páginas 99 e 100 do citado livro de atas, a aquisição das cartas continuou a mostrar-se difícil pelo mesmo motivo anteriormente alegado, ou seja, a impossibilidade de se usar a verba da biblioteca para a compra em questão. Foi então que, na tentativa de encontrar uma saída para o impasse que surgira, o acadêmico Gustavo Barroso apresentou esta proposta:

“Proponho que a Mesa fique autorizada a adquirir as cartas de Casimiro de Abreu pelo preço de dois contos de réis (2:000\$000), lançando mão dos saldos de verba que possam existir.”

Debatida a sugestão, o acadêmico Cláudio de Sousa lembrou que, antes de tudo, ela deveria ser levada à Comissão de Contas.

Depois disso, desceu sobre a compra das cartas um silêncio de quase oito meses, que só veio a ser quebrado à página 292 da ata de 14 de dezembro de 1935, onde existe esta nota:

“Cartas de Casimiro de Abreu – A Academia aprovou em começo do ano uma proposta do Sr. Gustavo Barroso para aquisição de uma coleção de cartas de Casimiro de Abreu, pela importância de 1:000\$000 (*sic*). De acordo com o Parecer da Comissão de Contas, igualmente aprovado, essa aquisição deveria ser feita no fim do corrente ano, caso as possibilidades permitissem a despesa. Havendo previsão de saldo, o pagamento das referidas cartas poderá ser realizado.”

Após isso, o silêncio voltou a descer sobre o assunto, e desta vez, para sempre. Não se diz nessa ata, nem se dirá nas dos anos seguintes, se as cartas foram mesmo adquiridas pela Casa de Machado.

Abro um parêntese para três comentários. O primeiro é para dizer que Alma Breedveld nasceu em Belo Horizonte em 18 de abril de 1910 e que, na época dos fatos aqui narrados, era ainda solteira e morava na Trav. João Afonso, r. 60 c.16, Humaitá, no Rio de Janeiro. Só mais tarde é que viria a casar-se com o almirante Mário Cavalcante de Albuquerque, quando passou a assinar-se Emília Theodora Alma Cavalcante de Albuquerque. Era já viúva ao falecer no Rio de Janeiro em 27 de maio de 1997. O segundo comentário é que, na verdade, a citada coleção era composta por 38 cartas, e não 37, como dissera a Sra. Breedveld. É que, entre elas, havia uma que era capaz de confundir os menos atentos, que a tomavam facilmente por um simples fragmento, quando, na realidade, era uma carta escrita por Casimiro nos últimos dias de dezembro de 1858. O terceiro comentário, é que me parece estranho que alguém se disponha a esperar por quase um ano, para receber um conto de réis por algo que pusera à venda por dois contos e meio. Sem qualquer intenção de ironia ou suspeita de má fé, a história me parece mal contada ou, no mínimo, contada apenas em parte.

Pois bem. Não tardou muito, seis meses no máximo, para que os originais das cartas desaparecessem dos arquivos da Academia, se é que de fato lá estiveram. Sim; porque até disso se pode duvidar, diante de tudo o que se seguiu. E para que se possa entender o que digo, tenho de pedir a atenção do leitor para o artigo abaixo, publicado anonimamente em 21 de julho de 1936 no jornal *A Notícia*, do Rio de Janeiro. Vem ilustrado por uma foto do *Petit Trianon*, e tem por título e subtítulo – “Preciosos documentos teriam desaparecido do arquivo da Academia Brasileira de Letras – Que fim levaram os originais das cartas de Casimiro de Abreu?”. Traz, sob a foto, a seguinte legenda, em que o nome de Castro Alves substituiu indevidamente o de Casimiro: “A Academia

Brasileira de Letras, de cujos arquivos teriam desaparecido as cartas de Castro Alves”. Eis pois, fielmente reproduzida, a íntegra do texto, onde pus em negrito alguns pontos que pretendo analisar:

“Há alguns anos passados alguém andou oferecendo à venda um maço de cartas de Casimiro de Abreu. **Era uma meia dúzia, ou pouco mais**, de epístolas endereçadas pelo poeta das “Primaveras” a um amigo íntimo de sobrenome Couto, com o qual se comunicava freqüentemente sobre assuntos de sua vida material e espiritual. Nelas se encontravam referências interessantes que aguçavam a curiosidade dos críticos da obra do grande lírico empenhados em desvendar-lhe mistérios da alma adolescente e traços de seu gênio poético.

Durante muito tempo essas preciosas relíquias estiveram com o Dr. Sena Campos, conhecido médico residente em Niterói, e ele as teria oferecido à consulta de diversos escritores. **Depois essas cartas foram compradas pelo acadêmico Laudelino Freire, que as confiou à Academia Brasileira de Letras.**

Quem as viu nessa época verificou que se tratava de originais com todas as características de sua antigüidade. **Muitos anos ficaram esses papéis dormindo no sossego do arquivo da casa de Machado de Assis**, até que novos motivos surgiram para a biblioteca dos devassadores de intimidades ilustres. Foi então que se deu a surpresa: na Academia, ao que se sabe, existem apenas cópias das cartas de Casimiro. A princípio indagou-se se não teria havido um equívoco da parte do comprador que adquirira esse espólio. Quem sabe se lhe não deram cópias em vez de originais?

Tal porém, não acontecera. O dr. Laudelino Freire pagara um ou dois contos de réis pela preciosidade que conseguira autenticar rigorosamente. Os que mais tarde quiseram consultar esse documentário não conseguiram ver senão o material de segunda mão.

Vários acadêmicos perguntados responderam ignorar o que se passara com esse epistolário. E ninguém explica o fim que lhe deram. E segundo informações que colhemos, as cartas teriam desaparecido misteriosamente do lugar onde se achavam, ficando em substituição o texto copiado. Valeria a pena esclarecer essa história. Por que não apurar o que há de verdade, se o assunto é de alto interesse para a Academia Brasileira?”

Aqui, faço os seguintes comentários: a) Vê-se que o “meia dúzia ou pouco mais” não condiz com a verdade; b) Embora o Dr. Sena Campos houvesse realmente disponibilizado as cartas para alguns escritores, disponibilizou apenas as duas que possuía, que ganhara de Américo Couto; c) Surge na história a figura do respeitado acadêmico Laudelino Freire. Pode-se pensar que, sabendo das dificuldades da Academia em adquirir as cartas de Casimiro, ele as tenha comprado e as tenha posto aos cuidados da instituição, se é que de fato entregou os originais e não as fotocópias das mesmas. Lamentavelmente, ele morreu em 18 de junho de 1937 e, ao que parece, sem ter tido tempo de esclarecer a questão; d) Não é verdade que as cartas tenham dormido muitos anos no arquivo da Academia. Se lá estiveram, não chegaram a dormir; ficaram só seis meses.

Quanto às fotocópias, também sumiram do arquivo, não sem antes darem frutos de excelente qualidade. Foi com base nelas, que o grande Sousa da Silveira redigiu diversas notas para as duas edições de suas *Obras de Casimiro de Abreu*; a primeira, da Cia. Editora Nacional, publicada em São Paulo em 1940, e a segunda, melhorada, uma co-edição vinda à luz no Rio de Janeiro em 1955 pelo Ministério da Educação e Cultura e pela Casa de Rui Barbosa. Foi com base nelas também, que Afrânio Peixoto preparou algumas linhas do seu texto introdutório à edição fac-similar de *Primaveras*, publicada no Rio de Janeiro em 1945 pelo Instituto Nacional do Livro, então subordinado ao hoje extinto Ministério da Educação e Saúde.

Passei, a partir de 1991, a procurar obsessivamente por tais cartas. Vasculhei, em telefonemas que às vezes me pareciam a mim mesmo inteiramente absurdos, os mais remotos pontos do país. Teimava, insistia, mas não avançava um milímetro sequer. E foi então que, em 4 de novembro de 1995, não bem para falar das cartas que buscava, mas para lhe perguntar se possuía a primeira edição de *Primaveras* autografada por Casimiro, escrevi ao Dr. José Mindlin. Generoso como sempre, não tardou a responder-me. Disse-me que tinha a primeira edição de *Primaveras*, mas sem dedicatória, acrescentando que, em compensação, possuía um conjunto de quase quarenta cartas de Casimiro a Francisco do Couto Sousa Júnior. Foi, como se pode imaginar, uma estupenda surpresa.

Pouco dias depois, graças à boa vontade do Dr. Mindlin e à colaboração da competente e culta conservadora da sua biblioteca, Cristina Antunes, já me achava na cidade de São Paulo, na sala de pesquisas da casa, a copiar calmamente, com boa dose de indisfarçada emoção, as 38 cartas de Casimiro a Francisco do Couto Sousa Júnior, a que ele dava sempre um carinhoso e diferente tratamento, como “Meu Couto”, “Querido Couto”, “*Mio caro*”, “*My dear*” e “*Mon cher*”. Findo o trabalho, e aproveitando um momento em que o Dr. Mindlin se acercou da minha mesa para dirigir-me uma palavra acolhedora (gentileza que, pude observar, dispensa a todos os pesquisadores), pedi-lhe para ter com ele alguns minutos a sós. Tendo concordado em ouvir-me, convidou-me para uma sala à parte, onde nos sentamos e pudemos conversar. Revelei-lhe então, após habilidosos rodeios, a origem da coleção de cartas que eu vinha de copiar, falando-lhe do propalado mas não provado furto que, em 1936, ocorrera no arquivo da Academia.

Surpreso, e com razão, pois desconhecía os fatos que eu ali lhe relatara, o Dr. Mindlin me disse que adquirira as cartas a uma tradicional casa do Rio de Janeiro, a Livraria Kosmos Editora Ltda (Praça Olavo Bilac, 28, sobreloja 205), acrescentando que se dispunha a devolvê-las à Academia Brasileira de Letras.

Disse-lhe que a devolução não me parecia justa e necessária. Afinal, ele as comprara em transação transparente, já que as cartas não traziam qualquer carimbo que as identificasse como sendo de alguém ou de alguma instituição. Ninguém, salvo aquele que as furtara, se é que de fato houvera algum furto, tivera qualquer culpa no episódio; nem o livreiro, nem ele, o comprador. Além disso, disse-lhe, a Biblioteca José Mindlin era aberta aos pesquisadores que pretendessem ter acesso àquelas cartas, que se achavam, aliás, muitíssimo bem guardadas. Disse-lhe mais; que ao redigir o texto introdutório à *Correspondência de Casimiro de Abreu* que eu estava organizando, pretendia falar do episódio do furto. Sim, porque estive sempre convencido de que devia analisá-lo a fundo, como fiz aqui, já que outros estudiosos de Casimiro o tinham feito de maneira superficial e incompleta. Quanto mais não fosse, para preservar as partes em jogo de eventuais e futuras suspeitas.

2. Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal

Decorridos dois meses e meio da morte de Casimiro, e após uma viagem de 23 dias pelo paquete a vapor *Tyne*, Francisco José Marques de Abreu desembarcou no Rio de Janeiro em 2 de janeiro de 1861. Permaneceu no país por nada menos que cinco meses e uma semana, empenhando-se para aplainar dificuldades e agilizar os inventários do irmão e do sobrinho. Ao voltar a Portugal em 8 de junho a bordo do *Oneida*, levava na bagagem uma grande quantidade de documentos que Antônio Francisco da Costa Cabral recolhera não apenas na Fazenda do Indaiaçu, mas também nos escritórios de Câmara, Cabral & Costa no Rio de Janeiro.

Guardados em várias caixas, os valiosos documentos encontram-se ainda na Casa dos Carvalhais, para onde os levou Francisco José, e onde ficaram intocados por mais de cem anos. Além de centenas de papéis de interesse sobretudo comercial, mas nem por isso menos im-

portantes para a biografia de Casimiro, o acervo inclui uma boa quantidade de cartas trocadas entre os Marques de Abreu, três cartas escritas pelo próprio poeta, e 25 cartas que lhe foram dirigidas. Quanto ao dono desse acervo, Carlos Lopes Abreu, é ele sobrinho-bisneto e primo em terceiro grau de Casimiro, posto que bisneto de Francisco José Marques de Abreu e da irmã mais velha do poeta, Maria Joaquina. Nascido em 17 de janeiro de 1930 em Santa Maria de Oliveira, é o atual dono da Casa dos Carvalhais, cujo chão Casimiro pisou, e onde nasceram e viveram diversas gerações dos Marques de Abreu.

3. Coleção do Arquivo Nacional

São 12 cartas que, do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro envia ao pai. As dez primeiras são de 1857 (de 11 de setembro a 27 de dezembro), e as duas últimas, de 1859; uma de 6 de janeiro, outra de 22 de maio. Todas elas exibem o carimbo “Arquivo Nacional – Seção Histórica – Rio de Janeiro”. Foram escritas em papel azul pálido, exceto uma, a de 22 de maio de 1859, que o foi em papel branco, agora amarelecido pela passagem dos anos. O endereçamento das 12 cartas é quase idêntico (“Ilmo. Sr. José Joaquim Marques d’Abreu – Fazenda do Indaiá-ássú – Barra de S. João”), ainda que, em algumas delas, Casimiro empregue diferentes abreviaturas. Todas elas têm quatro páginas de 28 por 22 cm, sendo que, em nenhuma, a segunda e terceira páginas foram usadas, e que, em todas, o papel foi dobrado de modo a servir de envelope. As cartas se acham em bom estado de conservação. Apenas a segunda, de 2 de outubro de 1857, teve de ser restaurada por apresentar um furo que “comia” algumas palavras, mas sem prejudicar o entendimento do texto. As cartas foram catalogadas sob a Notação 77 CP 31 do Arquivo Nacional, cuja oficina de encadernação juntou-as em volume de capa marrom, que exhibe a inscrição “Autógrafos de Casimiro de Abreu”.

Solicitei ao Arquivo Nacional fosse feita uma busca, visando a apurar como e quando a coleção de cartas passara a fazer parte do acervo daquela instituição. A resposta, vinda através do memorando “06-AN-COGED” de 19 de janeiro de 2006, foi frustrante:

“Segundo os técnicos da área de Documentos Privados, da Coordenação de Documentos Escritos – CODES, a entrada dos documentos do fundo Casimiro de Abreu não foi registrada no antigo ‘Livro de Registro de Entrada de Documentos da Seção Histórica’, que abrange o período de 1924 a 1967 (notação AN 346) e que não há, no instrumento de pesquisa, dados sobre a aquisição (por doação ou compra) ou a data em que o acervo entrou no Arquivo Nacional.”

Secas, esquemáticas e curtas (algumas parecem simples bilhetes), essas cartas deixam à mostra o distanciamento de Casimiro em relação ao pai, após a longa estada em Portugal. A ausência de intimidade é visível até mesmo no modo como o poeta assina as doze cartas, com o nome completo, e obedecendo à mesmíssima fórmula: “Seu filho amante Casimiro José Marques de Abreu”.

4. Coleção da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (RJ)

Há, na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, nove cartas autógrafas de Casimiro, sendo seis originais, e três fotocópias cedidas pelo escritor (Nélson) Lacerda Nogueira. Trata-se de uma coleção de enorme valor para os que se interessam pela vida do autor de *Primaveras*. Uma delas, de 1.º de abril de 1859, dirigida a Cristóvão Corrêa e Castro, pertenceu à coleção do coronel do exército Adir Guimarães (Paraná, 26.mar.1900 – Rio de Janeiro, 27.set.1966); outra, de 27 de abril de 1860, enviada a Antônio Fernandes Cama-

cho Falcão, colega de trabalho de Casimiro, era parte da coleção de Francisco Ramos Paz, português abastado que deu a mão a muita gente do mundo das letras; outra ainda, do poeta ao seu vizinho Manoel Antônio Rodrigues Machado, doada à Biblioteca Nacional por Teixeira de Melo, mostra, de maneira contundente, a hombridade, a altivez, e a nobreza de caráter de Casimiro ao defender seus pontos de vista.

5. Coleção Pedro Corrêa do Lago, São Paulo (SP)

Cheguei a tais documentos por uma informação de Roberto Menezes de Moraes. E por incrível coincidência, no mesmo dia em que ele me disse que Pedro Corrêa do Lago (neto de Osvaldo Aranha e dono da Livraria Corrêa do Lago em São Paulo) possuía originais de Casimiro, Pedro se achava no Rio de Janeiro e apareceu na Livraria Universal, dirigida então por Roberto, que nos apresentou um ao outro. E tendo Pedro me antecipado a permissão para que eu visse os papéis de meu interesse, dez dias depois, em 20 de junho de 1996, fui à capital paulista, onde ele não apenas me franqueou o exame dos preciosos autógrafos de três cartas e do poema *Violeta*, como me forneceu fotocópias dos mesmos.

6. Coleção Mário Rui Champalimaud Carneiro Pacheco, Porto, Portugal

Trata-se de uma das três cartas que considero as mais importantes para a biografia de Casimiro. Nela, o poeta relata ao primo Antônio a agonia e morte do pai, José Joaquim Marques de Abreu. Não vi com meus próprios olhos o documento original, mas apenas a fotocópia do mesmo, que vem reproduzida neste livro. Posta em caixilhos, com vidro, a valiosa carta permaneceu por muitos anos pendurada a uma parede da Casa do Sestelo – uma senhorial e bela mansão de inúmeras ja-

nelas que, cercada de altíssimas, frondosas e centenárias tílias, ainda pude ver por dentro em 30 de agosto de 1993, em Santa Maria de Oliveira, antes que a inclemente especulação imobiliária viesse reduzi-la a tijolos e pó.

Guardada zelosamente na cidade do Porto, a carta pertence hoje ao primo em quinto grau de Casimiro, Sr. Mário Rui Champalimaud Carneiro Pacheco, filho da saudosa e sempre lembrada D.^a Maria Luísa Cálem Champalimaud Carneiro Pacheco (Matosinhos, 08.set.1920 – Porto, 10.mai.2004) e de seu marido, o Sr. Mário de Abreu Sampaio de Lima Carneiro Pacheco (Santo Tirso, 16.set.1916 – Porto, 12.mai.1978), que ao longo da vida cultivou com carinho a memória do genial poeta e seu primo em quarto grau, reunindo a maior e mais completa *casimiriana* particular de que já tive notícia.

7. Três cartas publicadas em *Vamos ler!*

As cartas vêm nas páginas 24 e 25 do n.º 535, ano IX, de 31 de outubro de 1946, da revista *Vamos ler!*, dirigida por Pereira Reis Júnior e publicada no Rio de Janeiro pelo jornal *A Noite*. E foi em julho de 1996 que tive a sorte de encontrar essa revista na “Casa de Casimiro de Abreu”, em Barra de São João. Tem ela 63 páginas, e é toda dedicada ao autor de *Primaveras*. E ainda que não traga novidades importantes para o estudo da vida e da obra do poeta, tem o enorme mérito de revelar essas cartas, acompanhadas da reprodução fotográfica dos respectivos originais. Lamentavelmente, a publicação não cita fontes, nem o nome do detentor dos autógrafos. Pode-se, pois, dizer que tais cartas estão hoje extraviadas, momentaneamente ou para sempre perdidas.

O desenho da capa, trabalho de Jerônimo Ribeiro, mostra o poeta e a atual Casa de Casimiro de Abreu ao fundo, além da legenda “Casimiro de Abreu, o poeta da infância”. Na página 25, após a transcrição das cartas, vem esta nota: “Nestas cartas, o grande humilde de ‘Meus

oito anos’ demonstra, com a doçura que caracteriza o seu espírito, o desmentido afeto pela irmã e a atenção carinhosa aos que lhe eram caros.” Vê-se por aí que, em 1946, ano da publicação, já corriam histórias sobre o relacionamento difícil de Casimiro com membros da família. Pouco depois, por volta de 1947, Nilo Bruzzi começaria as pesquisas para a biografia que publicou do poeta em 1949, onde realçou ao máximo os propalados atritos deste com seus familiares; com a mãe, sobretudo.

Deixo aqui registrado, por gratidão e justiça, o nome da Sra. Helena Maria Sardemberg Bastos, moradora no Rio de Janeiro e proprietária de casa em Barra de São João. Foi quem doou à “Casa de Casimiro de Abreu” o exemplar da revista em questão. Sem a generosidade do seu gesto, estou certo de que as três valiosas cartas ficariam esquecidas por muito tempo, ou quem sabe, para sempre.

8. Duas cartas publicadas em *Dispersos*

Foi em 1934, no cinquentenário da morte de Pedro Luís (Pereira de Sousa), que Academia Brasileira de Letras reuniu as obras em prosa e verso que ele deixara esparsas em opúsculos, folhetos, ou em jornais e revistas. Coube a seu filho, Everardo Valim Pereira de Sousa, a tarefa de coligir o material para o livro, que recebeu o título de *Dispersos* e veio a público em co-edição com a Civilização Brasileira S.A., do Rio de Janeiro.

Quase 50 páginas da obra (da 219 à 266) têm a ver com Casimiro. Nelas, encontra-se transcrita a carta com que ele manda a Pedro Luís um exemplar de *Primaveras*, o extensíssimo elogio com que este, pelas páginas do *Correio Mercantil*, brindou o nascimento desse livro, e uma segunda e premonitória carta (“Se eu viver até o fim do ano ...”), de 19 de março de 1860, em que Casimiro agradece àquele amigo as consagradas palavras que dedicara a seu livro.

Foi providencial a publicação de *Dispersos*. Graças a ela, os estudiosos de Casimiro podem ter hoje os textos das duas cartas citadas, que pertenciam aos herdeiros de Pedro Luís. Eram “duas cartas escritas com tinta roxa em papel meio rosa”, como me disse a querida e saudosa amiga, D.^a Cecília Barros Pereira de Sousa Braga, filha de Everardo, neta de Pedro Luís, que em 1954 as entregou ao Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho, de Campinas (SP), para que as doasse à Academia Campinense de Letras, de cujo arquivo foram mais tarde furtadas.

9. Duas cartas publicadas pelo Dr. Sena Campos

Já foi dito, no texto introdutório à Coleção José Mindlin, que os originais dessas duas cartas, hoje extraviados, pertenceram ao médico e escritor Sena Campos, que as recebera de presente de Américo Couto, um dos filhos de Francisco do Couto Sousa Júnior, amigo e confidente de Casimiro. No início dos anos 90, na tentativa de achar tais cartas, mantive conversas telefônicas com duas filhas de Sena Campos, D.^a Dulce e D.^a Rita, hoje falecidas, que nada souberam me dizer a respeito. Felizmente, os textos das duas cartas foram salvos, graças às várias publicações e republicações que mereceram, a primeira delas do próprio Sena Campos, que as revelou no *Diário Fluminense* de 14 de novembro de 1913, republicando a primeira delas no número de abril-maio de 1932 da revista *Ideal*, de Niterói-RJ.

10. Duas cartas da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ)

Hoje, no arquivo da Academia, há apenas duas cartas de Casimiro. São ambas de 1858, escritas do Rio de Janeiro para Lisboa, e dirigidas a Albina, irmã caçula do poeta. A primeira, de 13 de janeiro, foi doada

pelo acadêmico (José Maria) Goulart de Andrade, que prometera levar para a Academia os originais de *Primaveras*. Depois, ao constatar que os prometidos originais não eram autógrafos do poeta, mas uma cópia dos mesmos, enviou à Casa uma carta em que se explica, e que termina deste modo: “Assim, para que não continue aquela oferta consignada na ata, venho fazer a necessária retificação, aproveitando a oportunidade para oferecer uma carta autenticada do famoso lirisista, cuja sede ocupo nesta Academia. Goulart de Andrade, 10-I-924”. Quanto à segunda das cartas, de 8 de julho, contém uma das mais belas mostras do carinho e da atenção que Casimiro dedicava a Albina. Diz ele lá: “Já há mais de um ano que não nos vemos, e talvez outros muitos tenham de correr assim”, sem saber que não mais veria a irmã que tanto amava, e que sobreviveu a ele por mais de 70 anos.

II. Duas cartas pertencentes ao Sr. Willys Rodrigues, Rio de Janeiro (RJ)

Este livro já se achava “encerrado”, e até mesmo registrado na Biblioteca Nacional, quando, em 12 de junho de 2006, Alexei Bueno me avisou da existência das duas cartas aqui citadas, adiantando-me já ter pedido ao dono das mesmas que me facilitasse copiá-las, o que pude fazer alguns dias depois. Trata-se de duas importantes cartas, uma de 22 de dezembro de 1857, outra de 19 de fevereiro de 1859, enviadas por Casimiro ao maior de seus confidentes, Francisco do Couto Sousa Júnior, de Porto das Caixas. Na primeira, o poeta fala da publicação de seus versos, e aborda alguns temas a que volta com frequência, como o da sua preguiça para escrever cartas, e do prosaico cotidiano dos que, como ele, trabalhavam no comércio. Na segunda, desdobramento de outra carta de mesma data, dirigida ao mesmo amigo (carta essa pertencente à Coleção José Mindlin), Casimiro corrige comentários que fizera a respeito da expressão “branca

garça”, que na carta anterior fora por ele classificada como hiato e que, diz ele agora, não seria um hiato, mas um trocadilho (*calembour* para os franceses), parecendo ignorar que se tratava de um cacófono. Acrescento que, acompanhando tais cartas, há uma transcrição datilográfica de seus respectivos textos. E embora a citada transcrição contenha erros, é graças a ela que, no que se refere à primeira das cartas, se fica sabendo a sua data correta, 22 de dezembro de 1857, e se consegue “preencher” um trecho de frase que, por algum motivo, “sumiu” no original.

12. Uma carta do Arquivo João Condé, Rio de Janeiro (RJ)

Trata-se de uma pungente carta, que deixa à mostra o quadro de dor e ressentimento em que vivia o poeta, e que chegou a levá-lo a pensar em suicídio. Pertenceu ao saudoso João Condé (Caruaru-PE, 24.fev.1912; Rio de Janeiro-RJ, 14.jan.1996), advogado, escritor e colecionador que por mais de vinte anos publicou na imprensa carioca os famosos *Arquivos implacáveis*, e que gentilmente me permitiu copiá-la na noite de 6 de abril de 1992, em sua biblioteca particular de Botafogo. A carta pertence agora a seus filhos. Devo acrescentar que Condé possuía também fotocópia de outra importante carta, aquela que em 12 de maio de 1860 Casimiro envia ao amigo Almeida Cunha, e cujo original pertence a Pedro Corrêa do Lago.

13. Uma carta do Arquivo Histórico do Itamarati, Rio de Janeiro (RJ)

Trata-se, no que toca ao biográfico, de uma valiosa carta. Foi transcrita às páginas 45 e 46 de *A Naturalidade de Casimiro de Abreu e mais falsidades, erros e mistificações de um biógrafo*, publicação de 1950 da Academia Flumi-

nense de Letras, onde aparece com vários pequenos erros e omissões. Felizmente, nas páginas 47 e 48 da mesma edição, reproduz-se fotograficamente o original, o que torna possível a leitura exata do texto. Diz a Academia: “Acha-se esta carta no Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores. Foi escrita em papel rosa, que o tempo esmaeceu. No ângulo esquerdo, ao alto, lê-se o timbre ‘C. de Abreu’. Bom o seu estado, apesar de nonagenária”. Vendo-a agora (1995), 45 anos após a publicação acima citada, posso dizer que continua em bom estado, guardada ainda no Arquivo Histórico do Itamarati, no Rio de Janeiro, onde, graças à gentileza da Sra. Lúcia Monte Alto Silva, me foi dado examiná-la e copiá-la.

14. Uma carta (fragmento) publicada por Paula Brito

Diante da piora em seu estado de saúde, Casimiro deixou a Corte e seguiu para Nova Friburgo, onde, a 26 de julho de 1860, instalou-se no hotel de Mariana Salusse. De lá, não tardou a vir a falsa notícia de que ele havia morrido, o que gerou, inclusive, algumas notas de pesar e necrológios publicados em jornais do Rio de Janeiro. Foi então que uma carta do próprio Casimiro serviu para desmentir os boatos. Foi escrita de “Nova Friburgo, 23 de Agosto de 1860”, e dirigida a Francisco de Paula Brito, o qual, quatro dias depois, a publicou parcialmente no *Jornal do Commercio*.

15. Uma carta (fragmento) publicada por Valentim Magalhães

Trata-se, na verdade, de um *post scriptum* aposto a uma carta que, em 6 de junho de 1859, Casimiro enviou a Cristóvão Corrêa e Castro. Foi transcrito por Valentim Magalhães em artigo datado de

“Vassouras, 12 de maio de 1887” e publicado dois dias depois no *Diário de Notícias*. Lamentavelmente, o escritor não transcreveu toda a carta, que lhe pertencia, e que lhe fora presenteada por uma senhora daquela histórica cidade fluminense. Valentim Magalhães dá a entender que havia muitas outras cartas de Casimiro a Cristóvão: “Foi essa carta, que tem a data de 6 de junho de 1859, escrita como outras muitas, antes e depois dessa, ao bom amigo do poeta ...”

A matéria suscitou uma resposta contundente (“Uma carta de Casimiro de Abreu”), pequeno artigo publicado em *O Paiz* de 16 de maio de 1887 e assinado por dois primos do poeta, Francisco José Marques de Abreu Júnior e Casimiro José Marques de Abreu (filhos de Maria Joaquina e Francisco José), que viviam no Rio de Janeiro. No texto, sem defenderem abertamente o pai de Casimiro, os primos deste atacam Valentim Magalhães. A nota tem o mérito de nos fazer ouvir, da boca de parentes do poeta nascidos e crescidos na Casa dos Carvalhais, a admissão de que José Joaquim concorreu para as dores do filho: “O que sofreu Casimiro de Abreu, sabem todos os que têm lido os seus versos, assim como o quanto seu pai concorreu para isso; porém que o Sr. Dr. V. Magalhães aproveitasse esse pretexto, talvez guiado pelo espírito de nacionalidade, para insultar uma família, é que nós protestamos com toda a energia.”

As cartas

Cartas escritas por Casimiro

1. Cartas conhecidas, ou porque os originais das mesmas existem, ou porque deles há cópias ou fotocópias, ou porque foram parcial ou integralmente publicadas. São 82 cartas, dirigidas às seguintes pessoas: a Francisco do Couto Sousa Júnior, 44; ao pai, José Joaquim Marques de Abreu, 14; à irmã Albina Teresa Marques de Abreu, 8; a Antônio Francisco da Costa Cabral, 2; a Cristóvão Corrêa e Castro, 2; a Pedro Luís Pereira de Sousa, 2; a José Domingues da Costa, 1; a Lulu (Luís Pereira de Sousa), 1; a um cidadão não identificado de Barra de São João, 1; ao primo Antônio José Marques de Abreu Júnior, 1; a Manoel Antônio Rodrigues Machado, 1; a Antônio Fernandes Camacho Falcão, 1; a José Antônio de Almeida Cunha, 1; a Francisco de Paula Brito, 1; a Machadinho (Machado de Assis), 1; a *My Dear*, 1.

2. Cartas perdidas, que a leitura da correspondência ativa e passiva de Casimiro indica terem sido por ele escritas e enviadas. São no mínimo 28 cartas, remetidas às seguintes pessoas ou firmas: a Antônio Francisco da Costa Cabral, 8; a Antônio Fernandes Camacho Falcão, 3; a Câ-

mara, Cabral & Costa, 3; ao pai, José Joaquim Marques de Abreu, 2; a Cristóvão Vieira de Freitas, 1; a Pedro Luís Pereira de Sousa, 1; a José Luís Monteiro de Sousa, 1; a Francisco do Couto Sousa Júnior, 1; à irmã Albina Teresa Marques de Abreu, 1; a Francisco de Paula Brito, 1; a João Baptista Leite & Cia, 1; a L. R. Cunha, 1; a alguém de São Domingos, 1; a alguém de Recife, 1; aos tios Maria Amália e Joaquim José, várias, a julgar pelo que Casimiro diz ao pai, em carta datada de 12 de novembro de 1857: “Conforme me recomenda, escrevo agora para os Tios em Lisboa e o farei sempre todos os meses.”

Cartas dirigidas a Casimiro

1. Cartas conhecidas, cujos originais, pertencentes ao Sr. Carlos Lopes Abreu, se encontram na Casa dos Carvalhais, em Santa Maria de Oliveira, Vila Nova de Famalicão, Portugal. São 25 cartas, enviadas pelas seguintes pessoas ou firmas: por Antônio Francisco da Costa Cabral, 5; por Antônio Fernandes Camacho Falcão, 2; por Câmara, Cabral & Costa, 2; por sua mãe, Luísa Joaquina das Neves, 1; por Manoel da Fonseca Silva Júnior, 1; por Antônio Ramos de Oliveira, 1; por L. R. Cunha, 1; pelo primo Antônio José Marques de Abreu Júnior, 1; por Francisco de Paula Brito, 1; por João Baptista Leite & Cia, 1; por Belisário Luís da Silva Peixoto, 1; por José Antônio de Almeida Cunha, 1; por Manuel de Melo, 1; por Francisco de Sá Pinto de Magalhães, 1; por seu tio Claudino Antônio Marques de Abreu, 1; por seu tio Francisco José Marques de Abreu, 1; por José Galdino da Silva Leite, 1; por Pedro Joaquim de Magalhães, 1; por João José da Silva Porto, 1.

2. Cartas perdidas, que a leitura da correspondência ativa e passiva de Casimiro indica que lhe foram dirigidas. São no mínimo 32 cartas, enviadas pelas seguintes pessoas: por Francisco do Couto Sousa Júnior,

I6; por seu pai, José Joaquim Marques de Abreu, 8; por sua irmã Albina Teresa Marques de Abreu, 2; por Antônio Francisco da Costa Cabral, 2; por Lulu (Luís Pereira de Sousa), I; por Cristóvão Corrêa e Castro, I; por Antônio Fernandes Camacho Falcão, I; por seu tio Francisco José Marques de Abreu, I; por sua mãe, Luísa Joaquina das Neves, várias, a julgar pelo que diz o próprio Casimiro em carta que, em 8 de novembro de 1858, do Rio de Janeiro para Lisboa, dirige à irmã Albina: “Mamãe está na roça, mas passa bem, e toda vez que me escreve pede que te mande muitos abraços”.

 AS CARTAS

1851.set.08 – De Nova Friburgo para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve ao pai. Papel verde água, em perfeito estado de conservação. Endereçamento: “José Joaquim Marques d’Abreu – Rua Nova de São Bento N.º 40 – Rio de Janeiro”. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Nova Friburgo 8 de setembro de 1851.

Prezado Pai.

Espero que estas poucas linhas, o encontre (*sic*), e da mesma a toda a família gozando de perfeita saúde, como eu estou.

Tenho de participar-lhe que o seu amigo e professor meu Sr. Freitas¹ está doente quase desde que principiaram os estudos, e muito sinto não só por ser meu professor, mas também porque não aproveito tanto no português; porém como vai ele ficando bom, o que eu sempre desejo vá em aumento a sua, saúde, eu espero recuperar o tempo que até então tenho perdido no português.

Em todas as classes vou indo bem e estudo como devo, para granjear a estima dos meus professores, e dar satisfação e gosto a Vm^{ss} e a toda a família.

A respeito daqueles cigarros que tenho fumado, tem (*sic*) me feito bem, acho-me melhor, e falo já mais alto do que falava até então, e por isso o Sr. Freese pediu-me para lhe escrever que mandasse mais duas caixas, e como Vm^{ss} talvez não saiba onde se vendem, ele disse-me que é na rua do Ouvidor n.º 163 onde se vendem cigarros peitorais de Soulier;² e disse-me também que se não achar o homem do correio por quem deve mandar as caixas, entregue ao Sr. J. A. Pinheiro, rua da Alfândega n.º 19 que este mandará cá entregar.³

Escrevi-lhe o correio passado, mas não recebi resposta, espero pois desta.

Nada mais se me oferece dizer-lhe nesta ocasião só que lance a sua bênção sobre mim, e aceite as sinceras provas de respeito.

Deste seu filho
que lhe estima
Casimiro José Marques d'Abreu

NB.

Recomende-me muito aos tios, às manas, e aos primos.⁴

1. ☞ Surpreende que o Prof. Freitas (Cristóvão Vieira de Freitas) fosse amigo do pai de Casimiro. Isso pode ter pesado na escolha do Instituto Colegial de Nova Friburgo para colégio do filho. Decorridos quatro anos e meio da carta, em 1856, em Lisboa, Casimiro dedicará a cena dramática *Camões e o Jau* ao seu antigo mestre, o Prof. Freitas, e a um amigo e colega de estudos desse tempo, Cristóvão Corrêa e Castro.

2. ☞ Quanto ao endereço citado por Casimiro, Rua do Ouvidor 163, corresponde, pela página 377 do *Almanack Laemmert* de 1853, à farmácia de João Francisco Alexandre Blanc. Ocorre que, do outro lado da rua, no n.º 146, quase defronte à farmácia apontada, ficava uma outra, a de João Maria Soulié. Daí porque, conquanto o sobrenome *Soulié* apareça aporuguesado no rol de farmácias e boticas do respeitado almanaque, e ainda que admitamos que no n.º 163 da rua em questão se pudesse comprar os “cigarros peitorais de Soulier”, ficamos inclinados a pensar que fosse João Maria Soulier (ou Soulié) o boticário que de fato os fabricava.

3. ☞ Vê-se que desde menino Casimiro apresenta deficiências respiratórias, denunciadas pela voz fraca. Quanto aos cigarros de Soulier, eram cigarros terapêuticos, feitos com ervas que, por suas propriedades broncodilatadoras e expectorantes, eram usadas pela medicina da época para tratar a bronquite. E finalmente, sobre J. A. Pinheiro, informo tratar-se de Joaquim Antônio Pinheiro. Tinha propriedades em Nova Friburgo e era amigo de Freese, cujos interesses costumava representar no Rio de Janeiro.

4. ☞ Os tios citados no “NB” (Note Bem) eram Francisco José e Manoel José que, em sociedade com o pai de Casimiro, tinham na Corte uma casa comercial, a Abreu & Irmãos, no n.º 40 da Rua de São Bento. As irmãs Maria Joaquina e Albina estudavam na Corte, onde José e Antônio José Marques de Abreu Júnior, os primos citados, eram negociantes. Casimiro não menciona a mãe, que devia estar na roça, em Correntezas, no município de Capivari, hoje Silva Jardim (RJ).

Geral ☞ a) Já se vislumbra um poeta no estilo retorcido e barroco desta carta. b) Notar o quanto é disciplinado esse menino, e o quanto é meigo ao dirigir-se ao pai. Só mais tarde surgirão a secura e o ressentimento. c) Notar a assinatura com o nome completo, deixando à mostra a falta de intimidade que parecia haver entre os dois. Casimiro assina desse modo todas as cartas que envia ao pai.

1857.set.II – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao pai. Original: Coleção do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio de Janeiro II setembro 1857.

Prezado Pai –

– Aqui chegamos sem novidade e tendo felizmente escapado à grande chuva que ainda hoje dura.¹

As cartas todas estão entregues e o Joaquim² leva a peça de riscado da loja do primo José³ e os 12\$000, como também uma lamparina ou lampião que me pediu para comprar.

Peço a meu pai queira recomendar-me ao primo Manoel⁴ e ao Sr. Veludo e lançar a sua bênção sobre

Seu filho

amante

Casimiro José Marques de Abreu

P.S.

Recomendações

do Sr. Figueiredo e

do Sr. Campos

I.  Na primeira página do *Correio Mercantil* do domingo, 13 de setembro de 1857, na “Estatística da cidade”, aparecem as observações do Imperial Observatório Astronômico feitas na sexta-feira, 11 de setembro, dia em que Casimiro escreve ao pai: “Tudo encoberto, chuva de 7 milímetros com trovoadas e vento NO fresco de manhã e SO à tarde. Choveu 13 milímetros a noite passada.” Diante disso, posso afirmar, quase que com total segurança, que Casimiro partiu da fazenda na madrugada do dia 10, quinta-feira, e chegou ao Rio de Janeiro ao anoitecer. Ao longo do dia seguinte, dia 11, cumpriu as tarefas encomendadas

pelo pai e lhe escreveu ao entardecer ou à noite. Foi esta a primeira carta que ele enviou ao pai, após a chegada de ambos de Portugal e a estada de dois meses na Fazenda do Indaiáçu.

2. ☞ O arrolamento dos bens deixados pelo pai de Casimiro revela que, em 1860, entre os 81 escravos existentes na Fazenda do Indaiáçu, havia seis de nome Joaquim, cinco deles de nação Benguela e, dentre estes, dois cozinheiros. Suponho que o Joaquim que aparece com certa freqüência em documentos dos Marques de Abreu, seja um dos dois últimos, inclusive pelo fato de saber cozinhar, pormenor importante para quem fazia longas viagens a cavalo a servir de acompanhante. Aliás, o Joaquim aqui citado era do tipo que se costuma chamar de “pau para toda obra”. Parece que, embora dado a bebedeiras, gozava da confiança de todos na Fazenda do Indaiáçu, já que vinha às vezes sozinho ao Rio de Janeiro para entregar ou buscar encomendas.

3 e 4. ☞ O primo José, já foi dito no comentário à carta anterior, é José Marques de Abreu, negociante de tecidos com loja junto ao Beco de Bragança. Vê-se pelo *Almanack Laemmert* para o ano de 1859: “José Marques d’Abreu & C., Rua da Quitanda 186, Armazém de fazendas secas de importação por atacado”. Quanto ao outro primo, é Manoel Ferreira Marques de Abreu, filho de Domingos Ferreira Marques e Maria Joaquina de Abreu, irmã do pai de Casimiro. Ele, Manoel, e um de seus irmãos, Antônio Ferreira Marques de Abreu, foram sócios de seu tio José Joaquim (Abreu Irmão & Sobrinhos) na casa comercial que tiveram na hoje extinta povoação da Lontra, localidade próxima à Fazenda do Indaiáçu. Os negócios terminaram mal, com rompimento de relações e um aviso muito ácido colocado em *O.S. Joaneiro* de 21 de setembro de 1859.



1857.out.01 – Da Fazenda do Indaiáçu para o Rio de Janeiro, José Joaquim escreve a Casimiro, que acusa o recebimento ao lhe escrever em 12 de outubro de 1857. A carta do pai se perdeu.



1857.out.02 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao pai. Original: Coleção do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio de Janeiro 2 de outubro 1857 –

Prezado Pai –

– Sem ter tido até agora o prazer de receber letras suas, desejo novamente que ao receber desta goze boa saúde, em companhia do primo Manoel, a quem fará o favor de recomendar-me muito.

Continuo com saúde e sem novidade alguma.

O Sr. José Vitorino¹ recomenda-se-lhe muito e desejava que meu Pai lhe mandasse, quando tivesse ocasião, uma meia dúzia de cocos de Indaiá-assú, para remédio para uma preta.²

Baldo de assunto, rogo-lhe queira dar lembranças minhas a todos e lançar a bênção sobre

Seu filho

amante

Casimiro José Marques de Abreu

1.  Trata-se de José Vitorino dos Santos, procurador e homem de confiança de José Joaquim. Falarei um pouco mais sobre ele ao analisar a carta de 8 de julho de 1858 de Casimiro à sua irmã Albina.

2.  O óleo extraído das sementes do indaiáçu, também conhecido como boleira, coco-de-purga e fruta-de-arara, era usado como purgativo e energético.



1857.out.12 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao pai. Original: Coleção do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio de Janeiro 12 de outubro 1857.

Prezado Pai –

– Recebi ontem a sua prezada carta do 1.º do corrente, e procurarei conformar-me com o que nela me diz, e espero poder com aplicação vencer a espécie de repugnância instintiva que até hoje tenho tido ao comércio.¹

Lembro de novo a meu Pai o pedido do Sr. José Vitorino, de que falei na minha última.

Morreu na Paraíba do Sul o Sr. João Manoel Alves Martins.²

O Sr. Macedo³ recomenda-se-lhe e eu igualmente rogo-lhe queira dar lembranças minhas a todos e a bênção a

Seu filho

amante

Casimiro José Marques de Abreu

1. ☞ Casimiro era um rapaz culto, viajado, bem informado e sensível, que não desconhecia o valor do comércio para o progresso da sociedade. Talvez que “essa espécie de repugnância instintiva” a que se refere, lhe viesse do fato de, desde cedo, ter assistido às transações aviltantes do comércio de escravos.

2. ☞ João Manoel Alves Martins era português, nascido em 1807, ou muito próximo disso. Trabalhou para José Joaquim Marques de Abreu, pai de Casimiro, de quem foi caixeiro e guarda-livros até 1844, quando se tornou, ele próprio, comerciante em Barra de São João, condição que manteve até 1854. Ele e a esposa, Emiliania Maria Judice Martins, professora de meninas do local, eram compadres do pai do poeta, que em 20 de fevereiro de 1845 lhes batizara a filha Emília. João Manoel morreu em 23 de setembro de 1857, deixando quatro filhos menores: Olímpia (12), José (11), Emí-

lia (10) e Manuel (7), idades que lhes dão no inventário, ainda que, no que toca à de Emília, se possa afirmar que há erro: ela nasceu a 11 de outubro de 1844, como consta do seu termo de batismo. Quanto ao inventário, que se acha no Museu da Justiça, no Rio de Janeiro, e cuja localização devo ao meu amigo Pedro Luiz Castro da Rocha, acrescento que só foi realizado em 1859, tendo a viúva como inventariante. Ele revela que o falecido deixou poucos bens; três escravos, duas apólices e alguns móveis, cuja soma não chegava a nove contos de réis.

3.  Trata-se provavelmente de João Antônio de Macedo, que dois anos depois iria tornar-se afilhado de casamento de José Joaquim e de seu irmão Claudino Antônio Marques de Abreu. Era avô materno de Zezé Macedo, famosa atriz cômica do teatro e cinema brasileiros. Tenho quase como certo que Macedo era guarda-livros de Câmara, Cabral & Costa, função que depois exerceu também para o pai de Casimiro.



1857.out.14 – Do Rio de Janeiro para Lisboa, Casimiro escreve a Albina. Trata-se da primeira carta à irmã após a volta ao Brasil, onde chegou em 9 de julho. Foi publicada às páginas 24 e 25 do n.º 535, de 31 de outubro de 1946, de *Vamos ler!*, uma edição de *A Noite*, do Rio de Janeiro (RJ). Ali, a reprodução fotográfica dos autógrafos não é nítida, razão porque preferi confiar na transcrição tipográfica dos textos. Há um erro no trecho em que Casimiro fala de José Vitorino e D.ª Teodora. Está “C. Theodoro”, quando o certo seria “O José Vitorino e D. Teodora moram agora na cidade.” O original da carta extraviou-se.

Rio de Janeiro 14 de outubro de 1857.

– Querida irmã. –

De junho até hoje não recebeste cartas minhas e nem eu tuas. A falta é recíproca. Espero porém que de vez em quando nós havemos de nos escrever. As cartas matam saudades, e para mim quando recebo alguma, julgo conversar com quem a escreve.

E tu minha Irmã, tu que conheces o amor que te tenho, não podes avaliar como são tristes e longos esses momentos em que tu passas na minha imaginação. A nossa ausência pode ser longa, mas eu creio, firmemente que um dia hei de ver-te e dar-te o beijo fraternal com o mesmo amor e carinho.

Todos estão bons – Nosso pai está na fazenda e eu aqui no escritório dos Srs. Câmara Cabral & Costa.¹

Albina – Tenho uma carregação tamanha de beijos, abraços e lembranças que mandaram para ti, que eu não sei onde hei-de metê-los. – Em primeiro lugar, nossa mãe, depois Bonifácio, os primos, primas, tio Manoel Joaquim e do Guilherme. O José Vitorino e D. Teodora moram agora na cidade.

Se a carta arrebentar não te admires; é porque as lembranças e os beijos incharam pela viagem. – Não repares na letra nem no papel; esta vai escrita a vapor que é para chegar mais depressa.² Adeus! dou-te um beijo e um abraço.

Teu mano
do coração
– Casimiro.

P.S. – Como vamos nós de piano?...
olha, quando receberes esta carta quero
que toques a fantasia sobre a Traviata,³
para eu ouvir de cá.– Adeus!

I. ☞ Tenho como certo que a firma Câmara, Cabral & Costa, constituída por três cidadãos portugueses, o riquíssimo Manoel de Pontes Câmara, Antônio Francisco da Costa Cabral e José Domingues da Costa, surgiu em 1856, a tempo de ser incluída no *Almanack Laemmert* de 1857, onde vem com endereço à Rua das Violas, 37-B. Parece, contudo, que os organizadores do almanaque se confundiram, e mesclaram os endereços da Rua das Violas e da Rua de São Bento, uma vez que, desde 1856, Manoel de

Pontes Câmara já aparece estabelecido à Rua de São Bento, 37-B, endereço que a firma manteve enquanto existiu.

2.  Tanto nas cartas quanto nas fotos que dela existem, Albina Teresa Marques de Abreu, a irmã caçula de Casimiro, passa a impressão de uma mulher alegre e bem humorada. As dedicatórias que põe em suas fotos têm sempre um tom moleque e brincalhão. Assim, não é de estranhar o tom também jocoso e bem humorado que Casimiro emprega quando a ela se dirige, como ocorre nesta carta.

3.  Há, nas cartas e na obra de Casimiro, alusões a óperas, como à *Traviata* de Verdi e à *Norma* de Bellini, além de referências a cantoras e pianistas que admirava, como Carlota Leal Milliet e Artur Napoleão.



1857.out.17 – Da Fazenda do Indaiáçu para o Rio de Janeiro, José Joaquim escreve a Casimiro, que acusa o recebimento ao escrever-lhe em 22 de outubro de 1857. Vê-se que o pai guardava as cartas do filho, enquanto este, parece, não guardava nem as do pai, nem as de amigos. Destas, restaram umas poucas (dos seus últimos quatro meses de vida), que foram mais tarde levadas para Portugal.



1857.out.22 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao pai. Original: Coleção do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio de Janeiro 22 de outubro 1857.

Prezado Pai –

– Recebi a sua prezada carta de 17 do corrente e com ela os cocos para o Sr. José Vitorino, que lhos agradece e se recomenda.

O Joaquim não pôde seguir na terça-feira porque só nesse dia é que o Corrêa recebeu a carta, e deu a resposta depois da Barca ter saído. Parece decididamente que o preto não quer trocar as delícias da Corte pelos prazeres campestres.

Estimarei a continuação de sua saúde e rogo-lhe queira recomendar-me a todos como também lançar a bênção

sobre
seu filho
amante
Casimiro JM de Abreu

Geral: ☞ Pode parecer excesso de psicologismo, mas nas 12 cartas de Casimiro que se encontram no Arquivo Nacional, observa-se que ele põe o nome do pai na extrema esquerda do papel, enquanto fecha a carta levando para a extrema direita as palavras finais e a própria assinatura. Pode-se ver nisso um sinal do desejo oculto de afastar-se da figura do pai. Além disso, o “de Abreu” da sua assinatura vem às vezes enrolado, enovelado, numa aparente exteriorização de conflito de natureza familiar. Outra coisa a notar nessas cartas é que, nelas, Casimiro está sempre treinando caligrafia, mudando constantemente de letra, e adotando, em algumas delas, desenhos estranhos, como o “d” minúsculo em forma de formiga cabeçada.



1857.out.26 – Da Fazenda do Indaiaçu para o Rio de Janeiro, José Joaquim escreve a Casimiro, que cita o fato em carta que lhe manda em 29 de outubro de 1857. A carta do pai se perdeu.



1857.out.29 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao pai. Original: Coleção do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio de Janeiro 29 outubro 1857.

Prezado Pai.

– Recebi a sua carta de 26 do corrente e muito estimei saber que gozava saúde, cuja continuação sinceramente desejo.

Como não fui eu o encarregado de levar as cartas que mandou, não sei se a resposta virá antes do Joaquim sair; suponho porém que o Sr. Macedo tem estado fora do Rio estes dias.

Sem assunto para mais peço queira recomendar-me a todos e lançar a bênção sobre

Seu filho
amante
Casimiro JM de Abreu



1857.nov.12 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao pai. Original: Coleção do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio de Janeiro 12 novembro 1857-

Prezado Pai –

– Desejo que ao receber desta continue a gozar saúde, a qual estimo seja sempre inalterável.

A carta do Tio Joaquim, que a casa hoje lhe remete, não pôde ir pelo correio passado em razão de ser entregue um pouco depois dele sair.

Conforme me recomenda, escrevo agora para os Tios em Lisboa e o farei sempre todos os meses.¹

Continuo com saúde, e a respeito de escritório (sem ser vaidoso) parece-me que tenho aproveitado mais nestes 2 meses do que nos 2 anos que estive em Lisboa. A razão é simples; lá nada mais fazia do que copiar cartas.² Espero que chegue o mês de janeiro para entrar no Instituto Comercial e julgo que em breve hei de adquirir os conhecimentos precisos.³

Sem nunca perder a minha paixão pelo estudo, assinei agora o Gabinete de leitura português, e nas horas vagas (que poucas são) entrego-me aos livros.⁴

Rogo-lhe queira recomendar-me ao primo Manoel, Tio Manoel Joaquim⁵ e primos, Sebastião, Justino⁶ etc., e lançar a bênção sobre

Seu filho
amante
Casimiro JM de Abreu

1. ∞ O tio Joaquim citado na carta é Joaquim José Marques de Abreu, casado desde 12 de agosto de 1855 com Maria Amália Freire. São eles os “Tios em Lisboa” a quem Casimiro diz estar escrevendo e a quem promete ao pai escrever todos os meses. Era a firma Câmara, Cabral & Costa que funcionava como “ponte”, fazendo a ligação entre os dois irmãos Marques de Abreu, isto é, José Joaquim, no Brasil, e Joaquim José, em Lisboa.

2. ∞ Ao dizer “nestes 2 meses”, Casimiro corrobora a minha opinião de que foi na primeira quinzena de setembro de 1857 que ele entrou para a firma Câmara, Cabral & Costa. Quanto ao trecho referente à sua estada em Lisboa, deve-se lembrar que ele viveu em Portugal por 3 anos, 6 meses e 7 dias. Assim, ao dizer “nos 2 anos que estive em Lisboa”, dá margem a que se pense em duas hipóteses: a) referia-se apenas aos 2 anos que passara trabalhando em Lisboa, embora lá tivesse passado o tempo restante,

mas sem trabalhar; b) teria passado o tempo restante em outro local ou locais que não Lisboa, como a Quinta do Ulmeiro, perto de Sintra, ou na cidade do Porto, ou em Vila Nova de Famalicão, ou até mesmo, o que é pouco provável, em outro país.

3.  Tratarei do Instituto Comercial mais à frente, ao comentar a carta de 27 de dezembro de 1857 de Casimiro a seu pai.

4.  Foi a 14 de maio de 1837, que reunido no prédio de n.º 20 da Rua Direita, hoje Primeiro de Março, um grupo de cidadãos lusitanos criou o Gabinete Português de Leitura. Sua primeira sede foi no sobrado de n.º 83 da Rua de São Pedro, hoje desaparecida. Em 1842, mudou-se para a Rua da Quitanda n.º 55, de onde, em abril de 1850, transferiu-se para a casa de n.º 12 da Rua dos Beneditinos, aí permanecendo por quase 40 anos, até 1888. Foi neste endereço, perto do seu local de trabalho, que Casimiro freqüentou o Gabinete, que guarda ainda os dados da sua inscrição como sócio: “ABREU, Casimiro José Marques de, Ação n.º 6422, Rua do Bragança, 24”. E ainda que a ficha não o cite, o ano deve ser 1857, como a própria carta de Casimiro que está sendo analisada permite supor.

5.  O tio Manoel Joaquim é Manoel Joaquim Pinto Osório, tio materno a quem Casimiro parece devotar uma sincera amizade. Em contrapartida, não se refere nunca à tia Emerenciana, mulher do citado tio.

6.  O Justino que aqui aparece é Justino José de Muros, proprietário de terras nas proximidades da Fazenda do Indaiáçu. A ele é que o pai de Casimiro confia a administração da sua fazenda quando viaja a Portugal. Deve-se notar; é sintomático o fato de Casimiro mandar lembranças para Justino e Sebastião. Deixa claro que, em sua estada na roça, ele soubera estabelecer uma boa relação com o pessoal da fazenda.



1857.nov.24 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao pai. Original: Coleção do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio de Janeiro 24 novembro 1857.

Prezado Pai –

– Pelo primo Antônio¹, com quem estive ontem, sube² que gozava boa saúde e desejo a continuação.

Segundo me disse o Sr. Cabral anteontem, devo lembrar-lhe do dia 10 a 15 do futuro mês para matricular-me no Instituto Comercial.³

Rogo-lhe queira recomendar-me ao Tio Manoel Joaquim e família, primo Manoel e a todos e lançar a bênção sobre

Seu filho
amante
Casimiro JM d'Abreu –

1. ☞ Difícil dizer a qual dos dois primos Casimiro se refere; se a Antônio José Marques de Abreu Júnior ou a Antônio Ferreira Marques de Abreu. Provavelmente ao segundo, que teve negócios com o pai do poeta na localidade da Lontra, no Rio São João. Há que se notar contudo que, o outro primo, Antônio José Marques de Abreu Júnior, trabalhou para o pai de Casimiro no Rio de Janeiro, junto à firma *Abreu & Irmãos*. Nessa fase, a trabalho, viajou muitas vezes ao vale do Rio São João.

2. ☞ Ouvi muitas vezes na minha infância, em lugarejos do interior brasileiro, o uso de “sube” por soube. Penso na forma espanhola “*Yo supe*”, muito próxima da que Casimiro usa aqui.

3. ☞ O dia 24 de novembro de 1857 caiu na terça-feira. Foi portanto no domingo, dia 22, que Costa Cabral conversou com Casimiro sobre a matrícula no Instituto Comercial. Suponho que, como resultado de acerto entre o pai do poeta e Costa Cabral, os fins de semana do rapaz fossem passados na casa deste seu patrão, em Niterói. Talvez que Casimiro tivesse interesse nisso, já que assim ficava perto da mãe, que residia também por lá.



1857.nov.24 – Da Fazenda do Indaiáçu para o Rio de Janeiro, José Joaquim escreve ao filho, que cita o fato na carta que envia àquele em 7 de dezembro de 1857. A carta do pai se perdeu.



1857.dez.07 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao pai. Original: Coleção do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio de Janeiro 7 dezembro 1857 –

Prezado Pai –

– Pelo primo Manoel¹ chegado há dias recebi a sua estimada carta de 24 do próximo passado e a certeza de sua boa saúde, cuja continuação sinceramente desejo.

Ele ainda aqui se acha e recomenda-se-lhe muito.

Sentindo bastante não poder passar o Natal em sua companhia, desejo-lhe felizes festas.² Estive com o Dr. Vilela e ele disse-me que irá fazer-lhe uma visita nesse tempo; da mesma maneira o Macedo.

Rogo-lhe queira recomendar-me ao Tio Manoel Joaquim e mais família e lançar a bênção sobre

Seu filho
amante,
Casimiro JM d'Abreu

1.  O primo Manoel é Manoel Ferreira Marques d'Abreu, que talvez estivesse em trânsito na Corte, aonde chegara a 4 de dezembro. Viera do Rio São João a bordo do hiate Vencedor, como se pode constatar pelo “movimento do porto” do *Correio Mercantil* do dia seguinte.

2.  Casimiro vivia sonhando com estadas na Fazenda do Indaiáçu. O pai, parece, procurava dificultá-las.



1857.dez.12 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao pai. Original: Coleção do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio de Janeiro 12 de dezembro 1857-

Prezado Pai –

– Estimarei que ao receber desta continue a gozar perfeita saúde. O primo Antônio¹ remeteu-me do Brejo² a carta inclusa para enviá-la com brevidade.

Rogo-lhe queira recomendar-me a todos e lançar a bênção sobre

Seu filho
amante
Casimiro JM d'Abreu-

I. Já disse, algumas linhas acima, que Casimiro tinha dois primos de nome Antônio, sendo que ambos tiveram negócios com seu pai, José Joaquim. O primo aqui citado deve ser Antônio Ferreira Marques d'Abreu, irmão de Manoel Ferreira Marques d'Abreu. Eles foram sócios de José Joaquim e Claudino Antônio Marques de Abreu na firma Abreu Irmão & Sobrinhos que tiveram na Lontra, povoação que existiu no ponto onde o Rio Lontra deságua no Rio São João. A firma nascera da sociedade de José Joaquim com o irmão Claudino Antônio. Posteriormente, deixaram entrar os dois sobrinhos, que os decepcionaram, levando ao rompimento, como se vê neste anúncio publicado no n.º 14 de *O S. Joaneiro*, de 21 de setembro de 1859: “José Joaquim Marques de Abreu participa ao público, e especialmente às pessoas com quem tem relações comerciais e de amizade, que a sua casa sita e estabelecida na Lontra, no município da Barra de S. João, que girava sob a firma de Abreu Irmão & Sobrinhos, passa a girar sob a firma Abreu & Irmão. E outrossim que ninguém faça transação relativa à mesma antiga casa com Antônio e Manoel Ferreira Marques de Abreu, e nem cumpram ordens, saquem letras, ou façam transferências, em que eles entrem com a antiga ou nova firma, pois tudo será

nulo, e o anunciante protesta desde já contra qualquer destes atos, e por todos os meios legais e judiciais contra quem neles entrevir, ainda mesmo em juízo criminal. Lontra 8 de Setembro de 1859 Abreu & Irmão” Quanto ao Rio Lontra, é hoje um simples filete de água que passa junto ao posto de gasolina Oásis, às margens da BR-101, Rio-Vitória, dentro do município de Casimiro de Abreu (RJ).

2.  Suponho que Casimiro se refira ao Brejo do Imbuuro, em Macaé. Assim, a carta teria vindo por mar até o Rio de Janeiro, para daqui, também por mar, ser mandada a José Joaquim que, desse modo, a receberia com mais segurança e mais rapidamente. Pode ser isso; mas não afirmo.



1857.dez.18 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, mau estado, quatro páginas, todas com “dentadas”, texto na primeira. Na quarta, o endereçamento: “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Rio-Janeiro 18 dezembro 1857 –

Querido amigo Recebi com verdadeiro prazer a tua carta e se te não respondi logo foi porque tenho estado estes dias bastante ocupado aqui no escritório com a saída dos paquetes para a Europa e para o Sul. –

Como sabes estive em Portugal 3 anos e meio e voltei em julho passado; passei por aí já 2 vezes e lembrei-me de visitar-te, mas não tinha tempo e provavelmente não te encontraria – ¹

Sinto como tu grande satisfação quando encontro algum condiscípulo, e aqui no Rio há muitos. Tenho visto o Passos, Guerra, Alexandre, Macedos etc. e ainda ontem encontrei o Joaquim Brito e o Colaço.²

Peço-te que não te esqueças de me visitares quando vieres à Cidade, e sobretudo se me escreveres, põe no sobrescrito da carta – Rua Nova de S. Bento n.º 37 B – quando não, não recebo a carta, como ia acontecendo com esta.

Se vires os Bragas³ dá-lhes muitas lembranças minhas; já sei que eles estão casados e que tu também o estás, ou pelo menos em vésperas disso – Dou-te os parabéns.

Desculpa a pressa com que te escrevo e perdoa-me não ser mais extenso agora; reservo tudo o que tenho a dizer-te para quando puder dar-te um abraço⁴ – Não te esqueças de mim, e crê que continuo a ser como sempre

Teu amigo do coração
Casimiro JM. de Abreu

1. ☞ Depreende-se que partiu do Couto a iniciativa de dirigir-se a Casimiro que, parece, de Portugal jamais lhe escrevera. Quando diz que passou duas vezes por Porto das Caixas, Casimiro deixa claro que, ao visitar a Fazenda do Indaiáçu após a volta de Portugal, fizera a viagem por terra, ou melhor, parte por mar, parte por terra. Da Praia (hoje Praça Mauá) ao Porto Sampaio, de barca; de Porto Sampaio à fazenda do pai, a cavalo.

2. ☞ Casimiro cita antigos colegas do Instituto Colegial de Nova Friburgo: Manoel Gesteira Passos, ou Antônio José Fernandes Passos; João Tavares Guerra; Alexandre Magalhães Álvares de Azevedo; João Álvares de Azevedo Macedo e Francisco Álvares de Azevedo Macedo Júnior; Joaquim Pinto Rodrigues de Brito, apelidado *D. Quixote*, amigo especial de Casimiro, e João Maria de Magalhães Colaço.

3. ☞ Casimiro cita dois outros colegas de estudos em Nova Friburgo, os prováveis irmãos Antônio José da Costa Braga e Bernardo da Costa Braga, moradores no município de Itaboraí.

4. ☞ Casimiro inventa sempre uma história educada para disfarçar a preguiça para cartas.

Geral: ☞ Tudo indica que o restabelecimento de contato entre Casimiro e o Couto tenha-se dado da seguinte maneira. O Couto teria lido no *Correio Mercantil* de 7 de dezembro de 1857 a página em prosa “A virgem loura”, de Casimiro, e lhe escreve entre 7 e 15 de dezembro, mandando a carta para a redação do jornal de Francisco Otaviano. Talvez que, nesse primeiro contato, tenha pedido a Casimiro, além de autorização para reproduzir o texto em *O Popular*, jornal de Porto das Caixas, o envio de novas produções. Sem ter visto ainda a publicação de “A virgem loura” em *O Popular*, saída a 16 de dezembro, Casimiro lhe dirige a 18 a carta aqui examinada, e lhe manda, além da autorização solicitada, o

poema “Moreninha”. Aliás, em carta de 1.º de abril, Casimiro pede ao Couto: “—Peço-te por favor, e se não te incomoda, de me mandares o número do Popular em que veio a — Virgem loura —, porque eu perdi o manuscrito e não sei em que Mercantil saiu.” Vê-se por aí que, até o dia 1.º de abril, Casimiro ainda não tinha visto a reprodução do seu texto no jornal de Porto das Caixas, onde saiu com esta breve nota introdutória, pedida ou sugerida pelo Couto: “Pedem-nos a transcrição da variedade — A VIRGEM LOURA — publicada nas colunas do *Correio Mercantil*, produção de um jovem de 18 anos, digna de ser apreciada por sua leitura, para a qual peço a atenção dos leitores.”



1857.dez.22 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Duas páginas de 21 x 26 cm, com 95% do texto na primeira e o restante na segunda. Papel branco, amarelecido, com marcas de ferrugem. Reforçado com papel vegetal e em razoável estado de conservação. Vem acompanhado de um velho e roto pedaço de envelope, onde se pode ler o endereçamento de costume, “Illmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. Baseado na transcrição datilográfica que acompanha a carta, coloquei entre colchetes os pontos ou trechos em que a leitura se torna difícil, quando não impossível. Original pertencente ao Sr. Willys Rodrigues, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio de Janeiro – [22] de [dezembro]¹ de 1857.

Querido amigo

Lisonjeia-me [muito o teu pedido, mas] francamente eu quase que não tenho tempo para entregar-me à literatura, e é provável que em breve eu mesmo acabe com todas estas ilusões da mocidade. Bem sabes quanto é prosaica e triste esta vida comercial, e como ela influi² nas imaginações ainda as mais viçosas e nos talentos mais cheios de seiva.

De certo há de me acontecer isso, e depois embrutecido pelos algarismos hei de olhar para o tempo das poesias como para um sonho que passou.

Comprometi-me a escrever para o Correio Mercantil — e não posso faltar a isso;³ no entanto talvez que de vez em quando te ofereça alguma asneira em verso ou prosa, à qual darás o destino que te parecer. — Mas isto só poderá ser de janeiro em diante, porque julgo que então estarei mais desocupado.

— Agora, antes de concluir, peço-te que cumprimentes em meu nome e dês da minha parte os agradecimentos ao editor do Popular pela benevolência com que trata o escritor desconhecido. Teria realmente muito prazer e honra em ver qualquer artigo meu nas colunas do seu jornal —⁴

Peço-te de novo que não repares no desalinho com que te escrevo: — entre amigos tudo se desculpa —

É este o meu costume; sou muito preguiçoso para escrever e às vezes levo mais tempo a responder à carta dum amigo, do que um ministro em deferir um requerimento —

Lembranças à⁵ rapaziada.

Adeus e não te esqueças do
 Teu amigo
 do coração
 Casimiro JM de Abreu⁶

1. ☞ Pode-se quase afirmar, diante do original da carta, que o mês que lá está é “Dezembro”, o que faz todo sentido. Quanto ao “22”, preferi confiar na transcrição datilográfica, que presumo estar correta. Aliás, faz todo sentido a data de “22 de dezembro” para esta carta, a segunda que Casimiro dirige ao amigo de Porto das Caixas após a volta de Portugal. Já lhe escrevera quatro dias antes, em 18 de dezembro, em resposta à carta que aquele lhe enviara, e com a qual se restabelecera o contato entre os dois.

2. ☞ No original está influe, com “e”. Logo em seguida, vem uma palavra que Casimiro riscou, e que parece ser “ainda”, palavra esta que, na frase, ele acabou passando para depois de “imaginações”.

3.  Eis uma boa revelação desta carta: a de que ao voltar ao Brasil, Casimiro já era um autor requisitado, a ponto de ter de comprometer-se com o *Correio Mercantil* de lhe mandar seus textos para serem ali publicados. E de fato, será no jornal de Francisco Otaviano que ele fará o maior número de publicações até o fim da vida, chegando à média de quase um trabalho por mês.
4.  *O Popular*, de Porto das Caixas, editado por Luiz Francisco de Paula Azevedo, foi outro jornal com que Casimiro colaborou bastante, chegando a publicar ali nove trabalhos em menos de 12 meses (de 16.dez.1857 a 24.nov.1858). Era de pequeno formato, 33 x 25 cm, e saía às quartas e sábados. O agradecimento de Casimiro ao editor se deve a que, em 16 de dezembro, o texto de “A virgem loura”, que saíra no *Correio Mercantil* do dia 6, foi republicado em *O Popular* e trazia elogios de Paula Azevedo.
5.  Diante da dúvida que o original suscita, quem fez a transcrição datilográfica do texto optou por “Lembranças da rapaziada”. Sou de opinião que a melhor forma é “Lembranças à rapaziada”, ou seja, é Casimiro quem envia lembranças a antigos colegas do Instituto Colegial de Nova Friburgo, que ele sabia estarem vivendo no município de Itaboraí. A carta anterior, de 18 de dezembro, me leva a pensar assim.
6.  Na transcrição datilográfica acima citada, a assinatura aparece como “Casimiro José de Abreu”, forma jamais utilizada pelo poeta. Suponho que o autor da transcrição tenha-se confundido, tomando por “José” as duas letras “JM” que Casimiro costumava usar ao assinar-se, sobretudo nessa fase. Basta ver duas cartas desse mesmo mês: a imediatamente anterior, e a imediatamente posterior à que aqui se analisa.



1857.dez.27 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao pai. Original: Coleção do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio de Janeiro 27 de dezembro 1857 –

– Prezado Pai –

– Estimarei que tivesse felizes festas¹ no gozo da mais perfeita saúde, a qual desejo nunca interrompida –

Pelo incluso anúncio da diretoria do Instituto Comercial, meu Pai verá que para se poder matricular exigem álgebra, geometria e trigono-

metria, matérias que eu nunca estudei.² O Sr. Cabral, a quem fiz ver isso, disse-me que irá qualquer destes dias falar com o Diretor a este respeito.³

Suponho que o curso da Aula do Comércio não é essencialmente preciso a quem se dedica a essa carreira, e que algumas de suas matérias de ensino são bastante alheias ao mesmo objeto; demais exige um estudo muito aturado.⁴

No entanto, as inscrições para a matrícula estão abertas até o fim de janeiro, e meu Pai resolverá o que lhe aprouver.⁵

Rogo-lhe queira recomendar-me a todos e lançar a bênção sobre

Seu filho
amante
Casimiro JM de Abreu-

1. ☞ Vê-se que Casimiro não viu atendido o seu desejo de passar as festas de fim de ano na fazenda do pai.

2. ☞ Transcrevo abaixo o “incluso anúncio” a que Casimiro se refere, e que se encontra realmente colado à página 3 do original do Arquivo Nacional. Era, na verdade, apenas uma parte do anúncio, publicado integralmente na segunda página do *Correio Mercantil* de 22 de janeiro de 1858:

INSTITUTO COMERCIAL

Pela diretoria do Instituto Comercial se faz público que, do dia 20 ao último de janeiro do ano próximo futuro, estarão abertas no mesmo instituto as inscrições para a matrícula dos alunos. E para conhecimento dos interessados publicam-se os artigos dos estatutos, que se referem ao modo por que se deve requerer as ditas matrículas, e quais os preparatórios que se exigem.

Art. 8.º O aluno que pretender matricular-se, deverá declarar em requerimento ao diretor seu nome, idade, naturalidade e filiação, juntando certidões ou documentos que provem ser maior de 16 anos, ter sido aprovado nas matérias do artigo seguinte, e haver satisfeito a taxa marcada na tabela anexa a estes estatutos.

Art. 9.º Nenhum aluno poderá ser matriculado sem que mostre ter sido aprovado nas seguintes matérias:

Língua Nacional, compreendendo a Gramática e a escrita.
Inglês e Francês, Aritmética, Álgebra até equações do 2.º grau, Geometria plana e considerada no espaço.

Trigonometria.

Art. 10. Só serão admitidas as certidões de que trata o art. 8.º, quando forem passadas em consequência de aprovação nas matérias acima referidas.

Nos exames feitos na capital do império na conformidade do art. 112 do regulamento da instrução primária e secundária de 17 de fevereiro de 1854;

Nas Faculdades do império na parte em que versarem sobre matérias nelas exigidas como preparatórias.

Art. 11. Serão além disto matriculados:

Os bacharéis em letras do colégio de Pedro II.

Os que tiverem título de aprovação nos estudos de 1.ª classe do mesmo colégio.

Os que tiverem sido aprovados no 1.º ano da academia de marinha e da escola militar, contanto que passem por exame de inglês e sejam nele aprovados.

A taxa por matrícula, em cada ano, é de 20\$.

Instituto Comercial, em 20 de dezembro de 1857.

– Luiz Garcia Soares de Bivar, servindo de secretário.

3.  Suponho que, na conversa de Costa Cabral com o diretor do Instituto, tenha surgido a idéia de Casimiro estudar matemática na Escola Central, no Largo de São Francisco. Era um atalho, previsto no Art. II dos estatutos, para que ele pudesse ingressar no Instituto Comercial, a antiga Aula do Comércio.

4.  Notar a franqueza e a perspicácia de Casimiro, que não esconde do pai o quanto lhe parecia supérfluo estudar tanto e tantas matérias para, no final das contas, trabalhar no comércio.

5.  A data para as matrículas acabou por ser prorrogada, como se vê por uma nota do Instituto Comercial no *Jornal do Commercio* de 5 de fevereiro de 1858. Em maio, finalmente, Casimiro começou a estudar matemática na Escola Central. O excesso de estudos, no entanto, revoltava os alunos. Basta ver este texto jocoso que vem na página 4 de *O Tyrano*, de 12 de setembro de 1857: “Instituto Comercial – As famílias e os pobres estudantes do Instituto Comercial do Rio de Janeiro gritam, com razão, que não é possível que eles estudantes aprendam simultaneamente os preparatórios e o complicado curso do 1.º ano, só porque assim convém aos interesses de alguém, que está debaixo de muito alta e muito eficaz proteção do Diretor. Pedimos, rogamos, e suplicamos ao autor de tão bela invenção que nos declare onde poderemos achar a lei improvisada – Patronato escandaloso – que ordena o sacrifício dos míseros estudantes em favor dos amigos do Diretor. Viva o pregador de conhecimentos ilimitados!... co!...co!...co!...”

Geral: ☞ A Aula do Comércio da Corte, criada em 6 de julho de 1846, parece não ter tido endereço próprio, além do da Rua da Conceição, n.º 16, que era o da morada do seu Inspetor, o Conselheiro Diogo Soares da Silva de Bivar (Portugal, 6.fev.1785 – Rio, 14.out.1865). Tanto é assim que, quatro anos após a sua transformação em Instituto Comercial, ocorrida em 1857, ainda se utilizava das salas de aula do Colégio Pedro II, à Rua Larga de São Joaquim (atual Marechal Floriano), como mostra uma nota do *Jornal do Commercio* de 26 de fevereiro de 1861. Quanto a Luiz Garcia Soares de Bivar, que assina o anúncio anexado por Casimiro, era filho do conselheiro Diogo e seu sucessor na direção do Instituto Comercial. Nasceu na Bahia em 20 de maio de 1813 e morreu no Rio de Janeiro (RJ) em 20 de julho de 1901.



1858.jan.I3 – Do Rio de Janeiro para Lisboa, Casimiro escreve à irmã Albina. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas, a segunda e a terceira em branco, e a quarta com as palavras “Para mana Albina –”. Papel dobrado de modo a servir de envelope. Traz o carimbo da A. B. L. no canto inferior esquerdo. Original (em mau estado): Arquivo da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio I3 de janeiro 1858 –

Querida Irmã –

– Desejo que ao receberes esta continues a gozar saúde a qual peço a Deus seja nunca interrompida –

– Lembrei-me muito de ti no dia 3 de dezembro, e lembrar-te-ias tu do dia 4 de janeiro? – Acredito que sim, mas não posso deixar de confessar que és muito preguiçosa, pois que ainda não me escreveste carta alguma –

Desejo que estudes bastante e que em breve possas sair pronta do colégio. Aplica-te ao francês e ao piano e quando receberes esta carta quero que toques uma fantasia sobre a Traviata –

Todos estão bons e mandam-te muitos abraços.

Adeus; aceita um beijo meu e nunca te esqueças de

Teu Irmão
do coração
Casimiro JM Abreu

Geral:  Esta carta, como já foi dito, foi doada à Academia Brasileira de Letras pelo escritor (José Maria) Goulart de Andrade (Jaraguá-AL, 6.abr.1881-Rio de Janeiro-RJ, 19.dez.1936), que ocupou por duas décadas a cadeira n.º 6, cujo patrono é Casimiro. Vê-se que partiu deste a iniciativa de escrever a Albina após a volta ao Brasil. Embora ele próprio não se canse de se dizer preguiçoso, não resiste à brincadeira e puxa as orelhas da irmã. Notar o tom levemente paternal que imprime à carta, atitude constante quando escreve a Albina, a irmã caçula, nascida a 3 de dezembro de 1843, ao que tudo indica, em Rio das Ostras. E foi bom que o próprio Casimiro se referisse ao 4 de janeiro como sua data natalícia. Serve para desmentir de vez alguns autores que “viram” na laje do seu túmulo a data de 14 (quatorze) de janeiro. Não há isso. O que lá se vê é quatro de janeiro. Não há sequer vestígios de algum algarismo “1” que tenha sido raspado ao lado do “4”. Sempre foi 4 (quatro). Até porque as inscrições são em baixo relevo, sulcadas no mármore.



1858.jan.26 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas, texto na primeira e em parte da segunda, restos de carimbo e “dentadas” na terceira e quarta. Endereçamento: “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Rio 26 janeiro 1858 –

Querido amigo

– Não tenho estado doente, não; tenho estado envergonhado por ter prometido que havias de ler o meu – canto de amor – domingo passado, e ele não saiu publicado.

Porém diz o ditado – mais vale tarde que nunca –; e com efeito parece-me que podes procurar no “Mercantil” de hoje¹ que há de encontrar a minha poesia –

Eu fico a tremer, à espera das rabiscadas com que tu tens mimoseado o Coelho.²

Na minha opinião os seus versos são faltos de harmonia – mas contudo sempre deixa (*sic*) ver pensamentos – sofríveis –

A poesia não está sempre no número certo das sílabas; mas sim nas idéias. Há muita página escrita em prosa mais bela de poesia e sentimento, do que certos volumes de versos que eu conheço. E de mais, meu amigo, nunca se deve desanimar um rapaz que trilha a senda da poesia, tão mal apreciada entre nós – Toda a rosa, antes de abrir-se, não é mais do que um botão, e às vezes donde menos se espera surgem gênios.

Nada disto é comigo, que não passo dum pobre diabo que anda sempre a sonhar e nunca sonha coisa que preste –

Tornaste-me a lembrar que escreva para o Popular e hei de fazê-lo antes de morrer (salvo se for muito breve).

Bem sabes que eu sou um preguiçoso de 1^a ordem, mas prometo-te solenemente, e tomo por testemunha o charuto que estou fumando,³ que a primeira poesia que eu fizer, seja o que for, será para o Popular.

Adeus! Desejo-te tudo que tu mesmo desejares e continuo a ser, como sempre, com muita pressa e com muita sinceridade

Teu amigo do coração
Casimiro Abreu

I. ☞ O poema “Canto de amor” saiu de fato na segunda página do *Correio Mercantil* da terça-feira, 26 de janeiro de 1858. Veio sem dedicatória, assinado “Casimiro Abreu”, e sem qualquer indicação de lugar ou data. Mas pelo que Casimiro diz ao Couto, o poema se achava há vários dias na redação do jornal.

2.  José Rodrigues Coelho era natural da cidade do Rio de Janeiro, mas morava em Rio Bonito e costumava publicar seus poemas em *O Popular* de Porto das Caixas. Jovem culto, professor de francês e latim, era contudo um péssimo poeta, que produzia cada vez mais, e cada vez pior. Sua mediocridade aguçava a ironia de Francisco do Couto Sousa Júnior, que se divertia a elogiá-lo pela imprensa local. Em 23 de janeiro de 1858 por exemplo, assinando-se “D.” e datando-o de “Côrte, 17 de janeiro de 1858”, publicou em *O Popular* um “perfil literário” do Coelho, onde esteve a um passo de chamá-lo de gênio. E é justamente a esse texto (e a outros), que Casimiro se reporta ao referir-se às “rabiscadas” do Couto. Quanto a José Rodrigues Coelho, era advogado e tradutor, sendo dele a tradução de “Ciência médica – Anatomia e fisiologia do homem”, editada em Porto das Caixas em 1859. Acrescento que, segundo Sacramento Blake, ele foi também “deputado provincial em mais de uma legislatura”, e escreveu, entre outras obras, “Estudo médico-legal sobre a virgindade”, publicado no Rio de Janeiro em 1868.

3.  Aqui, fica-se sabendo do gosto de Casimiro por charutos, que nos românticos vêm junto ao tédio, ao *spleen*, à depressão, à preguiça. Não é por acaso que Casimiro se diz a todo instante “um preguiçoso de 1.^a ordem”. Tampouco é por acaso que nos deixou os sombrios versos de “Spleen” e “Horas de spleen” (primitivo título de “Na taberna”), à semelhança de Álvares de Azevedo, que nos legara o genial poema “Spleen e charutos”.



1858.fev.15 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas, terceira e quarta em mau estado, marcas de lacre na terceira, texto só na primeira, endereçamento na quarta: “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Rio 15 fevereiro 1858.

Querido amigo

(6 horas da tarde) – Acabo neste momento de receber a tua carta, e apesar de ter tido hoje uma rusga com o meu patrão por causa dos passeios noturnos, logo irei fazer entrega do dinheiro.¹

Não me esqueci do Popular, e tanto assim que principiei um romancezinho do tamanho do – virgem louira; mas, talvez não acredites, está pronto o I.º capítulo, e o último, mas o meio nada de novo.² Fica para o mês, pelos jeitos.

Não me respondas antes de eu escrever-te outra vez, porque parece-me que vou mandar o comércio, à tábua, e que raspo-me desta casa.³

O Carnaval está brilhante. Ontem estive no S. Pedro até 3 horas da manhã; houve dança e pulos bravios.⁴

Desculpe (*sic*) a pressa com que sempre te escrevo; bem vês que são momentos furtados. Talvez que em breve eu possa fazer mais à vontade, mas desejava muito que viesses cá.

Se soubésseis (*sic*) como a minha vida é insípida! Adeus! Dá-te um abraço

Teu amigo
do coração
Casimiro Abreu

*(vire)

fevereiro – 16 –

Pus esta data com antecedência para poder mandar-te o recibo do dinheiro, mas o homem diz que não precisava passá-lo.

Casimiro.

I, 3 e 4. ☞ Casimiro deve ter sofrido uma séria reprimenda do patrão nesse 15 de fevereiro de 1858. Ele passara a noite anterior, a do domingo, dia 14, até às 3 horas da manhã, brincando o carnaval no Teatro de São Pedro de Alcântara (hoje João Caetano). Resta saber se o comércio abriu as portas na segunda, 15, dia da carta. Se abriu, o puxão de orelhas deve sido profissional; caso contrário, poderia ter sido por Casimiro desatender a ordens paternas. De qualquer modo, nesse dia, ele deve ter juntado forças para a decisão que to-

mou no dia seguinte, ou seja, demitir-se, como já anunciara ao Couto. Possuído pelo espírito do carnaval, aguardava um álibi para tomar uma atitude mais drástica. No *Correio Mercantil* do dia seguinte, 16, há duas publicações que têm a ver com tudo isso. Uma, é este anúncio na primeira página: “Viva o carnaval! Rapaziada! Vamos a S. Pedro esta noite: o salão está soberbo de elegância e luxo! O nosso diletto artista João Caetano soube transformar o seu teatro em verdadeiro Paraíso. Vamos, moças bonitas, máscaras espirituosas e chibantes! vamos ao teatro nacional! É lá que se reúne tudo o que há de melhor e mais apreciável! *O Pierrot*” A outra, na vertical e à esquerda da página 2, é um poema jocoso de Casimiro, revelado por R. Magalhães Jr. em seu *Poesia e vida de Casimiro de Abreu* (págs. 101/3 da 3ª edição). E embora houvesse outros poetas com iniciais “C.A.” (Clímaco Ananias e Cesáreo Azevedo, por exemplo), creio que o poema é mesmo de Casimiro. Há vários indícios que parecem confirmá-lo, como a carta da véspera ao Couto, e a forma e o ritmo do poema, semelhantes aos de “A valsa”, que fora publicada na terça anterior no mesmo jornal. O poema, que tem por título “Oferecido e dedicado A FAMA DO CAFÉ COM LEITE em atenção à despedida do carnaval”, é o que chamaríamos atualmente uma deliciosa peça de marketing a favor do Café do Braguinha, situado na esquina da Praça da Constituição (atual Tiradentes) com Rua do Sacramento (atual Avenida Passos).

2.  Perdeu-se, lamentavelmente, se é que Casimiro o concluiu, o “romancezinho” que anuncia ao Couto.



1858.fev.16 – No Rio de Janeiro, Casimiro escreve ao patrão José Domingues da Costa. Papel verde água, pautado, em ótimas condições. Quatro páginas, texto só na primeira; segunda e terceira, em branco. Na quarta, além do endereçamento, “Ilmo Sr. José Domingues da Costa”, há uma anotação, “1858-fevereiro 16 Carta de Casimiro José Marques de Abreu”. Documento fotocopiado, ver M.021/2 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Prezado Sr.

– Sinto profundamente causar-lhe o menor desgosto, mas vejo-me forçado a deixar a sua casa e por mim mesmo procurar uma ocupação qualquer – embora pouco lucrativa, – mas com a qual eu simpatize.

Talvez se diga que é um passo irrefletido o que eu vou dar, mas eu penso nele há muito e se o tenho deixado de pôr em prática é por falta de resolução. Os mesmos 200.000 réis – que eu havia pedido eram para ocorrer às despesas precisas.

Uma vez que não posso seguir a minha vocação e que ainda em cima me contrariam, eu desligo-me da autoridade paterna e quero por mim mesmo ganhar a vida. Prefiro antes um ofício ou qualquer ocupação mecânica, à vida comercial – excelente para muitas pessoas, mas não para mim. Não sou ambicioso de dinheiro, e a vida de artista sustenta qualquer que trabalhe.

De certo chamar-me-ão de louco e de mau filho, porém mais tarde hão de fazer-me justiça. Meu Pai está rico e feliz e minha pobre Mãe precisa de mim: não hesito.

Meus baús ficam cá, mas eu virei buscá-los depois.

Agradeço a bondade com que sempre fui tratado, e tenho a honra de despedir-me e de assinar-me de

V. Sa.

Amigo obrigadíssimo e criado

16 fevereiro 1858 –

Casimiro JM. de Abreu

Geral: ☞ Considero esta carta um dos documentos mais importantes da biografia de Casimiro. São muitos os comentários que suscita. Por exemplo, ao dizer “penso nele há muito”, o poeta deixa claro o quanto lhe era penoso o trabalho no comércio: estava na casa há apenas cinco meses, e já lhe parecia uma eternidade.

A firma Câmara, Cabral & Costa era constituída por três sócios, a saber, Manoel de Pontes Câmara, Antônio Francisco da Costa Cabral e José Domingues da Costa. Assim, não deixa de ser estranho que, na carta anterior, dirigida ao amigo de Porto das Caixas, Casimiro diga “uma rusga com o meu patrão”, referindo-se a um só deles. Ou José Domingues da Costa era quem geria a firma, ou os outros dois sócios não se achavam presentes, ou da Costa era o mais duro dos patrões, o que o tornava o natural destinatário da carta de rompimento. Fica a impressão de que fora ele quem negara o

dinheiro pedido por Casimiro. Restaria saber se foi a resposta negativa que o levou a demitir-se, ou se foi uma segunda reprimenda, esta no próprio dia 16, a responsável pela sua decisão.

Quando diz “Não sou ambicioso de dinheiro, e a vida de artista sustenta qualquer que trabalhe.”, o poeta faz uma comovente profissão de fé na própria vocação, e está seguro do seu talento, ao vaticinar, “mais tarde hão de fazer-me justiça”.

Quanto à frase “Meu Pai está rico e feliz e minha pobre Mãe precisa de mim: não hesito.”, creio que permite esta leitura: Casimiro quer trabalhar por conta própria para poder, livre de cobranças, ajudar financeiramente a mãe, separada do marido. Talvez estivesse proibido de retirar dinheiro no seu local de trabalho para evitar que o repassasse a Luísa. Talvez estivesse até mesmo proibido de encontrar-se com a mãe, e o fizesse às ocultas. A história dos 200.000 réis faz pensar nessa hipótese.

A carta é toda ela marcada por um forte sentimento de dignidade e altivez. A própria letra de Casimiro, quase sempre mutante, está firme. O traço que envolve o “de Abreu” da assinatura, comumente enovelado e nervoso, aparece aqui limpo e simples. Casimiro se sente forte, livre, dono do seu destino.

O fato de a carta achar-se em Portugal deixa claro que José Domingues da Costa a entregou ao pai de Casimiro, que a guardou consigo. Posteriormente, em 1861, Francisco José Marques de Abreu a teria levado para a Casa dos Carvalhais, em Santa Maria de Oliveira, onde fui achá-la 132 anos depois.



1858.mar.27 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas, texto apenas na primeira. Terceira e quarta em mau estado, endereçamento na quarta: “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Rio 27 de março 1858 –

Querido amigo –

– Princípio por pedir-te desculpa do meu silêncio; bem sabes que sou muito preguiçoso –

Participo-te que depois de ter feito muita asneira, foi preciso, para obter o perdão do meu velho, voltar outra vez para o mesmo escritório, e aqui estou! Podes pois escrever-me para S. Bento 37 B —¹

Como não quero que digas que eu não cumpro o que prometo, remeto incluso (*sic*) uma poesia para ser publicada no Popular.

Decididamente quero fazer as pazes com o nosso amigo editor que deve estar zangado pela minha falta de atenção.

Tu, meu amigo, desculpa-me o melhor que puderes e pinta-me a seus olhos como um preguiçoso monstro! Agradeço-lhe² novamente da minha parte a benevolência e a delicadeza que tem tido em enviar-me os números do seu jornal.

Preferi mandar-te esta poesia porque trata-se duma moreninha da aldeia, e por consequência própria para uma folha da roça. (Que insulto! que ultraje à tua cidade!)

Se não gostares dela, podes crer ao menos que foi feita expressamente para o Popular, e que não é culpa minha se o valor da oferta não corresponde à vontade que tinha de agradecer.³

Adeus; escreve-me de vez em quando, pois bem sabes que isso me dá prazer. Aceita um abraço de

Teu amigo do coração
Casimiro JM de Abreu

1. ☞ Durou bem pouco, como se vê, a liberdade conquistada por Casimiro ao demitir-se do emprego.

2. ☞ No original está — “Agradeço-lhe novamente da minha parte” — ainda que o contexto nos leve a pensar na forma “Agradeça-lhe”, ou seja, Casimiro pedindo ao Couto que agradecesse por ele ao editor.

3. ☞ Estranho a afirmação de Casimiro de que o poema enviado ao Couto foi feito “expressamente para o Popular”. Se se referia a Moreninha, lembro que, em *Primaveras*, esse poema traz a indicação “Indaiaçu — 1857.” Assim, ou Casimiro o compôs no Rio de Janeiro e pôs “Indaiaçu” apenas por se tratar de um poema de caráter rural, cuja inspiração lhe viera da visita à roça, ou estava lançando mão de

uma pequena mentira diplomática. Sim, porque se se referia a “Moreninha”, e se de fato o escreveu no Indaiáçu, deve ser lembrado que, quando lá esteve, não sabia ainda que viria a colaborar com *O Popular*. Salvo se o poema foi composto numa segunda e desconhecida viagem à fazenda, coisa de que duvido. Aliás, três dias depois, em carta de 1.º de abril ao Couto, Casimiro se referirá a tal poema como *Moreninha*, com M maiúsculo, sugerindo tratar-se do título do mesmo poema “*Moreninha*” que veio a tornar-se famoso.



1858.abr.01 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas, texto na primeira e em parte da segunda. Terceira e quarta com grande “dentada”. Endereçamento na quarta, “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. Papel dobrado de modo a servir de envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Rio de Janeiro 1.º de abril 1858 –

Querido –

– Já sei que gostaste da *Moreninha* e agradeço-te o cumprimento; não quero prometer, para faltar, mas podes crer que não será a última que eu terei o prazer de mandar para o *Popular*. É preciso fazer guerra ao amigo Coelho¹ –

– Falas-me em ir passar dois dias contigo, mas olha que é quase impossível. Não fazes idéia como vivo apertado: eu durmo aqui na casa do patrão, o escritório abre-se mesmo aos domingos até ao meio-dia e não posso ausentar-me. Quando eu vou ao teatro, é uma campanha, há sempre barulho, porque eles não querem que eu durma fora.²

Mas tempo virá em que eu tenha mais liberdade, e então lá irei, porque realmente desejo abraçar-te.

– Peço-te por favor, e se não te incomoda, de me mandares o número do Popular em que veio a – Virgem loura –, porque eu perdi o manuscrito e não sei em que Mercantil saiu.³

Quero ir arranjando e retocando todas as minhas asneiras, pois preparo-me para em janeiro, nos meus anos, dar à luz um volume de poesias e depois ... quem sabe?

Vai-te também preparando, pois eu quero assinaturas; mas temos muito tempo, o negócio principiará em setembro ou outubro – pois bem sabes que não trabalho a vapor.⁴

Continua a estimar-me e a crer que sou – Teu sincero amigo

Casimiro JM. d'Abreu

(volta)

– Acabo neste momento de receber 2 Populares e vejo anunciadas as poesias do Coelho. Parece-me que vou assinar um volume, mas não sei onde se assina.⁵

Casimiro

1 e 5. ☞ Prossegue a guerra aos péssimos poemas do Coelho. Generosamente contudo, como se vê pelo *post scriptum*, Casimiro se revelou disposto a ajudar a reuni-los em livro. Quanto a este, trata-se de *Páginas do coração*, publicado em Porto das Caixas no primeiro semestre de 1858. Curiosamente, Coelho intitulou seu livro com o mesmo subtítulo que Casimiro pusera em sua página em prosa “A virgem loura”, publicada em *O Popular* de 16 de dezembro de 1857. Coincidência? Imitação? Homenagem? Fica a pergunta.

2. ☞ Todo o segundo parágrafo da carta é uma síntese da rotina imposta aos empregados do comércio carioca da época. Ainda que longo, transcrevo como ilustração um trecho da conferência pronunciada em 30 de outubro de 1925 por Jacinto Magalhães, na Associação dos Empregados do Comércio. O autor aborda a dura vida dos caixeiros nos anos de 1855 a 1865, período em que, de 1857 a 1860, Casimiro trabalhou no comércio local. A conferência fez sucesso e foi publicada por *O Globo* no dia seguinte. Eis o trecho que me interessa citar:

“Há 60 ou 70 anos passados, a condição de caixeiro só se distinguia da do escravo pelo fato de perceber um mísero ordenado – cinco mil réis por mês para começar – e poder fugir quando lhe não fosse mais possível aturar as brutalidades do patrão. Quanto à liberdade, tinha dois dias por ano – perdão! – dois dias é um modo de falar, duas tardes é o que era – dia de N. S. da Glória e do Natal. No mais, aquilo era uma escravidão disfarçada, a contrastar com a escravidão legal que campeava em todos os seus horrores.

O comércio – ali do Arco do Teles a Mata Porcos – era um vasto acampamento subdividido em numerosas casernas. O regimen “rejume”, como eles diziam, era puramente militar, a conde-de-Lipe. Às 10 horas da noite, “pingadas” pelo Aragão (sino grande da igreja de São Francisco de Paula), ouvia-se em toda a cidade um barulho terrível – parecia um terremoto! Era o fechamento das portas. Ao mesmo tempo percebia-se um susurro abafado: eram os patrões que, entre dentes, diziam aos caixeiros: “Estão com muita pressa!” E daí era pra cama, a maioria em cima dos balcões, sobre uma esteira. Todo esse pessoal dormia trancado à chave pelos caixeiros que, à “surrelfa”, se iam escapando, mas deixavam trancados à chave todos os demais companheiros.

A hierarquia comercial era rigorosamente mantida. Os caixeiros eram numerados: 1.º, 2.º, 3.º, etc. O 1.º caixeiro levava descomposturas do patrão, mas em compensação desabafava, descompondo por sua vez todos os companheiros, e até mesmo o espancava. E não se podia piar! O 1.º caixeiro era o sargenteante da caserna; os outros vinham descendo até o aspençada. Cada um mandava os que lhe eram inferiores e o último, o mísero capitão da vassoura, era mandado por todos e andava num corropio.

Havia hora para fechar as portas – 10 horas –, mas não a havia para abri-las. Em geral, o comércio no centro abria às 5 horas no verão e às 6 no inverno, mas fora do centro e especialmente os caixeiros dos *varejistas dos secos e molhados*, ali da rua da Vala (Uruguiana) para cima eram forçados a levantar-se às 4 horas da manhã. Esses infelizes, os caixeiros de venda, eram os *moujicks* do comércio e levavam vida horrível, sendo pagos miseravelmente. A tuberculose e a febre amarela faziam neles grossa colheita.

Pode afirmar-se que toda a juventude do comércio, ali do largo do Capim para cima, era *varejada* todas as manhãs à vara de marmeleiro para levantar-se depressa. E mesmo cá para baixo é bom não garantir que isso não acontecesse...”

O conferencista diz então que, a partir de 1875, a coisa mudou bastante, mas que a disciplina continuou a ser imposta de maneira terrível.

3.  Parece que Casimiro não dispunha do mínimo conforto. Perdia até os originais que lhe eram tão caros.

4.  Vê-se que desde abril de 1858, Casimiro pensa em publicar um livro de poemas, sem saber que teria de esperar quase um ano e meio para vê-lo impresso. E não deixa de ser curioso que o planejasse para o dia em que iria completar os 20 anos. Ecos talvez da *Lira dos vinte anos*, de Álvares de Azevedo. Observar que Casimiro emprega a expressão “a vapor” para passar a idéia de rapidez. Hoje, diria “a jato”.

1858.abr.06 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas, texto apenas na primeira, terceira e quarta com dois furos pequenos e um grande. Endereçamento na quarta: “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP)

– Rio abril 6 –

My dear –

– Aproveito o portador (meu primo Antônio) para dar-te os bons dias e pedir-te as festas.

Sinto muito que tu suponhas que eu estou doído, mas revoga as *ordens* que te dei e peço-te continues a escrever-me para S. Bento, porque a família da Rua do Rosário mudou-se – ¹

Se gostas de – borboletas – podés ver uma que vem voando no Mercantil de domingo (4); é uma recriminação a essas *Senoritas* que namoram por passatempo.²

Felizmente creio que não pode ter a menor aplicação à la déesse de tes pensées – o que eu estimo.³

Adeus! aperto-te a mão. Forget me not!

Casimiro JM Abreu

1. ☞ Fica a impressão de que se perdeu alguma carta de Casimiro ao Couto, onde teria dado instruções para remeter a correspondência para a Rua do Rosário, e não para a Rua de São Bento. Salvo se as ordens foram transmitidas pessoalmente, por algum emissário ou pessoa de confiança do poeta. Sim, porque não há qualquer carta conhecida de Casimiro que contenha tais ordens.

2. ☞ Seguindo a “dica” de Casimiro, localizo essa publicação do poema “Borboleta”, raramente citada por seus biógrafos. Saiu no canto inferior direito da primeira página do *Correio Mercantil* do domingo, 4 de abril de 1858. Vem assinado “Casimiro Abreu”, sem indicação de local e data. Há pequenas divergências entre o texto do jornal e o que

está em *Primaveras*. A mais importante talvez seja a que ocorre na terceira estrofe, “Em breve murcha será,” que no livro aparece como “Em breve murcha será?”

3.  Casimiro usa e abusa aqui de expressões em francês e inglês. E não se pode negar que isso empresta um certo charme às cartas que escreve ao Couto. Ele sabe fazê-lo sem parecer pedante. Nesta carta, ele se utiliza bastante do estranho “d” minúsculo em forma de formiga cabeçuda, que citamos anteriormente e que, neste livro, na fotocópia da carta a José Domingues da Costa, pode ser visto no primeiro parágrafo.



1858.abr.10 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas, texto todo na primeira, terceira e quarta com pequeno furo, endereçamento na quarta, “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Abril 10 1858 –

Caríssimo –

– Antes principiar uma carta por um agradecimento do que por uma descompostura; por isso agradeço-te a remessa da – Virgem lou-ra – embrulhada em papel branco, ou antes transformada em letras.¹

Fico à espera da – Moreninha – mas, palavra de honra, não desejo que ela venha com tantos erros como a dita virgem. (isto entre nós.)²

Estimei saber que gostaste da – Clara – e se quiseres podes podes publicá-la. Aqui ta mando e desejo que guardes este autógrafo como lembrança minha.³

Não afirmo, mas é provável que amanhã apareça no – mercantil – uma poesia minha – Verás então que a minha alma, nos seus momentos de confidências, – atraíçoa-se e sem querer desmente essa alegria e estouvamento que muitas vezes mostro. Acredita-me – sou grave e triste como um socó!⁴

O portador desta está a partir, e eu concludo já.

Sem que isto envolva a mais leve sombra de ofensa, peço-te que apresentes os meus respeitos à – *la bella adorata* – futura Madame ...

Adeus. – Conserva-me na lembrança e nos caracóis dos teus cabelos ⁵ –

Como sempre
Teu amigo do coração
Casimiro JM. de Abreu

1 e 2. ☞ Por aqui se vê: foi somente entre 1 e 10 de abril de 1858, que Casimiro conheceu a republicação que, em 16 de dezembro de 1857, *O Popular* de Porto das Caixas fizera da sua página em prosa “A virgem loura”, saída a 7 de dezembro de 1857 no *Correio Mercantil*. A decepção de Casimiro se justifica, pois a reprodução fora um desastre tipográfico. E como havia enviado ao Couto o poema “Moreninha”, pedia mais cuidado ao publicá-lo. Notar porém que, delicadamente, Casimiro alerta que a queixa era coisa de amigo para amigo (“isto entre nós”), pedindo que a censura não chegasse aos ouvidos do editor do jornal.

3. ☞ Aqui, dois comentários. Primeiramente, registro que no original está assim mesmo, “podes podes”, com o primeiro “podes” grifado. Depois, peço ao leitor atentar para o trecho em que Casimiro fala de “Clara”, pois voltarei a abordá-lo ao comentar outra carta sua ao Couto, de 7 de setembro de 1859. Trata-se de passagem polêmica, que levou Nilo Bruzzi, biógrafo de Casimiro, a ver deslealdade na atitude do poeta, por ter incluído o poema em *Primaveras* apesar de tê-lo “dado” ao amigo de Porto das Caixas.

4. ☞ Casimiro deve estar-se referindo ao poema “Minha alma é triste”, que em *Primaveras* aparece datado de “Março 12 – 1858”. Na verdade, o poema demoraria muito tempo para ser publicado, só vindo a sair no *Correio Mercantil* de 31 de julho de 1858, dia em que Casimiro caiu doente com varíola. Quanto ao socó, trata-se de um pássaro solitário, de cor preta, que vive em vegetações ribeirinhas.

5. ☞ Quem, ao ler esta frase, não pensa na canção “Debaixo dos caracóis dos seus cabelos”, que Roberto e Erasmo Carlos fizeram para Caetano Veloso? E aqui, cabe especular que Francisco do Couto Sousa Júnior teria de fato os cabelos encaracolados, o que levou Casimiro à idéia dos caracóis.

1858.abr.21 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel desbotado, encardido, 27 x 21 cm. Tinha quatro páginas, das quais só restam a primeira e a segunda, com o texto todo na primeira. No canto inferior esquerdo, alguém escreveu enviesado “Casemiro de Abreu”. Original: Pedro Corrêa do Lago, São Paulo (SP).

– Rio 21 de abril 1858 –

Mio caro –

Acabo de ler a minha poesia no Popular e agradeço-te o cuidado que tiveste com as provas: só vem um *contando* em vez de cantando, o que não quer dizer nada¹ – O Editor lembrou-se de pôr lá – *um distinto poeta* – que eu agradeço. Por ora inda (*sic*) não sou distinto. – Continuarei a mandar-te alguma coisa, porém não será muitas vezes, porque tendo de publicar um volume é preciso que não mostre todas nos jornais. O Mercantil é que me arranja direito; tem lá uma há mais de 15 dias e ainda não lhe deu na cabeça ao Otaviano publicá-la² – Recomendo-te a leitura dum artigo de A. Dumas (Causeries) que vem nos Mercantis de ontem e hoje; é espi-rituoso³ – Peço-te também que leias as poesias do Calazans; vale a pena porque são excelentes; é mais um grande poeta que se levanta⁴ – A poesia do Martins Pereira é bonita; desejava saber se ele é filho do Porto das Caixas⁵ –

– Participo-te que morreu o nosso mestre de piano e inglês no Colégio do Freese, – Mr. Alfredo Strong. Talvez nem te lembres⁶ –

Adeus! e desculpa a pressa

Teu amigo do coração

Casimiro JM de Abreu

1. ☞ Casimiro deve estar-se referindo ao poema “Moreninha”, onde o quinto verso da sexta estrofe é “Cantando canções formosas”. Tudo indica portanto que, entre 10 e 21 de abril de 1858, o poema saiu em *O Popular*, de Porto das Caixas, e que a publicação continha este erro: contando em lugar de Cantando.

2. ☞ Parece que Casimiro se refere ao poema “Minha alma é triste”, que só sairia no *Correio Mercantil* de 31 de julho de 1858, dia em que o poeta adoeceu, atacado por varíola. Provavelmente, por se tratar de um trabalho muito longo, o poema tenha tido de enfrentar alguma fila para poder vir à luz.

3. ☞ Realmente, em 20 e 21 de abril de 1858, na primeira página do *Correio Mercantil*, saem as duas partes de um texto de Alexandre Dumas intitulado *As estrelas quitandeiras* (*Causeuses*). Composto de oito tópicos, conta que, um dia, Júpiter enviou estrelas à terra para que vendessem aos homens, espírito, virtude, saúde e prazeres, mas que tudo dera em nada. Destaco este trecho da história: “Houve um dia um rei poeta. Apenas, como não se pode ter tudo por junto, coroa de diamantes e auréola de ouro, esse rei era tão mau poeta que quando haviam (*sic*) motins em seus estados, o que aconteceu diversas vezes, tanto que o obrigaram a abdicar em favor de seu filho, quando haviam (*sic*), digo, motins em seus estados, depois de três intimações de estilo para dispersar os insurgentes subia a autoridade a uma tribuna que sempre o acompanhava para tal fim, e, conforme era o motim mais ou menos encarniçado, lia ele uma ode, duas odes ou três odes, e era raro que no meio da terceira ode o motim, por mais intenso que fosse, não se dispersasse como que por magia. Viajava eu nos estados desse poético monarca e visitei os monumentos mais curiosos do país, porque é forçoso confessar que esse rei, se não era um grande artista, era ao menos um grande amigo dos artistas.”

4. ☞ Pedro (Luziense) de (Bitencourt) Calasans nasceu em Santa Luzia (SE) em 1837, e faleceu em 24 de fevereiro de 1874, a bordo, a poucos dias de chegar a Lisboa. Poeta, jornalista, advogado e deputado geral (1861-1864), publicou várias obras, das quais destacamos os dois primeiros livros de poesia, *Páginas soltas*, de 1855, e *Últimas páginas*, de 1858, livro este a que Casimiro se refere em sua carta ao Couto.

5. ☞ Casimiro se refere a “Os dois rochedos”, de Pedro Martins Pereira, que saiu no n.º 401, de 24 de março de 1858, de *O Popular*. Datado de “S. Paulo, 24 de fevereiro de 1858”, compõe-se de dez quadras sobre o tema do desengano amoroso. Trata-se de fato de um bom poema, cujo autor não pude identificar e que, em 24 de julho, publicou no mesmo jornal “O último canto do Cisne”, outro texto de boa qualidade.

6. ☞ Filho de Levy e Mary Strong, o norte-americano Alfred Parion Strong nasceu em 1819 ou 1820 em Northhampton, Massachussets. Tendo vindo para o Brasil, fixou-se em Nova Friburgo, onde passou a dar aulas de piano. Ali, aos 31 anos, para poder casar-se, foi batizado a 7 de abril de 1850 pelo Vig. João José Viviand (L.º 2, fl.171-v). Os próprios padrinhos de batismo, Manuel Clemente Pinto e Laura Cle-

mente Pinto, serviram no dia seguinte de testemunhas do casamento de Strong com a também professora de piano e canto, Amélia Dorgean, natural da Freguesia de São José, no Rio. A cerimônia foi realizada pelo mesmo Vig. Viviand, como se vê à folha 160-verso do Livro de Casamentos do período em questão.

Posteriormente, Strong e Amélia mudaram-se para a Corte, como se deduz da leitura do *Almanack Laemmert* de 1857. Ali, seus nomes aparecem à página 479 como professores de música instrumental e vocal, com endereço à Rua do Conde (atual Visconde do Rio Branco), 37, sobrado, Chácara da Boa Vista, segunda casa. Lamentavelmente, a união dos dois músicos só durou oito anos. Em abril de 1858, a febre amarela ceifou a vida do infeliz pianista, que desceu à sepultura no dia 10 do citado mês. Quanto a Amélia, suponho que, uma vez viúva, tenha-se mudado para Niterói: em 1860, seu nome aparece na página 529 do citado almanaque, com endereço à Rua Fresca, 3 A, em São Domingos.

Geral:  Pedro Corrêa do Lago me disse ter comprado esta carta a parentes de Luís Guimarães, pai do poeta Luís Guimarães Júnior, a cuja coleção pertencera.



1858.mai.01 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul, desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas, texto todo na primeira, endereçamento na quarta, “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Caríssimo –

– Maio I.º – 1858 –

– Perdoa se levei tanto tempo a responder-te: foi preguiça, uma deusa a quem adoro com uma espécie de fanatismo – Já sei que estou perdoado.

Creio na tua amizade e agradeço-te o desejo que tens de ver-me, mas crê¹ que o meu não é menor, e se não vou fazer-te uma visita é porque me é absolutamente impossível – No entanto – crer e esperar – porque eu creio que ainda nos abraçaremos, antes que a febre amarela nos varra. (Antes! também não está mal. Depois ... só se fosse na cova.)

– Remeto-te 3 poesias pequenas para o Popular, julgo que estão em relação com o tamanho do jornal – Se não prestarem pode rasgá-las, que eu não me zango com isso. Publica-as uma por cada vez, mas na ordem que quiseres² –

– Já me carregaram com o n.º da Moreninha³ e estou sem o manuscrito e sem a folha em que ela vinha –

Parece-me que vou acabar com a poesia pois que vou segunda feira seguir o curso de matemática⁴ por distração; bem sabes que na frase de A. Dumas: – *les mathématiques sont les chaînes de la pensée*⁵ – Não digo mais nada.

Farewell, dearest, forget me not.

Casimiro Abreu –

NB – Se não couber nas colunas do Popular o – pranto de virgem – em razão do número das sílabas, torna a mandar-mo –

C.A.

1. ☞ No original, Casimiro escreveu “mas crê-me”. Depois, riscou o “me”

2. ☞ Dos três poemas pequenos que Casimiro envia, um, ele mesmo diz que é o “Pranto de virgem”, que de fato saiu em *O Popular* de 15 de maio de 1858. Quanto aos outros dois, o primeiro pode ter sido aquele que em *Primaveras* passou a chamar-se “Palavras no mar”, publicado sem título em *O Popular* do dia 22 de maio de 1858. Quanto ao terceiro, tudo indica que seria o “Sem amores”, que saiu em 29 de maio de 1858 no mesmo jornal. Penso também no pequeno poema “Amor”, publicado em *O Popular* de 5 de maio de 1858. Mas a proximidade das datas anula um pouco a possibilidade de que fosse esse um dos 3 poemas citados por Casimiro. Afinal, a carta é do dia 1.º, e o poema saiu no dia 5, com apenas 4 dias de diferença.

3. ☞ Aqui se confirma que o poema “Moreninha” foi realmente publicado em *O Popular* de Porto das Caixas.

4. ☞ Casimiro anuncia que vai estudar matemática sem muita fé, “por distração”. De fato, parece ter ficado pouco tempo na Escola Central, não chegando sequer a sacramentar a sua matrícula. Foi no sábado, 1.º de maio de 1858, que ele escreveu esta

carta, nos levando à quase certeza de que foi na segunda-feira, dia 3 de maio de 1858, que ele iniciou o curso no Largo de São Francisco. As aulas já corriam desde março.

5.  Pus em itálico a frase em francês porque, no original, o próprio Casimiro mudou o tipo de letra, deixando claro que queria destacar a frase de Alexandre Dumas.



1858.mai.07 – Da Fazenda do Indaiáçu para o Rio de Janeiro, José Joaquim escreve a Casimiro, que acusa o recebimento em 12 de maio. A carta do pai se perdeu.



1858.mai.12 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao pai. Carta não fotocopiada e não microfilmada. A cópia foi feita à mão. Papel verde água, encorpado, com quatro páginas, texto só na primeira que, como a segunda, se acha em perfeito estado. Na terceira e quarta há uma “dentada” no local do selo. Na quarta, além do selo de “60”, o endereçamento, “Ilmo Sr. José Joaquim Marques d’Abreu – Indaiá-assú – Barra de S. João”. No canto superior, foi anotado “1858 maio 12 – Carta de Casimiro José Marques de Abreu”. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

– Rio Janeiro (*sic*) 12 de maio 1858 –

– Prezado Pai –

Recebi com verdadeiro prazer a sua prezada carta de 7 do corrente e agora, como sempre, desejo que continue a gozar boa saúde.

Tomei em devida consideração o que se serve dizer-me, e creio e ousou esperar que, longe de dar azo a novas e justas recriminações, preencherei dignamente os seus desejos.

No Sr. Cabral vejo meu Pai e como tal o respeito, e mais uma vez agradeço a bondade e a delicadeza com que sempre me tem tratado, e de que saberei mostrar-me digno.

Rogo-lhe queira recomendar-me aos primos e lançar a bênção sobre

Seu filho amante
Casimiro JM de Abreu

Geral: ☞ Vê-se que Casimiro está tão tenso, que chega a “comer” o “de” de Rio de Janeiro. Depois dos incidentes de fevereiro que culminaram com o seu pedido de demissão no dia 16, as coisas devem ter-se tornado difíceis para ele. O pai deve ter-lhe aplicado uma boa reprimenda. Humilde, ele pondera e promete emendar-se. Quanto à frase “No Sr. Cabral vejo meu Pai”, Casimiro devia estar sendo sincero, pois recebeu sempre, de Antônio Francisco da Costa Cabral, uma boa dose de compreensão e amizade. A maneira paciente e segura com que iria orientá-lo após a morte de José Joaquim em abril de 1860, dá bem uma mostra do que digo, ainda que, nessa atitude, pudessem também pesar os interesses financeiros.



1858.mai.13 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel gelo com borboletas e ramos floridos em transparência, 22 x 14 cm, quatro páginas com texto. Ótimo estado. No canto superior esquerdo, em relevo, o nome “Casimiro Abreu”. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Maio 13 – 1858 –

Mio caro –

– Há um século que não recebo cartas tuas – No isolamento em que vivo, é preciso para a minha alma tão erma de afeição receber de vez em quando uma palavra de amigo. As cartas foram inventadas para aliviar as saudades dos amantes e em geral das pessoas que se

amam. Supõe-se sempre que se fala com o indivíduo a quem se escreve, diminui então a distância que os separa, e pelo menos nesse momento as suas almas juntam-se num mesmo pensamento. É assim que se entende a palavra ou a idéia e sempre a mesma, falada ou escrita dá no mesmo.

Mas eu que às vezes levo tanto tempo a responder-te estranho agora da tua parte um bem curto silêncio!

Que queres? ... Sou excêntrico por natureza; não posso emendar-me –

Se acaso estás doente, palavra de honra que eu sinto muito, mas como não medico de enfermidades corporais, não quero de maneira alguma assumir a responsabilidade duma receita; provavelmente mandava-te logo a primeira para o cemitério.

Finalmente estou com estas prosas todas porque hoje é dia santo e estou agora sem fazer nada. Vadio como sou, nem dá vontade de estudar a lição para amanhã e estou vendo que serei barrado no fim do ano.

Quanto à poesia ... estou desanimado ... parece-me que vou deixar-me dessas tolices todas. Deixo para outros mais felizes e mais talentosos, esses doces colóquios com as musas; conservo-me espectador.¹

Hoje vi e falei na Escola Militar onde estudo matemática, com uma criança de 14 anos (!) que é um gênio. Há de ser mais que A. de Azevedo.

Tão moço e já tanto estudo e literatura! Principiei hoje uma poesia dedicada a ele que eu te avisarei quando for publicada. Chama-se ... Macedo Júnior, e é filho do Rio Grande do Sul.²

– O Joaquim Brito acha-se agora aqui na cidade e julgo que não continua os estudos em Coimbra; está doente.³ Os outros colegas estão todos bons e o mesmo desejo que sempre te aconteça e a mim também.

Como hoje é dia santo e não tens nada que fazer, dou-te a maçada de decifrares esta letrinha de escrivão; se não guaguejares⁴ muito ganhas um rosário de balas – do contrário pagarás o que quiseres –

Parece-me que hei de ganhar a aposta –

Adeus! aceite um abraço de

Teu amigo do coração

Casimiro Abreu

1. ☞ Era uma quinta-feira o dia santo a que Casimiro se refere, dia da Ascensão do Senhor. Quanto aos planos do poeta, notar a contradição. Diz que vai deixar a poesia no mesmo dia em que está começando um poema em homenagem ao Macedinho, o amigo que acabara de conhecer.

2. ☞ A amizade com o gaúcho José Joaquim Cândido de Macedo Júnior, o Macedinho, vai frutificar. Serão quase dois anos de relação fraterna, até o trágico 5 de março de 1860, dia da morte desse menino prodígio. A impressão que ele causou a Casimiro foi de tal natureza, que este, no mesmo dia, começou a escrever um poema a seu respeito. Aliás, é de se notar a segurança que Casimiro exhibe quanto à publicação de seus trabalhos. Era escrever, e ver publicado. E de fato, o trabalho veio à luz oito dias após esta carta, na edição da sexta-feira 21 de maio, do *Diário de Anúncios*, avulso com tiragem de 12.000 exemplares que vinha encartado no *Diário do Rio de Janeiro*. O poema sai na primeira página, no canto à esquerda, dentro da seção “Correspondência”. Vem com o título de “Glória e futuro”, com dedicatória “Ao Jovem Poeta Macedo Júnior”, e assinado “Casimiro Abreu”. Sai com alguns pecadilhos tipográficos, que Casimiro aponta ao enviar o jornal ao Couto, em Porto das Caixas, como se verá mais à frente. Quanto ao título, Casimiro o mudará em *Primaveras*. Passará a ser “A J. J. C. Macedo-Júnior.”, e virá enriquecido com uma epígrafe de Victor Hugo. Além disso, o poeta lhe fará uma maquilagem geral, sobretudo nas pontuações e sinais gráficos.

3. ☞ Joaquim Pinto Rodrigues de Brito, que os amigos apelidaram “D. Quixote”, era um dos 14 filhos de Francisco José Rodrigues Fernandes, português de Vila da Barca, e de sua mulher Ana Pinto da Silveira Brito, natural de Campos dos Goytacazes. Ricos senhores de engenho e proprietários das terras que formam grande parte do atual município fluminense de São Francisco do Itabapoana, o casal teve condições de enviar à Universidade de Coimbra pelo menos dois de seus filhos, Joaquim e

Francisco, ambos colegas de Casimiro em Nova Friburgo. Joaquim, que nasceu em 9 de julho de 1836, tinha 18 anos ao matricular-se em 1854 na famosa universidade. Não concluiu o curso. Doente, voltou ao Brasil, indo fixar-se no norte fluminense, onde se casou com a sobrinha do Barão de São Fidélis, Mariana Pinto de Mattos, que haveria de lhe dar 11 filhos. Faleceu na cidade de Campos (RJ) em 29 de janeiro de 1918.

4.  A história das balas faz pensar que o Couto fosse sujeito à gagueira. Quanto aos doces citados, balas enroladas em papel celofane e enfileiradas em forma de rosário, cheguei a conhecê-los na infância.



1858.mai.15 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul turquesa, 22 x 14 cm, ramos de morangueiro em transparência, quatro páginas, texto na primeira e em metade da segunda. Perfeito estado de conservação. No canto superior esquerdo, em relevo, o nome “C. de Abreu” sublinhado por uma vinheta. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Maio 15 –

Dearest –

– Recebi e respondo.

Sou pontual como um inglês ou antes como um relógio.

Não te assustes com a poesia ao Macedo Jr., só deverá ser publicada em 22 ou 23 do corrente e talvez no Diário do Rio¹ – Quanto a transcrevê-la, o favor e a honra é o autor que a recebe; – será como quiseres, mas ela é um pouco comprida –

Como vejo que odeias as borboletas, e como talvez te recordes ainda do jardim de Mr. Freese, mando-te agora morangos.²

Fico ansioso esperando a tua vinda e o abraço que me deves, e desde já te digo que hei de cobrar com bastante usura – Até lá, adeus!

C.A.

P.S. –

Se não fosse por preguiça mandava-te agora
 uma poesia pequena, que escrevi há dias num
 álbum³ – Ficaré pois para outra ocasião –

C.

1. ☞ O poema ao Macedo Jr. saiu, não em 22 ou 23 como supunha Casimiro, mas no dia 21, no *Diário do Rio de Janeiro*, como foi mostrado em comentário à carta anterior. Quanto a uma eventual republicação por parte de *O Popular*, de Porto das Caixas, não sei se ocorreu. Não pude localizá-la.
2. ☞ Casimiro se refere aos desenhos que aparecem em transparência no papel usado em suas cartas. Do que diz, fica a impressão de que João Henrique Freese cultivava morangos em seu jardim de Nova Friburgo.
3. ☞ Talvez que a pequena poesia a que Casimiro se refere fosse “No túmulo dum menino”, que contém só seis versos e foi composta nesse mês de maio de 1858. Tenho comigo que esse poema está ligado à morte de um irmão do Macedinho, e que poderia ter sido escrito em algum álbum da família daquele seu amigo.



1858.mai.17 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel gelo, 22 x 14 cm, desenho em transparência, lembrando palha trançada, bom estado de conservação. Quatro páginas, sendo que apenas as duas primeiras trazem texto. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Maio 17 – 1858 –

Dearest –

Respondi imediatamente à tua carta, mas esqueci-me de pô-la no correio, por isso vão agora 2 juntas (sem ser de bois).¹

Recebi o — pranto de virgem — mas ainda não li a outra: — se eu fosse amado!²

Tu dissestes que guardavas o pranto para o fim, por isso dás a entender que a outra já foi publicada.

Eu julgo que aqui no armazém dão cabo das cartas e papéis que vêm para mim porque às vezes entregam-me já tarde — trabalhando eu no I.º andar; por isso sinto incomodar-te, mas será melhor escreveres para a rua da Prainha n.º 38 — com subscrito (*sic*) a Sílvio Pinto de Magalhães que é um dos meus íntimos amigos, distinto estudante do 4.º ano da Escola Militar e também poeta.³ Assim será mais seguro —

— Não sei o que é que me queres dizer dos Amores de Ovídio —

O que sei é que é uma bela coroa para Castilho, que fazem muito tesão e que não devem ser lidos por donzelas! Etc Etc —

F. Otaviano já escreveu um folhetim sobre eles⁴ —

Sei que estás agora um — diletante e que a tua cidade do Porto tem uma sociedade de música de amadores toda. Lá vi o nome de teu Pai: tu como curioso, que instrumento tocas?

Eu só sei marimbas e assim mesmo muito mal. Também toco meu bocado de realejo e algumas vezes rabeca no papel⁵ —

Adeus! mando-te um abraço

Teu amigo do
coração
C. A.

1.  Vê-se que o Couto recebeu duas cartas no mesmo dia; a anterior, de 15, e esta, de 17 de maio de 1858.

2.  Sim, o poema “Pranto de virgem” já havia saído em *O Popular* no dia 15 de maio, dois dias antes da data desta carta. Mas o outro poema, a que Casimiro se refere como “Se eu fosse amado”, esse só sairia (sem título) alguns dias depois, em 22 de

maio. O poema só iria receber um título definitivo em setembro de 1859, ao ser publicado no livro *Primaveras* como “Palavras no mar”.

3. ☞ Notar o clima de desconfiança em que Casimiro vivia e trabalhava, sentindo-se controlado até mesmo em sua correspondência particular. Quanto a Sílvio Pinto de Magalhães, amigo de infância em Rio das Ostras e Barra de São João, Casimiro deve tê-lo reencontrado no Largo de São Francisco, onde Sílvio cursava a Escola Militar, e ele, Casimiro, estudava matemática. Mas não é de todo impossível que já tivessem se reencontrado antes disso. O n.º 38 da Rua da Prainha (atual Rua Acre), aparece no *Almanack Laemmert* de 1858, como sendo o endereço de José Antônio de Carvalho, dedicado a comissões.

4. ☞ Foi por acaso que achei os “Amores de Ovídio”, de Castilho, em lugar inteiramente inusitado, no *Monitor Campista*, de Campos (RJ), em sua edição de 29 de maio de 1858. Saiu na primeira e segunda páginas com os seguintes títulos e subtítulos: “Os amores de Ovídio – Paráfrase do Sr. Antônio Feliciano de Castilho – Canção – Coração para todas.” O poema se compõe de 24 quadras em tom erótico. Quanto ao folhetim que Francisco Otaviano teria escrito sobre o poema, não consegui localizá-lo.

5. ☞ A cidade do Porto aqui citada é, evidentemente, Porto das Caixas. Ali, além de dedicar-se ao comércio, o pai do Couto, Francisco do Couto Sousa, exercia a função de subdelegado de polícia e, às vezes, a de juiz de paz. Era também diretor da Sociedade Musical Portuense, que ele próprio fundara e organizara, e que tendo já 21 alunos, começara a funcionar em 3 de março de 1858, no n.º 7 da Rua de Santo Antônio. Casimiro, sem dúvida, havia visto os estatutos da sociedade publicados em *O Popular* de 5 de maio. Quanto aos instrumentos que ele diz tocar precariamente, não é de estranhar que tivesse jeito para música. Que gostava de Verdi e Bellini, já se sabe. Que estudara piano, ele mesmo o diz ao falar do seu mestre, Mr. Strong. Acrescento que, pelo *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, marimba é instrumento “de percussão, que consiste numa série de lâminas de madeira ou de metal, graduadas em escala, percutidas com duas baquetas, e dispostas sobre cabaças ou tubos de metal, que funcionam como caixa de ressonância”. Quanto a tocar “rabeca no papel”, por estranhar a expressão, pedi opiniões a terceiros. Muitos a entendem como “tocar por música”, pela partitura ... pelo “papel”.



1858.mai.21 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas, texto apenas na metade da primeira, endereçamento na quarta: “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. Bom estado de conservação. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Rio 21 de maio 1858 –

Mio Caro –

– Incluso te remeto a poesia que fiz ao Macedo Jr.; veio com alguns erros tipográficos que vão emendados com pena.¹ A poesia de Macedo Jr., – Minha terra – talvez saia amanhã ou depois, com elogio da redação. Essa é que eu desejava que a transcrevesse (*sic*), para animar o pequeno² –

Segundo prometestes (*sic*), fico-te esperando qualquer dia para dar-te um abraço; – não faltes! Adeus, crê que sou como sempre

Teu amigo do coração
Casimiro JM d’Abreu

P.S.

Os erros são: – laurel e não lourel.

raiar e não rair –

e mudez e não nudez.

– C.A.

I.  Casimiro cumpre a promessa e, no mesmo dia da publicação, envia o jornal ao Couto. Talvez quisesse vê-lo republicado em *O Popular*, de Porto das Caixas. Notar que, não satisfeito de emendar “com pena” os “erros tipográficos”, ele ainda os destaca, mostrando o quanto se preocupava com a correção de seus textos.

2. ∞ Não localizei no *Diário do Rio de Janeiro* o “Minha terra”, do Macedinho, que teria sido publicado por aqueles dias. Na carta seguinte ao Couto, em 24 de maio, se vê que Casimiro é que intercede pela publicação do poema, acompanhado de elogios. Sempre generoso, preocupa-se em animar os outros, mesmo quando ele próprio se encontra abatido.

Geral: ∞ Diante do original, fica-se em dúvida se Casimiro escreveu “trascrevesses” ou “transcrevesses”. Deixei “trascrevesses” porque, além de não estar errado, me parece o mais próximo do que lá está.



1858.mai.24 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas, texto apenas na primeira. Terceira e quarta em branco, com furo e grande “dentada”, endereçamento na quarta: “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Rio 24 de maio¹ –

Mio caro –

– Recebi a tua carta e agradeço-te o incômodo de escreveres para o Sílvio. Eu não te disse que mandasses o Popular para ele, basta um só para ambos, e eu hei de pedir-lhe que mande algumas poesias. Aqui encontrarás uma minha, escrita há tempos num momento de desalento; não presta para nada, mas tem paciência.²

A do Macedo Jr ainda não veio no Diário, mas eu creio que o redator não falta à promessa que me fez de publicá-la escrevendo também um elogio³ –

– Escrevo-te hoje debaixo duma impressão bem dolorosa.

Não sei se te lembras do nosso colega do Freese, Messeder? Achava-se aqui e já no 2.º ano da Escola Militar; era um belo moço e gozava boa saúde

de, ainda no sábado pela manhã estive na aula e à noite morreu. O que é triste é que não foi por moléstia alguma terrível, mas sim de repente: congestão cerebral ou coisa que o valha, parece que devido a grande esforço de inteligência, porque dizem que estudava muito e até muito tarde. Hoje mesmo na aula depois de saber da notícia, tão impressionado fiquei que fiz uma poesia, mas não sei se será publicada. Se for dir-to-hei.

A vida não vale 2 caracóis meu caro, e é uma asneira um homem estar se matando a estudar para acontecer-lhe destas.⁴

Adeus! aceita um abraço de

Teu amigo do coração

Casimiro JM d'Abreu

1.  A carta não traz indicação do ano, mas não há dúvida de que é de 1858, ano em que Casimiro estudou na Escola Central e em que se deu a morte de Messeder.

2 e 3.  Vê-se confirmado o que falei a respeito da generosidade de Casimiro, que está sempre dividindo (um jornal para dois), incentivando os amigos a enviarem poemas para publicação, ou lutando pelo interesse dos mesmos, como faz aqui a favor do Macedinho. Quanto ao texto de sua autoria que encaminha para *O Popular* de Porto das Caixas, tenho a quase certeza de que se trata do poema “Sem amores”, que descobri nas páginas daquele jornal em sua edição de 29 de maio de 1858.

4.  Vê-se que Casimiro compõe o poema “À morte de Afonso de A. Coutinho Messeder” (um dos mais belos que fez e onde tão bem se sente a sua influência sobre Castro Alves), no dia 24 de maio de 1858, uma segunda-feira, durante a aula, provavelmente na parte da manhã, na mesma manhã do sepultamento de Afonso, que se deu às 8 horas, no Cemitério do Maruí, em Niterói. Na versão que Casimiro dá na carta ao Couto, Messeder morrera na noite do sábado 22. Mas creio que ele morreu na madrugada de domingo, 23, como, aliás, está gravado em seu túmulo. Como o jazigo foi comprado 5 anos mais tarde, em 1863, dificilmente os pais errariam quanto ao dia da morte. Sepultado na segunda-feira, é muito improvável que houvesse morrido na noite de sábado. Ele morava em São Domingos, na Rua da Praia, n.º 13. Seu nome de batismo era Alfonso, Alfonso d'Azeredo Coutinho Messeder, como se vê por seu termo de batismo, lavrado pelo célebre vigário Jacob Joÿe a 15 de dezembro de 1839. Nascido a 10 de junho daquele ano, era cinco meses e seis dias mais novo que Casimiro.

1858, jun.03 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel gelo, 22 x 14 cm, com desenho de palha trançada em transparência. Quatro páginas, texto nas duas primeiras e em parte da terceira. Na primeira, o nome do poeta em relevo; na terceira, um “P.S.”. Na terceira e quarta, “dentada” no canto inferior direito. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Junho 3.º – 1858

Querido –

– Recebi tua missiva e respondo – Podes publicar a minha poesia quando quiseres e espero breve poder remeter-te uma do Sílvio; se ele não fosse preguiçoso já podia ter ma mandado.

Agradeço sinceramente o teu convite para Santo Antônio mas é provável não poder utilizar-me; bem sabes como serei aporrinhado – Estou cada vez mais desgostoso da minha vida, não tenho já vontade para estudar, nem para nada, e parece-me meu caro que antes do fim do ano digo adeus à cidade e a todos os sonhos da mocidade e de futuro e vou meter-me na fazenda de meu Pai como um simples roceiro. Creio que não há melhor vida; sempre sossegada e tranqüila e longe de todas estas tolices; é quase um paraíso na terra. Para mim que não sou ambicioso de dinheiro e que não dou nenhum apreço a estas misérias do mundo, deve-me quadrar bem.

Comprarei bons livros e no remanso de um gabinete poderei de novo entregar-me ao estudo da literatura, único que me apraz; talvez mesmo que eu deixe de ser poeta e fique em breve um completo matuto e isso será melhor – Arranjo um casamento tal e qual, trato das galinhas e dos meus filhinhos e convido-te para compadre – Que te parece?

Isso são projetos, que às vezes dão em nada, mas Deus permita que meu Pai, bastante doente, me entregue a gerência da fazenda e não me queira por mais tempo sacrificar numa carreira que eu detesto e que me é impossível seguir.

Nesse dia, meu caro, mato-te com um abraço! E agora se o não posso dar-te mando-te ao menos no papel.

Adeus! I am as allways

Your faithful (*sic*)
and good friend
Casimiro Abreu

P.S.

– Aqui vai a poesia do Sílvio, publica-a depressa que eu farei com que ele mande-te mais algumas –

C.

Geral:  a) Aqui, de novo se constata a generosidade de Casimiro, ajudando entusiasticamente os outros a publicarem seus textos. Agora é a vez de Sílvio Pinto de Magalhães, poeta de pouco talento, mas bom amigo da infância em Rio das Ostras. b) Vê-se que, pelo menos até 3 de junho de 1858, e embora a contragosto, Casimiro segue estudando matemática. c) Surpreende a revelação de que, em junho de 1858, o pai de Casimiro se acha “bastante doente”. Ele ainda viverá quase dois anos, até abril de 1860. d) Quanto aos devaneios de Casimiro sobre a vida no campo, serviam para ajudá-lo a suportar o cotidiano prosaico que levava. Mas o tempo mostrará que a vida na roça tampouco o fará feliz. e) A frase “Arranjo um casamento tal e qual” faz pensar que ainda não está namorando Joaquina Luísa da Silva Peixoto.



1858, jun.07 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas. Texto na primeira. Na terceira e quarta, furo e grande “dentada”. Na quarta, o endereçamento, “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”, e um “P.S.” O papel foi dobrado e serviu de envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Rio 7 de junho (à noite)

Meu caro –

– Aproveito o portador, meu primo Manoel, e escrevo-te.

Na última carta dizia-te que ia uma poesia do Sílvio mas não foi, porque até à última hora ele não ma tinha mandado; ficou de dar-ma hoje e até esta hora ainda estou esperando – Quem espera, desespera. (É velho)

De certo deves conhecer o nome de F. X. de Novais, poeta português satírico e o mais engraçado que há hoje; pois chegou anteontem da Europa no paquete, e eu como amigo e colega já o saudei com uns versos. Não prestam para nada, mas sempre te peço que os leias; vem (*sic*) no mercantil (*sic*) de hoje. Há um engano de impressão na 1ª oitava. Onde está *tem* deve ser – tem – Previno-te desde já que leias o Mercantil do dia de S. João ou do dia imediato, há de sair alguma coisa –

Meu filho, já me doem os dedos de tanto escrever, pois foi hoje dia de paquete da Europa, do Norte, e do Sul e de mais a mais Correio de Campos! Estou morto! o que não me impede de confessar-me

Teu amigo do coração
Casimiro Abreu

Geral: ☞ Penso ver aqui confirmado que Casimiro e Faustino Xavier de Novais se conheceram no Porto. O tom empregado “como amigo e colega” faz pensar nisso. Faustino chegou ao Rio de Janeiro a bordo do vapor Tamar, na noite de 2 de junho

de 1858, acompanhado da esposa, Ermelinda Augusta de Novais. O poema de Casimiro, “A F. X. de Novais”, foi composto ou concluído três dias após a chegada do poeta português, ou seja, a 5 de junho de 1858. Dois dias depois, já podia ser lido na segunda página do *Correio Mercantil*. O poema não será incluído por Casimiro em seu livro *Primaveras*, publicado em 1859. Só cinco anos depois, em 1864, com título e pontuação levemente alterados, o texto saiu em livro, na edição lisboeta de *Primaveras*. Foi dali que os demais autores, de modo um tanto impreciso, o transcreveram. E a propósito de imprecisões, destaco novamente a preocupação de Casimiro com a correção daquilo que publicava.



1858.jul.07 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul, desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas, texto apenas na primeira e em metade da segunda, que estão perfeitas. Terceira e quarta em mau estado, com furo e “dentada”. Endereçamento na quarta: “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. O papel foi dobrado de modo a transformar-se em envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Rio 7 de julho 1858 –

Mon cher –

– Recebi com prazer tua carta e muito sinto que pudesses – um momento sequer – julgar que eu havia rompido sem motivo algum os laços duma amizade que eu prezo e desejo conservar.

O motivo, o único motivo porque (*sic*) não te tenho escrito é a preguiça! Chega a tal ponto que há 4 meses não escrevo a pessoa alguma de minha família senão a meu Pai, porque não há remédio, de maneira que já levei outro dia uma sarabanda do velho. Sou muito preguiçoso e muito descuidado, mas à menor sombra de queixume de tua parte corro apressado a desvanecer as suspeitas e a pedir-te desculpas.

Não pude aceitar o teu convite para o Santo Antônio, mas faço idéia como passaste esses dias de festas: basta teres namoro.¹ A poesia que eu havia prometido para o dia de S. João não saiu publicada porque eu não acabei de fazê-la segundo o meu costume. Hoje saiu uma do Sílvio no Mercantil –

Tenho estado todos estes dias com o Freitinhas hoje diretor do colégio do Freese a quem também já vi.²

No paquete inglês entrado ontem à noite parece-me que veio o nosso primeiro poeta Gonçalves Dias –

Talvez que eu lhe peça um – júízo crítico – para o meu volume de poesias, com a publicação do qual julgo poder principiar em fins de agosto ou setembro. Esta semana vou mandar tirar os prospectos e brevemente mandar-te-ei alguns para espalhares por aí. O volume há de ser pequeno pois que não entram nele todos os meus versos que eu reservo para outro volume, visto estarem muitas poesias ainda por acabar e retocar.³

Desde já te previno que não faças uma idéia vantajosa pois que são composições bem modestas e verdadeiros ensaios de criança que de certo passarão despercebidas.

Hei de provavelmente imprimi-los em Niterói na tipografia do Quirino onde o nosso Calasans imprimiu seu magnífico livro de que a imprensa falou tão pouco.⁴

Eu devera hoje encher uma folha de papel para desferrar-me do tempo que passei sem escrever-te, mas paro aqui e assino-me, como sempre

Teu amigo do coração
Casimiro Abreu

I. ☞ A frase “basta teres namoro” faz pensar que, até 7 de julho de 1858, Casimiro não iniciara ainda o namoro com Joaquina Luísa da Silva Peixoto.

2.  Cristóvão Vieira de Freitas devia sentir-se orgulhoso de Casimiro, seu ex-aluno no Instituto Colegial de Nova Friburgo. Via-o brilhando, publicando intensamente na imprensa da Corte, surgindo com força no panorama da literatura brasileira, após haver-se destacado em Portugal. E o fato de Casimiro tratá-lo por Freitinhas, parece confirmar o tom carinhoso que devia permear a relação entre os dois. O diminutivo é quase sempre sinal de ternura. Já no que diz respeito a João Henrique Freese, o relacionamento talvez fosse de respeitosa cordialidade, ainda que, também este, devesse sentir orgulho do seu antigo discípulo.

3.  Casimiro estava mal informado. Gonçalves Dias só chegaria ao Rio de Janeiro em 3 de setembro, a bordo do Tamar, tomado em Southampton a 8 ou 9 de agosto. Na viagem anterior, o mesmo vapor inglês trouxera o poeta Faustino Xavier de Novais, que em companhia da esposa chegara a 2 de junho. Não é de estranhar que tenha ocorrido a Casimiro pedir ao maranhense um juízo crítico para o livro que estava preparando. Afinal, e trata-se de tema jamais abordado pelos biógrafos de ambos os poetas, é muito possível que Casimiro tenha conhecido Gonçalves Dias em Lisboa, onde este achava-se em maio de 1856, em momento de alta temperatura literária para Casimiro, que vinha publicando a todo vapor na capital portuguesa. Só *A Ilustração Luso-Brasileira* havia reproduzido, nesse mês de maio, cinco de seus poemas. E não apenas maio; todo o primeiro semestre de 1856 foi *quente* para Casimiro, a começar pela apresentação de *Camões e o Jau* no Teatro de D. Fernando em 18 de janeiro. Nesse clima, não é de todo impossível que ele, normalmente tímido, procurasse ou habilidosamente forçasse uma aproximação com o consagrado Gonçalves Dias. As afinidades entre os dois eram grandes. E uma das coisas que me faz pensar nisso é o trecho desta carta onde diz, “Talvez eu lhe peça um – juízo crítico – para o meu volume de poesias”. A frase deixa transparecer uma certa intimidade.

4.  A admiração de Casimiro por Pedro de Calazans fica patente neste trecho da carta. O poeta sergipano era ainda estudante da Faculdade de Direito do Recife ao publicar *Últimas páginas*, o livro a que Casimiro se refere. A obra traz uma litogravura de A. Sisson, que retrata Calazans com expressão inteligente, bigode, cavanhaque, e óculos à Franz Schubert. Seu livro, que tem 257 páginas, traz dois poemas dedicados ao ator João Caetano e um a Victor Hugo. Quanto à impressão de Quirino & Irmão, tipografia que tinha por endereço o n.º 18 do Largo Municipal, em Niterói, é excelente, mas fica aquém da de Paula Brito. Daí poder-se afirmar que Casimiro saiu lucrando ao decidir-se pelo segundo editor.



1858,jul.08 – Do Rio de Janeiro para Lisboa, Casimiro escreve a Albina. Papel palha de bordas douradas, já amarelecido. Ramos de morango em transparência e timbre com o nome “Casimiro Abreu” em relevo. Quatro páginas de 20,5 x 13,5 cm, texto na primeira e em metade da segunda. Terceira e quarta, em branco. As três primeiras páginas receberam cada uma um pedaço de fita adesiva, e a quarta, dois. Original: Arquivo da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ)

– Rio – 8 de julho 1858 –

Querida Irmã –

– Peço-te sincera desculpa por ter deixado de escrever-te, mas crê que não é por indiferença; ao contrário aprecio em extremo as tuas cartas, bem como faço da tua afeição uma das mais queridas da minha vida – Já há mais de um ano que não nos vemos, e talvez outros muitos tenham de correr assim,¹ mas na ausência não se esfriam relações tão santas que o berço dá e o túmulo separa; – só desejava aqui, tão longe de ti, ter o teu retrato, para de certo abrandar as saudades –

Nossa Mãe está boa e manda-te muitos abraços, bem como mano Bonifácio e toda a família do Tio Manoel Joaquim² –

Tenho também visto o teu antigo mestre Guilherme³ e todos gozam boa saúde – D. Teodora já tem um menino e o velho José Vitorino⁴ está bastante abatido –

Adeus! dou-te um beijo e um abraço, e assino-me com todo amor e ternura

Teu irmão do coração

Casimiro

I. ☞ A última vez que Casimiro viu Albina, foi em Lisboa, em 1857, quando da volta dele ao Brasil. Não tornaria a ver nenhuma das duas irmãs, que iriam sobreviver a ele por muitas décadas.

2.  Notar que Casimiro não toca no nome do pai. Talvez por saber que este iria também escrever a Albina. E ao dizer “Tenho também visto”, dá a entender que via com certa freqüência a mãe em Niterói.
3.  Trata-se do “velho Guilherme”, personagem que surge às vezes nas cartas de Casimiro à irmã. Aqui se vê que era um antigo mestre de Albina. E o fato de Casimiro citar seu nome ao lado dos de José Vitorino e D.^a Teodora, faz pensar que houvesse entre tais personagens uma relação de proximidade. Tenho a quase certeza de que Albina (e talvez também Maria Joaquina por algum tempo) viveu em casa de José Vitorino dos Santos, lisboeta, e Henriqueta Joaquina de Sousa, baiana, e da filha desse casal, Teodora Justa dos Santos. Talvez que o velho Guilherme desse aulas particulares para Albina em casa de José Vitorino.
4.  José Vitorino dos Santos devia andar de fato abatido. Depois de 32 anos de feliz casamento, perdera a esposa Henriqueta, sepultada havia pouco mais de um ano, em 4 de maio de 1857, aos 48 anos de idade. Felizmente, ela deixara a filha Teodora Justa, para cuidar do velho José Vitorino, que não iria também muito longe. Ele faleceu em fevereiro de 1860, sendo sepultado no dia 26. Tinha então 70 anos de idade e morava na Travessa das Partilhas, n.º 7, nos Cajueiros.



1858.jul.13 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel gelo, 22 x 14 cm, com desenho de borboletas e ramos floridos em transparência. Quatro páginas, com texto apenas nas duas primeiras. Documento em bom estado de conservação. No canto superior esquerdo, timbre com o nome do poeta em relevo. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Rio – julho 13 – 1858

Mon cher –

– Ontem nas notícias diversas do Mercantil vem pomposamente anunciado que se acha aberta a assinatura para as minhas poesias¹ –

Rogo-te que também faça (*sic*) anunciar, muito simplesmente, que aí se recebem assinaturas no escritório do Popular, e dentro em poucos dias eu hei de mandar-te algumas listas. A propósito, – quero saber

qual é a tua opinião a respeito do meu retrato no volume: devo ou não encaixá-lo? Eu entendo que não, e se as poesias do Teixeira de Melo (muito próximas a publicar-se) não o trouxeram, eu não serei tão tolo que o vá pôr nas minhas – Recomendo-te a leitura do livro do T. de Melo que terá por título – Sonhos e Sombras – e digo que será a melhor coisa que há de aparecer; nunca vi poesias mais mimosas² –

Adeus, I ...dou you um abraço and I me assino as allways (*sic*)

Your amigo do coração
Casimiro Abreu

I. ∞ a) Realmente, na segunda-feira, dia 12 de julho de 1858, na primeira página do *Correio Mercantil*, dentro de Notícias Diversas, saíra a nota a que Casimiro se refere: “– Os cantos do poeta moço, cujo coração começa a despertar, são como os risos da natureza na estação da primavera: céu azul, campinas verdejantes, arvoredos com flor, flores com perfume, perfumes com certa magia; e o poeta, no meio de todas essas harmonias, sonhando, sorrindo, esperando e tendo fé!... Um poeta moço, de que temos dado a nossos leitores algumas poesias tocantes e delicadas, o Sr. Casimiro (*sic*) de Abreu, está preparando um ramalhete de suas produções mais mimosas, que se hão de publicar sob o título de Primaveras. Recebem-se assinaturas na casa do editor, o Sr. Paula Brito.” b) Suponho que a nota fosse do próprio Francisco Otaviano. O modo como se refere a Casimiro, chamando-o “poeta moço”, corrobora essa idéia. Otaviano era bem mais velho que o nosso poeta, pois nascera em junho de 1825. Aliás, numa de suas obras, ele dirá que foi dos primeiros a crer no talento de Casimiro. c) Volto a pisar neste ponto, que a nota em questão deixa claro, o de que o título do livro de Casimiro é *Primaveras*, e não *As primaveras*. d) Registro que, logo abaixo da nota sobre Casimiro, vem esta outra, que tem alguma relação com a carta que aqui se analisa: “– Estão próximas a sair à luz duas publicações literárias: são as mimosas poesias do Sr. J. A. Teixeira de Melo e os estudos críticos e literários do Sr. Quintino de Sousa Bocayuva.”

2. ∞ Interessante a dúvida de Casimiro sobre se devia ou não pôr sua foto no livro. Mais interessante, pedir a opinião do Couto a tal respeito. E mais interessante ainda: atrelar a decisão à dependência de Teixeira de Melo usar ou não a própria foto no livro que estava a publicar. De qualquer forma, tanto o *Sombras e sonhos* de Teixeira de Melo, quanto o *Primaveras* de Casimiro, saiu sem as fotos dos autores. O livro do grande campista foi impresso na Tipografia de Teixeira & Cia, no n.º 91 da Rua do Ouvidor.

1858.jul.15 – Do Rio de Janeiro para (?), Casimiro escreve a *Lulu* [Luís Pereira de Sousa (?)]. Há, na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional (I-02,01,008), uma fotocópia dessa carta, fornecida pelo escritor (Nélson) Lacerda Nogueira. Por ela, percebe-se que o original, agora extraviado, tinha o desenho de palhinha trançada, media 17 x 12 cm, e que, nele, haviam sido colados pedaços de fita adesiva, sendo um em forma de cruz. Posteriormente, no verso da fotocópia, alguém anotou a lápis, “Carta de Casimiro de Abreu a Luís Pereira de Sousa – Lulu”, fazendo crer que tivesse copiado tais palavras diretamente do original.

– Rio – julho – 15 – 1858¹

Lulu –

– Recebi as tuas letras e bem podes calcular com que prazer.

Enquanto andas lá pelos confins do mundo, tratado como um capado ou um príncipe das mil e uma noites, continuo eu a vegetar da mesma maneira que me deixaste. Esta noite (digo-te em segredo), sonhei com a febre amarela, e se acreditasse em sonhos levava todo o dia de hoje a rezar –

Peço-te que vás tomando notas e apontamentos para depois nos descreveres a tua Odisséia – Palavra de honra, isto sem te ofender, que desejava ver-te empoleirado sobre as costas de algum bucéfalo –

são todas velhas.

Eu vou publicar minhas poesias e se te demorares até outubro, quando voltares terei o prazer de oferecer-te um exemplar –

Adeus! desejo-te ótima saúde – mais comfortable tratamento e uma excelente disposição –

Dou-te um abraço e assino-me como sempre

Teu amigo do coração
Casimiro.

Geral: ∞ a) A fotocópia deixa dúvidas quanto ao ano da carta, se 1858 ou 1859. Suponho que 1858, condizendo com o que Casimiro anuncia ao Couto na carta anterior, de 7 de julho de 1858. Além disso, vejo que se fosse 1859, Casimiro provavelmente diria “estou publicando” e não “vou publicar”, pois o seu livro ficou pronto na primeira semana de setembro desse ano. E há outro pormenor. Em 15 de julho de 1859, o estado de espírito de Casimiro estaria mais para o introspectivo e depressivo, já que fora despedido havia menos de um mês. b) Quanto a quem seria o *Lulu*, sou forçado, por não conhecer o original da carta, a admitir que a anotação a lápis posta por alguém [Lacerda Nogueira (?)] no verso da fotocópia existente na Biblioteca Nacional, esteja correta e tenha sido feita a partir de dados confiáveis. Nesse caso, quem seria Luís Pereira de Sousa? Suponho que se trate de Luís (Bruno) Pereira de Sousa, um dos três irmãos (ele, Carlos Luís e Pedro Luís), filhos do coronel e comendador Luís Pereira de Sousa, todos três contemporâneos de Casimiro no Instituto Colegial de Nova Friburgo, e todos três ligados ao município fluminense de Capivari, onde seu pai tinha a Fazenda do Caju. c) Há um grande espaço em branco entre as palavras “bucéfalo” e “são todas velhas”. Ou na carta havia uma outra folha que se perdeu, ou se trataria de uma frase de construção bastante complexa, onde Casimiro pretendesse dizer ao amigo alguma coisa parecida com “a tua Odisséia, aliás, as odisséias ... são todas velhas”. d) Casimiro põe a palavra *confortável* em outra língua, mas não a destaca, o que faz pensar que o destinatário pudesse estar fora do país. e) Bucéfalo: cavalo feroso; famoso cavalo de Alexandre, o Grande. f) Casimiro diz “continuo eu a vegetar da mesma maneira que me deixaste.” Em outras oportunidades, em suas cartas, voltará às comparações entre a vida colorida dos amigos e o marasmo e a frustração do seu dia a dia.



1858.jul.20 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas, texto apenas na primeira e em parte da segunda. Terceira e quarta com furos e “dentadas”. Na quarta, há um pedaço de carimbo dos correios e o endereçamento usual, “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Rio 20 de julho 1858 –

Querido amigo –

– Tendo as listas ficado prontas no sábado, só hoje tas posso mandar; vão duas, e julho que serão mais que suficientes, mas se quiseres mais manda dizer pois há-as com fatura – Tu me perguntaste quando devem voltar?! – Não precisa; basta que me digas em fins de setembro quantas assinaturas há aí, para somando essas com as de outros lugares calcular quantos exemplares devo tirar. Eu peço-te sincera desculpa da maçada que te dou, mas te previno que não consinto o teu nome em nenhum prospecto, pois quero ter o prazer de oferecer-te um exemplar –

Em dois dias já tenho arranjado cento e tantas na Escola Militar¹ etc, faltando ainda a de medicina, marinha, etc pois que eu desejo ser lido pela rapaziada –

Hoje escrevi para o Freitinhas – sócio do Freese – que me prometeu algumas assinaturas no Queimado e em Cantagalo, e tenho a firme convicção de que hei de cobrir as despesas da impressão que é o que eu desejo.²

No princípio de agosto entram no prelo, mas ainda preciso trabalhar alguma coisa para aperfeiçoá-las e nestes poucos dias vou fazer o possível para vencer a *nossa cara companheira* (a preguiça!) –

Ontem houve o diabo a quatro num armazém de café na Prainha, pois que os pretos (II ou I5) levantaram-se e fortificaram-se fechando as portas e resistindo das sacadas à Polícia atirando garrafas, tijolos etc – Foi o diabo. Brillhou um aspirante de marinha – moço corajoso que entrou primeiro e espetou I com o espadim –

Lê os jornais e pergunta aos passageiros da Corte – porque eu mesmo não sei bem como foi o negócio.³

Adeus! dou-te um abraço e sou como sempre

Teu amigo do coração
Casimiro Abreu

P.S. –

os prospectos vão em separado: – são 5 –

C.

1. ☞ O fato de Casimiro conseguir tantas assinaturas na Escola Militar, faz pensar que, nessa época, 20 de julho de 1858, ainda frequentasse o curso de matemática no Largo de São Francisco. E quando diz que pretende ser lido pela rapaziada, mostra que mantinha contatos em vários locais. Na medicina, provavelmente através de Teixeira de Melo; na Marinha, talvez já tivesse travado amizade com Luís Antônio Alvarenga da Silva Peixoto, o Luís d'Alva, poeta, irmão de Joaquina Luísa, que ele, Casimiro, viria a namorar. Quanto à Academia de Marinha, vejo no *Almanack Laemmert* de 1858, que ela ficava no Largo da Prainha, 9 E, sem dúvida em andar superior, uma vez que vejo em “Negociantes nacionais” o endereço de Domingos Antônio de Azevedo & Filhos como sendo “Largo da Prainha, 9 E, por baixo da Academia da Marinha”. O local corresponde ao atual prédio de *A Noite*, que já foi o mais alto do Rio de Janeiro, e abrigou a lendária Rádio Nacional.

2. ☞ a) O trecho referente ao Freitinhos mostra que Casimiro escreveu pelo menos duas cartas nesse dia. E mais importante; mostra que, em princípio, não contava com dinheiro do pai para editar *Primaveras*. Tentava fazê-lo por conta própria. E nada prova que, no final das contas, o livro tenha saído às expensas de José Joaquim. b) Vê-se, pelo *Almanack Laemmert* de 1859, que o Colégio Freese indicava os seguintes endereços

para contatos na Corte: Rua Nova de São Bento, 7; Rua dos Pescadores, 46; Rua do Ouvidor, 112 e Rua da Quitanda, 70. Assim, é possível que o endereço da Rua Nova de São Bento explique porque Casimiro costumava encontrar o seu antigo professor Cristóvão Vieira de Freitas no Rio de Janeiro.

3.  Quanto à desordem citada por Casimiro, vejo na primeira página do *Correio Mercantil* da terça-feira, 20 de julho de 1858, uma nota que vem em “Notícias diversas”. Trata de um motim ocorrido na casa do Sr. Antônio Ferreira Guimarães, na rua da Saúde n.º 45, entre o trapiche da Ordem e o beco das Canoas, defronte ao trapiche do Cleto: “Alguns escravos de uma casa comercial cafezista da rua Nova de S. Bento declararam a seu senhor que o não serviriam mais, e saíram em número de 10, dirigindo-se para S. Cristóvão. Aí foram capturados e remetidos para a casa de correção.” O escravo que liderou o motim chamava-se Cipião. Usaram-se como armas tijolos, fundos de garrafa e outros projéteis. Ao final, foram todos recolhidos à prisão, exceto o primeiro, que foi remetido à Santa Casa de Misericórdia.



1858.ago.início – De Porto das Caixas para o Rio de Janeiro, Francisco do Couto Sousa Júnior escreve a Casimiro. A carta se perdeu.



1858.ago.25 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. O texto da carta foi publicado parcialmente no *Diário Fluminense*, de Niterói, em 16 de novembro de 1913 pelo Dr. Sena Campos, juntamente com a íntegra de outra que lhe pertencia, datada de 4 de dezembro de 1858, carta esta em que Casimiro fala da morte por afogamento de um primo. Quanto àquela a cujo fragmento estou aqui me reportando, diz Sena Campos que “era traçada em papel cor de palha, com borboletas e ramos de flores” e que tinha no alto, em relevo, o nome “Casimiro Abreu”. Dezenove anos depois, ele volta a falar desse fragmento no artigo “Um autógrafo valioso de Casimiro de Abreu”, por ele publicado no n.º de abril-maio de 1932 da revista *Ideal*, também de Niterói, e onde republica na íntegra a primeira das cartas, a de 4 de dezembro. Queria ele, na ocasião, republicar também o fragmento, mas não o achou em seu arquivo. O sumiço do documento não era tão grave. Primeiro porque, ao que tudo indica, tratava-se de fragmento de uma cópia do original. Segundo porque, como se viu acima, ele próprio, Sena Campos, já o havia publicado em 1913. De qualquer modo, o fragmento foi dar às mãos, ou passou pelas mãos do escritor, médico e general (Antônio) Alves Cerqueira, que também o publicou no *Jornal do Commercio* de 6 de agosto de 1933, republicando-o sete anos depois no n.º 54, de junho de 1940, da *Revista do Clube Militar*, que por muito tempo foi dirigida por ele. O original da carta, como ficou claro, extraviou-se.

Rio, 25 de agosto de 1858.

Querido:

Deves, de certo, ter estranhado o não haver eu escrito, mas vou justificar-me completamente. No dia 31 de julho próximo caí de cama com bexigas e só levantei-me ontem, sem, contudo, estar de todo restabelecido. Vê lá se era possível que te escrevesse em tal estado. Nos primeiros dias deste mês e na força da minha moléstia, recebi uma carta tua, de que foi portador um teu amigo. Como eu tive uma febre hor-

rível, recordo-me vagamente de tudo isto; mas, se essa pessoa já te tornou a ver há de contar que me achou rodeado de garrafas e de quanta porcaria há. Felizmente, estou salvo, mas não pense que fiquei horrível de ver-se; não senhor.

As bexigas foram bastantes, mas benignas e eu creio que, em dezembro, não terei sinais alguns.¹

Tu mesmo, te poderás certificar nessa época, pois que, então, terei o prazer de te abraçar de passagem para a minha fazenda, onde estarei uns quinze ou vinte dias, segundo a promessa que meu Pai acaba de fazer-me. Ele veio visitar-me e ainda aqui se acha.² As bexigas atrapalharam-me em todos os sentidos: física e moralmente. Quanto ao corpo, sofri; e quanto ao espírito, não comecei ainda a publicação das “Primaveras”, que devia, infalivelmente, ter lugar nos primeiros dias deste mês, para achar-se pronta em outubro.³

Assim, só em novembro, ou nunca. Eu, como sabes, sou homem de projetos; não faço nada, mas odeio o diabo. Ainda as “Primaveras”⁴ estão em borrão na minha carteira e já te posso prometer outro volume em junho de 59, e talvez, outro em dezembro, se não vier a “amarela”.

Isto quer dizer que vou sacrificar o meu volume ...”

Geral:  Transcrevi da publicação de 1913 do *Diário Fluminense*. Todas as outras que se seguiram, inclusive a de Alves Cerqueira, são cópias daquela. Só acrescento um pormenor: possuo uma fotocópia da publicação de 1913, onde alguém, à mão, trocou o “o” por “i” na palavra “odeio” da expressão “não faço nada, mas odeio o diabo”. Na verdade, sempre estranhei esse verbo *odiar* colocado um tanto fora de contexto. Pode ser que Casimiro tenha usado o verbo “idear”, que é correto, e cuja primeira pessoa do singular do presente do indicativo é “idéio”. Assim, a frase correta no original seria: “Eu, como sabes, sou homem de projetos; não faço nada, mas idéio o diabo.” Faz muito mais sentido que o “odeio”. Deixei porém, por prudência, como está nas publicações feitas por Sena Campos e Alves Cerqueira.

I.  Vê-se pelo *Jornal do Commercio* de 3 de setembro de 1858, que em agosto ocorrera uma epidemia de bexigas na cidade de São Paulo e na província paulista. Segundo os médicos, a epidemia fora benigna; mas matara algumas pessoas. Quanto à variola, cito

alguns trechos de artigo do *JBM Jornal Brasileiro de Medicina*, vol. 65, n.º 57, de novembro de 1993: “Apesar dos poucos dados estatísticos, a varíola foi uma das mais desastrosas epidemias da história da humanidade. Homens, mulheres e principalmente crianças sofreram brutalmente as conseqüências da varíola e invariavelmente conheceram a morte ou as marcas profundas dessa terrível enfermidade.” (...) “Na verdade, até hoje não se sabe exatamente quem descobriu primeiro que, numa epidemia de varíola, a doença não voltava a acometer a mesma pessoa e que esta enfermidade não cursava com a mesma gravidade em todos os casos, nem afetava todas as pessoas.” (...) “A história do século XVIII pode ser resumida em poucas palavras. Quem não sucumbia à varíola ficava imune à enfermidade, mas seu rosto e seu corpo acabavam marcados para sempre com terríveis cicatrizes; se as feridas tivessem atingido os olhos, era fácil a cegueira, sendo esta uma das seqüelas mais temidas.” (...) “No século XVIII, na Alemanha morriam todos os anos entre 20 e 30 mil pessoas vítimas de varíola, acarretando graves repercussões na economia nacional e na vida política.” (...) “O descobrimento da vacina antivariólica pelo médico britânico Edward Jenner (1749-1823) marcou um grito de vitória na luta contra esta praga. Jenner, que havia sido inoculado desde criança, foi médico rural em sua localidade natal – Berkeley, no condado de Gloucestershire. Em 4 de maio de 1796 inoculou um menino de oito anos, James Phipps, com o exsudato da ferida obtida da mão de Sarah Nelmes, uma camponesa que havia contraído a doença por contágio com o gado de sua fazenda. Seis semanas mais tarde, quando as pústulas da vacina haviam desaparecido do braço do pequeno James, Jenner inoculou o conteúdo recém extraído de uma pústula de varíola humana. O menino não se contagiou, o que demonstrou que a vacina o havia imunizado.” (...) “Hoje em dia a varíola está erradicada. Em 1977 os jornais de todo o mundo reproduziram a imagem de um cozinheiro somali chamado Ali Maow Maalin, que havia contraído varíola em 22 de outubro. No final de novembro ele recebeu alta. Este é o último caso que se conhece.”

2. ☞ a) Vê-se, pelo modo como Casimiro usa a palavra *promessa*, que eram para ele um verdadeiro prazer as idas à fazenda. Mas fica a impressão de que José Joaquim as dificultava. Suponho mesmo que, além dos quase dois meses que passou na Fazenda do Indaiaçu após a chegada de Portugal, Casimiro só voltaria àquele local mais duas vezes, quais sejam, nos primeiros dias de abril de 1860, quando ali vai em socorro ao pai doente, e seis meses depois, descendo de Nova Friburgo, há poucos dias da morte, em 18 de outubro. b) A viagem de José Joaquim ao Rio de Janeiro foi feita por terra, a cavalo, pois não há, no “movimento do porto” dos jornais desses dias, qualquer indicação de que tenha vindo ou voltado por mar.

3. ☞ Casimiro calculava em dois ou três meses o tempo a ser empregado na impressão de *Primaveras*. Paula Brito deve ter-lhe acenado com tal prazo. Notar que o poeta produzia tanto nessa fase, que podia pensar na edição de um livro por semestre.

4.  Aqui, mais talvez que em qualquer outro ponto da correspondência de Casimiro, fica claro que o título que ele pensou e pôs no seu livro foi “Primaveras” e não “As primaveras”. As aspas, usadas na palavra Primaveras e não usadas no artigo “as” que estava ao lado, falam por si mesmas: o título é “Primaveras”.



1858.set.02 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel gelo, 22 x 14 cm, desenho em transparência imitando palhinha trançada. Quatro páginas em ótimo estado. Texto nas três primeiras, a quarta em branco. No canto superior esquerdo, o nome “C. de Abreu” gravado acima de uma vinheta, ambos em relevo. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Rio – setembro – 2 –

Dearest –

– Tuas cartas dão-me sempre prazer, e acabo de receber uma por mão do teu amigo e meu vizinho Lopes¹, e com ela o obsequioso convite para a festa do dia 18 – Bem sabes que sou caixeiro, e como tal cativo, e que é-me bem difícil poder obter licença para um dia de folga, pois que os companheiros quereriam também; no entanto pedirei sempre permissão para 3 dias, o ponto está em ma darem. Um dos meus amos, o Sr. Cabral, é provável que vá levar a Senhora este mês para Petrópolis e convidou-me há tempos para ir lá passar uma semana,² – tu bem sabes o que eu devo fazer, e creio sinceramente que nunca te passará pela cabeça que se eu deixo de aceitar teus convites é por não querer. Deus é testemunha, (*sic*) de que estou morto por te sufocar num abraço –

– Julgo-me completamente bom mas sempre fiquei com bastantes sinais³ e com a cabecinha cortada (o cabelo) rente à moda de frade. Estou horrível!

– A propósito de bexigas – devia sair hoje, mas talvez fique para amanhã ou domingo, uma poesia que eu fiz na cama no princípio da moléstia, quando eu julgava que batia a bota.⁴

– Em troca da glosa que me pedes, mando-te esta para o Popular.⁵

– Comprei ontem, (*sic*) o Almanaque de Lembranças para 1859, e lá vem uma poesia minha (f. 204) e um tremendo elogio na correspondência – (f. 30 – Amor e Roma) –⁶

Agradeço-te da alma as assinaturas que tens obtido, mas creio que a publicação há de ser bem demorada em razão de diversas razões e tal etc. – no entanto este mês entra no prelo! Graças a Deus!

Estimarei que pintes o padre no dia 7 e que me participes as tuas impressões do eclipse. Mando-te um soneto para o dia da independência; não presta para nada, mas é o mesmo.⁷ No dia 14 (em que a Província festeja o 7) parece-me que vou recitar uma pequena poesia de noite no teatro. –⁸

Adieu! Supposez que je vous embrasse de tout mon coeur, and believe me allways (*sic*)

Vuestro amigo
Che te adora
Casimiro de Abreu

P.S. –

– Aumentei o meu nome com o de; fica mais aristocrático, o que no entanto não priva da pessoa ficar *plebéia*, como sempre.

C.

I. ∞ O personagem citado, Lopes, amigo do Couto e vizinho de Casimiro, seria talvez alguém da família de Francisco de Paula Lopes, negociante estabelecido à Rua de São Bento, 44, defronte a Câmara, Cabral & Costa, firma em que Casimiro trabalhava. Basta ver que, em carta de 1.º de abril de 1859 a Cristóvão Corrêa e Castro, Casimiro lhe pede que, ao escrever-lhe, remeta a correspondência para aquele endereço.

2.  Parece que Antônio Francisco da Costa Cabral alugava algum imóvel para suas temporadas em Petrópolis, onde, aliás, no famoso Colégio Kopke, estudou o seu filho mais velho, Horácio. Nesse ano de 1858, como se vê, convidou Casimiro para passar uns dias na serra, convite que, tudo indica, foi aceito. Pode-se portanto dizer que, pelo menos no que se refere a um de seus três patrões, Casimiro tinha lá seus privilégios em seu local de trabalho: Costa Cabral o tratava como filho.

3.  a) Diferentemente do que dissera ao Couto em 25 de agosto (“As bexigas foram bastantes, mas benignas e eu creio que, em dezembro, não terei sinais alguns.”) a moléstia parece ter feito estragos na pele de Casimiro, que diz agora ter ficado “com bastantes sinais”. Não esquecer porém que estava em fase de convalescença. b) Transcrevo do *Jornal do Brasil* de 11 de novembro de 1994, este trecho duma reportagem de David Brown, do Washington Post: “Quando não matava, a varíola deixava no corpo – sobretudo, no rosto – marcas profundas. Uma semana após o aparecimento dos primeiros sintomas – febre, dor de cabeça e calafrios – surgiam manchas avermelhadas que, um ou dois dias depois, transformavam-se em grandes bolhas.”

4.  Tudo indica que Casimiro se refere a “Versos escritos numa ocasião em que julgava morrer”, que começa por “Sinto a morte; ouço-lhe os passos”, e que, juntamente com outros 12 poemas inéditos, o Dr. Joaquim José de Carvalho Filho incluiu em *Obras completas de Casimiro de Abreu*, por ele prefaciada e publicada no Rio de Janeiro, em 1883, pela Tipografia da Escola de Serafim José Alves Editor.

5.  Casimiro se nega a escrever uma glosa a pedido do Couto, mas, procurando compensá-lo, lhe manda para *O Popular* uma poesia que creio fosse “Perfumes e amor”, publicada alguns dias depois, na quarta página da edição de 15 de junho daquele jornal. Já vinha assinado “C. de Abreu.”, pois Casimiro adotara um “de” no nome. Trazia a indicação “Junho – 1858” e, coisa comum naquele periódico, continha dois erros tipográficos: *mancha* em lugar de *manche*, e *murmure amar*, em lugar de *murmure amor*.

6.  De fato, na página 204 do *Almanaque de Lembranças* saíra o poema *O juramento*, e na página 30, esta nota altamente elogiosa, escrita talvez por Alexandre Magno de Castilho, irmão do poeta Antônio Feliciano de Castilho: “Amor e Roma – (Rio de Janeiro). – Apesar dos seus 19 anos é V. Sa. em minha opinião, um dos mais harmoniosos e aprazíveis poetas brasileiros. A sua versificação é corrente e natural; a metrificação magnífica; a rima nem uma só vez forçada. Fadou-o Deus poeta e brilhantíssima lhe esculpiu na frente a estrela do gênio. Avante, pois! E com ânimo, e com fervor, e com perseverança! E em breve saudará o Brasil em Casimiro Abreu uma de suas ilustrações. Era condenada a Vestal que deixava apagar o fogo sagrado; crime fora de lesa literatura deixar V. Sa. extinguir-se o fogo que Deus lhe acendeu no fundo da alma.”

A Minha terra, transcrito no Almanaque precedente a página 186, é uma linda composição, recheada de poesia e sentimento; O juramento, a página 204 do presente, se bem que em gênero mui diverso, é também lindíssima. Se eu ousasse pedir a V. Sa. se submetesse ao pagamento dum foro anual ao meu livrinho!... Pois vá feito! Ouso. E V. Sa. promete?”

O título “Amor e Roma”, que foi dado ao elogio, fica explicado à página 19, onde se vê esta nota da redação: “N.B. – A fim de podermos aqui responder com maior franqueza, doravante, às pessoas a que escrevamos relativamente ao Almanaque, e de modo que ninguém mais saiba que a elas nos dirigimos (o que em certos casos poderá convir), pedimos que nas cartas com que nos honrem, designem no ângulo esquerdo duas palavras quaisquer, palavras a que nos referiremos nas nossas respostas.” Percebe-se então que, ao enviar o poema para Lisboa, Casimiro indicara “Amor e Roma” como senha.

7.  Casimiro se refere ao soneto “Sete de setembro”, que de fato foi publicado em *O Popular* de Porto das Caixas, em 8 de setembro de 1858, e já assinado “C. de A.”, com o nome acrescido de um “de”.

8.  Quanto à declamação anunciada por Casimiro, nada pude apurar. Penso porém que, mesmo que ela não tenha ocorrido, a sua idéia foi de fato concebida. Há dois poemas de Casimiro, “Sete de setembro – A D. Pedro II” e “A uma platéia”, que podem fazer parte de tal plano, que seria este: o primeiro poema seria dito diante do Imperador e, em seguida, Casimiro (ou alguém por ele) declamaria o segundo. Os dois versos finais de “A uma platéia” (“Dai-lhe essas palmas de apreço = Que é artista e ... brasileiro!”) têm certa semelhança com os dois últimos do soneto “Sete de setembro”: “Se o povo é grande neste dia santo = Tem motivos de o ser – são Brasileiros!”



1858.set.27 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao pai, como ele próprio anuncia ao Couto em carta de 27 de outubro de 1858: “Faz hoje exatamente um mês que escrevi a meu Pai pedindo licença para a publicação do meu volume, e também dinheiro para isso –”. A carta se perdeu.



1858.out.04 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel gelo, com ramos de flores em transparência, 22 x 14 cm. Timbre com o nome do poeta no canto superior esquerdo. Quatro páginas com texto nas duas primeiras, que estão em bom estado, enquanto a terceira e quarta se acham em estado apenas razoável. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Rio – 4 de outubro 1858

Meu caro – Soube pelo Tomás que estavas bastante mal e desejo sinceramente que te restabeleças breve, pois é escusado dizer-te que sinto os teus incômodos como se me fossem pessoais.

Talvez julgues caçoada, mas olha que é verdade: Eu desejo uma doença grave, perigosa, longa mesmo, pois que já me cansa esta monotonia de boa saúde.

Mas queria a tísica com todas as suas peripécias, queria ir definhando lentamente, soltando sempre os últimos cantos de vida – depois expirar no meio de perfumes debaixo do céu azulado da Itália ou no meio dessa natureza sublime de vegetação que rodeia o Queimado.¹

Tu que estás morto por te ver (*sic*) fora da cama chamas a isto loucura, e na verdade eu não dava o cavaco por isso –

Vamos a novidades. Eu nada sei; mas é o mesmo; amanhã vou para Petrópolis e talvez lá me demore alguns dias.²

Se desejas alguma coisa dos Carcamanos: batatas ou pão de milho, escreve-me e serás servido.

Diabo! Estou ansioso pela chegada do Correio de Campos que deve trazer a resposta do meu Velho a respeito de *cum quibus* para as Primaveras,³ que afinal de contas ainda hão de ficar para as primaveras do ano que vem!

– Não é caçoadá, estou caindo com sono, e parece-me decididamente que não te escrevo agora nem mais uma linha, o que no entanto não obsta a que eu repita que sou

Teu amigo do Coração
Casimiro

-
1. ☞ O tom é jocoso, de gozação, e o “já me cansa esta monotonia de boa saúde” não passa de frase de efeito, já que durante todo o mês de agosto Casimiro estivera de cama, com bexigas. Assim, a “boa saúde” tinha apenas um mês, o de setembro. Um pouco para fazer graça, um pouco talvez pela alegria que costuma invadir quem está saindo dos riscos de alguma grave doença. Notar a referência ao Morro do Queimado, em Nova Friburgo, familiar a ambos; ao remetente e ao destinatário.
 2. ☞ Vê-se que o convite de Costa Cabral foi aceito e que Casimiro deve ter estado em Petrópolis no decorrer de outubro de 1858.
 3. ☞ A expressão usada (*cum quibus*, “com os quais”, ou seja, *dinheiro*), mostra que Casimiro volta a contar com recursos do pai para a impressão de *Primaveras*.



1858.out.08 – De Lisboa para o Rio de Janeiro, Albina escreve a Casimiro. A carta, citada na que ele envia àquela irmã em 8 de dezembro de 1858, extraviou-se.



1858.out.27 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel na cor goiaba, 22 x 14 cm, desenho de borboletas e ramos com flores em transparência. No canto superior esquerdo, o nome “C. de Abreu” em relevo. Quatro páginas em bom estado, e todas com texto. Depois de concluir a carta, Casimiro cortou ao meio outro jogo do mesmo papel, usando as duas novas páginas, que se encontram em razoável estado de conservação, para acrescentar dois *post scripti*. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Rio – 27 outubro 1858 –

Querido amigo –

– Li a tua carta e a merecida acusação do meu silêncio.

Que queres? Eu sou duma preguiça e dum desleixo incorrigível, mas sabes perfeitamente que isto nada influi nos meus sentimentos. – Sinto muito dizer-te que não fiz nem faço a tal glosa que me pediste e espero que não te hás de zangar comigo por tão pouca coisa.¹

– Não me fales mais em Primaveras. Maldita a hora em que eu comeci a fazer versos! Parece que por uma fatalidade todos os que têm essa mania hão de sofrer constantemente! Bem sabes o desgosto que me acompanha e que me tem mudado o gênio para uma tristeza que nada consola; bem sabes a luta constante em que tenho vivido, por que infelizmente não tenho um Pai, como os outros que auxiliam e protegem a vocação de seus filhos. Tenho sido sempre contrariado em tudo. Hoje tenho o meu futuro perdido e a minha mocidade gasta moralmente. Amarraram-me a uma escrivaniinha, querem que eu siga à força uma carreira para a qual não posso ter inclinação, e querem que eu viva satisfeito!²

Há pouco tive uma decepção que tirou as minhas últimas esperanças e fez-me quase descreer de tudo e de todos. Digo-te isto confidencialmente como de amigo a amigo e espero que o não digas a ninguém.

Faz hoje exatamente um mês que escrevi a meu Pai pedindo licença para a publicação do meu volume, e também dinheiro para isso – (que é o principal e único motivo porque ainda não tem saído). Ainda não recebi resposta e creio mesmo que não me há de responder. Outro dia fiquei tão zangado que mandei uma poesia levada de 600 diabos para o Mercantil, mas o Otaviano não a quis publicar.³

Tudo isto me entristece e me desgosta ainda mais, e depois eu tenho feito tanta asneira e gasto tanto dinheiro à toa que tenho medo de ir em dezembro à Fazenda ajustar contas com o meu Velho – Parece-me que se as coisas não mudarem eu mato-me ou fujo e vou ser marinheiro. Tu não podes fazer uma idéia da dor que sinto por ter perdido a minha carreira⁴ e da vida triste que eu levo, com desgostos de família com (*sic*) aporrinhações de todos os lados e sem alegria ou distração alguma.

Também dizes que estás triste e eu vou logo perguntar ao Tomás qual a razão. Faço idéia que há de ser volta de namoro. Ao menos és feliz porque tens namorada e tens a certeza que (*sic*) ela te ama. Eu nem isso! Vivo como um monge, e com o meu gênio esquisito não acho pequena que goste de mim, (talvez porque não procure). Gostam dos meus versos mas da pessoa nada sabem, e eu estou tão aborrecido que nem me importo com elas. Quando quero foder (*sic*) vou às Mulheres de Mármore, gasto os meus 5.000 e não tenho jeito para paixões românticas.⁵

Qualquer dia vou fazer um anúncio dizendo que o meu coração está devoluto e quem quiser que tome conta dele.

Feliz quem ama e é amado! Não se pode ser moço sem amar, e é por isso que eu sou moço em anos e velho caduco na alma.

– Agora vou perguntar ao Tomás⁶ qual o profundo desgosto que te faz andar triste. Se não somos irmãos pelo sangue, sejamos ao menos pelas dores como sempre temos sido pela amizade –

Teu do coração
Casimiro

P. S

– 27 outubro –

– Acabo de receber uma carta de meu Pai, em resposta ao meu pedido.

Ele escreveu à Casa dos meus amos, dizendo que se acharem que eu assim cumprirei melhor as minhas obrigações podem fornecer-me a quantia necessária –

– Não gosto disto; eu queria uma autorização franca, sem restrições, por que (*sic*) meu Pai deve interessar-se pela publicação do meu volume –

Não sei se aceito ou não; ainda hei de refletir sobre isso.

– 2.º P-S –

Outubro 28 –

Conheço os teus tormentos; a ausência é um martírio – a saudade um bichinho que rói o coração.

Tem paciência, meu caro; nem tudo pode correr conforme os nossos desejos. Aconselho-te que rezes, e com especialidade a *Santa Clara* –⁷

Se um abraço de amigo pode abrandar esses sofrimentos, aqui to dou.

Casimiro

1.  Vê-se que Casimiro se negava a escrever a pedido, por encomenda.

2.  Todo este longo parágrafo é um retrato perfeito do mal estar em que Casimiro vivia. Quando diz que fora sempre contrariado em tudo, não estava com queixas de mocinho mimado. Era a pura verdade. E há uma frase aqui que diz tudo: “Hoje tenho o meu futuro perdido e a minha mocidade gasta moralmente.”

3. ☞ A decepção a que Casimiro se refere parece estar ligada ao fato de a resposta que aguardava do pai não ter chegado naquele dia. Mas acabou chegando. Talvez por caminhos ou portadores com que Casimiro não contasse. De qualquer modo, a frase soa dúbia, sobretudo porque pede ao amigo guardar segredo sobre a confidência que lhe faz. Mas ... que confidência? A da não resposta de José Joaquim? Faz pouco sentido. Sobretudo diante de coisa muito mais grave que Casimiro fizera, isto é, ter mandado ao *Correio Mercantil* o poema *Dores*, onde, ainda que de modo indireto, desanca cruelmente a figura do pai. E não é verdade que Francisco Otaviano tivesse se negado a publicar o poema. Tratava-se de um texto longo e, como tal, deve ter tido de esperar por espaço para poder vir à luz. Acabou saindo 15 dias depois, a 11 de novembro, com o subtítulo “Fragmentos de um livro inédito”. E aqui, fica uma dúvida. Casimiro diz não ter gostado do modo como o pai lhe facilitara os recursos para a impressão do seu livro. Diz ao Couto: “Não sei se aceito ou não; ainda hei de refletir sobre isso.” Parece que não aceitou. Basta ver que teve tempo mais que suficiente para correr ao *Correio Mercantil* e sustar a publicação de *Dores*. Talvez que, no fundo, buscasse mesmo o rompimento público com o pai.

4. ☞ Aqui, neste pedaço de frase, “Tu não podes fazer uma idéia da dor que sinto por ter perdido a minha carreira”, está resumida a revolta de Casimiro. Foi esse o grande drama da sua vida; ter sido forçado a interromper os estudos com a ida para Portugal. Não se cansa, em cartas a Pedro Luís e a Cristóvão Corrêa e Castro, de queixar-se de ter ficado a meio do caminho. Seu sonho era a faculdade, os estudos.

5. ☞ Vê-se pelo trecho “Ao menos és feliz porque tens namorada” que o namoro de Casimiro e Joaquina não começara ainda em fins de outubro de 1858. Quanto à palavra de baixo calão usada aqui por Casimiro, foi também utilizada por Fernão Lopes, na *Crônica de D. Fernando* (Livro I, cap. LIII, pg.141, Civilização Editora, Porto, 1979). Lá está: “E diziam-lhe alguns que juras de foder não eram para creer.”

6. ☞ Tentei, e muito, identificar o Tomás que tantas vezes aparece em cartas de Casimiro ao Couto. Destaquei vários com tal nome, chegando a pensar que se tratasse do funcionário encarregado do Correio entre a Corte e Porto das Caixas. No seu eterno vai vem, ter-se-ia tornado íntimo dos que usavam seu serviço. O mais próximo de ser o “nosso” Tomás, seria então Tomás José Pinto Serqueira, que aparece nesta nota na primeira página de *O Popular*, de Porto das Caixas, em 24 de outubro de 1858: “Fatos diversos – Correio da corte – No *Mercantil* do dia 20 do corrente, lê-se o seguinte: “Sr. Redator – Fui informado no correio da corte, que do Porto das Caixas não têm sido devolvidos maços de jornais, o que indica que não têm sido remetidos para ali por engano: todavia como é possível que o agente os tenha lá retido, apesar de levarem outra direção, já mandei oficiar-lhe para que informe. Tomás José Pinto Serqueira, 19 de outubro de 1858.” Há, porém, um trecho de carta de Casimiro ao Couto, datada de

II de novembro de 1858 (Coleção João Condé), que parece desmentir a citada suposição, pois mostra o Tomás não como “funcionário dos correios”, mas como “remetente” de cartas: “– Estou à espera duma carta do Tomás para ti, para eu mandar-te junto com esta. O portador é o meu primo Antônio.” Acrescento que em outra carta, de 7 de abril de 1859, Casimiro diz ao Couto: “O Tomás safa-se sorrateiro como um gato e nunca sei quando ele vai senão depois de ter ido; contudo vou deixá-lo em casa do Tomás para pela primeira ocasião –”. Por aqui se vê que, embora viajasse a toda hora para Porto das Caixas, era no Rio de Janeiro que Tomás residia.

7.  São frequentes as referências a uma mulher de nome Clara nas cartas de Casimiro ao amigo de Porto das Caixas. Seria provavelmente uma namorada ou paixão platônica do Couto. Cheguei a pensar que se tratasse da professora de meninas do lugar, Clara Amatildes de Matos Rocha. Mas há duas outras Claras em Porto das Caixas que, não por acaso, aparecem em cerimônias de batismo ao lado do amigo de Casimiro. A primeira é Clara Jesuína de Magalhães, que atua como madrinha no batizado de Júlio, irmão do Couto. A segunda, Clara Maria de Jesus Couto, madrinha no batizado do inocente Francisco, ocorrido em 4 de fevereiro de 1863. De qualquer modo, não foi com nenhuma Clara, mas com Modesta Rosa da Conceição que Francisco do Couto Sousa Júnior parece vivido e tido os dois filhos, Américo e Eustáquio. Quanto a Clara, restou-lhe ao menos o mérito de haver inspirado a Casimiro o famoso poema “Clara”, que mais tarde, por extensão, deu a Lima Barreto o título do seu livro de estréia, *Clara dos Anjos*.



1858.nov.08 – Do Rio de Janeiro para Lisboa, Casimiro escreve à sua irmã caçula, Albina Teresa. O original extraviou-se, mas há dele uma reprodução fotográfica (de má qualidade) na página 24 da revista *Vamos ler!* de 31 de outubro de 1946.

Rio, 8 de novembro de 1858.

– Querida Irmã.

Sem o prazer de poder responder agora a carta alguma tua, desejo que continues a gozar boa saúde. Felizmente por cá acontece o mesmo.

Mamãe está na roça, mas passa bem, e toda vez que me escreve¹
 pede que te mande muitos abraços –
 Adeus; crê que vivo sempre com muitas saudades tuas.

Teu irmão do coração,
 Casimiro.

I. ☞ A expressão usada por Casimiro, “toda vez que me escreve”, deixa entrever que ele recebia cartas da mãe com frequência. E quando diz que ela se encontra “na roça”, deve ser entendido como na Freguesia de Nossa Senhora do Amparo de Correntezas, no município de Capivari, hoje Silva Jardim (RJ).

Decorrido um mês, utilizando-se do mesmo papel em que escrevera a carta acima, Casimiro escreve a carta abaixo, datando-a de 8 de dezembro de 1858.

1858.dez.08 – Do Rio de Janeiro para Lisboa, Casimiro escreve a Albina. O original extraviou-se, mas foi reproduzido fotograficamente na página 24 da revista *Vamos ler!* de 31 de outubro de 1946. A má qualidade da reprodução fotográfica foi compensada pela transcrição que a citada revista fez do texto.

– Em 8 de dezembro de 1858.

Não tendo seguido a carta acima que te escrevi o mês passado, vai agora. Acabo de receber a tua de 8 de outubro e muito folgo em saber que sempre continuas com saúde. Eu passo bem, meu pai igualmente e mamãe deve chegar por esses dias da roça. No fim deste mês vou para a fazenda passar a festa e estás certa que me heide (*sic*) lembrar de ti, como o fiz no dia 3 deste mês.¹

No dia 21 de novembro passado morreu na roça – afogado nosso primo Pinto; quis passar a cavalo num valão muito fundo, o animal submergiu-se e ele ficou preso pelas esporas no fundo do valão; nossos tios estão inconsoláveis e realmente todos lamentam uma morte tão prematura. Acabava de completar vinte anos.² Pelos jornais daí sei que houve um terremoto³ que sempre fez alguns estragos; estimarei saber que a ti só causasse susto e que não sofresses nenhum encômodo (*sic*) –

Adeus; aceita um beijo do
Teu mano amigo
Casimiro

1.  Aqui se capta a alegria de Casimiro ante a possibilidade de passar as festas de fim de ano no Indaiáçu. Mas tudo indica que acabará não indo, como se verá na carta que dirige ao pai em 6 de janeiro de 1859.

2.  Foi esta carta de Casimiro que tornou conhecidos os pormenores da morte de seu primo José Antônio Pinto Osório. No segundo capítulo do meu livro “Casimiro de Abreu e seu pai: uma tragédia luso-afro-brasileira” falo mais longamente sobre a família Pinto Osório, que representa o lado materno de Casimiro, e cujas raízes, tal como as paternas, iam dar em Portugal.

3.  De fato, no dia 11 de novembro de 1858, um tremor de terra assustou os moradores de Lisboa. Não teve as proporções do terrível terremoto de 1.º de novembro de 1755, que destruiu grande parte do centro da capital portuguesa, mas nem por isso deixou de causar alguns estragos.



1858.nov.II – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 13 x 20 cm, razoável estado de conservação. Quatro páginas com o texto (incluindo o P.S.) nas duas primeiras e em pequena parte da terceira. As duas folhas soltaram-se uma da outra. Em ambas, foi aplicada uma fita adesiva na horizontal, a meia altura da carta. Na primeira folha, há um pequeno rasgo. Todo o texto da carta é perfeitamente legível. O papel apresenta, em transparência, desenhos de morangos com folhagens e, no canto superior esquerdo, em relevo, o nome “Casimiro Abreu” sublinhado por uma vinheta. O envelope da carta se perdeu. Original: Coleção João Condé, Rio de Janeiro (RJ).

– II novembro – 58 – ¹

Caro amigo –

– De certo hás de pensar que sou doido; iludido por mim o Tomás anunciou-te a minha ida aí e agora talvez me estejas esperando! – Eu te explico o negócio.

Zangado cá com a minha vida estive há dias resolvido ou a matar-me ou a ir a fazenda, dizer decididamente a meu Pai que não queria mais escritório! Depois veio a reflexão e não fui; o melhor é levar esta cruz ao Calvário², e esperar até fins de dezembro que é quando meu Pai ficou de mandar-me buscar.

– Lê o “Mercantil” de hoje, lá verás um reflexo das idéias sinistras que me andam cá na cabeça.³ Nada me acalma esta mágoa, esta dor que me mata. Certamente, a tu (*sic*) e os (*sic*) outros que vivem perfeitamente felizes ou contentes não sabem que coragem não é preciso para me conservar ainda tanta ilusão necessária e não descreer de tudo e de todos.

Ora eu estou te massando (*sic*) sempre com as minhas lamúrias; não faças caso. –

– Estou à espera duma carta do Tomás para ti, para eu mandar-ta junto com esta. O portador é meu primo Antônio. Adeus, sou como sempre

Teu do coração
Casimiro.

– Rio 13 de novembro 1858 –

A carta acima, por esquecimento de meu primo ficou em cima da minha carteira, e eu abri-a para acrescentar mais este P.S. – Chegou há dias o Pedro Sousa⁴ de S. Paulo, fez seus exames e entrou agora no 4.º ano. – Recebi ontem uma carta do Castilho⁵ redator do Almanaque de Lembranças, –, o diabo do homem embirra em dizer que eu sou o primeiro poeta brasileiro, e traz no almanaque do ano futuro uma porção de poesias minhas.⁶

Eu sou como sabes

Teu do coração
Casimiro

1.  A carta não o diz explicitamente, mas foi sem dúvida escrita do Rio de Janeiro.
2.  A imagem aqui usada por Casimiro, a de levar a cruz ao calvário, reaparecerá mais tarde, em 1860, no seu poema “A um poeta”: “Nós que ao mesmo calvário a mesma cruz levamos”
3.  Casimiro se refere ao poema “Dores (Fragmentos de um livro inédito)”, que o *Correio Mercantil* havia publicado nesse dia, onde ele ataca indireta mas duramente o seu pai.
4.  Pedro Sousa é como Casimiro se refere a Pedro Luís Pereira de Sousa, “o poético Pedrinho de Friburgo, o amigo querido”, que por algum tempo foi seu colega no Instituto Colegial fundado e dirigido por João Henrique Freese. E ainda que ambos tenham continuado a estudar naquela vila serrana, Pedro Luís transferiu-se do Freese para um novo colégio que lá surgira, o São Vicente de Paulo.
5.  Casimiro se refere a Alexandre Magno de Castilho, irmão do poeta Antônio Feliciano de Castilho. Tudo indica que Casimiro o conheceu em Lisboa, onde foram vizi-

nhos bem próximos. Casimiro vivia ao lado da Igreja de São Julião, e Castilho não muito longe dali, na Rua do Arsenal, 52. Depois de sua volta ao Brasil, Casimiro se tornou um assíduo colaborador do seu *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Alexandre Magno de Castilho morreu em 23 de maio de 1860, quase cinco meses antes de Casimiro.

6. ☞ Diferentemente do que Casimiro anuncia ao Couto, foi só no *Almanaque de Lembranças* de 1860 que se publicaram três poemas de sua autoria, a saber, “A valsa”, “Três cantos”, e “Pranto de virgem”.

Geral: ☞ Casimiro, na verdade, usou a forma “doudo”, que mudei para “doido”, por ser mais atual. Pela mesma razão, adotei a forma “Tomás”, que Casimiro sempre grafava “Thomaz”.



1858.dez.04 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. O original, que se encontra extraviado, pertencia ao escritor e médico Bernardino de Almeida Sena Campos. E foi ele próprio o primeiro a publicar a carta em duas ocasiões, ambas em Niterói (RJ): a primeira no *Diário Fluminense* de 14 de novembro de 1913; a segunda, quase 19 anos depois, na edição de abril-maio de 1932 da revista *Ideal*. Aqui, tomo por base a segunda publicação, por ser visivelmente mais criteriosa que a primeira. Diz Sena Campos: “A carta está escrita em papel azul cinza com raminhos de morangueiro (folhas e frutos), em transparência. Ao alto o nome do poeta em relevo: *Casimiro Abreu*, sublinhado por uma vinheta. Copiamo-la fielmente”.

Rio – dezembro – 4

Meu Couto.

Desculpa-me se sou tão demorado em responder-te. É preguiça. Demais, ando triste; parece-me que tenho um pressentimento de que a minha morte não tarda. Isto não é comparar-me a A. de Azevedo,¹ mas minha alma está numa situação indefinível, passa agora por uma crise que eu não sei a que deva atribuir.

No dia 21 do mês passado morreu afogado na roça um primo meu, a quem amava como a um irmão, que fora o meu companheiro de berço e de escola² e que apenas era mais velho que eu 3 meses. Não é pena ter completado 20 anos e ir caladinho dormir no cemitério? Quem sabe se eu o seguirei de perto?!

– Em fins deste mês vou para a fazenda e não posso eximir-me dum receio vago que me acompanha. Suponho que a recepção que meu Pai há-de fazer-me não será demasiadamente afável, porque eu realmente tenho dado motivos para isso.

Crê-me: sinceramente eu dava 10 anos de minha vida para nunca ter tido esta maldita mania de fazer versos. O diabo da poesia estraga a bola humana e faz o desgraçado conceber um ódio horrível às coisas mais comezinhas, e no entanto indispensáveis à existência. O tédio vence-me; há uma indolência, constante que me mata, um torpor que me prende os membros, uma ancia (*sic*) que eu não sei explicar, e tudo isto faz-me desgraçado, pois meu Pai pensa diversamente de mim, e faz-me viver num círculo demasiadamente estreito ou numa atmosfera por demais pesada. Palavra d'honra! Se um dia te disserem que eu suicidei-me, recebe a notícia sem o menor abalo, e longe de tomar-me por um louco ou um romântico, considera esse ato como uma consequência muito natural e indispensável de meu estado atual.

Parece-me que errei a minha vocação desde o berço³ e debalde procuro agora uma carreira que me satisfaça. Nada me agrada. Em último caso, faço-me “carcamano” e vou por esses sertões com o meu realejo às costas divertindo a boa gente da roça; parece-me o melhor.

– Como vão as tuas saudades? Eu já não as tenho, e parece-me que vou namorar-me duma estampa deliciosa que encontrei há dias num livro. Há de ser a minha amante essa mulher de cabelos compridos e afianço-te que me há de ser fiel e me acompanhará sempre – salvo se os ratos a roerem.

Bah! Já não sei o que te hei de dizer e não estou agora disposto a pregar-te duas mentiras para encher o resto do papel.

Não tenho visto o Tomás, mas manda-te lembranças, — ao menos é de supor.

Creio que o Pedro Sousa e Luís Pereira⁴ seguem hoje também.

— O portador desta é meu primo Antônio e o signatário o

Teu do coração
Casimiro

(*A um canto, obliquamente*):

P.S. — Lê o Barão de ouro

— da última Semana do Macedinho (Dr.)⁵

É uma bela carapuça para quase todos. — C.

1. ☞ A referência a Álvares de Azevedo faz sentido, uma vez que na data da carta Casimiro estava a um mês de completar 20 anos, idade com que Azevedo morrerá.

2 e 3. ☞ Baseando-se nesta frase, “que fora o meu companheiro de berço e de escola”, e partindo da intuição (correta, aliás) de que José Antônio Pinto Osório, o primo de Casimiro que morrerá afogado, era natural de Correntezas, no município de Capivari (no que acertou por acaso), Nilo Bruzzi afirmou que Casimiro também o era. Deve-se notar no entanto que, quase sempre, quando Casimiro emprega a palavra *berço*, ele o faz no sentido de cama de recém-nascido. Só em dois casos, em toda a sua obra, ele a usa no sentido de torrão natal. Aqui mesmo tem-se um exemplo na frase “errei a minha vocação desde o berço”.

4. ☞ Casimiro se refere a Pedro Luís Pereira de Sousa e, provavelmente, a Luís (Bruno) Pereira de Sousa, o *Lulu*, que estavam seguindo para Capivari e deveriam passar por Porto das Caixas.

5. ☞ Casimiro indica ao Couto a leitura do “Barão de ouro”, dizendo tratar-se de “uma bela carapuça para quase todos”, vale dizer, para quase todos os “barões” portugueses. Transcrevo a íntegra do poema, publicado na primeira página do *Jornal do Commercio* de 29 de novembro de 1858, na crônica *A Semana*, sob o pseudônimo de Fagundes Nunes, usado por Joaquim Manuel de Macedo, que ali redigia o “Folhetim do Jornal do Commercio”. O pseudônimo, diz o autor, é fusão dos nomes de dois “cola-

boradores”, Pedro Nunes e P. Fagundes. Casimiro ressalva tratar-se do “Dr.”, para evitar confusão com outro *Macedinho*, o seu amigo e também poeta José Joaquim Cândido de Macedo Júnior. Eis o poema: “Lá vem por aquela rua / Um barão de fresca data, / Não de nobreza *barata*, / Pois cara comprou a sua. / Se não é neto da lua, / Nem de *sangue azul* provém, / As mais fortes razões tem / De alta glória e de ufanía; / Comprou sua fidalguia, / Não deve nada a ninguém. === Esta nobreza é penhor / De um jogo comercial; / Arranjou-a em Portugal / Um ativo corretor, / Foi compra, não foi favor, / E portanto é de razão / Que a nobreza do barão / Se repute fina e boa, / Pois que veio de Lisboa, / Fazenda de importação.=== Antes de fidalgo ser, / O homem trances passou, / Pais e famílias deixou, / Vindo novas terras ver. / De enjôo esteve a morrer / Num barquinho velho e feio; / Mas no fim de mês e meio / Saltou no largo do Paço, / E tenção de ser ricaço / Fez logo, segundo creio. === Num botequim empregado / Mostrou que era peça guapa, / Pois vendia vil zurrapa / Por velho Porto afamado; / Mas nem com tal predicado / Evitou tristes revezes, / Porque o amo trinta vezes / Reconheceu, sem lisonja, / Que o rapaz era uma esponja, / E o melhor dos seus freguezes.=== Do botequim despedido, / Um *belchior* o recebeu, / E então o espírito seu / Brilhou mais esclarecido. / Mostrou-se tão atrevido / Nesse negócio suspeito, / *Trastes velhos* com tal jeito / Tantos vendeu e comprou, / Que quando ao *belchior* deixou, / Estava um traste perfeito.=== De taverna foi caixeiro, / Por um *triz* não se ordenou; / De plano, porém, mudou, / E *subiu* a taverneiro. / Ajuntou muito dinheiro / Num ensebado balcão, / E já senhor de um milhão / Ganho em paíes, queijo, e vinho / De um jacá de toucinho / Um dia surgiu barão.=== De ser padre fez tenções, / Mas se à taverna se deu, / Inda ali mesmo exerceu / De padre grandes funções. / Não que pregasse sermões, / Pois só mentiras pregou / Nunca ordens sacras tomou; / Mas em noites de trapaça / Seu vinho, e sua cachaça / Muitas vezes batizou.=== Das letras deu-se ao cultivo / Embora nem saiba ler, / E nem hoje ouse escrever / O bastardinho ou cursivo; / Com ardor, porém, tão vivo / Os bons poetas amava, / Tanto a Camões adorava, / Que do seu poema às vezes / Dava folhas aos freguezes / Quando manteiga embrulhava.=== Aos lances de amor foi dado, / Pois com paixão peregrina / Amou uma preta Mina, / Que um dia viu no mercado. / Para não ser desprezado, / Dava-lhe às vezes dinheiro; / Sempre, porém, financeiro, / Por seis vinténs que lhe dava, / Doze em laranjas furtava / Da pretinha ao tabuleiro. === Mas olhem, não é brinquedo, / É um barão de serviços; / Já fundou sete cortiços, / E é carola que faz medo. / Em imandades bem cedo / Foi provedor de encomenda: / Sem tocar na sua renda, / Sempre festas arranjava, / E em *padre-nossos* pagava / As falcatruas da venda. === Já se vê que no passado / Teve manchinhas na vida; / Mas é tudo história antiga, / Escrita em papel borrado. / O ouro lava o pecado / Do bicho mais façanhudo; / O ouro é sublime escudo; / É a limpeza

encantada; / A água não lava nada, / O ouro é que lava tudo. === Em carro a dois animais / Eis o barão repimpado; / Caso é, porém, disputado, / Se ele que os dois vale mais. / Mas é pena em casos tais / Qu'inda o carro armas não tenha; / Pois venha a divisa, venha: / – Por cima um paio e uma tripa / – Bem no meio um quarto em pipa / – Por baixo um feixe de lenha. === Stá completa a fidalguia! / Ei-la! no carro vem ela: / Grita – às armas – sentinela, / Honra à sua senhoria! / Mas que digo?... Ave Maria! / Excelência é que lhe dão, / E vale mais, que um milhão / Tem de seu e grande renda: / Se outrora furtou na venda, / Agora é senhor – barão. === Mundo da Lua, 31 de Novembro de 1858 === Fagundes Nunes”

Geral: ☞ Além das duas publicações feitas pelo Dr. Sena Campos, há várias outras transcrições desta carta, como por exemplo a de Altino Pires, no n.º 20 da revista *Fon-Fon* (Rio de Janeiro, 20 de maio de 1922), as de Alves Cerqueira, em 6 de agosto de 1933 no *Jornal do Commercio*, e no n.º 54 da *Revista do Clube Militar*, de junho de 1940, ademais das de Nilo Bruzzi, Carlos Maul e Raimundo Magalhães Júnior.



1858.dez.(entre 21 e 31) – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel rosa, com borboletas e ramos floridos em transparência, 22 x 14 cm. Originalmente, tinha quatro páginas, o texto todo na primeira. Hoje, tem apenas a primeira e segunda, e uma “tira” da terceira e quarta, presa às duas primeiras. Das quatro páginas, foi arrancada a barra superior, onde estavam a data e o começo da carta. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

.....“a tua carta de 20 e estranho que notes não teres tido carta minha pois que te escrevi em 12 ou 15 uma carta bem íntima, que de certo desencaminhou-se¹ e que Deus queira não vá cair nas mãos de meu Pai!

O portador desta é um dos meus primos e um amigo meu, Armando², negociante, que vão para a fazenda –; eu por ora estou a ver navios e já perdi as esperanças de ir passar a festa na roça; meu Pai esqueceu-se ou não quer que eu vá apesar de me haver prometido.³ Que que-

res que eu faça? – Cada vez se retarda mais o momento de ver-te, mas há de ser um dia – Adeus, crê-me sempre o teu

Casimiro”

1.  Tudo indica que a carta enviada por Casimiro tenha-se extraviado. A última que se conhece é a de 4 de dezembro de 1858, que fala do afogamento do primo José Antônio, analisada algumas linhas acima.
2.  No original, o nome do personagem é de difícil leitura. Pode ser Armando, mas pode ser também Arnaudo ou Inaudo. Adotei a forma Armando por ser a mais próxima da que lá se vê.
3.  Aqui, o próprio Casimiro insinua que o pai não o queria na fazenda, ou dificultava as suas idas à roça.



1859.jan.06 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao pai. Original: Coleção do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio de Janeiro 6 de janeiro 1859.

Prezado Pai –

– Folguei em saber que gozava boa saúde e sinceramente desejo a sua continuação; eu igualmente vou bem.

Rogo-lhe queira recomendar-me a meus Tios e primos e lançar a bênção sobre

Seu filho amante
Casimiro JM de Abreu –

Geral:  a) O mérito desta carta-bilhete é mostrar que, ao que tudo indica, Casimiro não passou mesmo as festas de fim de ano na fazenda, como o pai lhe prometera (e como ele, o poeta, deixa claro na carta anterior, que enviara em dezembro ao Couto).

Se tivesse ido, teria ficado por lá pelo menos até o domingo, dia 2 de janeiro, e assim, não fariam sentido as palavras “Folguei em saber que gozava boa saúde...” É provável que, com a morte de José Antônio Pinto Osório em fins de novembro, não houvesse clima para festas na Fazenda do Indaiáçu. b) Os tios a que Casimiro se refere são Claudino Antônio Marques de Abreu e Manoel Joaquim Pinto Osório. c) No endereçamento, Casimiro emprega desta vez a forma “Inday’-assú”.



1859, jan. 12 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas, com furo e grande “dentada” na terceira e quarta. Texto na primeira página e, pormenor importante, numa linha que pega a segunda e a terceira. Na quarta, o endereçamento, “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Pormenor importante

Abrindo-se o papel da carta, se vê, no topo das páginas 2 e 3, a seguinte frase, escrita por Casimiro, que mostra o erro a que ele se refere, isto é, o ter lavrado indevidamente duas vezes a palavra “Sn” em “Deve o Ill^{mo} Sn^l Sn^l Com^{dor} João José da Silva Porto em c/corrente, com Camara, Cabral & Costa, ao juízo”.

– Rio – 12 janeiro 1859.

My dear –

– Para mostrar-te como ando atrapalhado com a tiragem de contas correntes, escrevo-te esta nas costas de uma que eu errei ontem.¹ Recebi a tua carta e como sempre estimei saber a tua saúde e ta desejo bem longa – As *primaveras*² meu caro já me aborrecem bastante, mas posso

dar-te a certeza de que em março estão prontas, e quando estivermos em fevereiro eu principiarei a tratar deveras das assinaturas, que por ora são bem poucas. Quanto ao Popular, eu agradeço a remessa que me fazem dele mas faço tenção de não publicar mais nada, e cultivar a literatura só comigo – sozinho –

– Continuo a esperar meu Pai todos os dias e quero ver o que ele decidirá a meu respeito – Tenho quase a certeza de que passaste umas festas deliciosas ao lado ou em frente da *futura* e invejo-te³ (*aqui uma palavra de difícil leitura*), – a dita.

Se eu passar sem te escrever algumas vezes, peço-te que nunca estranhes, porque não é por indiferença, bem sabes etc e tal – Adeus: dou-te um abraço e sou como sempre.

Teu amigo do coração

Casimiro

1.  O comendador João José da Silva Porto, citado na “caixa” acima, era amigo íntimo do pai de Casimiro. Aliás, era admirador do próprio Casimiro, a quem faz enormes e rasgados elogios em carta que dirige ao pai deste em 4 de julho de 1858. Segundo informação que me foi dada pelo meu amigo Vilson Mateus dos Santos Gavinho, Silva Porto era dono da Fazenda do Rosário, no distrito das Neves, em Macaé, vizinha à Fazenda da Bertiooga, que pertencia ao seu genro, o Barão da Póvoa de Varzim, antes de pertencer à Família Gavinho. Acrescento que o comendador era proprietário também em Rio das Ostras.

2.  Aqui, mais uma vez, e de maneira clara e convincente, se vê que o título que Casimiro escolheu para o seu livro foi *Primaveras*, e não “As primaveras”. Basta observar que ele põe em itálico apenas a palavra *primaveras*, sem incluir o artigo “As”.

3.  Pela palavra “invejo-te”, se vê que, até àquela data, 12 de janeiro de 1859, não havia começado o namoro entre Casimiro e Joaquina Luísa da Silva Peixoto.



1859.fev.06 – Do Rio de Janeiro para Lisboa, Casimiro escreve a Albina. Papel gelo, quatro páginas de 20,5 x 13 cm, com ramos floridos em transparência. Bom estado. Texto na primeira e segunda páginas. Pequena “dentada” na terceira e quarta. No canto superior esquerdo da primeira, em relevo, o nome “Casimiro Abreu” e uma vinheta. Na quarta, dois borrões roxos, como se fossem pétalas de flor aderidas ao papel. Foi sem dúvida a própria Albina que trouxe de volta para o Brasil esta carta, que ela, carinhosamente, guardou consigo. Original: Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional (I-02,01,012), Rio de Janeiro (RJ).

– Rio 6 de fevereiro 1859.

Querida Irmã –

Como sempre desejo que gozes boa saúde e que estejas finalizando os teus estudos – Eu e todos estamos bons, Mamãe está na cidade¹ e manda-te muitos abraços; nosso Pai deve chegar amanhã ou depois da fazenda e aí então poderei ver a tua carta que vem sempre dentro da dele.

Em abril ou princípios de maio hei de mandar-te um volume das minhas poesias que estou agora imprimindo² e verás que nunca me esqueço de ti.

Prima Claudina, que acha-se aqui no Rio, manda-te muitas lembranças, bem como D. Ana.³ O velho Guilherme não o vejo há muitos meses; parece que mora fora da cidade como José Vitorino –

Adeus, lembra-te de teu mano do coração

Casimiro

Fevereiro 7 –

– Nosso Pai chegou hoje, veio com o Tio Manoel Joaquim que se acha um pouco doente –⁴

Teu mano
Casimiro

1.  Entendo que quando Casimiro diz “Mamãe está na cidade”, queira dizer que ela está em Niterói, ou que veio de Niterói para o Rio de Janeiro. Se tivesse vindo de Capivari (hoje Silva Jardim-RJ) para o Rio de Janeiro, o mais provável é que tivesse vindo na companhia dos dois (Manoel Joaquim e José Joaquim).

2.  A frase “que estou agora imprimindo” mostra o quanto a tipografia de Paula Brito demorou a concluir a impressão de *Primaveras*, só finalizada na primeira semana de setembro. Também se vê por aqui que, após a carta de 27 de outubro de 1858 em que o pai libera o dinheiro para o livro, Casimiro agiu rápido e mandou começar a impressão. De lá até à data desta carta, passou-se pouco mais de três meses.

3.  Foi na cidade do Porto que Casimiro deve ter conhecido a sua bela e elegante prima Claudina Júlia de Abreu (24.jul.1834-23.mai.1906), filha de Ana Emília de Abreu e Antônio José Marques de Abreu. Ela viria a casar-se com José Carneiro Sampaio e Silva (29.mar.1832-30.dez.1884), sendo que a primeira filha do casal, Sara, nasceu em 20 de setembro de 1859 no Rio de Janeiro, onde foi batizada a 20 de janeiro do ano seguinte. Sobre ela, Sara, observo que nasceu no mesmo mês da publicação do livro *Primaveras*, e acrescento que ela veio a tornar-se a avó materna de D.^a Maria José de Abreu Sampaio de Lima Carneiro Pacheco de Andrade, a quem vai dedicado este livro.

4.  Fazia dois meses e pouco que Manoel Joaquim Pinto Osório havia perdido o filho José Antônio, que morrera afogado em 21 de novembro de 1858. Jamais superaria a dor da tragédia. Nove anos depois, em 1868, já viúvo, chegou ao ponto de não sair mais de casa, tolhido por problemas de incontinência urinária.

Geral:  É importante notar o bom entendimento de Manoel Joaquim com José Joaquim, superando problemas que possam ter ocorrido entre este e a mãe de Casimiro, Luísa Joaquina. Como, até por ser o irmão mais velho, Manoel Joaquim parece ter tido sempre alguma ascendência sobre Luísa, pode-se supor que, se ele tivesse queixas de José Joaquim, tê-lo-ia afastado do seu convívio, o que não ocorreu. Se manteve a amizade até à morte do pai de Casimiro, pode-se especular que, eventuais erros ou excessos ocorridos na relação entre José Joaquim e Luísa, devam ser debitados sobretudo à mãe do poeta.

1859.fev.12 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas em boas condições, texto na primeira e em parte da segunda. Há uma “dentada” na terceira e quarta páginas, e na quarta, além de um pedaço de selo, o endereçamento: “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Querido Couto –

– Rio 12 de fevereiro 1859 –

– Eu principio batendo nos peitos e confessando humildemente a minha culpa: *mea culpa! mea culpa! mea maxima culpa!* Deves estar zangado por eu não te haver respondido à tua carta e tens razão; mas quem diabo te mandou pedir-me um soneto? Palavra de honra que estou com vontade de saber como te arranjaste com a *bilba* a quem o prometeste. Isto quer dizer que eu não te fiz o soneto e não te admires; há 6 meses que não escrevo nada e até desconfio que vou ficando estúpido! Tu sim, que te adormeces nos sonhos de ventura de um amor correspondido, tu é que podias e devias ser poeta como Petrarca; a poesia é o amor.¹

Como sei que tens queda para as causas evangélicas e que te deleitas na prática das virtudes que o Cristo recomenda espero a primeira vez que me escrevas receber o teu *perdão* e a certeza do esquecimento da tua parte desta minha maroteira. O diabo é se tu já me rogaste alguma praga!

Meu velho chegou e por ora não há novidade importante com a ilustre pessoa do teu amigo. Pedro Sousa manda-te lembranças.²

Pedem-me que eu te peça (que peça!) para tu pedires a alguém notícias dum Sr. Antônio da Silva Favila que consta morar por aí. Se não causar demasiado incômodo, é favor tu dás-me (*sic*) notícias deste.

– A respeito do – Popular –, lembrou-me há dias escrever para essa folha uma Correspondência daqui; mas como eu não ando ao fato dos

acontecimentos não sei como havia de ser. É uma idéia que abortou – ficará para outra vez.

Adeus! apesar de estares mal comigo não posso deixar de mandar-te um abraço e de pedir-te que desculpes

Teu preguiçoso e sincero amigo
Casimiro

1.  a) Casimiro se sai com uma desculpa diplomática para não compor o soneto que o Couto lhe havia pedido. Na verdade, nos seis meses que ele invoca, havia composto vários poemas, como por exemplo “Amor e medo”, “Risos”, e “No jardim”. b) A passagem em que Petrarca é citado deixa entrever que, até 12 de fevereiro de 1859, não começara ainda o namoro de Casimiro com Joaquina Luísa da Silva Peixoto.

2.  Pedro Luís não tardaria a retornar a São Paulo para concluir o curso na Faculdade de Direito naquela cidade. Pelo “movimento do porto” do *Correio Mercantil* de 10 de março de 1859, se vê que ele e Sizenando Nabuco (irmão de Joaquim Nabuco) seguiram para Santos na véspera, a bordo do vapor Josefina. Outra coisa; aqui se vê que, também com o Couto, Pedro Luís tinha relações de amizade.



1859.fev.19 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas. Texto perfeitamente legível, nas duas primeiras. Terceira e quarta com furo. Nesta, o endereçamento, “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. Papel dobrado, de modo a servir de “envelope”. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Rio – 19 de fevereiro 1859.

Querido Couto (onde *alguém* se *acouta*)¹

– Felizmente respiro, pois que com o teu perdão me aliviaste dum peso de 10 arrobas! Ainda bem que não te zangaste por eu não satisfa-

zer a um teu pedido simples, inocente, fácil talvez, e que eu devera imediatamente cumprir sem a mínima observação.

Esta cabeça! esta cabecinha!

A tua carta fez-me rir de boa vontade, não só pela falta de notícias do tal Sr. das Favas como pela *Branca-garça* – do Sílvio. Ninguém se livra destas, meu caro, e todos os poetas os (*sic*) têm. Vou te contar uma anedota a respeito –

O nosso mimoso poeta (já morto) Rodrigues,² numa poesia sua, que não me lembra, dizia, não sei o que que Agar no deserto etc.

O Porto-Alegre caiu-lhe à pena e çaçouu-lhe à grande por isso. Passados dias escreve o Porto-Alegre uma poesia que principiava:

Todo o ente etc

Ola! você – *está doente?* disse-lhe o Rodrigues. Chama-se a isto – hiatos³ – julgo eu, e Camões mesmo tem bastantes e o autor da *Confederação dos Tamoios* – centenas! – Aquele lindo soneto de Camões que principia: Alma minha gentil que te partiste etc peca por falar em: *Al maminha*. –

Mas que diabo estou eu fazendo? Papel de pedante? O que te digo é que eu não tinha reparado em tal coisa, porque mesmo não gostei da poesia, que é uma trapalhada que ninguém entende e uma mistura de pedaços de Calasans, de T. de Melo e meus mesmo.

É um defeito do Sílvio copiar muito, porque ele não tem poesia alguma que seja toda sua. Ainda ontem ele publicou no Mercantil uma intitulada – Helena⁴ – que é uma cópia da minha – Pepita! – Não sei se te lembras dela, mas há de ver que eu tenho razão. Ele imitou tudo: a forma do verso, o número deles, as idéias, e até mesmo o título que é também nome de mulher! – Ora isto é demais, e eu fiquei tão zangado ontem que brandi uma sarabanda que saiu hoje no Mercantil. Não me assinei, e atribuí a – Pepita – a T. de Melo para ele não desconfiar que sou eu quem escrevi o tal artigo.

Peço-te segredo –

– Adeus! aceita um abraço bem apertado do

Teu amigo do coração

Casimiro

P.S. –

O F. X. Novais *pediu-me⁵ que pedisse*
a quem tiver listas dele pela roça de as
mandarem (*sic*) para a corte, pois que os seus
volumes já chegaram e ele quer fazer
a distribuição. C.

outro P.S.! – Lembranças ao Tomás e ao
amigo Editor.

C.

1.  Casimiro, que gostava de trocadilhos, brinca aqui com o verbo acoutar, forma antiga de acoiatar, ou seja, ocultar, esconder, dar abrigo.

2.  Pesquisei muito, mas não consegui identificar o poeta Rodrigues a que Casimiro se refere. Suspeitei sobretudo de Gabriel José Rodrigues dos Santos que, por sinal, morreu em 1858.

3.  Casimiro confunde cacófato com hiato. Ver a segunda carta que, nesse mesmo dia, escreve ao Couto.

4.  O texto é perpassado por um clima de galhofa. O tal Sr. das Favas é uma referência a Antônio da Silva Favila, que Casimiro pedira ao Couto tentasse localizar em Itaboraí ou Porto das Caixas. A carta focaliza sobretudo a figura de Sílvio Pinto de Magalhães, amigo de Casimiro da infância em Rio das Ostras. Casimiro, talentoso e pródigo, dá a mão a Sílvio, e encaminha seus poemas para publicação em vários jornais. Mas Sílvio, de curto talento, plagia os bons poetas, como o próprio Casimiro, que acaba por zangar-se. Transcrevo a seguir o poema “Helena”, de Sílvio Pinto de Magalhães, citado por Casimiro. Ele saiu na segunda página do *Correio Mercantil* de 18 de fevereiro de 1859, e acabou rendendo, pelas páginas do mesmo jornal, uma curiosa e bem-humorada polêmica entre Sílvio e Casimiro, que a sustentou sob o pseudônimo de “Cham”.

“HELENA === Minh’alma, Helena, foi um dia o canto / Que ouvias no cismar,
/ Esse canto repleto de doçura / Que dava-te ao sentir meiga ternura / E vida ao teu
chorar. / Foi o leve perfume das grinaldas / Das virgens do Senhor; / Minh’alma foi

o riso da donzela, / O raio mais formoso de uma estrela / Que estremece de amor.
 === E os meus sonhos, Helena, tão suaves, / Foram sonhos gentis; / Lindas paisagens
 de formosas cores, / Vaporosas visões loucas de amores, / Imagens infantis. === Mas
 essa alma de então perdi de todo / E os meus sonhos também: / Assim se perde na
 sombria veiga / A tristonha canção da rola meiga / Que chora a dor que tem! === Ah!
 meu Deus, como a aurora desse tempo / Despertava gentil! / Como doce era a luz da
 madrugada, / E nos céus das manhãs, donzela amada, / Que poeira d'anil! === Os son-
 nhos que hoje tenho são sem vida, / Já lhes falta dulçor! / – Esmaltes desmaiados de
 uma outra era, / Lembranças de passada primavera, / De um passado de amor. ===
 Ai! minh'alma de agora é flor crestada, / Abatida a cismar! / Inculca planta de terreno
 ingrato, / Despida de verdes, noutro mato / Isolada a murchar! === Só tu, Helena,
 poderás dar viço / À ressecada flor; / À planta inculca conceder verdes, / E aos son-
 nhos desmaiados – vivas cores / E o perdido dulçor. === Vem – depois saberás quan-
 ta delícia / Existe no viver! / – Abre as azas gentis, solta os adejos, / Vem trazer-me a
 ventura nos teus beijos / De encantado poder. === E minh'alma será então a imagem
 / Do teu mago sorrir! / – Vem, angélica irmã das brancas flores, / Favorita gentil dos
 meus amores, / Florescer meu porvir. === Sílvio P. de Magalhães. / Rio, 1859”

Transcrevo agora a sarabanda citada por Casimiro, que veio a público na segunda página do *Correio Mercantil*: “**Aos Srs. poetas.** Ultimamente tem-se desenvolvido a mania dos moços poetas *plagiarem* e irem buscar *leur bien où ils le trouvent*. Ainda hoje (18) uma poesia que vem no *Correio Mercantil* intitulada *Helena* assinada pelo Sr. Sílvio P. de Magalhães – é uma imitação demasiadamente aproximada de uma outra que saiu há meses com o título de – *Pepita* – julgo que do Sr. T. de Mello. Se continuarmos assim, e dois sujeitos publicarem a mesma poesia, qual será o autor – *verdadeiro*? É preciso pois haver mais cuidado, aliás se aparará a pena do caricaturista. *Cham*”

A resposta de Sílvio veio no dia seguinte, 20 de fevereiro de 1859, na segunda página do *Correio Mercantil*: “**Ao Cham.** O número dos plagiadores está em muito menor proporção que o dos tolos que se metem a censores.” Casimiro contra-ataca, e na pg. 2 do *Correio Mercantil* do dia seguinte, dá uma alfinetada em Sílvio: “**Plágios e plagiários.** Por isso mesmo que não há *crítica* entre nós é que os *meninos* se zangam com a menor observação. Em questões literárias não se insulta: – discute-se. Os plágios provam-se. *Cham.*”

Sílvio revida no dia seguinte, 22 de fevereiro de 1859, no *Correio Mercantil*: “**Ao Cham.** Meu caro senhor, caluniar incivil e covardemente, lançar um estigma injusto sobre qualquer pessoa, é somente dado aos homens de nenhuma educação e de baixos sentimentos; portanto, a não querer ser de todo contemplado neste rol, queira mandar publicar a poesia que citou e juntamente a que publicamos no *Correio Mercantil* de 18 do corrente, apontando desde logo os plágios que tivermos cometido. Não julgue que o público é tão insensato que dê crédito a qualquer estrião que tente menosprezar a

dignidade alheia. S.S. não foi mal à primeira vista em simpatizar conosco, porquanto, percebendo-nos a qualidade de caricaturista, pensou com os seus botões que, dissimulando-nos uma afeição, podia alcançar ser caricaturado de modo que o seu original não revelasse o que tem de pedante; acredite, porém, caro senhor, que não obstante todas as mudanças que o nosso poder caricatureiro lhe puder fazer, nunca isto o livrará da perseguição do ridículo que lhe compete. *Sílvio Pinto de Magalhães.*”

No dia seguinte, 23 de fevereiro de 1859, pelas páginas do *Correio Mercantil*, Casimiro encerra a polêmica mantida anonimamente com o amigo Sílvio Pinto de Magalhães, e publica este texto: “**Plágios e plagiários.** Repetimos: em questões literárias não se insulta — discute-se. Ontem nós discutiríamos, hoje, depois da leitura do artigo com que nos responderam, é inteiramente impossível. É inútil, pois, renovar as ofensas amanhã ou depois, porque seremos mudos; pode traduzir o nosso silêncio como quiser, mas creia que a significação verdadeira é *asseio. Cham.*”

5.  Vê-se que Casimiro mantinha relações de amizade muito próximas com Faustino Xavier de Novais, amizade essa que, acredito, começou na cidade do Porto, em Portugal, no segundo semestre de 1856.



1859.fev.19 — Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel branco, amarelecido pela passagem do tempo, apresentando marcas de ferrugem. Razoável estado de conservação. Duas páginas de 21,5 x 25,5 cm, com o texto (perfeitamente legível) todo na primeira. No canto superior esquerdo, em relevo, a palavra “Bath”. No verso, além do endereçamento usual (“Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior — Porto das Caixas”), vê-se o carimbo do correio com os números “2” e “59” referentes ao mês de fevereiro e ao ano de 1859. A carta vem acompanhada de uma transcrição datilográfica do texto. Original pertencente ao Sr. Willys Rodrigues, Rio de Janeiro (RJ).

Couto —

— Na carta inclusa,¹ falando a respeito da — branca garça — disse, julgo eu, que se chamava a isso hiatos e não é; hiatos é o som desagradável formado pelas vogais que fazem abrir a boca e soar mal as palavras.

Aquilo de – cagar-se – é o que os franceses chamam – calembourg
– Se também não for isto, pergunta² ao amigo Dr. o que é, que eu não
estou para massadas.

Your good friend.

Casimiro

19 fevereiro –

P. S. –

Qualquer destes dias³ sai uma poesia minha já antiga que tem por
título: – oh!! –

Não presta para nada mas talvez te agrade, porque toda ela respira
idéias de casamento e como estás para cair no laço deve convir-te bas-
tante.

Adeus

C.

1. ☞ Pela expressão “Na carta inclusa”, se vê que Casimiro utilizou a segunda carta como envelope, dobrando-a de modo a conter a primeira. O carimbo do correio no verso da segunda só faz confirmá-lo.

2. ☞ Diante do original, fica-se em dúvida sobre se seria “pergunte”, “pergunte”, ou “pergunta”. Quem fez a transcrição datilográfica optou pela forma “pergunta”, que preferi respeitar.

3. ☞ De fato, no dia 2 de março de 1859, o *Correio Mercantil* publicou o poema “Oh! ...”, que no livro *Primaveras* receberia outro título, “Sempre sonhos! ...”. O trabalho era antigo, como o próprio Casimiro dissera na carta. A publicação, na primeira página do jornal, indica a data em que foi feito, “Outubro, 1858”, confirmada pelo manuscrito do poema, publicado por Arnaldo Nunes em *Autógrafos de Casimiro de Abreu* (Separata do volume n.º IX da *Revista da Academia Fluminense de Letras*, Niterói, 1956).

Geral: ☞ No original, acima de “19 fevereiro –”, há uma pequena palavra começada por “B”, de difícil leitura. Cheguei a supor se tratasse de “Bem”, de “NB” (Note Bem), variante para “P.S.” (*Post Scriptum*).

1859.mar.05 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel no tom gelo, mostrando, em transparência, desenhos de borboletas e ramos com cerejas. Timbre com o nome do poeta no canto superior esquerdo. Quatro páginas de 22 x 14 cm, tendo texto apenas nas três primeiras. Perfeito estado de conservação. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Março 5 – 1859 –

Meu Couto.

– Acabo de ler a tua carta de ontem e a eterna acusação que me fazes de preguiça.

Realmente é preciso que tu faças melhor conceito da minha pessoa aliás, tenho de ver o meu crédito perdido. O diabo não é tão feio como o pintam, e a prova é que meia hora depois da leitura da tua missiva trato logo de responder-te.

Quanto ao – oh!... – palavra de honra que nunca na minha vida vi poesia do Sílvio¹ ou de outro qualquer que se parecesse com aquela, pois que nunca tive o mau costume de roubar em literatura e o único que me podem imputar é de um outro beijo de vez em quando.

Mas isso mesmo não é crime, porque as *roubadas* nunca me levam aos tribunais –

Contudo desejava saber quem te disse isso, porque eu que estou na corte só agora o sube (*sic*) por ti.

O teu pedido de papel será satisfeito; reconheço o que são necessidades de namorado e desculpo seus passatempos de rapazes (*sic*). Quando chegares à minha idade hás de pensar como eu (estou falando como um padre ou algum tio velho!)²

A respeito de gosto, não afianço se a minha escolha te agradará; em papel para homem o mais bonito é a simplicidade e não estas trapalha-

das de borboletas, cerejas, morangos etc que um ratão me impingiu. Enfim eu hei de enviar-te uma embrulhada de gostos, simples e compactos, e se ainda assim não te agradar, fica-te a liberdade de me descompores à vontade.

– Se por lá há sol, regala-te, que aqui chove desabaladamente há 5 dias, e temos as festas carnavalescas transtornadas. Por causa da chuva apanhei um grande defluxo e trago o meu nariz num estado nada poético. Todavia eu creio que o péssimo estado do meu nariz não será motivo suficiente para que deixes de crer que sou como sempre

Teu do coração

C.

P.S. –

Em 272 minutos era impossível que eu respondesse, mas desde que me escreveste até que te respondesse mediou exatamente 24 horas, ou, não sei quantos minutos; faz tu a multiplicação.

C.

I. ☞ O poema “Oh!...” a que Casimiro se refere, e cujo título será substituído por “Sempre sonhos!...” ao ser incluído no livro *Primaveras*, fora publicado no *Correio Mercantil* de 2 de março, ou seja, três dias antes da data da carta. Casimiro dá provas de humildade, não demonstrando irritação pelo fato de o Couto havê-lo, indiretamente, aproximado do poeta Sílvio. Sim, porque Casimiro tinha consciência de seu próprio talento, enquanto Sílvio, como poeta, era fraco. Vale lembrar Ortega y Gasset, para quem, pior que ser ignorado, é ser confundido. Quanto ao Sílvio citado, já se sabe, é Sílvio Pinto de Magalhães, filho de José Tomás Pinto de Magalhães e da parda forra, Flora Rosa de Siqueira. O pai, homem rico, era vice-cônsul de Portugal em Barra de São João, proprietário de terras e comerciante em Rio das Ostras, onde Sílvio nasceu em 25 de janeiro de 1838. Foi batizado pelo padre e poeta Luiz Francisco de Freitas, o mesmo que batizou Casimiro; um padre poeta que batizou dois poetas. Sílvio era tenente do Exército, condição em que morreu de tuberculose pulmonar a 8 de outubro de 1863, três anos após Casimiro.

2.  Aqui, dois comentários. O primeiro é que, por encomenda, Casimiro comprava no Rio de Janeiro papel de carta de qualidade especial para o Couto. Mas o fato de haver aqui empregado a palavra “rapazes”, no plural, faz pensar que, desta vez, tivesse comprado também para outros. O segundo comentário, é que estranho a brincadeira de Casimiro sobre “Quando chegares à minha idade”, porque o Couto era mais velho que ele, no mínimo, três anos. Talvez que a graça da “piada” estivesse exatamente nesse fato.



1859.mar.17 – Provavelmente de Vassouras para o Rio de Janeiro, Cristóvão Corrêa e Castro escreve a Casimiro. A carta se perdeu.



1859.abr.01 – Do Rio de Janeiro para São Paulo, Casimiro escreve a Cristóvão Corrêa e Castro. Papel azul pálido, quatro páginas de 28 x 22 cm, texto (em bom estado) na primeira e segunda. Terceira e quarta rasgadas, com “dentada”, e uma anotação, provavelmente de Cristóvão: “Respondida no dia 19 de abril”. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope. Na quarta página, vê-se o endereçamento: “Ilmo Sr. Cristóvão Corrêa e Castro – S. Paulo”. Tem o carimbo da Biblioteca Nacional. Documento adquirido por compra. Origem: Beatriz Ramos Leal Guimarães. Original: “Coleção Coronel Adir Guimarães” (I-9,5,4) Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio – I.º de abril 1859.

Cristóvão –

– Só ontem recebi a tua carta de 17 do passado¹ que não trazendo direção andou rolando pelo Correio –

Esperava-a ansioso e agora ainda mais lamento ter de esperar pelas próximas férias para poder abraçar-te. Não é verdade que os laços da infância não se despedaçam assim facilmente?!

Quanta coisa em 6 anos e que história ou que romance para nos contarmos mutuamente! Tive sempre vontade de tornar a ver todos os colegas, e a ti sobretudo cujo retrato conservo poeticamente, com aquela gravidade de homem² que tanto contrastava com o estouvamento dos outros!

Ao menos se não tens sido perfeitamente feliz um futuro brilhante, e a fortuna e a inteligência hão de dourar-te a vida.³ Consola-me ao menos — eu estendido em meio-caminho — o ver que os outros chegarão⁴ salvos à terra prometida —

Tenho sofrido bastante e admiro mesmo a coragem que me tem sido precisa para levar a minha cruz! Contudo há vagas esperanças e talvez para o ano eu possa encontrar um pouco de sossego e descanso. Adoço o meu martírio com a poesia e é esse o único protesto que posso levantar contra a vontade inexorável de meu Pai e contra todos os tropeços que me apresentam.⁵

Em fins deste mês sairá à luz o meu pobre volume e peço-te que me aceites um exemplar que de todo o coração te ofereço; lê-o como amigo e não como crítico.

Já em Lisboa em 1856 eu tinha publicado uma sensaboria a que ligara o teu nome como recordação saudosa da pátria e dos amigos; hoje realmente tenho vergonha⁶ de falar-te disso e só te mostrarei quando viéres —

— O nosso bom amigo Joaquim Brito (D. Quixote)⁷ está agora na sua fazenda em Campos, e era sempre com ele em Portugal que eu falava de ti e nos lembrávamos do colégio. Às vezes dá-me vontade de chorar quando penso nesse tempo; a ti naturalmente causa-te riso. Não admira: a felicidade torna-nos egoístas e o sofrimento desperta a saudade —

Quando não estiveres muito ocupado escreve-me de vez em quando e não repares se eu for demorado em responder; atribui a tudo menos a indiferença —

Recomenda-me a todos os conhecidos e diz a Pedro Sousa e a Monteiro que eu nesta data lhes escrevo também.

Adeus! dá-te um abraço o teu
Amigo do coração
Casimiro

Escreve-me⁸ para – Rua de S. Bento n.º 44 –
C.

1.  Suponho que de Vassouras, mas já se preparando para voltar a São Paulo onde cursava Direito, Cristóvão tenha escrito a Casimiro em 17 de março, dizendo que estava a caminho e, provavelmente, marcando encontro no Rio de Janeiro. Mas, como o poeta diz, a carta veio sem direção e “andou rolando pelo Correio”. O fato de Casimiro dizer que esperava *ansioso* pela carta de Cristóvão faz pensar que, ou já lhe havia escrito para Vassouras, ou, de Vassouras, Cristóvão mandara por algum portador avisar a Casimiro que iria escrever-lhe antes da volta a São Paulo, para que pudessem se ver na Corte.

2.  “Quanta coisa em 6 anos” e “com aquela gravidade de homem” A primeira frase confirma que Casimiro ficou no Freese até completar o primeiro semestre de 1853. Saiu de Nova Friburgo quase que diretamente para Portugal. O que não elimina a hipótese de ter saído do colégio, ter vindo trabalhar no escritório do pai, de setembro a novembro de 1853, quando viaja. O pai tentaria assim, rapidamente, de improviso, “preparar comercialmente” o filho para a viagem, pondo-o a par dos negócios de Abreu & Irmãos, antes de liquidar a firma no Brasil e tentar transferir o capital para Portugal. Havia urgência na viagem, tendo em vista o mau estado de saúde do irmão e sócio Manoel José Marques de Abreu. Quanto à segunda frase, ela corresponde de fato às fotos e imagens que existem de Cristóvão Corrêa e Castro, como por exemplo o excelente óleo que dele se vê no Museu Casa da Hera, em Vassouras (RJ).

3.  Filho de Laureano Corrêa e Castro, o Barão de Campo Belo, Cristóvão era de fato riquíssimo. E para os que quiserem ter uma mostra do que foi a fortuna da sua família, recomenda-se uma visita à imponente Fazenda do Secretário, em Vassouras, propriedade do seu pai, e depois dele, Cristóvão. Da fazenda, há duas gravuras de Victor Frond no primeiro volume de *Brasil Pitoresco*, de Charles Ribeyrolles [Livreria Martins, São Paulo (SP), 1941], onde, nas páginas 191 e 192, o autor descreve o que ali viu e viveu.

4. ☞ Tendo em vista a flexibilidade existente na grafia de certas formas verbais no século 19, fica-se em dúvida se na frase “Consola-me ao menos – eu estendido em meio-caminho – o ver que os outros chegarão salvos à terra prometida –”, Casimiro teria posto o verbo *chegar* no passado (*chegaram*), ou no futuro (*chegarão*). Suponho que no futuro, “chegarão”. Frustrado pela interrupção dos estudos, o poeta se compraz na certeza de que alguns ex-colegas de Nova Friburgo se formariam em Direito por São Paulo.

5. ☞ Casimiro devia sentir-se impotente ante “a vontade inexorável” de seu pai, que o queria atrelado à vida comercial. José Joaquim era homem de vontade férrea, dessas pessoas a quem é quase impossível dizer “não”. Daí Casimiro anunciar que a poesia era o único protesto que podia levantar contra esse estado de coisas. Daí ter-se tornado um tanto amargo e choramingas: não podendo gritar, lamuriava-se.

6. ☞ Vê-se que, de Portugal, Casimiro não mandara um exemplar de *Canções e o Jau* ao amigo Cristóvão, a quem dedicara (parcialmente) a cena dramática, publicada em Lisboa no primeiro semestre de 1856. Vê-se também que, com o amadurecimento literário, Casimiro desenvolveu uma certa vergonha pela obra, que passou a considerar uma *sensaboria*, como revela aqui.

7. ☞ Joaquim Brito, o “D. Quixote”, é Joaquim Pinto Rodrigues de Brito, que em 1854 matriculou-se na Universidade de Coimbra. Seu nome aparece sob o n.º 2762 na relação de *Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil*, organizada por Francisco Morais, e publicada no Suplemento ao n.º 4 da Revista *Brasília* (Coimbra, 1949). Seu irmão Francisco, também colega de Casimiro em Nova Friburgo e também estudante em Coimbra, era pai do célebre engenheiro e sanitarista Saturnino de Brito. Ver nota n.º 3 à carta de 13 de maio de 1858, anteriormente analisada neste livro.

8. ☞ O endereço apontado no *post-scriptum* (Rua de São Bento, 44), é o de “Francisco de Paula Lopes”, comissões de café, como se pode ver pelo *Almanack Laemmert* para o ano de 1859. Tudo indica que, para fugir ao controle dos patrões, Casimiro tenha acertado com algum amigo ou conhecido que trabalhasse na firma acima, para receber e guardar as cartas que chegassem para ele. Não havia maiores dificuldades, pois o 44 ficava de frente ao 37-B, onde Casimiro trabalhava. Bastava-lhe atravessar a rua.



1859.abr.07 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, mau estado de conservação, quatro páginas, texto na primeira e numa terça parte da segunda. Endereçamento na quarta, “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. Na dobra do papel, há uma grande “dentada” que “come” várias palavras da primeira página, não impedindo porém a compreensão completa do assunto. O papel foi dobrado e serviu de envelope. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Rio 7 de abril 1859 –

Meu Couto –

– Há quase um mês que não nos escrevemos! Quem vir isto julgará que estamos mal e engana-se redondamente pois que o motivo é sem dúvida – a Sra. D. Preguiça –

Palavra de honra, que estou envergonhado com o teu papel; graças a Deus o homem já o marcou mas resta-me saber por quem o enviarei.¹ O Tomás safa-se sorrateiro como um gato e nunca sei quando ele vai senão depois de ter ido; contudo vou deixá-lo em casa do Tomás² para pela primeira ocasião – Sinto que ele não vá a te [...] ito mas eu acho a simplicidade mais bonito (*sic*), como já t [...] ei digo numa carta passada que tu não me acusaste [...] porque a não recebesses –

[...] Sociedade Filomática – sociedade literária de rapazes [...] vai publicar o seu jornal que sairá o 1.º n.º (*sic*) [...] 15 deste mês; é folha mensal dum formato e traz [...] trabalhos dos sócios, em cujo número entra ... criado, que tem as honras de – orador.³ Peço-te. [...] to os números que eu te mandar e afianço-te que hás de [...] puder arranjar mais números, como creio, também envi- [...] asse amigo editor do Popular.

[...] rimaveras – saem à luz em fins deste mês, mas a edição não é grande coisa; para o dia 24 ou [...] dias o número das assinaturas para eu fazer a remessa dos exemplares; acrescentarás ao número delas mais 10 – sendo 1 para o editor e os outros que te ofereço para dispores a teu gosto pelos teus *íntimos*.

– Meu Pai que há poucos dias foi para a fazenda chegou ontem à noite e eu ando em papos (*sic*) de aranha – Só falando contigo eu poderia contar-te o que se tem passado⁴ –

Peço-te que me dês notícias tuas físicas e morais, do coração, sobretudo.

Dá lembranças aos Bragas, se os vires, e ao Paulo Azevedo⁵ e aceita um abraço de

Teu amigo do Coração
Casimiro

1. ☞ Trata-se de papel de carta que, por encomenda do Couto, Casimiro manda imprimir no Rio de Janeiro.

2. ☞ A frase “vou deixá-lo em casa do Tomás” deixa claro que, embora Tomás viajasse constantemente para Porto das Caixas, morava ou tinha algum endereço na Corte.

3. ☞ Na Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, há dois exemplares do *Jornal da Sociedade Filomática*, em ótimo estado de conservação. Por eles, vê-se que o plano era de uma publicação mensal, mas parece que só saíram os números de abril e maio de 1859. O jornal mede 28 x 19 cm e tem 16 páginas, além das capas, que são a cores; a primeira, em verde água; a segunda, em amarelo, ambas esmaecidas pelo tempo. O primeiro número traz matérias de vários colaboradores. Destaco os nomes de Casimiro (poema “Na rede”), José Joaquim Cândido de Macedo Júnior (poema “A visão”) e Sílvio Pinto de Magalhães (poema “A virgem da harmonia”). Dou um trecho do editorial, que fala da Filomática: “Fundada em junho de 1858 por alguns sócios desejosos do cultivo das letras, conta hoje em seu grêmio não pequeno número de sócios efetivos e honorários, que, como os primeiros, esforçam-se pelo progresso e prosperidade da mesma sociedade. Hoje, depois de 10 meses de trabalho, é que apresenta o seu – primeiro jornal; – assim devia ser: principiantes, preferimos perder em tempo, para ganhar em forças.” “Março de 1859.”

4.  Da forma como Casimiro relata, entende-se que seu pai estivera no Rio de Janeiro, retornara à fazenda, mas voltara com certa urgência à cidade. E o ter acrescentado estar em palpos de aranha, faz pensar que temesse punição por faltas cometidas, o que é corroborado pelo tom de segredo do final da narrativa.

5.  Já falei dos Bragas na nota n.º 3 à carta de 18 de dezembro de 1857. São Antônio José da Costa Braga e Bernardo da Costa Braga. Quanto a Paulo Azevedo, estranhei o prenome Paulo. Já havia citado, na nota 2 daquela carta, os nomes de Alexandre Magalhães Álvares de Azevedo, João Álvares de Azevedo Macedo e Francisco Álvares de Azevedo Macedo Júnior. Eram ex-colegas no Instituto Colegial de Nova Friburgo. Mas Paulo Azevedo é nome novo. Chego a pensar que Casimiro tenha-se confundido e que, na verdade, quisesse se referir a Luiz Francisco de Paula e Azevedo, o editor de *O Popular*, de Porto das Caixas.



1859.abr.09 – De Lisboa para o Rio de Janeiro, Albina escreve a Casimiro. Carta perdida, citada na de 7 de junho de 1859 de Casimiro àquela irmã.



1859.abr.12 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel no tom entre gelo e cinza, 22 x 14 cm, quatro páginas, texto apenas na primeira. No canto superior esquerdo, em relevo, o nome “C. de Abreu” e, sob ele, uma vinheta. Desenho de pequenos quadrados em transparência. Perfeito estado de conservação. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

– Abril 12 – 1859 –

Dearest –

– Hoje o Tomás faz favor de enviar-te¹ o papel e eu torno a pedir-te sinceras desculpas pela demora, creio que a culpa não foi minha e amaldiçoa o monstro do dono da loja que assim mangou com um namorado que se via em falta de munição de guerra.

Com todos os cartuchos! escreve-me de vez em quando pois bem sabes que tenho prazer em receber cartas tuas –
Adeus, aceita um abraço apertado

Teu amigo
do coração
Casimiro

I. ☞ A frase parece confirmar que Tomás era um funcionário dos correios, servindo provavelmente de “ponte” entre a Corte e o município de Itaboraí, em que o Porto das Caixas se achava (e se acha) situado.



1859.abr.19 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul pálido, 22 x 14 cm. No canto superior esquerdo, em relevo, o nome “C. de Abreu” e, sob ele, uma vinheta. Quatro páginas, todas com texto, em perfeito estado de conservação, exceto por três pequenos furos existentes na dobra do papel. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Dearest –

– Finalmente respondeste!

Safa! que peso que eu tinha em cima do estômago! – Agora posso suspender as orações que eu fazia pelo repouso eterno de tua alma e folgar com a certeza de que a tal *gastro-hepatites (sic)* (bicho que não co-nheço) não te carregou para a cova.

O que eu concluo de tudo isto é que és um grande malandro (como eu) ou um pobre diabo tão atravessado pelos farpões do Deus frecheiro (*sic*) que não pode dispensar sequer 5 minutos em favor dum amigo e em prejuízo da *bella adorata*.

Nada mais te digo a este respeito porque vejo que seria tempo perdido gastar contigo os frutos da minha experiência e os sãos conselhos que os meus cabelos brancos autorizam-me a dar-te.

O meu livro já não pode sair este mês! fica transferido para outra ocasião e eu não me canso mais em anunciar-te a época –

Quanto a assinaturas, peço-te encarecidamente que deixes os Bragas e que não as andes pedindo como quem esmola. Bem sabes que não publico para ganhar dinheiro e fico muito satisfeito se eu tiver aí uma dúzia de assinantes *escolhidos* que não me vendam depois o livro por uma pataca, como se tem feito com o do Novais¹ por aqui. É por isso que eu arranjei assinaturas de preferência em S. Paulo, na escola Militar etc. e que não tiro mais de 1.000 exemplares.² Muitas pessoas aqui querem procurar-me assinantes e eu tenho sempre recusado; chamam-me de esquisito, de tolo etc. e eu rio-me deles todos. O nosso Freitinhos lá levou uma lista para Nova Friburgo³ e eu nunca mais perguntei-lhe por ela; por consequência não te cansas mais com os teus sujeitos. –

Tenho a anunciar-te uma desgraça horrível acontecida na noite da célebre tormenta que afogou a nossa cidade: O pavilhão do Dr. França Leite, onde se celebravam as sessões da – Sociedade Filomática – foi a terra! Não sei agora o que resolveu a mesa e onde há de ser a próxima reunião, mas Deus permita que se não verifique tal agouro, e que os sócios não desanimem e que se não arrefeça o seu ardor com a tal irrigação pluvial.⁴

Tu entendeste mal a minha carta, sem dúvida; anunciei-te a publicação do nosso jornal mas não te falava em assinaturas, pois creio que a tiragem chega apenas para os sócios e sobram poucos números depois de se fazer a troca com os outros jornais literários. Receberás todos os números que se publicarem e agradeço-te a ansiedade com que esperas o meu discurso, que não sai neste número e suponho que só depois de muito retocado verá a luz.⁵ Recomendo-te porém desde já a leitura dum trabalho sobre o – suicídio – devido à pena dum moço de

grande inteligência (o Catunda)⁶ porém de idéias um pouco exaltadas a todos os respeitos. —

Faço ponto final aqui; porque decididamente não escrevo mais; faz um frio de rachar e os dedos estão entorpecidos.

Darei ao Tomás as tuas lembranças e as do tal Sr. e Sra. *D. Camu-geriquinba* que fica metida numa *bluse*, assim como te digo adeus e trato de ir almoçar, pois que o delicioso cheiro dos *beefs* invadiu completamente o escritório, foi-me ao andar superior do nariz, desceu-me ao estômago e despertou o Sr. apetite que está sempre pronto para estes exercícios —

Teu
Casimiro

Abril 19 —

1, 2 e 3. ☞ Há uma dose de veneno no que Casimiro diz do livro de Faustino Xavier de Novais. Talvez se refira ao *Novas poesias*, publicado em 1858 com prefácio de Camilo Castelo Branco. 2. Por aqui se fica sabendo a provável tiragem de *Primaveras*, que teria sido de 1.000 exemplares. 3. O simples fato de Cristóvão Vieira de Freitas, ex-professor, incentivador e bom amigo de Casimiro, haver aceitado a missão de tentar obter assinaturas para o livro *Primaveras*, demonstra ser ele uma pessoa humilde, generosa, sem pose. Apesar disso, é possível que não tivesse tempo para dedicar-se a tal tarefa. Afinal, era casado e, já nessa época, diretor do Colégio Freese, assoberbado com problemas de administração escolar.

4. ☞ Na primeira página do *Correio Mercantil* de 15 de abril de 1859, se vê que, de fato, na noite da quarta-feira 15, houve um grande temporal no Rio de Janeiro: “Anteontem, depois das 9 horas da noite, desabou sobre a cidade uma bátega d’água e um tufão S.S.O como felizmente não se repetem muitos. Houve no mar e em terra grandes estragos...” (...) “Tanto pelo lado da rua de S. José como pelo da rua da Ajuda despegaram-se grandes matacões do morro do Castelo, obstruindo os fundos de algumas casas e lançando por terra parte do pavilhão da Floresta, que pertence ao Sr. Dr. França Leite.”

5. ☞ Tudo indica que Casimiro acabou não redigindo e publicando o discurso que faria em sessão magna da Sociedade Filomática, como dará a entender na carta ao Couto datada de 21 de maio.

6.  Joaquim (de Oliveira) Catunda (Santa Quitéria-CE, 2.dez.1834 = Rio de Janeiro-RJ, 29.jul.1907) era historiador, sócio fundador do Instituto Histórico do Ceará, e tornou-se patrono da cadeira n.º 17 da Academia Cearense de Letras. Sua obra mais conhecida são os *Estudos de História do Ceará*, publicados em Fortaleza em 1885. Foi senador de 1890 a 1900, e, em sua homenagem, o local em que nasceu é hoje o município de Catunda-CE, desmembrado do município de Santa Quitéria.



1859.abr.19 – De São Paulo para o Rio de Janeiro, em resposta, Cristóvão Corrêa e Castro escreve a Casimiro. A carta se perdeu.



1859.mai.17 (podendo ser **10**, **11** ou **18**) – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel gelo, em perfeito estado, 22 x 14 cm, quatro páginas, texto na primeira e em metade da segunda. Suaves desenhos em transparência, e no canto superior esquerdo, em relevo, o nome “C. de Abreu” sublinhado por uma vinheta. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Maio – 17 – ¹

Caríssimo –

– Mais vale tarde que nunca! Já pensavas de certo que eu tinha morrido e realmente vejo-me obrigado a pedir-te mil desculpas por tanta demora em escrever-te. Que queres?! Eu mesmo não sei explicar este meu gênio esquisito, e esta tristeza e preguiça que me mata –

– O meu livro nada de novo ainda!

Diz o Paula Brito que em junho está pronto e eu suponho que nem no fim do ano; o homem manga comigo à grande e eu vou aturando tudo com a minha negligência habitual –

Dá lembranças ao Tomás e não te esqueças do teu preguiçoso e velho amigo

Casimiro

Volta a folha

– Falei com o Tomás e por ele sube (*sic*) que andas vendo os óbitos do Jornal do Commercio a ver se encontras com o meu nome. Ah! maroto!

Dizem que a lua se parece com as mulheres porque faz crescer os pepinos; a mim não sei se é a lua ou o que é que me faz crescer a tristeza e o aborrecimento.²

Vivo muito triste e padeço mesmo um pouco do físico; a minha saúde vai-se estragando e eu desconfo que o canastro não dura muito tempo.³ Adeus; estima-me sempre e lamenta o teu velho amigo

Casimiro

1. ☞ Casimiro não cita o local e o ano em que a carta foi escrita. O local é claramente o Rio de Janeiro, e o ano, é fácil afirmá-lo, é 1859. Não pode ser 1858, pois só a 27 de setembro desse ano Casimiro escreve ao pai pedindo licença e dinheiro para publicar *Primaveras*. Também não pode ser 1860, pois o livro saiu em setembro de 1859. Assim, o ano é necessariamente 1859. Quanto ao dia da carta, devo dizer que, no original, um furo “comeu” grande parte do algarismo que vem à direita do “1”, o que torna difícil afirmar se o dia é 10, 11, 17 ou 18. Mas tudo indica que seja mesmo 17. Além do mais, se Sousa da Silveira, sempre tão criterioso, e tendo trabalhado com fotocópias fidedignas quase 70 anos antes de mim, deu o dia como sendo “17”, o melhor é aceitar essa data como sendo a correta. Passado tanto tempo, o original da carta pode ter-se arruinado um pouco mais e aumentado a possibilidade de erro.

2. ☞ Trata-se duma deliciosa sem-vergonhice de Casimiro, que fazia “piada” até mesmo de seus problemas.

3. ☞ Parece ser esta a primeira carta em que Casimiro dá sinais claros de que a saúde não lhe andava bem.

1859.mai.21 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul pálido e liso, em razoável estado de conservação. Quatro páginas de 22 x 14 cm, com o texto na primeira e na segunda, e com a terceira e quarta, em branco. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Maio – 21 –

Meu amigo –

– Tens sempre razão, mas também eu a tenho –

Prometi-te é verdade enviar-te o *Jornal da Filomática* porque supunha que eles me dariam 3 ou 4 números; infelizmente tive um como todos os sócios e esse mesmo carregaram-me com ele no mesmo dia. Cependant eu hei de ver se arranjo outro para enviar-to (*sic*) – O *Jornal* saiu uma única vez – e creio que o 2.º número sairá por estes dias. Não podes avaliar que grande porcaria apresentaram, tanto na impressão, que é indecente, como em alguns artigos, que não prestam para nada. Houve por isso grande barulho na sociedade e dizem que o 2.º número será bem impresso, bom papel etc.

Já vêes que não sou tão culpado como à primeira vista pareço.

Eu que sou um grande preguiçoso de corpo e, de espírito, já estou aborrecido da *Filomática* e parece-me que depois do dia 6 de junho vou deixar de tomar parte nos trabalhos. Caíram na asneira de nomear-me orador da sociedade, de maneira que sou obrigado a fazer um grande discurso na Sessão Magna do dia 6 do próximo mês, e do qual digo-te a verdade, ainda não escrevi uma palavra! Parece-me que vou dar parte de doente e ferrar-lhes um logro.

– Leio às vezes no *Popular* os editais (*sic*) do Sr. Tenente¹ – Couto Júnior – presidente da mesa de tal, na freguesia de tal etc. e tal e dou-te parabéns. Estavas tão caladinho!

– Anteontem pela I^a vez vi uma folha impressa das minhas – Primavera² – o papel é bom e tenho algumas esperanças de que em fins de junho esteja tudo pronto – Safa!

– Andas-me sempre maçando com o papel e já te disse que o homem dá-me papel de graça por que (*sic*) eu sou freguês da loja e por que (*sic*) o papel é muito barato. Em todo o caso, não caias na asneira de deixar de me escrever porque passo-te uma grande descompostura –

Adeus; crê-me sempre teu amigo do coração

Casimiro

1. ☞ Realmente, como mostra a “Coleção I08 da Guarda Nacional” existente no Arquivo Público Estadual do Rio de Janeiro, Francisco do Couto Sousa Júnior foi nomeado Alferes em I.º de junho de 1857. No ano seguinte, em 9 de setembro, por Portaria do Presidente da Província, passou a Tenente da Segunda Companhia do Quarto Batalhão do serviço ativo, recebendo a patente no dia 21 e prestando juramento a 13 de novembro. Quanto aos editais citados por Casimiro, eram de fato dois. Foram publicados em *O Popular* de 11 de maio, mas só o segundo era do Couto: “O tenente Francisco do Couto Sousa Júnior, presidente do conselho de qualificação da guarda nacional da paróquia de N. S. do Desterro de Itambi comunica que foi nomeado presidente da ... etc”. Vem datado de “Porto das Caixas, 6 de maio de 1859”.

2. ☞ Casimiro diz que a 19 de maio de 1859 vê pela primeira vez uma página impressa de *Primaveras*. Teria de esperar até à primeira semana de setembro para ter o livro pronto. E aqui, registro mais uma vez, fica claro que o título pensado por Casimiro para o seu livro foi *Primaveras*, sem o artigo “As” antecedido.



1859.mai.22 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao pai. Original: Coleção do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

– Rio de Janeiro 22 de maio 1859

Prezado Pai –

Estimarei saber que se acha no gozo de perfeita saúde, cuja continuação sinceramente ambiciono – Eu continuo sempre bom.

Queira recomendar-me a meus Tios e primos bem como lançar a bênção sobre

Seu filho amante
Casimiro JM d’Abreu

Geral:  Curiosíssimo o *ambiciono* usado por Casimiro. As coisas andavam mal para ele; em 6 de junho se atritaria com os patrões e, no dia 13, estes o poriam na rua. Ele camufla e mente ao pai: “Eu continuo sempre bom.” Há apenas cinco dias, dissera ao Couto, “Vivo muito triste (...) desconfio que o canastro não dura muito tempo.” Não quer assunto com o pai. Simplifica e omite. Apesar disso, pelo *estimarei*, se vê que a carta não é resposta a outra, de José Joaquim. A iniciativa de escrever partiu dele, Casimiro.



1859.mai.31 – Da Fazenda do Indaiáçu para o Rio de Janeiro, José Joaquim escreve a Casimiro, aos cuidados de Câmara, Cabral & Costa. Sabe-se disso porque, em 7 de junho de 1859, aquela firma escreve a José Joaquim e diz: “Recebemos o seu prezado favor de 31 do passado, ao qual respondemos. (...) Incluímos uma carta do dito Sr. seu mano, e fizemos seguir a que para o mesmo remeteu, assim como entregamos a do Sr. seu filho.” Essa carta de José Joaquim ao filho deve ter chegado à Corte no dia seguinte, ou dois dias depois, o que nos permite afirmar que Casimiro deve tê-la recebido entre 1 e 6 de junho. Notar o laconismo de “assim como entregamos a do Sr. seu filho.” Os patrões deviam estar em pé de guerra com Casimiro, devido a um sério atrito na véspera, 6 de junho. Aliás, escrevendo no mesmo dia (6 de junho) a Cristóvão Corrêa e Castro, ele classifica o atrito como “rompimento”. (A carta de José Joaquim se perdeu).



1859.jun.06 – Do Rio de Janeiro, provavelmente para São Paulo, Casimiro escreve a Cristóvão Corrêa e Castro. O original da carta, que pertenceu ao escritor Valentim Magalhães, extraviou-se. Ver M.008 em microfilme ou cd, ou o *Diário de Notícias* de 14 de maio de 1884.

(Rio de Janeiro, 6 de junho de 1859)

“P.S. Depois desta fechada, abro-a de novo para comunicar-te que acabo de ter um rompimento com os meus patrões. Não me podem pôr na rua¹, mas vão escrever a meu pai que o meu comportamento é péssimo e que eles não podem conservar-me por mais tempo no seu estabelecimento.

Todo o barulho é por ter eu dormido fora de casa a noite passada, apresentando-me contudo hoje às 6 horas² para abrir o escritório!

Avalia por aqui, meu amigo, que gente esta e o que devo eu ter sofrido quotidianamente.

Meu pai vai zangar-se e não sei o que será de mim; provavelmente vou para outra casa³ e receio bastante que meu pai me retire a sua proteção, deixando-me entregue aos meus recursos. Palavra de honra que o desejo ardentemente.⁴

Adeus; lamenta o

Teu pobre amigo –
Casimiro”

Geral: I.  Trata-se de um *post scriptum* a uma carta de Casimiro a Cristóvão, publicado por Valentim Magalhães em 14 de maio de 1887 no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro. Lamentavelmente, o escritor não transcreve a totalidade da carta, que lhe pertencia, e que lhe fora presenteada por uma senhora de Vassouras (RJ). Faz, sem transcrevê-los, menção a outros trechos da carta. Diz por exemplo que, nela, o poeta fala da infância, do próximo aparecimento do seu livro, de Pedro Luís, Bernardo Guimarães e Monteiro. Depois de referir-se ao pai de Casimiro como “duro, estúpido e inflexível pai”, Valentim Magalhães conclui de maneira comovida: “Obrigado às galés do balcão um predestinado da Glória! Que cegueira! E que desgraça!” O texto provocou a ira de dois primos de Casimiro, Francisco José Marques de Abreu Júnior e Casimiro José Marques de Abreu, filhos de Maria Joaquina e Francisco José, que viviam no Rio de Janeiro, e que fizeram publicar em *O Paiz* de 16 de maio de 1887 uma matéria intitulada “Uma carta de Casimiro de Abreu”, onde, mais que defender o tio José Joaquim, parecem, na verdade, querer atacar Valentim Magalhães.

2.  Casimiro dormiu fora de casa na noite de 5 para 6 de junho, isto é, de domingo para segunda. Deve ter dormido em Niterói, na casa da mãe. Se assim foi, teve de madrugar na segunda para chegar à Corte a tempo de abrir o escritório às seis da manhã. E tudo indica que foi isso o que ocorreu, como se depreende do que ele diz em carta a Albina, no dia seguinte, 7 de junho: “Ainda anteontem estive com nossa Mãe e, como sempre, falamos de ti, e ela de novo manda-te muitos abraços e a sua bênção.”

3.  Diz Casimiro: “... provavelmente vou para outra casa...”. Sim, ele irá, mas não de imediato, para João Baptista Leite & C., na Rua da Quitanda, 195, em emprego arranjado ao que parece por seu primo e amigo Antônio José Marques de Abreu Júnior, que fazia parte da administração daquela firma.

4. ☞ Diz Casimiro, “Palavra de honra que o desejo ardentemente.”, deixando à mostra o conflito que sempre o mantivera paralizado. Sonhava com a própria independência, mas se sentia sem forças para conquistá-la. O pai não facilitava o diálogo. Daí querer obtê-la por uma solução mágica, algo assim como um lance do destino. Tudo indica, aliás, que José Joaquim “lavou as mãos” ante a queixa apresentada pelos patrões do filho. Apesar do “Não me podem pôr na rua”, despediram-no na segunda-feira seguinte.



1859.jun.07 – Do Rio de Janeiro para Lisboa (ou para o Porto), Casimiro escreve à irmã Albina Teresa. Documento em bom estado de conservação. Papel listrado, em tom rosa, esmaecido pelo tempo. No canto superior esquerdo, em relevo, o nome “C. de Abreu” e uma vinheta de pequenas flores. Quatro páginas de 20,5 x 13,5 cm, com o texto na primeira e na segunda. Na terceira e quarta, há pequenos furos. Original: em “Documentos históricos, parte III 35-37, lata 257, maço I, pasta 2-A”, Arquivo Histórico do Itamarati, Rio de Janeiro (RJ).

Rio – junho 7 de 1859 –

Querida Mana –

Acabo ainda agora e receber a tua prezadíssima carta de 9 de abril passado e como a mala do Vapor não tarda a fechar-se, respondo-te com muita pressa e com muita pena de não poder conversar mais largamente.

Sei que estás boa e desejo que continues a gozar excelente saúde e que progridas sensivelmente nos teus estudos.

Dou-te os parabéns pela tua viagem ao Porto, e estimarei saber que ela te fosse agradável e útil; realmente era tempo de saíres de Lisboa e espairesceres um pouco.

Ainda anteontem estive com nossa Mãe e, como sempre, falamos de ti, e ela de novo manda-te muitos abraços e a sua bênção. Nosso

mano Bonifácio está bom igualmente, e já me convidou para eu ser padrinho dum filho seu para cujo batizado só espero que nosso Pai consinta que eu vá à roça por alguns dias.

O Sr. José Vitorino e sua família estão bons, e a primeira vez que o vir hei de dar-lhe as tuas recomendações.

Adeus! estima-me sempre, não te esqueças de nós que te amamos, e aceita um beijo saudoso de teu

mano do coração

Casimiro

Geral:  a) Esta carta foi publicada pela primeira vez às páginas 45 e 46 de *A Naturalidade de Casimiro de Abreu e mais falsidades, erros e mistificações de um biógrafo*, pela Academia Fluminense de Letras, (Niterói, 1950). Vem com pequenos erros e omissões. Felizmente, a publicação traz a foto do original, o que permite a leitura correta do texto. b) Fica-se em dúvida: Albina está no Porto, ou foi ao Porto e já voltou a Lisboa? c) O trecho “Ainda anteontem estive com nossa Mãe ...”, como foi dito na carta anterior (a de Valentim Magalhães), faz pensar que Casimiro tenha ido no domingo (5 de junho) visitar a mãe em Niterói. Dorme por lá, mas madruga para chegar à Corte a tempo de abrir o escritório onde trabalhava. d) Suponho (é uma hipótese) que Casimiro visitasse a mãe com frequência. E mais, que o fizesse às escondidas, driblando os patrões, que talvez tivessem ordens de José Joaquim no sentido de impedir ou dificultar tais visitas. De qualquer modo, o ter “dormido fora de casa” deu problema sério, atritos, rompimento com os patrões. O resultado virá na segunda-feira seguinte, 13 de junho, quando Casimiro é despedido. e) Albina, nascida a 3 de dezembro de 1843, tinha 10 anos e 4 meses quando foi para Portugal. Chegou a conviver com Bonifácio. O relacionamento dos três, Albina, Casimiro e Bonifácio, parece que era bom, como se vê por aqui. f) Procurei muito, mas não achei o batismo desse filho de Bonifácio que, suponho, tenha recebido o nome de Casimiro. Seria ele, ao que tudo indica, Casimiro Teixeira da Silva Osório, que aos 16 anos, de lesão cardíaca, faleceu solteiro e pobre na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro às quatro da manhã do dia 18 de junho de 1874. g) Já disse anteriormente, José Vitorino era homem de confiança de José Joaquim Marques de Abreu, e tenho a quase certeza de que, para poder estudar, Albina viveu em sua casa no Rio de Janeiro.



1859,jul.09 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, 28 x 22 cm, quatro páginas em mau estado, as duas primeiras praticamente soltando-se da terceira e da quarta. Quase de alto a baixo, na dobra do papel, há um rasgão que pega as quatro páginas. Outro, de 5 cm de largura, na parte superior da terceira e quarta. Nesta, aparece o endereçamento, “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope. O rasgão da dobra “comeu” muitas palavras, mas é possível intuir algumas delas, o que permite uma recomposição aproximada do texto. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Rio 9 de julho 1859.

Querido amigo

Reconheço que tenho sido descuidado mas tu hás de desculpar-me; tenho andado [...] atrapalhado que nem sei o que faço. Como [...] puseram-me na rua no dia 13 do passado e por ora [...] da não achei arranjo conveniente. Como é preciso [...] eu esteja sempre aqui, não posso cumprir o teu [...] de ir passar contigo o dia de amanhã; creio [...] não hás de ficar mal comigo por isso e que [...] rás que tenho razão – [...] co te peço mais alguns dias de espera até vir me [...] ado e acalmado para restabelecemos a nossa ... vel correspondência – uma das poucas que tenho [...] – sobremaneira prezo – [...] um dia te perguntarem qual a vida mais a [...] da deste mundo, responde logo – a de um [...] desarranjado, sem vintém nas algibeiras – [...] ome de *vago* é o diabo, e eu agora não sou [...] que um vagabundo!! [...] continua a estimar-me e crê que sou sempre

Teu amigo sincero

Casimiro

Geral:  Trata-se de uma carta carregada de angústia. Casimiro diz ao Couto que foi despedido no dia 13 de junho, que ainda não conseguiu trabalho, e que precisa estar na

Corte até arranjar-se de novo, razão por que não aceita o convite para ir visitá-lo em Porto das Caixas. Diz que sua situação é péssima, sem um vintém. Pede paciência ao Couto, até poder retomar a correspondência com ele, por ser das que mais preza. Diz que a mais desgraçada das vidas é a do desempregado, e que ele não passa agora de um vagabundo.



1859.jul.25 – Do Rio de Janeiro para (?) Casimiro escreve a (?). Papel azul pálido, quatro páginas de 13,5 x 20,5 cm. Texto todo na primeira, onde há duas manchas pretas no topo. Tem o carimbo da Biblioteca Nacional. Terceira e quarta páginas rasgadas no meio, de lado a lado. No canto superior esquerdo, em relevo, vê-se o nome “C. de Abreu”. Original: Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional (I-02,01,013), Rio de Janeiro (RJ).

Rio – julho 25 – 1859.

My Dear –

– Hás de desculpar-me se tenho demorado tanto a resposta à tua estimada carta; tenho muito que contar-te.

Os meus amáveis amos puseram-me na rua em 13 de junho e ainda me acho desarranjado; felizmente tenho esperanças de empregar-me até fins de agosto e então prometo-te que não terá (*sic*) motivos de queixas minhas –

Até 15 do futuro mês sairá o meu volume e imediatamente o receberás – Recomenda-me a todos e creia-me sempre

Teu amigo do Coração
Casimiro

Geral:  a) Tudo indica que esta carta tenha sido escrita do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, e dirigida a Francisco do Couto Sousa Júnior. Há vários pontos a favor dessa hipótese, como o tratamento *My Dear* que Casimiro dava ao Couto. Em contrapartida, há pontos que causam estranheza. Por exemplo; por que a carta não fez parte

do conjunto de tantas outras que ficaram com Américo, filho do Couto? Por que Casimiro repete que fora despedido a 13 de junho, coisa que já dissera na carta do dia 9? E, por fim, o inusual da frase “Recomenda-me a todos”, que não se aplica à rotina das cartas de Casimiro ao Couto, aplicando-se melhor a Cristóvão Corrêa e Castro, que também estava a par de atritos do poeta com seus patrões. Ressalvo porém que, contra a hipótese de a carta ser dirigida a Cristóvão, há o tratamento de “My dear”, que não combina com a maneira formal com que Casimiro tratava aquele amigo. b) Julgando que pudesse ter a ver com Casimiro, já que seus patrões tinham dificuldades em repreendê-lo diretamente, mas também para mostrar o tom repressivo que reinava entre patrões e caixeiros, transcrevo este anúncio que, por alguns dias, a partir de 15 de maio de 1859, saiu no *Jornal do Commercio*: “Outro ofício – Os amigos de um caixeiro freqüentando todos os dias a casa do amo horas esquecidas comprometem o caixeiro, faz com que o amo, embora deposite grande confiança no caixeiro, não deixe de fazer algumas observações particulares. Um observador.”



1859.ago.02 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, com timbre de “Carvalho & ...” e as palavras “Rio de Janeiro”. Quatro páginas de 28 x 22 cm, com o texto todo na primeira. Furo na terceira e quarta. Nesta, o endereçamento, “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Rio de Janeiro 2 de agosto 1859 –

Grande Homem

Sei que tem muita razão, sim senhor, concordo, mas hás de concordar também que a mim não me falta. Estou há mais de um mês para escrever-te e sempre a deixar de o fazer, por mal de meus pecados, de maneira que vou aumentando o número de culpas no cartório.

Ah! meu Couto, se eu te contasse o que tem havido comigo tu de certo me desculparias tudo e terias até pena de mim, que afinal de contas sou um pobre diabo.

Vejo-me desarranjado e meu Pai nem me quer ver; parece-me que a única volta é eu partir para muito longe daqui e procurar a vida noutra parte.

É escusado dizer-te que o excomungado do meu volume ainda não saiu.

Escrevo-te a vapor e mui atrapalhado porque mesmo não sei onde tenho a cabeça, tanto ando desgostoso e aborrecido; espero comtudo (*sic*) que tu não me retirarás a amizade e que continues a crer que sou, como sempre

Teu sincero amigo
Casimiro JM de Abreu

Geral:  a) O papel exhibe, no canto superior esquerdo, o timbre “Carvalho & ...” e as palavras “Rio de Janeiro”. O segundo nome parece “Abreu”, mas não o afirmo; é de difícil leitura. Cheguei a pensar em “Carvalho & Rocha”, firma ligada ao tráfico, com a qual o pai de Casimiro teve negócios. Não é impossível que, durante o tempo em que esteve desempregado, Casimiro tenha apelado para Carvalho & Rocha, supondo não pudessem negar-lhe o favor de alguma proteção. Mas é apenas uma hipótese. b) Pode-se compreender a decisão de José Joaquim, como pai, de não querer compactuar com Casimiro, mas é pungente a situação deste, lutando por seus ideais, sem emprego, sem dinheiro, sem família. c) Dezoito dias depois desta carta, Casimiro compõe o belo poema “A”, com que abre magistralmente o livro *Primaveras*.



1859.set.07 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul pálido, 28 x 22 cm, mau estado. Das quatro páginas iniciais, restaram a primeira e a segunda. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Rio – 7 de setembro 1859 –

Querido amigo

Neste grande dia todas as faltas devem ser desculpadas e riscados da imaginação todos os motivos de queixa ou de rancor. Fiado nisto dirijo-me a ti que deves estar admirado do meu silêncio e protesto-te que nem um só momento deixei de ser teu amigo.¹

Conheces o meu gênio desleixado e como me achava desarranjado nunca achei uma folha de papel ou 10 minutos disponíveis para a nossa velha correspondência. Hoje finalmente eu volto aos antigos hábitos e desejo que me respondas de vez em quando para assim a – palestra – levarmos a vida menos pesada. Acho-me empregado em casa de João Baptista Leite C^a, rua da Quitanda 195 – Casa de comissões de café² como a outra em que eu estava, e para esse número podes dirigir as tuas cartas sempre bem recebidas.

Finalmente meu amigo saiu o meu livro de poesias e já dei ao (*sic*, duas vezes) Tomás 2 volumes, um para ti e outro para o editor³ e peço-lhes que aceitem pois a oferta é sincera. Quanto às assinaturas que arranjaste tu mandarás dizer quantas são e eu mandar-te-ei os livros num caixão com mais vagar; bom é contudo que me indiques a maneira mais fácil de eu fazer a remessa, se pela barca de Sampaio, se por falia⁴, se por algum balão, enfim de alguma maneira –

Se eu agora estivesse ainda desempregado, havia de passar bastantes exemplares, mas assim preso todo o dia no escritório e cada vez mais aborrecido da minha vida nem tenho tempo para isso, nem me impor-

to com nada. O Paula Brito é quem me faz tudo⁵, porque eu tenho a tal moléstia que me mata: – a preguiça! – Não sei se te zangarás por eu ter metido no livro aquela poesia – *Clara* – que tu me pediste uma vez para ti e que talvez já a tivesses mostrado como tua à Sinhasinha. Se assim for, perdoa-me meu amigo e crê que bem longe estava do meu pensamento magoar-te.⁶

Adeus; noutra carta eu te contarei as minhas desgraças e talvez também que te anuncie a minha boa fortuna, porque comprei um bilhete de loteria hoje e talvez apanhe a *taluda!*

Adeus, aceita um abraço do

Teu velho amigo

Casimiro

1.  A alegria exibida por Casimiro chega a ser contagiante. Afinal, depois de tantas agruras, ele se encontra novamente empregado e, tão importante quanto isso, tem nas mãos, já pronto, o seu tão sonhado livro.

2.  Identifiquei o local em que se erguia a casa de João Baptista Leite & Cia. Ficava quase defronte ao Beco de Bragança, onde se acham hoje os n.ºs 199, 199-A e 199-B, ou seja, onde existe o Edifício Maragogipe. Cheguei a esse resultado a partir do *Correio Mercantil* de 24 de julho de 1857, onde, na folha 3, há um anúncio da Padaria de Lajoux & Companhia, que dá como endereço o n.º 187 da Rua da Quitanda, “em frente ao Beco de Bragança”. A padaria de Lajoux punha anúncios frequentes, mas tomei aqui apenas o do dia citado, para não alongar-me. Examinei a numeração da Rua da Quitanda, desde seu cruzamento com a Rua Sete de Setembro (antiga do Cano) até o encontro com a Rua Nova de São Bento e Rua de Bragança, atual Conselheiro Saraiva. A numeração, para minha surpresa, não sofrera alterações visíveis. Por exemplo, o n.º 55, que era o endereço do *Correio Mercantil* (e também, em certa época, o do Gabinete Português de Leitura), manteve a posição, e está hoje no mesmo lugar, isto é, a meio caminho entre Sete de Setembro e Ouvidor, dando fundos para a Travessa do Ouvidor, onde existe o monumento a Píxinguinha, obra de Otto Dumovich. Sabendo-se pelo *Almanack Laemmert* que o n.º 43 da Rua da Quitanda era perto da Rua do Cano, e que o n.º 68 era perto da Rua do Ouvidor, pode-se afirmar que o 55 ficava a meio-caminho entre a do Cano e a Ouvidor. Agora, voltando ao local em que Casimiro trabalhou e morou, são estes

os n.ºs da Rua da Quitanda nas suas proximidades: 185, Edif. *Fabel*; 187, Edif. Arnaldo Dyckerhoff, que corresponde ao da Padaria de Lajoux & Companhia; 191, 191-A e 191-B, Edif. Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro; 199, 199-A e 199-B, Edifício Maragogipe – o endereço de Casimiro (a poucos passos, aliás, do anterior à Rua de São Bento-37), e quase defronte ao n.º 186, onde ficava a loja de tecidos do seu primo José Marques de Abreu.

3. ☞ O editor aqui citado é Luiz Francisco de Paula e Azevedo, de Porto das Caixas, dono da Tipografia Comercial, e editor de *O Popular*. Seu jornal, que media 33 x 25 cm, saía às quartas e sábados.

4. ☞ A falua, espécie de bote com velas, era usado sobretudo no serviço de cargas e transporte dos pobres.

5. ☞ Vê-se que embora Casimiro se queixasse às vezes de Paula Brito, tinha nele um bom e dedicado amigo.

6. ☞ A “história” do poema “Clara” deu muito o que falar. Nilo Bruzzi, por exemplo, viu deslealdade do poeta por tê-lo incluído no livro. Mas na carta, Casimiro não deixa claro se o poema fora feito “de encomenda” para o Couto, ou se este, vendo-o, o pediu para si. De qualquer modo, Casimiro agia sempre com tanta correção, que se achou por bem incluir o poema em *Primaveras*, o fez na certeza de que não feria a ética.



1859.out.18 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel azul desbotado, com o timbre “Bath”. Quatro páginas em mau estado, texto só na primeira. Terceira e quarta, com rasgão de 5 cm de largura de alto a baixo. Na quarta, o endereçamento, “Ilmo Sr. Francisco do Couto Sousa, Júnior – Porto das Caixas”. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Rio – outubro 18 – 1859.¹

My dear –

Bem podia eu esperar que me mandasses dizer o número das minhas assinaturas! À espera de tua carta – não te escrevia, mas a final

(sic) resolvi-me a mandar-te pelo nosso amigo Tomás e que teve a bondade de prestar-se a isso – uns 30 volumes que eu julgo excederem muito ao número de assinantes daí. Se assim for, e a sobragem bastantes podes enviá-los a Nova Friburgo ao Freitinhas, avisando-me disso, ou então vendê-lo (sic) a 4\$000 rs que é o preço² por que o Paula Brito os vende –

Perdoa-me esta maçada, mas acho que é a última deste gênero. –

Eu continuo a ser muito preguiçoso e cada vez me convenço mais de que tu ainda me excedes. Ah! malditos Teatros e malditos Narcisos! ou Isídeos! ou Escolásticos! – nomes que não se prestam a um acróstico³ por mais que eu parafuse e ajuste a cabeça.

Adeus, dá-te um abraço o teu

Velho amigo
Casimiro

-
1.  A carta foi escrita exatamente um ano antes da morte de Casimiro em 18 de outubro de 1860.
 2.  Aqui, fica-se sabendo que, ao ser lançado, *Primaveras* era vendido a quatro mil réis o exemplar.
 3.  Casimiro, ao que parece, está compondo algum poema com acróstico em homenagem a atores.



1859.out.27 – Do Rio de Janeiro para Barra de São João, Casimiro escreve a um cidadão não identificado. Papel azul pálido, em razoável estado de conservação, duas páginas, ambas com texto, tendo na segunda a anotação: “Nda II de Abril de 1892”. Tem o carimbo da Biblioteca Nacional. No canto superior esquerdo, em relevo, o nome “C. de Abreu”, sublinhado por uma vinheta. Original: Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional (I-02,01,014), Rio de Janeiro (RJ).

Rio 27 de outubro/59

Prezado Sr.¹

Por este Patacho Fluminense² – receberá V. S^a 6 exemplares das minhas – Primaveras³ – recentemente publicadas, rogando-lhe o obsequio de aceitar um que lhe ofereço, fazer entregar outro ao Juca Pereira⁴ e os 4 últimos ao Manduca⁵, que irá aí buscá-los.

Desculpe-me V. S^a o incômodo e não tome como falta de consideração oferecer-lhe o volume em brochura; mais tarde resgatarei a falta, tanto mais que me acho em dívida para com V. S^a, quanto à promessa voluntária de enviar-lhe o – Cancioneiro do João de Lemos.⁶

A razão é porque a obra parou no 2.º volume e o 3.º tem naturalmente de passar por todas as fases da concepção, absorvendo ainda alguns meses, segundo o amável costume dos editores.

Contudo, pode V. S^a ficar descansado que tão pronto os tenha te rei o prazer de enviar-lhos.

Desejando que goze as maiores venturas, rogo o favor de apresentar os meus respeitos a sua família e crer que sou com toda a estima e consideração

De V. S^a

Amigo criado obrigado
Casimiro JM de Abreu

1, 2 e 3.  Perdeu-se infelizmente o nome do destinatário da carta. Deduz-se porém, pelo interesse no *Cancioneiro de João de Lemos*, que fosse português e culto. Era casado, e pessoa benquista de Casimiro, dado o modo carinhoso como este encerra a carta, “que goze as maiores venturas”. Penso em quatro nomes, Antônio Leopoldino Ribeiro, Francisco de Sá Pinto de Magalhães, Manoel da Fonseca Silva e Manoel Pereira dos Santos Mafra, sendo que a minha intuição aponta para o primeiro deles, que era, aliás, dono do Patacho Fluminense, o rico e distinto lusitano que hospedara D. Pedro II em sua estada em Barra de São João em abril de 1847. E aqui, chamo de novo a atenção do leitor para o fato de que o título posto por Casimiro em seu livro foi *Primaveras*, e não “As primaveras”. A carta o mostra de modo bem claro.

4.  Juca Pereira, que veio a ser conhecido também como “Juca do Angelim”, é o futuro Comendador José Alves Pereira, companheiro de infância e estudos de Casimiro, filho de Manoel Pereira, antigo sócio e protetor financeiro do pai do poeta. Juca herdará do pai a Fazenda do Angelim, além de ter-se tornado também o dono da Fazenda do Indaiáçu, após a morte de Casimiro.

5.  Quanto a Manduca, creio tratar-se de Manoel da Fonseca Silva Júnior, amigo de infância de Casimiro.

6.  João de Lemos (Seixas Castello Branco) nasceu em 6 de maio de 1819. Autor do célebre poema “A lua de Londres”, o poeta e advogado por Coimbra ia morrer esquecido em 18 de janeiro de 1890. Suponho que Casimiro o tenha conhecido em Lisboa, onde João de Lemos teve escritório na Rua dos Fanqueiros, 40, a poucos metros da morada do jovem brasileiro. A poesia deve tê-los aproximado. Aliás, na carta que está sendo analisada, Casimiro mostra intimidade e diz *Cancioneiro do*, e não *de* João de Lemos. E não estava blefando. O primeiro volume do *Cancioneiro de João de Lemos (Flores e Amores)* saíra em 1858, o segundo (*Religião e Pátria*) em 1859. Vem a seguir a interrupção de que fala Casimiro, e só em 1866, seis anos após a sua morte, é que sai o terceiro volume, *Impressões e Recordações*.



1859.nov.13 – Do Rio de Janeiro para Lisboa, Casimiro escreve a Albina. Papel azul pálido, pautado, 26 x 21 cm, quatro páginas, texto na primeira, endereçamento na quarta, “Para mana Albina –”, após o quê, alguém anotou “2ª”. Terceira e quarta páginas em mau estado, prestes a se soltarem das outras. Nas quatro, há um furo, que “come” algumas palavras de duas linhas, ainda que, pelo sentido, se possa intuir o que Casimiro quis dizer. Pus em itálico e entre [], as palavras “intuídas”. Original: Coleção Pedro Corrêa do Lago, São Paulo (SP).

– Rio de Janeiro 13 novembro 1859.

Querida Irmã –

– Chegou o pacote e foi de balde que esperei carta tua; tu minha preguiçosa nem tens ânimo de escrever-me. Deixa estar que me pagas; se não responderes à que te escrevi pelo pacote passado ficas sendo uma gorducha feia.

Quero que me escrevas de vez em quando ainda que não sejam senão 2 palavras e o teu nome; isso basta-me; essas palavras serão como o eco de tua voz, e vendo o teu nome a [*tua imagem*] passará diante de meus olhos iluminada [*por*] todas as cores que o meu amor lhe dá –

Não sabes que saudades tenho de ti!

Desejo que estudes e aproveites bastante para saíres muito cedo do colégio, e trata de tomar gosto pela música e desenho, que são prendas bonitas e indispensáveis numa senhora de educação esmerada.

Todos estão bons e mandam-te muitas lembranças. Nossa Mãe, Tio Manoel Joaquim, Bonifácio e primos recomendam-se muito.

A minha ilustre pessoa também passa sem novidade, e desejo que gozes sempre boa saúde e que Deus te livre da febre amarela que anda

agora divertindo-se aí em Lisboa – Adeus Albina, no pensamento dá-te um abraço e um beijo

Teu irmão
do coração
Casimiro JM. de Abreu

Geral:  Três comentários. O primeiro, para destacar o quanto Casimiro é paternal, carinhoso e delicado com Albina. O “ficas sendo uma gorducha feia” é uma delícia. O segundo, para insistir em que ele visita com certa frequência a mãe em Niterói. O terceiro, para dizer que, havia já algum tempo, Lisboa vinha sendo vítima de graves problemas. Em 1856, fora assolada pela cólera morbus. Depois, em 1857 e 1858, pela febre amarela, que matou milhares de pessoas, e pelo pavoroso tremor de terras de 11 de novembro de 1858, só inferior ao de 1.º de novembro de 1755, que reduziu o centro da capital portuguesa a escombros.



1859.nov.25 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel gelo, 22 x 14 cm, quatro páginas, texto na primeira e em metade da segunda, terceira e quarta em branco, com “dentada”. Timbre com o nome “C. de Abreu” no canto superior esquerdo, e desenho com fila de pequenos retângulos brancos em transparência. Texto em perfeito estado, letra de Casimiro tornando-se miúda, de difícil leitura. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Rio – 25 novembro 1859 –

Meu Amigo –

Que mal te fiz para assim me esqueceres? Creio que estás em débito para com a pessoa¹ porque a última missiva foi minha, sendo portador o Tomás, e isto há mais de 6 meses. Com todos os cartuxos! Estamos nós brigados? Palavra de honra que não me acusa a consciência de faltas graves para contigo a não ser esta minha crucial e crônica preguiça de escrever, e que desconfio que já te pegará.²

Peço-te que dês um sinal de vida; um gemido, um grito, um berro, qualquer coisa em fim (*sic*) que me mostre pertenceres ainda ao número dos que andam com vida. Oh! com seiscentos! dar-se-á caro que tu namoras?! Homem, não me deixes nestas dúvidas; se pertences ao domínio do cemitério, trata de participar-me o mais depressa possível, porque eu não recuso padre nosso³ e Ave Maria pelo teu sono.

Os estudantes vêm chegando de S. Paulo; já cá estão o Cristóvão, Pedro Sousa e Monteiro. Sabes quem vi outro dia? Aquele célebre Joaquim Moreira, de Buenos Aires; acha-se estabelecido lá e veio aqui tratar de negócios; pede-me que o recomende a todos os ex-colegas e por isso cumpro o meu dever.⁴

Adeus; bem sabes que estou morando⁵ na rua da Quitanda 195 – Escreve-me de vez em quando –

Adeus aceita um abraço do

Teu Velho Amigo
Casimiro

I e 2. ☞ A impressão que fica é que Casimiro “comeu” a palavra *minha* antes da palavra “pessoa”. Quanto ao silêncio do Couto, há várias hipóteses, inclusive a de que se tenha aborrecido com a inclusão do poema “Clara” no livro *Primaveras*. Penso em outra hipótese; a de que ele tenha ficado constrangido por não conseguir encaixar os exemplares (“uns 30”) de *Primaveras* que Casimiro lhe mandara. Talvez não tenha sequer tentado repassá-los. Afinal, o Couto era agora um Tenente da Guarda Nacional. E num lugar pequeno como Porto das Caixas, a coisa não funcionava, não caía bem. Não devia haver por lá tanta gente interessada em poesia, sobretudo em comprar um livro cujo preço não era acessível a muitos.

3. ☞ Curioso, mas no original está mesmo assim; padre nosso com minúsculas e Ave Maria com maiúsculas.

4. ☞ Jamais consegui identificar quem seria esse Joaquim Moreira. Cheguei a pensar em Joaquim Alves Moreira Júnior, de Rio das Ostras, com quem Casimiro deve ter convivido na infância. Só que não consta que ele houvesse estudado no Instituto Colégio de Nova Friburgo.

5. ☞ Notar que Casimiro não só trabalha no n.º 195 da Rua da Quitanda, como mora naquele endereço.

1859.dez.31 – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel gelo, pequeno ramo de margaridas no canto superior esquerdo, 20,5 x 13,5 cm. Quatro páginas, texto na primeira e em metade da segunda. Terceira e quarta com “dentadas”. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Rio – dezembro 31 – 1859.

Couto –

Estou intimamente convencido que (*sic*) morreste, e faz idéia com que terror escrevo a um defunto!

Há seguramente 3 cartas minhas a que não tens respondido e parece que medeia entre nós a enorme distância dum continente!

Intimo-te pois em nome da nossa amizade, pelas barbas de D. João de Castro e pelos meus bigodes também, que dês algum sinal de vida, para eu suspender as orações quotidianas pelo repouso de tua alma.¹

– Falando sério agora.

É portador desta o meu amigo Belisário L. da Silva Peixoto² que vai para Nova Friburgo tomar ares por 3 ou 2 meses, pois se acha bem doente do peito. Creio que ele não se demora aí no Porto mais que um dia; mas eu não quero (*sic*) que ele fosse sem te apertar a mão, e espero que tu o acolherás com estima e lhe mostres o que há de bonito e bom na tua pátria cidade.

Adeus, desejo-te festas muito felizes – mando-te um abraço apertado

Teu velho amigo
Casimiro JM de Abreu

1.  Casimiro dá um tom de galhofa à sua carta, mas devia estar de fato preocupado com o silêncio inquietante do Couto. Apesar disso, como se verá mais à frente, Belisário foi recebido com toda atenção.

2.  Belisário Luís da Silva Peixoto é o terceiro filho de Luís Antônio da Silva Peixoto e Maria Teresa da Cruz Peixoto, pais também de Luís Antônio, de Emília Augusta, e daquela que virá a ser a última paixão de Casimiro, Joaquina Luísa da Silva Peixoto.



1860 – Do Rio de Janeiro para (?) Casimiro escreve a Pedro Luís Pereira de Sousa. O texto desta carta foi publicado em 1934 pela Academia Brasileira de Letras no livro *Dispersos*, através da editora Civilização Brasileira S. A., do Rio de Janeiro. A carta, escrita “com tinta roxa em papel meio rosa”, foi furtada dos arquivos da Academia Campinense de Letras, que a recebera em doação da saudosa professora D.^a Cecília Barros Pereira de Sousa Braga, neta de Pedro Luís.

Atenção

Grande parte desta carta é composta de frases do “Prólogo” que o próprio Casimiro redigiu para a edição de *Primaveras*. Ele as parafraseou, ou simplesmente as copiou (nem sempre na mesma ordem que exibem no “Prólogo”), ao dirigir-se a Pedro Luís. Aqui, para que o leitor possa fazer a comparação, coloquei em negrito as palavras reutilizadas por Casimiro. Que o teria levado a isso? Poderia ser, creio eu: a) Temeroso de que Pedro Luís não lesse o seu “Prólogo”, e fazendo questão de exibi-lo ao amigo, reproduziu na carta as idéias expostas naquele texto. b) Preguiçoso para cartas, mas querendo enviar a Pedro Luís uma que lhe parecesse bastante apresentável, reaproveita longos trechos de um texto por ele literariamente elaborado. c) Simples preguiça, associada à falta de tempo, o que nele é comum, ele, que tem o hábito de deixar “para a última hora”. Não por acaso, se assina “o teu Preguiçoso amigo Casimiro”.

Pedro,

Eis, finalmente, o meu livro de poesias, que tu esperavas com tamanha impaciência e que a minha habitual indolência tanto retardou.

Se julgares que essas páginas estão muito inferiores à tua expectativa, culpa antes a tua complacente amizade, que não a mim que nunca te alimentei na ilusão.

Hás de aí achar cantigas de criança, suspiros de exilado, trovas de mancebo e raríssimos lampejos de reflexão e de estudo; — é o coração que se espraia sobre o eterno tema do amor e que soletra o seu poema íntimo ao luar melancólico das nossas noites.

Meu Deus! que se há de escrever aos vinte anos, quando a alma conserva ainda um pouco da criança e da virgindade do berço?

Sempre há tempo de sermos homens sérios — e de preferirmos uma moeda de cobre a uma página de Lamartine!

Flores e estrelas, canto das aves e vozes do mar, suspiros de virgem e risos de criança, murmúrios da terra e mistérios do céu, tudo o que é belo e tudo o que é grande vem, por seu turno, debruçar-se sobre o espelho mágico da minh'alma, e aí estampar a sua imagem fugitiva.

Se, nessa coleção de imagens, produzir-se o perfil gracioso de uma virgem, facilmente se explica: Era ela a Musa do céu que veio, um dia, vibrar o alaúde adormecido do pobre filho do sertão!

Sabes que minha vida tem sido uma luta contínua e que a alegria nunca foi minha companheira; no entanto pude espalhar o mel dos risos sobre muita página mentirosa, e disfarsar (*sic*) as angústias do espírito na melodia das rimas. Hás de dar-me razão; as confidências amargas, a história íntima dos sofrimentos morais, não se expõem assim à risada cínica dos fariseus modernos.

Rico ou pobre, contraditório ou não, o livro fez-se por si, naturalmente, sem esforço e os cantos saíram conforme as circunstâncias e os lugares iam disputando. Um dia a pasta pejada de manuscritos, pediu que lhes desse um destino qualquer; foi então que anunciei as *Primaveras*.

Depois, rasguei muitos versos, guardei outros que constituem o meu livro íntimo e, no fim de mudanças infinitas e caprichosas, pude ver o volume completo.

Se, depois de leres isto como amigo, tomares a gravidade imponente do censor e pesares o livro pelo seu valor literário, sei perfeitamente que tua opinião me enviará para o lugar modesto e obscuro que eu mesmo já marquei.

De certo tudo isto são ensaios; a mocidade palpita e, na sede de futuro que a devora, decepa os louros ainda verdes, balbucia no gênero, vacila na pena e, antes do tempo, quer ajustar as cordas do instrumento que só a madureza da idade e o trato dos mestres poderão temperar.

O filho dos trópicos deve necessariamente achar uma poesia— sua própria — lânguida como ele, quente como o sol que o abrasa, grande e misteriosa como as suas matas seculares. O beijo apaixonado das Musas há de inspirar epopéias como a dos *Timbiras* e acordar os Renés enfatiados do desalento que os mata.

Aí então, até podemos seguir de longe o poeta de *Y-Juca Pirama* — nós, cantores novéis, somos as vozes secundárias que se perdem no conjunto duma grande orquestra.

Assim, pois, as minhas *Primaveras* não passam dum ramalhate de flores próprias da estação; flores que o vento desfolhará amanhã e que apenas valem como promessa dos frutos do outono.

Crês tu que a árvore possa viver?

É do que, às vezes, duvida o teu

Preguiçoso amigo

Casimiro.

(1860)

Geral: ☞ a) Esta carta (e outra, de 19 de março de 1860) só foi conhecida quando Everardo Valim Pereira de Sousa (19.ago.1869=16.jun.1948), filho de Pedro Luís, organizou os textos deixados pelo pai, e os publicou sob o título de *Dispersos* (Publicações da Academia Brasileira, IV-Inédita, Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro, 1934). Ela aparece nas páginas 219/22, acompanhada da seguinte

nota: “Carta dificullosamente copiada do original, cuja caligrafia microscópica torna impossível a leitura exata de certas palavras – que foram substituídas por outras, apenas para formar sentido. Mesmo os especialistas da Repartição Técnica da Polícia de São Paulo não conseguiram “decifrar” algumas das referidas palavras!”

b) Foi providencial que, na carta a Pedro Luís, Casimiro transcrevesse longos trechos do “Prólogo” de *Primaveras*, pois isso me permitiu identificar algumas das palavras “dificullosamente” transcritas do original, citadas por Everardo Pereira de Sousa. Por prudência, e só por prudência, não fiz todas as modificações que julgava cabíveis, limitando-me a uma apenas, que me parecia por demais evidente, ou seja, na frase em que é citado “Y-Juca Pirama”, substituí “nos cantares novos somos” por “nós, cantores novéis, somos”. Sugiro porém que, no futuro, caso se ache o original furtado da Academia de Letras da cidade de Campinas (SP), se faça um sério cotejo do mesmo com o “Prólogo” de *Primaveras*, visando a se chegar ao texto exato da carta. Dou três opiniões: 1) “Se, nessa coleção de imagens, produzir-se o perfil gracioso de uma virgem” talvez seja “predomina o perfil” e não “produzir-se o perfil”; 2) Na frase que começa por *Meus Deus!*, em “um pouco da criança” talvez seja “crença” e não “criança”; 3) Na frase que começa por *Rico ou pobre*, em “os lugares iam disputando” talvez seja “os lugares os iam despertando”. E há outras correções, que seriam porém duvidosas, pois Casimiro pode ter feito alterações ao escrever a Pedro Luís. Dou exemplos: “sermos *homem serio*” e “*Até então*, até seguirmos o vô arrojado”.

c) Há também o caso contrário: pequenos erros que aparecem no livro e que, talvez inconscientemente, Casimiro corrige na carta. Desse modo, se se encontrar o original, as futuras impressões do “Prólogo” poderão vir perfeitas. Dou um exemplo. No livro, na frase “De certo, tudo isto são ensaios; a mocidade palpita, e na sede que a devora decepa os louros inda verdes e antes de tempo quer ajustar as cordas do instrumento, que só a madureza da idade e o trato dos mestres poderão temperar.”, há erros tipográficos que Casimiro “corrigiu” na carta: “De certo, tudo isto são ensaios; a mocidade palpita e, na sede *de futuro* que a devora, decepa os louros *ainda* verdes, *balbucia no gênero, vacila na pena* e, antes *do* tempo, quer ajustar as cordas do instrumento que só a madureza da idade e o trato dos mestres poderão temperar.” Se compararmos os dois textos, veremos que o da carta (nesse caso) é mais convincente. Se Everardo Pereira de Sousa tivesse feito a comparação com o “Prólogo” de Casimiro, estou certo de que teria decifrado as charadas da letra microscópica. Agora, com o roubo do original (dos originais), fica tudo mais difícil.

d) Em *Dispersos*, no final da carta, aparece uma data, “(1860).” Por não conhecer o original, fico sem saber quem a pôs ali. Mas tudo indica que tenha sido Everardo Pereira de Sousa, baseado em alguma evidência que não revelou. Estou con-

vencido de que foi realmente em 1860 que Casimiro enviou o *Primaveras* a Pedro Luís. Por vários motivos, que enumero: 1) Acho que o enviou em mãos, e não pelo Correio. Se fosse pelo correio, penso que teria posto “Rio de Janeiro, dia tal, mês tal...” 2) Casimiro começa a carta dizendo “que tu esperavas com tamanha impaciência e que a minha habitual indolência tanto retardou.” Casimiro, creio, não está dizendo que a sua indolência retardou a publicação do livro, mas a sua remessa ao amigo; 3) Tendo o livro saído na primeira semana de setembro de 1859, e sabendo Casimiro que àquela altura, em São Paulo, Pedro Luís devia estar-se preparando para os exames de fim de ano, teria achado mais sábio aguardar a vinda do amigo, já de férias, quando poderia dar mais atenção ao seu livro e até escrever sobre ele. Se assim pensou, acertou. 4) Se o livro tivesse sido enviado para São Paulo, sem dúvida Casimiro mandaria recados para José Luiz Monteiro de Sousa e para Cristóvão Corrêa e Castro, e não deixaria de fazer menção a exemplares destinados àqueles amigos. 5) O artigo de Pedro Luís sobre *Primaveras*, publicado em 19 de março de 1860, foi escrito já no Rio de Janeiro, e traz a data “Rio, 10 de Fevereiro de 1860”; 6) Penso, por fim, que Casimiro não encaminharia o livro a Pedro Luís exatamente no momento em que ele chegasse ao Rio de Janeiro, de férias, talvez a caminho da casa dos pais, em Capivari, hoje Silva Jardim (RJ). Sabia que viriam as festas de fim de ano e o amigo não teria tempo para leituras. Assim, aguarda a sua passagem pela Corte, tal como no ano anterior fizera com Cristóvão Corrêa e Castro. 7) Resumindo, creio que o livro foi mandado através de portador, ou deixado em local previamente acertado, no Rio de Janeiro, já em 1860.

e) Chamo a atenção do leitor para um pormenor. No “Prólogo” do livro, Casimiro diz, “a pasta pejada de tanto papel pedia que lhe desse um destino qualquer”. Na carta, ele troca para “a pasta, pejada de manuscritos, pediu que lhes desse um destino qualquer”. Lá está *pedia* e aqui está *pediu*. Mas não é este o pormenor que quero destacar. O que me chamou a atenção foi “tanto papel” e “manuscritos”. Percebo aqui uma sutileza, um gesto delicado de Casimiro. Ele usa “manuscritos” para não passar por esnobe, para não lembrar que já era um autor publicadíssimo, antes de estrear em livro.

f) O parágrafo que começa com “Sabes que minha vida tem sido uma luta contínua” e termina com “fariseus modernos” me faz pensar que Pedro Luís conhecesse “a história íntima dos sofrimentos morais” de que fala Casimiro. O mesmo parágrafo nos mostra que, estudante em Nova Friburgo, Casimiro se mostrava um garoto triste e melancólico: “Sabes (...) que a alegria nunca foi minha companheira.”



1860, jan. II – Do Rio de Janeiro para Porto das Caixas, Casimiro escreve ao Couto. Papel gelo, com pequenos retângulos em transparência. No canto superior esquerdo, em relevo, traz o nome “C. de Abreu”, sublinhado por uma vinheta de flores. Quatro páginas de 22 x 14 cm., tendo o texto na primeira e na segunda. Pequeno furo no centro da terceira e quarta. A carta foi escrita em letra muito miúda. Na quarta página, dando transparência para a terceira, há um desenho deprimente, talvez do próprio Casimiro, que mostra vultos (pássaros pretos) no interior de uma gaiola. Original: Coleção José Mindlin, São Paulo (SP).

Rio – II janeiro – 1860 –

My dear –

Não obstante o teu teimoso silêncio, que não posso atribuir senão a um descomunal ataque de preguiça ou descomunal ataque de amor que faz esquecer tudo mais, – escrevo-te e desejo-te boas festas.

Além disso venho agradecer-te de todo o coração a recepção amabilíssima que fizeste a meu amigo Belisário Peixoto quando por aí passou, e que não cansa de louvar-te.¹

O que vejo é que és um grande ratão! Se sofre de *mal de amores*, desabafa filho, que as confidências aliviam muito, mas pelo amor de Deus, não continues no teu silêncio que me faz supor ter-te ofendido alguma vez. Palavra de honra que não me lembro, e a interrupção momentânea da nossa correspondência não tem alterado em nada a estima verdadeira que sempre te consagrei.

Eu continuo sempre bom do físico e sempre enfermo do moral.² Vou vivendo e cada dia torno-me mais triste e mais desanimado; as ilusões vão-me caindo todas, e sem o prisma das ilusões esta vida parece-me bem insípida e bem miserável.

Disse *adeus* à poesia e à literatura e creio agora que a melhor coisa do mundo é o dinheiro.³ Já devia ter feito esta reflexão a (*sic*) mais tempo, mas ainda não é tarde, graças a Deus —

Dá-me notícias tuas e aceita um abraço do

Teu velho amigo
Casimiro

1. ☞ O silêncio do Couto deve, de fato, ter representado uma enorme sobrecarga à soma de sofrimentos que se abatia sobre Casimiro. Afinal, pelo que se tem e se sabe, era com ele que o poeta fazia seus desabaços, aliviava um pouco o peso interno que o puxava para baixo. E tudo indica que não haverá mais cartas do Couto. Pelo menos da parte de Casimiro, será esta a última que se conhece, e que deve ter ficado também sem resposta. Mas, como já disse antes, não se pode condenar o amigo de Porto das Caixas sem se conhecerem os seus verdadeiros motivos. E não esquecer também que, mesmo silencioso em relação a Casimiro, ele recebe magnanimamente o amigo deste, Belisário Peixoto, que por lá passara a caminho de Nova Friburgo. Acrescento que ele, o Couto, faleceu em 1885. Detinha ainda a patente de Capitão e deixou dois filhos, Américo (o guardião das cartas de Casimiro) e Eustáquio.

2. ☞ “Eu continuo sempre bom do físico e sempre enfermo do moral.” Vê-se que, ou Casimiro se enganou na “leitura” do seu corpo, ou o moral lhe minou o físico com muita rapidez, que parece ter sido exatamente o que aconteceu. Os meses que se seguiram a esta carta foram de puro calvário, de sofrimento inimaginável. Tanto que, nove meses e uma semana mais tarde, Casimiro estará morto. E acrescento que até o experiente Costa Cabral se enganou com as aparências, pois em carta de 1.º de dezembro de 1859 ao pai do poeta, procura tranquilizá-lo “... assegurando-lhe que o nosso Casimiro tem gozado saúde.”

3. ☞ Dói fundo ver esse moço de 21 anos, despedindo-se de todos os seus sonhos. Quem não se lembra aqui do abatido Dom Quixote renunciando às suas aventuras, a dar adeus aos seus mais belos ideais?



1860.mar.19 – Do Rio de Janeiro para São Paulo, Casimiro escreve a Pedro Luís Pereira de Sousa. Trata-se da segunda das cartas publicadas pela Academia Brasileira de Letras no livro *Dispersos* (Editora Civilização Brasileira S. A., Rio de Janeiro, 1934, págs. 263/6). Tal como a primeira, esta carta teria sido escrita “com tinta roxa em papel meio rosa” e, como a outra, furtada dos arquivos da Academia Campinense de Letras, que a recebera por doação da saudosa professora e escritora Cecília Barros Pereira de Sousa Braga, neta de Pedro Luís.

Pedro:

Acabo de ler no – *Mercantil* – de hoje o que escreveste sobre as – *Primaveras*; custou, mas finalmente saiu! Esperava avidamente e tive uma surpresa agradável. Tanto me havias assustado com a tua *severidade* que já me tinha preparado a devorar uma tremenda reprovação com o mais amável sorriso nos lábios. Foi um doce engano! Do princípio ao fim sempre elogios, sempre indulgência, sempre simpatia! A cada linha descobria-se no crítico elegante o poético Pedrinho de Friburgo, o amigo querido dos primeiros anos. Dir-se-ia que tinhas pena de ferir, mesmo de leve, o companheiro dos primeiros tentamens ao Pindo, naquela quadra deliciosa dos 13 anos! Não é verdade que ainda nos amamos, e que o coração movendo a pena desvirtuaria as intenções da cabeça?

Foste indulgente de mais e perdôo-te; o que eu queria, sobretudo, era uma lembrança tua, que se prendesse ao passado e me acenasse o futuro. Irmãos em tanta coisa, ser-me-ia doce seguir-te a trilha, e mais fraco em aspirações, poder saudar de longe o espaço luminoso que a tua inteligência poderosa franquearia dum salto. Duvidarás que eu guarde estas tuas linhas como um tesouro de família, uma relíquia do irmão mais moço que partiu para longe? Os anos e os interesses nos desuniram, como o mar as tábuas soltas dum navio, e nestes padrões

que hoje plantamos de passagem, no dizer do Castilho, virá um dia encostar-se a velhice com saudades da juventude!

Vamos já muito distanciados, meu amigo; tu caminhas sempre para horizontes largos e a tua esteira gloriosa será bordada de pérolas – como nas magnificências orientais. Eu, se não retrocedo, fico parado, e sinto que a sombra do crepúsculo me cobrirá; amo a obscuridade tranqüila e por entre as trevas espreito o cintilar dalguma lareira. O meu sonho hoje é a família – o amor eterno da mulher querida e a cabecinha loura duma criança.

Tu bem sabes que eu amo, e que me tenho por este amor sacrificado a ponto de quase embrutecer-me.

O que sobretudo notei na tua apreciação do meu livro foi o tato fino do poeta; apontaste as páginas onde chorara o coração, como se em ti tivesse aberto a alma numa confidência completa. És sempre poeta!

Si (*sic*) eu viver até o fim do ano quero afagar-te num abraço e ser um dos primeiros a felicitar o Dr. e o futuro Deputado. É sério isto.

Encarrego de desmentir os teus elogios ao Dr. Maneco Almeida e ao Quintino Bocaiúva. Vão ambos escrever a respeito das – *Primaveras* – e tiveram a brusca franqueza de me dizer que a crítica será severa no superlativo. Atenta, porém, à reputação de preguiçosos que ambos gozam, talvez para o ano ponham em efeito o projeto!

O – *Diário* – reaparecerá no dia 25 deste e o Quintino está na redação, assim como o Muzzio e creio que o Machado de Assis; é diretor o Saldanha Marinho.

A propósito e antes que me esqueça: Peço-te que respondas por mim, datando o ofício daqui, ao diploma de sócio correspondente não sei de que, que me mandou teu primo Monteiro. Desejava também receber os jornais literários daí, principalmente trazendo trabalhos teus. É preciso que vás coordenando as tuas poesias para dá-las em volume para o ano, pois ser-te-á isso nocivo depois da formatura; bem sabes que para esta canalha um poeta é um animal inútil, e é pena que um dia

sofras tropeços por causa das *linhas curtas e compridas* de que fala ... não sei quem.

Tenho estado muito triste e sinto-me vergar ao peso duma apreensão terrível. A febre tem feito por aqui muitas vítimas e dois moços que eu amava caíram com intervalos de 5 dias! Um, sobretudo, deixou-me um vácuo difícil de preencher; tu o conhecias, era aquele menino de inteligência colossal, criança sublime que se banharia em todo o fulgor da glória. Era o Macedo Júnior. Tinha 16 anos incompletos e a morte levou-o de repente como o vento carrega a folha seca. Não calculas o que tenho sofrido! Amava-o tanto, estava tão habituado a vê-lo todos os dias, que não posso acostumar-me à idéia de que o perdi para sempre. O outro era o Gonçalves Braga; um no dia 5, este em 10!

Recomenda-me muito ao Cristóvão, ao Monteiro – e não te esqueças dos jornais acadêmicos; moro na rua da Quitanda – 195.

Não te peço que me escrevas porque mesmo não sei si (*sic*) te responderei, mas desejo ler a crônica poética da Paulicéa entre as bestialidades do *Mercantil*, – como uma rosa de Alexandria entre o verde dum canteiro de couves. Abraça-te o

Casimiro.

19 de março de 1860.

1.  O “Acabo de ler” mostra o quanto o artigo de Pedro Luís fez bem a Casimiro, e dá uma prova inequívoca do seu caráter, do seu espírito de gratidão. Poderia ter deixado para agradecer no dia seguinte, sem pressa, mas ele quis fazê-lo sem demora. Aliás, tenho como certo que esse artigo foi o grande empurrão na glória de Casimiro. Poucas vezes, na história da nossa literatura, um livro de estréia (e era de poesia!) terá merecido uma tal consagração. A segunda página do *Correio Mercantil* (um dos dois ou três mais importantes jornais que havia na época), foi praticamente tomada pelo texto altamente elogioso de Pedro Luís. O artigo em si, embora contenha excelentes momentos, perde-se um pouco na ambição de comentar uma grande quantidade de poemas, além de cair às vezes na crítica “achista”, aquela do tipo *acho isto, acho aquilo*. O saldo, contudo, é altamente positivo. Falando do poema “No lar”, diz Pedro Luís, “São desses versos que se lêem com os olhos úmi-

dos” ou “Quem poderá ler estes versos de Casimiro de Abreu, sem sentir um estremecimento no coração?”. Diz mais: “Casimiro d’Abreu tem a habilidade de falar do amor quase sempre, como duma matéria nova.(...) É admirável a frase elegante do poeta; não é como a onda que sai das profundezas do abismo e se atira às nuvens; é antes como a linfa cristalina, que vai murmurando através do vale.”

2. ☞ O “custou, mas finalmente saiu!” usado aqui por Casimiro, é esclarecedor. Escrito em 10 de fevereiro, Pedro Luís deve logo ter entregue ou encaminhado o seu artigo para publicação. Como era muito extenso (praticamente uma folha inteira do *Correio Mercantil*), teve de entrar na fila, aguardar uma oportunidade excepcional. Daí ter esperado quase 40 dias. É fácil imaginar a impaciência de Casimiro.

3. ☞ O artigo, que tem por título “Casimiro de Abreu – Primaveras” e vem assinado “Pedro Luiz P. de Sousa”, foi escrito durante as férias de Pedro Luís. Datado de “Rio, 10 de fevereiro de 1860.”, só foi publicado 39 dias depois, em 19 de março, quando o autor já retornara a São Paulo, para onde seguira no domingo 11, rumo a Santos, e a bordo do Vapor Piratininga. Das palavras de Casimiro, “tanto me havias assustado com a tua *severidade*”, depreende-se que, após entregar o artigo no *Correio Mercantil*, Pedro Luís, ou pessoalmente, ou por carta, ou através de terceiros, prevenira o amigo sobre a *severidade* na crítica.

4. ☞ Surpreendente a frase de Casimiro, “... uma relíquia do irmão mais moço que partiu para longe?”. Estaria falando genericamente, ou se referiria de fato a Pedro Luís? Afinal, eram ambos de 1839, embora Casimiro fosse de janeiro, e Pedro Luís de dezembro. A diferença de idade entre os dois era irrisória.

5. ☞ Curiosa a expressão “cabecinha loura duma criança” usada pelo poeta. Ou se trata de cacoete romântico, estereótipo de época, ou faz supor que a sua namorada, Joaquina Luísa da Silva Peixoto, fosse loura. Aliás, foi providencial que Casimiro dissesse a Pedro Luís, “Tu bem sabes que eu amo, e que me tenho por este amor sacrificado a ponto de quase embrutecer-me”. Ela confirma que já começara o namoro com Joaquina. E mais, que ele já vinha de alguns meses, pois como a frase dá a entender pelo “Tu bem sabes”, Casimiro já falara do assunto com aquele amigo durante a estada deste na Corte. De qualquer modo, creio que o namoro começou após o aparecimento de *Primaveras*, após a primeira semana de setembro de 1859. O simples fato de Belisário, irmão de Joaquina, ser portador de uma carta de Casimiro para o Couto em 31 de dezembro daquele ano, já revela uma aproximação com a família Peixoto. Quanto à frase, “a ponto de quase embrutecer-me”, pode ter a seguinte explicação. Planejando casar-se, Casimiro deve ter assumido de maneira mais consistente o papel de homem sério, trabalhando como assalariado em João Baptista Leite & C., lendo talvez menos, freqüentando menos as rodas literárias, enfim, deve ser isso o que ele chama embrutecer-se.

6. ☞ Pedro Luís deveria concluir o Curso de Direito em São Paulo no final de 1860. Daí que Casimiro dissesse que pretendia “ser um dos primeiros a felicitar o Dr.”, ressaltando porém, numa impressionante premonição, “Se eu viver até o fim do ano ...”. Sete meses após escrever esta frase, ele baixou à sepultura.

7.  O *Diário do Rio de Janeiro* parece ter vivido de 1 de junho de 1821 a 31 de outubro de 1878, com duas interrupções, a saber; de janeiro de 1859 a 25 de março de 1860, e de janeiro a março de 1878. Quando ressurgiu em 25 de março de 1860 (o reaparecimento a que Casimiro se refere), tinha como principal redator Joaquim Saldanha Marinho, jornalista e advogado, com escritório no n.º 94 da Rua do Rosário.

8.  Casimiro diz que, tanto Manoel Antônio de Almeida quanto Quintino Bocaiúva, lhe haviam prometido escrever sobre *Primaveras*. Pesquisei muito, mas não achei nenhum texto dos dois dirigido àquele tema. Acho porém que, talvez até para se redimir da suposta “falta”, seria de Manoel Antônio de Almeida (e não de Machado de Assis) o necrológico que, assinado “M.A.”, saiu na página 2 do *Correio Mercantil* de 19 de agosto de 1860, quando correu na Corte o boato de que Casimiro havia falecido em Nova Friburgo.

9.  Vergado pela morte dos dois melhores amigos, o Macedinho e Gonçalves Braga, Casimiro devia estar passando por enorme depressão. Basta ver o que diz a respeito da frequência com que via o Macedinho, “todos os dias”, mostrando o nível da amizade que os unia. Apesar de tudo, do sombrio dessa fase, o 19 de março de 1860 foi um dia de glórias para ele. Teve até de deixar um poema autógrafa para um desconhecido, Nicolau Vicente Pereira, que através de terceiros lhe fizera chegar o seu álbum e o pedido de um autógrafa. Casimiro, mostrando que não se achava “deslumbrado” com os louros do momento, deixou nele o poema “No álbum de Nicolau Vicente Pereira”, onde, humilde, escreveu estes versos: “... que vale / Um nome desconhecido / Se há-de ser logo esquecido / O nome que eu deixo aqui!...” Quanto a Nicolau Vicente Pereira, era poeta de algum mérito. Português, passara a infância no Rio de Janeiro, tendo também vivido em Porto Alegre. Há muitos poemas seus em *A Messe* (órgão da Sociedade Retiro Literário Português publicado na Corte em 1860) e no n.º 14 de *O Espelho*, de 4 de dezembro de 1859.

10.  Tive a sorte de achar a primeira publicação do poema “No álbum de Nicolau Vicente Pereira”, que se deu em 24 de abril de 1864, na quarta página do sétimo número de *Cosmo Literário*, jornal dirigido por Manoel Antônio Major. Está datado de “Rio de Janeiro 19 de março de 1860”, e se acha precedido por esta nota da redação: “Ao Público – A nossa boa estrela fez-nos deparar com a poesia abaixo inserta, é ela do nosso finado poeta Casimiro de Abreu e afiançamos que é inédita e que será aceita por todos aqueles que prezam o estro de tão sublimado poeta; contudo fazemos esse pequeno anúncio para prevenir enganos e para que o público conheça o quanto trabalhamos para agradá-lo. Redação.”

11.  Registro que “No álbum de Nicolau Vicente Pereira” aparece nas páginas 198 e 199 da edição das “Obras Completas” de Casimiro, feita em 1883 pelo Dr. Joaquim José de Carvalho Filho. No rodapé do poema, à página 198, o Dr. Carvalho Filho apõe duas notas curtas, sendo esta a primeira, “O Sr. Ramalho Ortigão na edição que deu e prefaciou das *Primaveras*, Porto, 1866, deu esta inédita” e a segunda, esta, “Nos originais de Casimiro de Abreu, em meu poder, estes versos têm a nota seguinte: “*Num álbum de que não conhecia o*

dono, ficaram estes versos servindo para todos os álbuns em iguais circunstâncias.” Quanto à primeira nota, e contrariando o que ali se diz, já se sabe que o poema não era inédito, uma vez que o *Cosmo Literário* já o havia publicado. Quanto à segunda, além de vários méritos que não cabe aqui citar, tem o de mostrar que Casimiro não conhecia Nicolau Vicente Pereira.

12. ☞ Foi ótimo que em suas cartas, por mais de uma vez, Casimiro tenha deixado claro que morava na Rua da Quitanda, 195, local em que trabalhava. Tal endereço andou gerando confusões entre alguns biógrafos e estudiosos do poeta. Por ter Teixeira de Melo se referido a uma “república de estudantes”, e por ter Casimiro dado este endereço para o envio de cartas, fizeram erroneamente a associação das duas coisas.

13. ☞ A data de *19 de março de 1860*, que na página 266 de *Dispersos* vem no final da carta, deve ter sido ali posta por Everardo Pereira de Sousa, já que Casimiro tinha o hábito de datar suas cartas no início das mesmas. Assim, o mais provável é que ela começasse por *Rio de Janeiro, 19 de março de 1860*.

14. ☞ Por não conhecer o original da carta, mantive a forma “de mais”, que aparece separada na primeira linha do segundo parágrafo, página 263 de *Dispersos*.



1860.abr.13 – Da Lontra para Barra de São João, Claudino Antônio Marques de Abreu escreve a seu sobrinho Casimiro. Endereçado a “Ilmo Sr Casemiro J M d’Abreu – Barra de S. João”. Documento fotocopiado. Ver M.125 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Cazemiro (*sic*)

Lontra 13 de abril de 1860

Rogo-te mandar-me dizer como tem passado teu Pai, e meu mano, e se precisa aí de algumas galinhas, para eu as mandar daqui, o que não faço agora porque não sei se aí terão aonde as terem, peço-te que faças ver a meu mano quando tiveres ocasião que eu não tenho já ido lá por causa do meu mau estado de saúde. Estimo que gozes a melhor saúde e que disponhas de

Teu Tio e amigo
Claudino.

Geral: 1.  A povoação da Lontra, onde se achava a casa comercial dos irmãos José Joaquim e Claudino Antônio Marques de Abreu, já não existe. Ficava no ponto em que o Rio Lontra (hoje um modesto córrego junto ao Posto Oásis, na BR-101, 5 km ao norte de Casimiro de Abreu-RJ) encontrava o Rio São João. Situava-se na margem esquerda de ambos os rios, e distava cerca de 28 km da Vila de Barra de São João.

2.  Aqui, o velho hábito da carne de galinha usada na alimentação dos convalescentes.

3.  Claudino também já se encontra muito mal nessa altura; sua letra se mostra tremida. Ele ainda viverá um mês e pouco, vindo a falecer em 24 de maio de 1860, 37 dias após o irmão e protetor José Joaquim.

4.  Fica a impressão de relacionamento cordial entre Casimiro e o tio Claudino Antônio.

5.  Casimiro deve ter ficado de 12 a 13 dias em Barra de São João. Sai do Rio de Janeiro a 4 de abril, e deve ter levado o pai para Barra de São João no dia 5, ou no máximo 6, já que em carta do dia 22 ao primo Antônio José Marques de Abreu Júnior, diz que “À minha chegada aqui levei-o para a Barra...” Fica na Vila até o dia do enterro, dia 18, ou até à manhã de 19, quando volta para a Fazenda do Indaiáçu.



1860.abr.15 – De Barra de São João para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve ao seu colega de trabalho Antônio Fernandes Camacho Falcão, que no dia 27 acusa o recebimento. (A carta de Casimiro se perdeu).



1860.abr.18 – Provavelmente de Barra de São João para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve a Antônio Francisco da Costa Cabral. Comunica-lhe a morte do pai, pede-lhe que faça convites para as missas de sétimo e trigésimo dias. O portador é o escravo Joaquim. Costa Cabral acusa o recebimento ao escrever a Casimiro em 24 de abril. (A carta de Casimiro se perdeu).



1860.abr.18 – De Barra de São João para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve ao seu colega de trabalho Antônio Fernandes Camacho Falcão. Comunica a morte do pai, pede que lhe remeta material de luto, e encaminha uma carta aos cuidados do amigo. Portador, sem dúvida o escravo Joaquim, que trouxera a carta do poeta a Antônio Francisco da Costa Cabral. (A carta de Casimiro se perdeu).



1860.abr.19 – De Barra de São João para a Fazenda do Indaiáçu, Francisco de Sá Pinto de Magalhães, futuro avô materno de Washington Luís, escreve a Casimiro. Endereçamento, “Ilmo Sr. Casimiro Abreu – Andaiáçu”. Documento fotocopiado. Ver M.112 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Casa dos Carvalhais, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Ilmo Sr. Casimiro. (*sic*)

Barra 19 de abril 1860.

Não há arrecadação havendo herdeiros presentes, mesmo colaterais até o 2.º grau. Aí vai o parecer que esperávamos e o regulamento que regula a matéria, cujo regulamento me devolverá. Se achou algum documento de filiação – deve proceder já a um inventário ou relação dos bens que achar, e bom será chamar seu Tio para assistir, além de mais duas testemunhas e quando chegar lá o Subdelegado ou alguém para arrecadar, dizer-lhe que já estão inventariando para cautela enquanto se vai proceder à competente habilitação; se não achar o título de filiação, seu Tio deve estar aí e dizer isto mesmo à autoridade – e ir⁺ ele

procedendo à relação mencionada. Como aí está o meu Compadre Fonseca, consultem o regulamento e parecer incluso, e saberão o que hão de fazer.

Estimo que fizesse boa viagem e goze saúde perfeita.

Seu Amigo Obrigado
Sá Pinto

+ – Neste sentido escrevo agora mesmo ao seu Tio Claudino, que mandou aqui um próprio saber notícia, pois até ontem de noite nada se sabia na Lontra. Digo-lhe que me consta se vai fazer arrecadação judicial, e ele se apresentar para evitá-las, no caso de não ter aparecido o título de filiação – porque então tem este direito o filho e não o irmão. (Sá)

Há esta segunda e pequena carta abaixo, de Sá Pinto para Casimiro, sem qualquer indicação de data ou local, mas com endereçamento idêntico ao da anterior. Não hesito em juntá-la à primeira, pois se insere perfeitamente no contexto daquela. Seria também de Barra de São João para a Fazenda do Indaiaçu, e também de 19 de abril de 1860. (Ver M.331 em microfilme ou cd)

Ilmo. Sr. Casemiro

Depois de fechada a carta junta indicaram-me onde poderia achar chapéu como eu procurava. Aí vai um que me parece servirá; contudo se não servir pode devolvê-lo pois comprei condicionalmente.

Seu Amigo Obrigado
Sá Pinto

Geral: I. ☞ Só agora, diante da sua morte sem testamento, se vê o quanto José Joaquim foi prudente quando, dez anos antes, em 27 de setembro de 1850, fez a perfilhação dos filhos naturais. Se não o tivesse feito, e com a subsequente morte do seu irmão Claudino, seus bens seriam arrecadados pelo governo de Portugal.

2. ☞ Para se entender a carta de Sá Pinto, deve-se ler a que ele, na véspera, recebera do irmão Torquato Sá Pinto, tabelião em Macaé, advogado, procurador e amigo de José Joaquim. Tal carta (que começa por “Muito sinto o falecimento do nosso amigo, mas é preciso que lhe diga que quando me retirei, logo previ esse resultado.”), trazia orientações a serem repassadas a Casimiro, sobre como proceder em relação aos bens deixados pelo pai. (Ver M.I.21/2 em microfilme ou cd). Quanto ao “parecer incluso” nada mais é que a própria carta de Torquato ao seu irmão. E o fato de ela ter ido parar em Portugal, mostra que foi mesmo encaminhada a Casimiro.

3. ☞ Há toda uma legislação sobre como deveria ocorrer a arrecadação dos bens de estrangeiros mortos no Brasil. Trata-se do Decreto n.º 855, de 8 de novembro de 1851, “Regulando as isenções e atribuições dos Agentes Consulares Estrangeiros no Império, e o modo por que se hão de haver na arrecadação e administração das heranças de súditos de suas Nações, dado o caso de reciprocidade.”

4. ☞ Vê-se que após o sepultamento do pai, Casimiro voltou para a Fazenda do Indaiáçu. Não fica claro se voltou no dia 18, logo após o enterro, ou se na manhã seguinte. Tampouco fica claro se voltou com Manoel da Fonseca Silva, que se acha na fazenda em 19. Mas pelo singular usado por Sá Pinto em “*fizesse* boa viagem”, se deduz que voltou sozinho, ainda que Fonseca para lá se encaminhasse também.

5. ☞ A frase “até ontem de noite nada se sabia na Lontra.” deixa claro que Claudino Antônio não fora avisado da morte do seu irmão José Joaquim e que, portanto, não assistiu ao seu enterro.

1860.abr.19 – Provavelmente (já) da Fazenda do Indaiáçu para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve a Costa Cabral. Já orientado pelos irmãos Sá Pinto, ele fala da iminência da arrecadação dos bens deixados pelo pai, da necessidade do documento de perfilhação e de eventuais problemas com a Casa da Lontra. O portador é o escravo Joaquim, que traz para Cabral, além das duas cartas de Casimiro, uma de Claudino Antônio Marques de Abreu. (As cartas se perderam).



1860.abr.20 – De Macaé para (provavelmente Fazenda do Indaiaçu), o comendador João José da Silva Porto escreve a Casimiro e lhe dá os pêsames pela morte do seu velho amigo José Joaquim. (Lamentavelmente, por razões de que não me lembro, não copiei nem fotocopiei a carta, fazendo apenas uma anotação, um lembrete. Mas é uma carta de pêsames, sem outros dados importantes). Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Casa dos Carvalhais, Vila Nova de Famalicão, Portugal.



1860.abr.22 – Da Aldeia Velha ou Madruga (em Capivari) para a Fazenda do Indaiaçu, José Galdino da Silva Leite (marido de Rosa Pinto Osório, prima do poeta), escreve a Casimiro. Endereçamento, “Ilmo Sr. Cazemiro José Marques de Abreu – Andauassú”. Documento fotocopiado; ver M.126 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Ilmo Sr.

– Abril 22 de 1860.

Recebi sua carta de convite para a missa por alma do meu respeitável amigo, e não me é possível comparecer, por ter de me achar amanhã (23 do corrente) em Correntezas para também assistir uma missa ali celebrada por alma do mesmo finado. Sinto, como se pode sentir a morte de seu bom Pai, e Irmão; porém não devo avivar idéias que devem estar gravadas em seus corações, e por isso concluo.

Sou com respeito
De V^{sa} atencioso amigo e criado
José Galdino da S. Leite.

Geral: 1. ☞ A missa em Correnteças deve ter sido mandada rezar por Claudino Antônio e sua mulher Florianiana.

2. ☞ José Galdino e Rosa moravam na localidade de Águas Pretas, na Freguesia de Nossa Senhora do Amparo de Correnteças, perto de Poço das Antas e Madrugá, mas aparecem às vezes como moradores da Aldeia Velha, o que atribuo ao fato de, na época, este local ser uma referência mais forte dentro do município de Capivari, hoje Silva Jardim (RJ).

3. ☞ Custei a entender aquele “Pai, e Irmão” que aparece no texto, chegando a pensar que o “Irmão” tivesse a ver com a Maçonaria. Mas acabei entendendo: é que o convite para a missa de sétimo dia fora feito em nome de Casimiro, filho, e de Claudino Antônio Marques de Abreu, irmão do finado. Daí o Pai e Irmão.



1860.abr.22 – De Cabiúnas para a Fazenda do Indaiáçu, Pedro Joaquim de Magalhães escreve a Casimiro, endereçando “Ilmo Sr Caze-miro José Marques de Abreu – Andaiassú”. Documento fotocopiado. Ver M.134 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Ilm.^{os} Sr.^s (*sic*)

Cabiúnas 22 de abril de 1860.

Tenho de me achar amanhã (23 do corrente) em Correnteças para assistir a missa que ali se há de celebrar por alma do falecido Sr. seu Pai, e Irmão, por isso não posso comparecer a seus convites. (*sic*)

Sinto de minha parte a morte do mesmo, e concluo assinando-me

De V S.^{as} Att.^o V.^o Obr.^o

Pedro Joaquim de Magalhães.

Geral: ☞ Os comentários são idênticos aos da carta anterior. Acrescento apenas que Cabiúnas era uma localidade da Freguesia da Sagrada Família do Rio São João, perto de Indaiáçu e de Águas Livres. Quanto a Pedro Joaquim de Magalhães, era alfaiate e pessoa ligada aos Pinto Osório, o lado materno de Casimiro.

1860.abr.22 – Da Fazenda do Indaiáçu para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve ao primo e amigo Antônio José Marques de Abreu Jr. Documento fotocopiado, ver M.346 em microfilme ou cd. Original: Coleção Mário Rui Champalimaud Carneiro Pacheco, Porto, Portugal.

Inday'assu (*sic*) 22 de abril – 1860

Primo Antônio.

Já deve saber o triste acontecimento da morte do meu Pai.

À minha chegada aqui levei-o para a Barra, onde havia mais recursos, e nutríamos a esperança de que se restabelesse, pois realmente ia indo muito bem; estava fraquíssimo e inteiramente exausto pois as febres intermitentes o consumiam há mais dum mês. Haviam (*sic*) ali diversas inflamações: do fígado, baço até que tudo se agravou. Numa ocasião em que fez um pequeno esforço saiu-lhe a hérnia e conservou-se fora 4 dias sem haver meio de reduzi-la. Era a morte certa e tentaram a operação; foi ela feita com toda a perícia e rapidez, mas a natureza estava tão abatida que não pôde resistir, – 5 horas depois sucumbiu.

Pedi ao Cabral que fizesse convite para a missa de 7.º e 30.º dias.

– Sube (*sic*) ontem que o Machado mandara para mim uma caixa com insetos – rogo-lhe o obséquio de mandar entregá-la em S. Domingos com a carta inclusa.

Queira dizer ao Sr. Bastos que brevemente darei ordens para saldar a minha conta.

Queira recomendar-me aos primos e creia-me

Seu primo amigo obrigado
Casimiro JM. de Abreu

Faleceu no dia 17 de abril às 8 1/2 da noite.

Geral: I. ☞ Quem primeiro me falou (em 1993) que na Casa do Sestelo, em Santa Maria de Oliveira, Vila Nova de Famalicão, havia uma carta autógrafa de Casimiro colocada em caixilho com vidro e pendurada a uma parede, foi D.^a Maria José de Abreu Sampaio de Lima Carneiro Pacheco de Andrade, da cidade do Porto, cunhada de D.^a Maria Luísa Calem Champalimaud Carneiro Pacheco, proprietária da Casa do Sestelo. Demonstrei logo interesse em ter uma cópia da carta, ou, se possível, ter acesso à mesma. Mas havia dificuldades. Para minha surpresa porém, dois ou três dias depois, D.^a Maria José me comunicou que seu sobrinho, o Sr. Mário Rui, filho de D.^a Maria Luísa, fizera para mim duas fotocópias da carta. Só que, para fazer tais fotocópias, tivera de levar a carta, na moldura, para a cidade do Porto. Assim, quando um mês mais tarde, recebido pela querida e saudosa D.^a Maria Luísa, estive na Casa do Sestelo, tive a decepção de saber que o original, que não cheguei a ver, ficara no Porto. De qualquer forma, D.^a Maria Luísa entregou-me a fotocópia, que pude depois microfilmar, e que pode ser vista no microfilme ou no cd em M.346.

2. ☞ Apesar de Casimiro descrever com precisão a agonia do pai, soa estranho aquele “realmente ia indo muito bem; estava fraquíssimo e inteiramente exausto” que, por uma fração de segundo, deixa o leitor perplexo, sem entender as coisas. Depois, examina-se melhor, e se entende bem o que ele quis dizer.

3. ☞ Casimiro diz que “febres intermitentes o consumiam há mais dum mês”. Levando-se em conta a data da chegada do poeta à fazenda, em 4 ou 5 de abril, se vê que José Joaquim adoecera em fins de fevereiro, ou nos primeiros dias de março. Da hora da morte, depreende-se que a cirurgia foi realizada às 15:30 horas, o que faz sentido, pois teria de ser feita à luz do dia. Na época, a iluminação da Vila não deixava outra opção. Suponho que José Joaquim tenha sido operado pelo Dr. Antônio Lobo Viana, amigo da família, genro de Francisco José Teixeira Bastos, cuja filha Luísa era afilhada de casamento do pai de Casimiro. Havia porém outros médicos que poderiam tê-lo operado, como o cirurgião Dr. João Francisco de Sousa.

4. ☞ O termo de óbito de José Joaquim (fl. 59 do Livro de Óbitos n.º 3 da Freguesia da Sagrada Família do Rio São João), diz que ele “faleceu no dia anterior em consequência de uma hérnia”, o que é só meia verdade, como se vê pela carta acima. Eis o termo fielmente transcrito: “José Joaquim Marques d’Abreu: Aos dezoito dias do mes de Abril de mil oitocentos e sessenta nesta Freguesia da Villa da Barra de São João sepultou-se o cadáver do finado José Joaquim Marques d’Abreu, natural de Portugal, solteiro, de idade de sessenta anos mais, ou menos; recebeu os Sacramentos da Penitencia e Extrema Unção; faleceu no dia anterior em consequencia de uma hernea; foi encomendado por mim, e sepultado nas Catacumbas da Irmandade do Santíssimo; e para constar faço este termo O Vigario João Ferreira Passos.”

5.  Realmente, no Rio de Janeiro, serão ditas duas missas por alma de José Joaquim Marques de Abreu, mandadas rezar por Casimiro e Costa Cabral. Mas haverá outras.
6.  A caixa de insetos enviada a Casimiro por seu vizinho Manoel Antônio Rodrigues Machado será citada em duas outras cartas mais à frente. Curioso que fosse enviada para São Domingos, onde morava a já então namorada de Casimiro, Joaquina Luísa da Silva Peixoto, a “Quinquina”. Poderia ser para ela, como poderia ser também para o irmão desta, Belisário Peixoto. (Ver adiante a carta de II de maio de 1860).
7.  Vê-se por aqui a correção de Casimiro, preocupado em saldar a sua conta na firma em que trabalhava. Quanto ao “Sr. Bastos” por ele citado, trata-se de Antônio José Pereira Bastos, um dos sócios de João Baptista Leite & Cia. Transcrevo, a propósito, trecho de anúncio de 10 de setembro de 1863 do *Jornal do Commercio*, onde aparecem os nomes de todos os sócios daquela firma: “... se convida para a missa por morte do Barão de Guaribu, mandada rezar pelos seus amigos Comendador Domingos José Leite, João Baptista Leite, Antônio José Pereira Bastos e Antônio José Marques de Abreu Júnior (ausente)”. Acrescento que, em meados de 1872, a firma de João Baptista Leite & Cia. entrou em liquidação.
8.  Os primos a quem Casimiro se recomenda são os irmãos de Antônio, José e João Marques de Abreu.
9.  Se é verdade que uma imagem vale por mil palavras, é verdade também que, às vezes, um documento vale por muitas histórias. Quantas lendas, penso, se formaram em torno da morte de José Joaquim Marques de Abreu, como aquela de que, ao chegar ao Indaiáçu, Casimiro já encontrara o pai sepultado.

1860.abr.23 – Na Fazenda do Indaiáçu, Casimiro escreve ao vizinho Manoel Antônio Rodrigues Machado. Uma só folha de 28 x 22 cm., em mau estado, com furos, manchas, dentadas. Tem o carimbo “Biblioteca Nacional – Seção de Manuscritos – Rio de Janeiro”. Junto, há um envelope de ótima qualidade, com timbre da “Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro” e com esta anotação: “Carta autógrafa de Casimiro (José Marques) de Abreu. Maio 22 de 1896. Oferecida por T. de Mello”, posta, ao que parece, pelo próprio Teixeira de Melo. Original: Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional (I-02,01,015), Rio de Janeiro (RJ).

Ilmo Sr. Manoel Antônio Rodrigues Machado.
Indaiáçu 23 abril 1860

Prezado Sr.

Agradeço-lhe muito o favor que me fez de encomendar e remeter-me para o Rio a caixa com insetos, e sua importância, segundo me disse, de Rs\$53.000 – cinquenta e três mil réis – aqui lhe remeto incluso (*sic*).

Agora vou falar-lhe sobre um ponto delicado que só por escrito posso fazê-lo. Não o convido nem deixo de convidá-lo para a missa de 3ª feira, deixando isso inteiramente à sua vontade.

É público e notório (*sic*) as desinteligências havidas entre meu falecido Pai, Vm^{ac} e o Sr. Sebastião; não entro nem quero entrar na análise dos acontecimentos que a isso deram motivo.

Meu Pai queixava-se amargamente e dizia ter muita razão. Julgo pois ser da minha dignidade e do meu caráter de bom filho, respeitar-lhe os seus desejos e vontades.

Não há de certo (*sic*) entre nós, que poucas relações temos tido, ressentimento ou ofensa pessoal de qualidade alguma; espero que esta

carta não seja considerada como rompimento de hostilidades, mas antes creio que Vm^{cc} e o Sr. seu Pai compreenderão o sentimento de delicadeza e amor filial que agora me move a pena.

Podemos, respeitando e guardando as devidas conveniências, vivermos (*sic*) como bons e pacíficos vizinhos, — comtanto (*sic*) que não nos prejudiquemos, quer direta, quer indiretamente.

Fará o favor de mostrar esta carta ao Sr. seu Pai, pois assim poupa-me o trabalho de escrever-lhe.

Desejo-lhe a melhor saúde e as maiores venturas, como quem é com estima

De Vm^{cc}
Att V Cri.º
Casimiro JM de Abreu

Geral: I.  O documento apresenta um furo sobre a palavra que viria entre “vivermos como” e “pacíficos vizinhos”. Adoto a forma “vivermos como bons e pacíficos vizinhos”, embora comportasse também esta outra, “vivermos como dois pacíficos vizinhos”.

2.  Há um pormenor curioso. O dia 23, dia da missa, caiu numa segunda-feira, e não numa terça, como Casimiro põe na carta. Pode-se ver, pelas duas cartas do dia 22 acima transcritas (a de José Galdino e a de Pedro Joaquim), que Casimiro enviou os convites no domingo 22, ou no sábado 21. Assim, ao vizinho Machado, poderia ter dito apenas “para a missa de amanhã”. Pode-se especular que se tratasse de um ato falso, um impulso de induzir o vizinho a “erro” e afastá-lo da missa, evitando o constrangimento que, parece, seria despertado pela sua presença. Penso numa segunda hipótese: Casimiro usa, conscientemente, um artifício para “afastar” Machado, e “finge” errar na data do convite e da missa, “jogando-a para a frente” e, com isso, “desmobilizando” o vizinho. Penso ainda numa terceira hipótese, esta mais ingênua. Como José Joaquim morreu numa terça-feira (17 de abril), Casimiro pode ter “ficado com a idéia de terça-feira na cabeça”, ao pensar em missa de sétimo dia, o que o teria levado ao lapso na carta.

3.  Escrevendo na roça e dirigindo-se a alguém do campo, Casimiro não quer passar por pedante: utiliza-se de uma linguagem despreocupada, negligente mesmo, chegando às vezes a maltratar a gramática.

4. ☞ Casimiro se assume como filho leal (“do meu caráter de bom filho”), coisa que sabia ser. Nem teria o despudor de posar de bom filho perante vizinhos e adversários do pai, se não estivesse seguro da sua imagem. Aliás, é admirável a hombridade exibida por ele. Sobretudo se se levar em conta que se dirigia a um fazendeiro local, comerciante, homem de ação, de poder de mando, que veio a ser figura de destaque da Guarda Nacional e da vida social da região. Acrescento que Manoel Antônio Rodrigues Machado era filho de Sebastião Antônio Rodrigues, morava em Botafogo, perto do Indaiáçu e da Lontra. Suas terras eram contíguas às de José Joaquim. E fato significativo, ele deu a um de seus filhos o nome de Casimiro.

5. ☞ O aceno de convivência pacífica com o vizinho Machado, deixa entrever que, pelo menos nesses primeiros tempos de orfandade, não passou pela cabeça de Casimiro desfazer-se da fazenda. Ao contrário, parece que andou pensando em casar-se e fixar-se por lá.

6. ☞ No original, após “agora me move a pena”, Casimiro escreveu “Continua –”, retomando em seguida o texto da carta.

7. ☞ Deixo aqui um registro. Na página 22 do n.º 43 da *Revista da Semana*, de 26 de outubro de 1946, Escragnolle Dória publicou um artigo intitulado “Casimiriana”, em que relata uma visita que, no Rio de Janeiro, fizera a D.^a Paulina Miranda da Cruz Abreu, viúva de Casimiro José Marques de Abreu (filho de Maria Joaquina e Francisco José), primo e homônimo do nosso poeta. No citado artigo, ele transcreve parcialmente esta carta, juntando à transcrição estas palavras: “Um dos autógrafos de Casimiro possuídos por D. Paulina de Abreu, fortalece o nosso modo de pensar, à vista da seguinte carta datada do próprio Indaiassú.” Dez anos depois, na página 150 de *Autógrafos de Casimiro de Abreu* (Separata do volume n.º IX da *Revista da Academia Fluminense de Letras*, Niterói, 1956), Arnaldo Nunes transcreve também um trecho da carta, dizendo tratar-se de “Doc. do arquivo de Escragnolle Doria”. Ora, há aqui uma evidente contradição ou equívoco. Não é de se duvidar que o original da carta tenha pertencido a D.^a Paulina Miranda, pessoa da família Marques de Abreu. O que me parece estranho é que, na Biblioteca Nacional, a carta apareça como tendo sido doada em 1896 por Teixeira de Melo que, aliás, morreu em 1907. Ora, se antes de 1907 o original já se achava na Biblioteca Nacional, como poderia Escragnolle Dória, em 1946, tê-lo visto em mãos de D.^a Paulina Miranda da Cruz Abreu? Alguma coisa foi mal contada.



1860.abr.24 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Antônio Francisco da Costa Cabral escreve a Casimiro. Papel azul encorpado, oito páginas, texto nas cinco primeiras. Perfeito estado de conservação. Não traz endereçamento ou envelope, o que se explica, pois foi levado em mãos por um escravo. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Ilmo Sr. Casemiro (*sic*) José Marques de Abreu

Rio de Janeiro, 24 de abril de 1860.

Prezado amigo e senhor.

A desgraça que me anuncia em seu estimado favor de 18 do corrente confirmada pelo de 19, da perda do Sr. seu Pai e meu muito particular amigo, recebi-a em Petrópolis, sábado 22 do corrente, para onde tinha ido nesse mesmo dia, por comunicação telegráfica que me dirigiu para ali o nosso amigo Sr. Joaquim Marques Ribeiro.

Não posso exprimir ao meu amigo o abalo que sofri na ocasião e mesmo a dor que me acompanha e acompanhará por uma tal perda; Deus que é Pai de Misericórdia terá compaixão da alma do nosso bom amigo e pena da nossa dor.

O seu escravo Joaquim portador de suas cartas e de uma do Sr. seu Tio Claudino chegou aqui no mesmo dia sábado depois das 4 horas da tarde, e eu não pude descer no domingo por não achar lugar nos carros da serra, fi-lo ontem, e incontinentemente (*sic*) que cheguei, li as suas cartas, tratei de dar providências acerca do que me exige, e que se deve fazer, antes porém que lhe exponha, peço-lhe mil desculpas por não ir pessoalmente aí como desejava, em consequência do meu estado de saúde, e negócios me não permitirem já; todavia se aí os negócios tendem a complicar-se, escreva-me de novo, que incontinentemente (*sic*) eu aí serei a despeito de tudo.¹

Inclusa achará Vm^{sc} a certidão da escritura de sua perfilhação e de suas duas Irmãs, por ela verá VM^{sc} ser já maior de 21 anos e por isso emancipado por lei.²

No caso de ter-se dado a arrecadação dos bens do Sr. seu finado Pai, a que VM^{sc} se não podia opor a não ser com documentos, deverá VM^{sc} incontinentem (*sic*) requerer com esta certidão a entrega de todos os bens arrecadados, e a sua nomeação de Inventariante, e como há uma sua Irmã menor, requerer também para que lhe seja nomeado tutor, que poderá ser VM^{sc}, ou pessoa de toda a confiança como o Sr. seu Tio Manoel Joaquim Pinto Osório.³ Se puserem alguma dúvida sobre sua idade, procure nos papéis do Sr. seu Pai que achará a sua certidão de idade e de suas Irmãs, e quando as não ache, nada mais fácil do que tirá-la aí na Barra aonde VM^{sc} foi batizado.

Se não tiverem procedido a arrecadação alguma, nem por isso deixará VM^{sc} de requerer sua nomeação de Inventariante e a nomeação de tutor por parte de sua Irmã, dando começo ao Inventário para que em tempo algum o possam arguir de negligente ou culpado em qualquer extravio que possa haver. Ainda que VM^{sc} não tivesse a idade da lei, com essa mesma certidão de perfilhação VM^{sc} deveria requerer ao juiz para a entrega dos bens mediante a nomeação de um tutor que o representasse, justiça que lhe não podia ser negada segundo a opinião do meu amigo o Sr. Dr. Perdigão Malheiros.⁴

O Sr. Sá Pinto e seu Irmão Torquato⁵ são homens circunspectos e inteligentes, e este último era e foi sempre o advogado do Sr seu Pai, e em quem ele depositava muita confiança, e eu no seu caso havia de ouvi-los, sobretudo ao Torquato, como profissional (*sic*). Sobre o negócio da Casa da Lontra de que o Sr. seu Pai era o principal sócio, é minha opinião, e do Dr. Perdigão, que VM^{sc} faça quanto antes pôr a dita Casa em liquidação, isto é, tratar primeiro que tudo de dar um balanço para conhecer todo o ativo e passivo dela, e depois fazer vender tudo quanto existir de fazendas, a dinheiro ou a prazo a firmas com garan-

tia; todas as contas de livros reduzi-las a documentos, tratando das cobranças com afinco, recebendo gêneros ou dinheiro em pagamento e fazendo remeter tudo para uma casa que lhe preste contas dessas transações. Como deve conhecer esta casa tem transações importantes e para as quais VM^{sc} deve dirigir sua séria atenção sob pena de grande prejuízo que infalivelmente afetará a sua fortuna e a das Snr^{as} suas Irmãs.

Seu Tio Claudino é sócio dessa Casa e muito deve concorrer em seu auxílio, nem só por interesse, mas mesmo por dever; certo estou que ele a nada se poupará, mesmo para de futuro poder entrar em novo negócio com seu Tio Francisco que creio não deixará de vir logo que receba a notícia da morte do nosso bom amigo.⁶

Sobre estes negócios nada mais me ocorre dizer-lhe, e nem tampouco do advogado a quem consultei, se porém alguma circunstância se der de momento, recorra ao Torquato, que nele achará o que sempre encontrei: verdade, inteligência, e honradez. – VM^{sc} até que venha o Sr. seu Tio, ou alguém que o represente, não deve abandonar essa Fazenda e o negócio, salvo se para melhor informar-se quiser dar aqui uma chegada depois das coisas postas aí na melhor ordem. Fiz o convite para a Missa do sétimo dia, que deve ter lugar hoje às 9 horas na Igreja de S. Francisco de Paula.

Fiz comprar para o Joaquim duas mudas de roupa preta, não o mandei fardar por julgar melhor assim, e a vista lhe darei as razões; desde já lhe declaro, porém, que são elas de nenhum valor para mim, mas o podem ser para alguém que por bondade consternada possam influir em seu desfavor.⁷

Tendo-me o Sr seu Tio Claudino escrito sobre os negócios da Casa de que é sócio, eu lhe digo agora em resposta que lhe sirva de governo o que mando dizer a VM^{sc} a respeito.

Existe em meu poder uma Letra de três contos de réis 3.000\$000 saque de João Muniz de Paiva contra o Banco do Brasil, e a favor do Sr.

seu Pai, a qual se acha aceita, mas não pode ser cobrada; vou escrever ao sacador dando-lhe parte do ocorrido, para que dê as providências.

Nos papéis do Sr. seu Pai, achará VM^{sc} quatro Letras aceitas por João Augusto Stocklin⁸ no valor de RsII.829\$480, onze contos, oitocentos vinte e nove mil quatrocentos e oitenta réis as quais, bem como uma escritura de hipoteca do mesmo que eu havia dado ao Sr seu Pai para efetuar-me a cobrança; peço-lhe pois que ponha tudo sob sua guarda para que não haja algum extravio.

Meu amigo, isto por aqui vai mau (*sic*), a febre amarela, tifo, cólera, e perniciosas, não respeitam idades, sexos, condições, cores, e nem nacionalidade: Deus ponha termo a tanta aflição para o gênero humano.⁹

Aceite muitas recomendações de minha mulher e de nossos queridos filhinhos,¹⁰ e creia que eu sou e serei

Seu amigo obrigado criado
Antônio Francisco da Costa Cabral

NB – Ao meio-dia de hoje deve passar o Joaquim com ordem minha de ir a casa da Sra. sua Mãe, que me mandou pedir hoje para ele lá passar.¹¹
Às 9 horas disse-se a Missa.¹²
Saúde lhe deseja o seu amigo Cabral

I. ☞ Costa Cabral erra na data. Sábado foi 21, e não 22 como diz. A missa foi rezada às 9 horas da terça-feira, dia 24. Quanto à explicação que ele dá a Casimiro, deve ser assim entendida. Trazendo as cartas de Casimiro e Claudino, o escravo Joaquim chegou à Corte no sábado 21, após as 16 horas, mas não achou Costa Cabral, que subira para Petrópolis naquele dia. Diante disso, Joaquim Marques Ribeiro telegrafa para Petrópolis e dá a notícia a Costa Cabral, que pensa em descer no dia seguinte, domingo, mas desiste por não achar lugar nos carros da serra. Desce então na segunda, 23, toma as providências pedidas por Casimiro, e lhe escreve na terça, 24, dia da missa, usando como portador o escravo Joaquim que, an-

tes de voltar a Indaiçu, passa pela casa de Luísa e pega a carta que, nesse dia 24, ela escreve a Casimiro.

2.  Das duas, uma: ou Costa Cabral guardava segredo, mas sabia da existência do documento de perfilhação, ou então, ao escrever-lhe no dia 19, Casimiro lhe deu algumas pistas a respeito. Surpreende que, descendo de Petrópolis na segunda-feira 23, no mesmo dia obtivesse a certidão do citado documento. Como é que, numa grande cidade como o Rio de Janeiro, Costa Cabral foi ao tabelião correto, ao ano certo, ao livro adequado, às folhas correspondentes? A certidão foi extraída no dia 23 pelo tabelião Mathias Teixeira da Cunha e, como se vê pelo inventário de José Joaquim, ficou em pouco mais de três mil réis. Acrescento um comentário que me parece importante. O de que soa estranha a frase de Costa Cabral, “Verá ... ser já maior de 21 anos ...”. Como admitir que o culto e viajado Casimiro não soubesse a própria idade? Seria apenas um reforço de linguagem de Costa Cabral? De qualquer modo, fica patente que, enquanto o pai viveu, Casimiro não soube que fora perfilhado. Que teria induzido José Joaquim a manter o fato em segredo? Talvez a vida clandestina que levava, medo de expor os filhos a vinganças ou perseguições. É uma hipótese. Tanto que, ao fazer a perfilhação, escolhe para testemunhas duas pessoas da sua total confiança, os irmãos Manoel José e Francisco José. Mas é estranho que, nos últimos dias de vida, sabendo que o mano Manoel José morreria e que a outra testemunha, Francisco José, vivia em Portugal, José Joaquim não tranquilizasse o espírito do filho, revelando-lhe que o havia perfilhado.

3.  Pelo modo como Costa Cabral se refere a Manoel Joaquim Pinto Osório, se vê que o irmão de Luísa era pessoa da completa confiança de José Joaquim e, por extensão, de toda a família deste. Quanto à necessidade de se nomear um tutor, tem a ver com o fato de a irmã caçula de Casimiro, Albina, que vivia e estudava em Lisboa, ser ainda de menor idade, pois nascida em 3 de dezembro de 1843.

4.  Quanto ao Dr. Malheiros, trata-se do Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiros, famoso advogado. Mas lembro que o avô, o filho e o neto tinham idêntico nome, sendo que apenas o pai e o filho eram advogados. O pai, formado em Coimbra, nasceu em Viana do Minho em 29 de agosto de 1788 e morreu no Rio de Janeiro em 19 de agosto de 1860. E é provavelmente dele, do pai, que Costa Cabral é amigo, ainda que pudesse sê-lo também do filho, uma vez que, em abril de 1860, ele contava 36 anos de idade e já era advogado. Nascido em Campanha (MG), em 5 de janeiro de 1824, ele morreu no Rio de Janeiro em 3 de junho de 1881. Era uma bela figura, embora franzino, e foi praticamente quem desencadeou no Brasil a campanha abolicionista.

5.  Francisco de Sá Pinto de Magalhães era cinco anos mais velho que o irmão Torquato José de Sá Pinto. Eram filhos legítimos de Miguel Pinto e Antônia de Matos, e nasceram ambos na Freguesia de Santa Maria Maior da Vila de Alijó, em Trás os Montes, Portugal, o primeiro em 25 de novembro de 1803 e o segundo em 17 de janeiro de 1808. O primeiro era farmacêutico em Barra de São João (e depois em Ma-

caé); o segundo, advogado e tabelião em Macaé. O primeiro foi casado com Luísa Carlota de Sá, com quem teve um filho, o médico Torquato de Sá Pinto de Magalhães, e três filhas, Amélia Olegária, Luísa, e Florinda Ludugera, futura mãe de Washington Luís. O segundo casou-se com sobrinha Amélia Olegária, filha de Francisco. O primeiro morreu em 25 de outubro de 1887 em Barra de São João, onde foi sepultado. O segundo, em Macaé em 27 de março de 1868. Seu belo túmulo, no Cemitério da Irmandade do Santíssimo Sacramento daquela cidade, exhibe estes dizeres, “Jazigo perpétuo do finado Torquato José de Sá Pinto e suas inocentes filhas Maria Paula e Luíza – Tributo de Amor e Gratidão.” Acrescento que Torquato, por sua condição de tabelião, teve forte presença no célebre processo de Mota Coqueiro.

6. ☞ A povoação da Lontra, hoje extinta, ficava no ponto em que o Rio Lontra encontra o Rio São João, não muito longe da Fazenda do Indaiáçu. Ali, na Lontra, o pai de Casimiro tinha uma importante casa comercial, Abreu Irmão & Sobrinhos, primeiramente em sociedade com o irmão Francisco José e os sobrinhos Antônio e Manoel Ferreira Marques de Abreu, sociedade essa que foi desfeita de maneira tempestuosa no segundo semestre de 1859, com a saída dos sobrinhos. Depois, com a ida de Francisco José para Portugal, a sociedade foi refeita, com a entrada do outro irmão, Claudino Antônio Marques de Abreu. Quanto à casa comercial, por situar-se em ponto estratégico (o café que vinha da periferia de Nova Friburgo era ali embarcado para a Corte), movimentava grandes somas de dinheiro.

7. ☞ Soa estranho e confuso o trecho em que Costa Cabral se refere às roupas de luto que mandara comprar para o escravo Joaquim. Talvez fosse um costume da época vestir com farda preta o escravo que levava a terceiros a notícia da morte do seu dono. Pode ser isso; mas é apenas uma suposição que me ocorre.

8. ☞ Peça a paciência do leitor para uma longa nota sobre João Augusto Stocklin. E para começar, traduzo um trecho da página 226 do livro *La Genèse de Nova Friburgo*, de Nicoulin Martin (Éditions Universitaires, Fribourg-Suisse, 2^e. édition, octobre 1973), que fala de temas que têm a ver com a carta de Costa Cabral: “A lembrança dessa expansão rumo ao leste se perdeu. Jamais é mencionada, nem na historiografia brasileira, nem na suíça. E no entanto, os documentos encontrados mostram que o fenômeno teve lugar muito cedo. Já em 1822, depois em 1823, e em 1824, existem registros de uma tomada de posse do solo pelos colonos suíços. Ao mesmo tempo, esses testemunhos nos mostram que os colonos, como autênticos pioneiros, lançaram-se na busca da fortuna cultivando o café. Fazendo-se uma retrospectiva, pode-se ver, vinte anos mais tarde, como foi benéfico o encontro do suíço com o café. Para isso, utilizamos o dossiê inédito conservado nos Arquivos do Estado de Fribourg referente a Auguste Stöcklin. Este, que já vamos encontrar no mapa de Quévremont em 1822, nos fala da situação de sua terra: “Eu lhes direi que nós estávamos muito mais bem situados para a exportação dos nossos produtos, porque tínhamos perto de nós dois rios navegáveis. O rio Macaé banha toda a frente da minha terra, mas só é navegável

duas léguas abaixo da minha sesmaria. Ele tem pra mais de trinta léguas de curso até à cidade de Macaé, à qual dá seu nome. A cidade é construída à beira-mar e serve de porto para toda a região. A gente desce o rio em canoas feitas de um só tronco de árvore que transportam normalmente de cem a duzentas arrobas num dia e meio; mas como o seu curso é muito rápido e até perigoso, são necessários de três a quatro dias para subi-lo de volta. Nós preferimos, nossos vizinhos e eu, o rio São João, rio soberbo que pode transportar uma fragata e que é de maré. Ele se lança ao mar na barra de São João, onde há também um arraial com o mesmo nome. São-nos necessárias cinco horas de marcha com os animais de carga para alcançar o citado rio, à margem do qual existe um armazém onde deixamos nosso café e nossos produtos para de lá serem embarcados para o Rio de Janeiro em grandes barcos à vela que gastam geralmente de dezoito a vinte horas para fazerem o trajeto. Nossa região é muito saudável, por ser montanhosa. Temos um clima excelente onde o maior frio é como em maio na Suíça, e o maior calor como em agosto. O ano inteiro se planta e se colhe. É uma eterna primavera!”

Suponho que as terras de Stocklin fossem perto da Barra do Sana. Quando diz que gastava cinco horas de marcha com os animais para alcançar o Rio São João, entendo que se referisse a alcançá-lo na povoação da Lontra, o que faria sentido em termos de tempo gasto em viagem. Creio mesmo que deixasse seu café na casa comercial do pai de Casimiro. O fato de ter negócios tão altos com a casa de Costa Cabral (quase doze contos de réis) faz pensar que tivesse ligações comerciais também com José Joaquim Marques de Abreu.

Na página 259 do livro citado, vê-se o nome de Jean-Auguste Stoecklin entre os primeiros suíços que chegaram ao Brasil. Tem 23 anos, é solteiro, e vem de Fribourg. Nos livros de batismos, casamentos e óbitos de Barra de São João, há uma infinidade de assentos que dizem respeito aos suíços dessa época. Não me ocupei em registrá-los com muito critério, mas tenho uma pequena anotação, descuidada, que me mostra (Fl. 25-v. do Livro 5, de cerca de 1872), João Augusto Constantin Stocklin casado com Francisca Stocklin de Schueller. Aparecem como súditos franceses, têm uma filha Júlia, e uma neta Sônia Luísa. E o fato de ser casado com uma Schueller, parece confirmar que vivesse próximo à Barra do Sana, onde vivia outro cidadão suíço, Colin Schueler, que iria destacar-se na sua comunidade.

9.  Visando talvez a consolar Casimiro, que se achava isolado e com problemas na roça, Costa Cabral lhe pinta um quadro tenebroso das condições de saúde na Corte.

10.  Observar o tom familiar do final da carta, um tanto inadequado, aliás, com recomendações dos filhinhos (Horácio, Júlio e Adelaide), ainda pequenos àquela altura. Casimiro costumava passar os fins de semana em Niterói, na casa de Costa Cabral, e demonstrava grande carinho pelas três crianças da casa.

11 e 12.  “Fiz o convite para a Missa do sétimo dia, que deve ter lugar hoje às 9 horas na Igreja de S. Francisco de Paula.” Costa Cabral escreve esta carta muito cedo, talvez ainda em casa, em Niterói, o que explicaria as recomendações de D.^a Adelaide e dos filhinhos do casal. Deve ter levado a carta para a Corte, e após a missa, já no

escritório, acrescentado o “NB: Às 9 horas disse-se a Missa.” E a propósito, observo que Luísa não veio para a missa. Se tivesse vindo, Costa Cabral teria mencionado o fato, e não haveria necessidade de o escravo Joaquim passar por sua casa em Niterói para pegar a carta destinada a Casimiro.

Geral: ☞ Talvez tenha ocorrido ao leitor uma pergunta. Por que Casimiro não aproveitou a vinda do escravo para informar Luísa da morte de José Joaquim? Suponho que o escravo tenha vindo por terra até Porto das Caixas (Sampaio) e tomado a barca até à Prainha (atual Praça Mauá). E como Luísa morava em Niterói, era complicado tentar resolver todos os problemas através do escravo mensageiro. Mas por que não pediu a Costa Cabral que a avisasse do ocorrido? Trata-se de algo estranho, mas que não nos deve induzir a pensar mal de Casimiro, pois não se sabe se havia impedimentos para tanto. Não se sabe, por exemplo, se o pai lhe pedira que não a avisasse ou chamasse. Pode ser também que o filho quisesse poupá-la de choques na fazenda, onde poderia ver coisas que lhe trouxessem sofrimento, como, por exemplo, a presença de alguma mulher que “tivesse a ver com José Joaquim”. Lembro que na carta de 16 de fevereiro de 1858, em que pede demissão do trabalho, Casimiro diz ao patrão, “Meu pai está rico e feliz e minha pobre Mãe precisa de mim”, dando margens a se pensar que havia outra mulher na vida do pai. Por outro lado, teríamos de saber como era o temperamento de Luísa, se era do tipo que se costuma classificar como “pessoa difícil”, que devesse ser mantida à distância por algum tempo. Pode ser que sua presença na fazenda não fosse desejada àquela altura. Trata-se de um grande mistério.



1860.abr.24 – De Niterói para a Fazenda do Indaiáçu, Luísa Joaquina das Neves escreve ao filho Casimiro. Apesar de levada em mãos pelo escravo Joaquim, a carta traz o seguinte endereçamento, “Ilmo Sr. Casimiro José Marques de Abreu – S. C. na fazenda do Endoaçu”. Documento em perfeito estado, com quatro páginas de papel azul claro. Ver M.301 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Casa dos Carvalhais, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Meu Filho

Niterói 24 de abril de 60

Fazes (*sic*) aidéa (*sic*) como estarei com a notícia do falecimento de vosso pai foi sem igual a minha dor e sentimento e muito sentida estou

por você não me mandar buscar ou notícias de lá visto teu pai estar em perigo de vida eu não mandei o Felipe em razão de não ter dinheiro pois infelizmente o Domingos adoeceu e mandei para o hospital da saúde em S. Domingos e por esse motivo me vi privada de lá mandar, muito tenho estranhado o silêncio teu e de todos de lá porque se não fosse o Sr. Capitão José Leandro é quem me veio ontem 23 me dar essa infeliz notícia mandei saber da casa do Sr. Cabral ele me teve a bondade de me mandar o portador desta para eu ter um portador seguro para te escrever saber de Você o que pretendes (*sic*) fazer; manda-me dizer se tens de te demorar mais de quinze dias pois eu estou aflita para me ver daqui fora, assim manda-me buscar, condução para mim e 4 animais para carga e quem me acompanhe pois já não posso aqui estar, manda-me dizer tudo por escrito para meu governo Aceita a bênção de

Tua Mãe que muito te estima
Luísa Joaquina das Neves

Geral: I.  Desnecessário ressaltar o valor desta carta para a biografia de Casimiro. Ela desfaz a lenda de que, antes de morrer, a pedido de Casimiro, José Joaquim teria se casado com Luísa, com quem vivera em concubinato. Como o texto mostra, ela só soube da morte do companheiro no dia 23, quase uma semana após a ocorrência, graças à informação que lhe foi dada pelo Capitão José Leandro, um velho amigo e vizinho de Capivari (hoje Silva Jardim-RJ).

2.  Contrariando o que diz Nilo Bruzzi em *Casimiro de Abreu* (Editora Aurora, Rio de Janeiro, 2ª ed., 1957) sou de opinião que Luísa não foi viver com outro homem, após afastar-se de José Joaquim. Pode-se notar o tom de tristeza que demonstra pela morte deste. E percebe-se que, se lhe tivesse sido dada a oportunidade, teria ido em seu socorro ao sabê-lo em “perigo de vida”. Além disso, ela põe luto pela morte do antigo companheiro, coisa que dificilmente faria se estivesse envolvida com outro. E há também a carta de Costa Cabral a Casimiro que será analisada a seguir, pela qual se depreende que não havia outro homem na história.

3.  Entendo assim o que Luísa diz ao filho. Que só foi possível mandar-lhe a presente carta, porque Costa Cabral lhe oferecera um portador. Caso contrário, não teria como

fazê-lo. Primeiro, porque não tinha dinheiro para mandar o Felipe, que seria talvez um portador pago. Segundo, porque o escravo de que dispunha, o Domingos, adoecera e se achava internado. Quanto ao hospital a que ela se refere, suponho que fosse a “Casa de Saúde de São Sebastião, em São Domingos de Niterói”, citada na página amarela n.º 9 do *Almanack Laemmert* de 1859, e que se situava defronte à Ponte das Barcas. Era dirigida pelo Dr. Epifânio Astudillo y Bumsoms, e oferecia “quartos particulares com todo asseio e comodidade” a 5.000 réis a diária, e enfermarias a 2.500 réis. Dispunha também de enfermarias para escravos. Quanto ao atendimento dos pobres, era grátis.

4. ☞ Penso que, na data da carta, o “de 60” em lugar de “de 1860”, mostra sofisticação de raciocínio. Luísa escrevia mal, mas pensava bem, era inteligente. Aliás, fiz uma leve maquiagem no texto, apenas o suficiente para facilitar a leitura. Deixei porém alguns erros de grafia, para mostrar as limitações de Luísa ao escrever. O leitor poderá fazer a comparação pela foto da carta, que vem reproduzida neste livro.



1860.abr.27 – Da Fazenda do Indaiáçu para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve a Antônio Francisco da Costa Cabral, que acusa o recebimento ao escrever-lhe em 3 de maio de 1860. (A carta de Casimiro se perdeu).



1860.abr.27 – Do Rio de Janeiro para Barra de São João (entenda-se Fazenda do Indaiáçu), Antônio Francisco da Costa Cabral escreve a Casimiro, que ao lado do endereçamento, anotou: “Respondida em 3 de maio – 1860”. Documento fotocopiado. Ver M.II6 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Casa dos Carvalhais, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Rio de Janeiro 27 de abril 1860.

Prezado amigo e senhor.

Peço sua séria atenção e verdadeiro empenho para com o Sr. seu Tio e nosso comum amigo Manoel Joaquim Pinto Osório, a cerca (*sic*)

do que contêm as cartas inclusas; não menos o desejo a seu respeito; isto é com respeito a que lhe é dirigida. Sem tempo para mais, creia-me

Seu amigo muito obrigado
Antônio Francisco da Costa Cabral

Geral: 1.  Esta carta parece confirmar a minha suspeita de que havia negócios a unir Costa Cabral, José Joaquim e Manoel Joaquim. Sempre achei descomunal a quantidade de dinheiro que, sob hipoteca de escravos, e com incrível freqüência, este último emprestava no município de Capivari. Era muito dinheiro.

2.  Talvez seja esta a carta que, em 2 de maio, Manoel da Fonseca Silva Júnior dirá a Casimiro ter chegado para ele da Corte. A carta de fato traz o carimbo do Correio.

3.  Esta carta, sem dúvida, encaminha a outra, de 24 de abril, em que Costa Cabral, como já vimos, dá importantes orientações a Casimiro.



1860.abr.27 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Antônio Fernandes Camacho Falcão escreve a Casimiro. Carta em papel de luto, com tarja preta. Tem quatro páginas, texto todo na primeira, sendo que na quarta Casimiro anotou “Respondida”. Documento fotocopiado. Ver M.121 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Meu Amigo

Rio de Janeiro 27 de abril 1860

Quando recebi a sua prezada carta (*sic*) de 15 e 18 do corrente, noticiando-me nesta última data o falecimento de seu Pai, pranteava eu a morte de minha querida Mãe, que nesse momento acabava de exalar o último suspiro. Foi sepultada domingo próximo passado.¹

Avaliará o meu amigo por certo o estado de aflição em que me tenho visto e me vejo – entretanto não deixei de dar imediatamente

cumprimento a suas ordens, dirigindo a seu destino a carta que me remeteu, e enviando-lhe pelo Patacho Zéfiro, condutor desta, em um baú de folha todos os objetos de seu pedido, constantes da nota inclusa, inclusive cinco mil cigarros que recebi do Bananal de n/c.² Desculpe-me o amigo se não for tudo a seu gosto, porque estou inconsolável e não tenho cabeça para coisa alguma. Relevar-me-á também não lhe dizer alguma coisa a cerca (*sic*) da Missa fúnebre de Macedinho, porque não tive tempo de fazer as indagações que me ordenou.

Consta-me que o Pinheiro está doente.³

Creia que sinto bastante os seus desgostos, mas dispense-me de consolá-lo porque é tarefa que desconheço. Não sei se meu Mano lhe escreverá (*sic*) respeito a uma pretensão: se o fizer, recomendo-o à sua proteção.

Adeus, aceite o coração do
Seu amigo sincero
Antônio Fernandes Camacho Falcão

Incluo a chave do cadeado
que vai na caixa — F.

Vão aqui algumas cartas que tenho recebido para si.⁴

Geral: I. ☞ Camacho Falcão foi impreciso ao dizer *a sua prezada carta*. Na verdade, eram duas, e sei agora que foi na de 18 de abril, em que comunica ao amigo a morte do pai, que Casimiro lhe pede os objetos de luto. Em 27 de abril, em nova carta, cobra o envio do material, ignorando que Camacho Falcão já o tinha enviado pelo Zéfiro, que partira para o Rio São João no sábado, 28 de abril (Ver movimento do porto, *Diário do Rio de Janeiro*, domingo, 29 de abril de 1860). Do baú citado, falará Fonseca Júnior na carta que, de Lumiar, envia a Casimiro a 2 de maio. Quanto à mãe de Camacho Falcão, chamava-se Clara Guilhermina Camacho Falcão. Era portuguesa, viúva, e morreu de febre tifóide. Tinha 56 anos e foi sepultada no domingo, dia 22. A notícia saiu no *Correio Mercantil* da terça-feira, 24 de abril de 1860.

2. ☞ Quanto aos cigarros enviados pelo “n/c (nosso correspondente)” de Bananal, fica a dúvida sobre se Casimiro os pedira. Casimiro fumava charutos, mas não sei se

fumava cigarros. Pela grande quantidade, 5.000 unidades, talvez se tratasse de pedido antigo para a casa de comércio da Lontra.

3.  Sobre a Missa do Macedinho, como se verá adiante, Casimiro faz a mesma pergunta a Almeida Cunha em carta que lhe manda a 12 de maio. Quanto ao Pinheiro que estaria doente, não consegui identificá-lo.

4.  As cartas a que Camacho Falcão se refere no *post scriptum* se perderam. Deduzo que uma delas era de L. R. Cunha e que, nela, este pedia opinião a Casimiro sobre se devia ou não aceitar (ou concorrer a) um emprego no Banco Mauá, emprego com que também haviam acenado para Casimiro. Em 30 de abril, como se verá, Casimiro escreve a L. R. Cunha e, pelo jeito, desaconselha o amigo a tornar-se bancário.

General:  a) No original, a palavra “indagações” está escrita incorretamente, “indadações”.
b) Notar que, por segurança, Camacho Falcão envia à parte a chave do cadeado do baú.



1860.abr.27 – Da Fazenda do Indaiáçu para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve ao colega de trabalho Antônio Fernandes Camacho Falcão. Papel branco, encardido, com marcas de ferrugem. Quatro páginas de 28 x 21.5 cm, com texto apenas na primeira, em que se vê o carimbo da Biblioteca Nacional. Há dentadas na terceira e quarta páginas. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope, onde Casimiro fez o endereçamento, “Ilmo Sr. Antônio Fernandes Camacho Falcão, em casa de João Baptista Leite & Cia., Rua da Quitanda, 195, Rio de Janeiro”. Na página do endereçamento, vê-se a data “28-4-60”, além do carimbo do Correio Geral com a data 18 5 60, fazendo pensar que a carta tenha chegado ao destinatário com grande atraso. Original: “Coleção Francisco Ramos Paz” (I-4,7,57), Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

Ilmo. Sr. A. Fernandes Camacho Falcão –

Inday’assú (*sic*) 27 abril 1860 –

Espero que o meu amigo não se esquecesse do pedido que lhe fiz de mandar-me a roupa e o papel, envelopes, obreias, peito de luto etc. e me enviará a conta de tudo.

Pedia ao meu amigo o favor de mandar entregar a carta inclusa em S. Domingos, pois o correio para lá é sempre muito demorado.

Escrevo-lhe à meia-noite e tendo o correio de sair da Barra de manhã, não há tempo a perder.

Recomende-me a meus primos e amigos e creia-me

Seu amigo obrigado e criado

Casimiro JM de Abreu

Geral: I. ☞ No ensaio dedicado a Francisco Ramos Paz inserido em seu livro *Ensaio e estudos* (Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguiet, Rio de Janeiro, 1932, 2ª série, pg. 216), Capistrano de Abreu diz ter sido Arnaldo Guinle quem doou à Biblioteca Nacional o espólio do célebre colecionador português.

2. ☞ Ignorando que Camacho Falcão já lhe mandara o material de luto solicitado em carta de 18 de abril, Casimiro insiste aqui no pedido.

3. ☞ A carta de São Domingos seria talvez para Joaquina Luísa da Silva Peixoto, namorada de Casimiro.

4. ☞ Os primos citados seriam Antônio José Marques de Abreu Júnior, contador da firma em que Casimiro e Camacho trabalhavam, e José Marques de Abreu, comerciante de tecidos na mesma Rua da Quitanda.



1860.abr.28 – Da Fazenda do Indaiáçu para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve a Costa Cabral. Nesta carta, ou na do dia anterior, pede ao ex-patrão que mande rezar missa de trigésimo dia por alma do pai. Deve ter-lhe dito que guardara os papéis de Câmara, Cabral & Costa que estavam em poder de José Joaquim. E é provável que também tenha pedido conselhos sobre como agir em relação à Casa da Lontra e à condição de inventariante. (A carta de Casimiro se perdeu).



1860.abr.30 – Da Fazenda do Indaiáçu para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve ao amigo L. R. Cunha, desaconselhando-o, ao que parece, a trabalhar no Banco Mauá. L. R. Cunha lhe responde em 8 de maio. (A carta de Casimiro se perdeu)



1860.mai.02 – De Lumiar para a Fazenda do Indaiáçu, Manoel da Fonseca Silva Júnior escreve a Casimiro. Papel verde água, pautado, quatro páginas de 21 x 28 cm, endereçamento na quarta, “Ilmo Sr. Casemiro de Abreu – Andaiassú”. Documento em perfeito estado de conservação. Ver M.II3 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Lumiar 2 de maio de 1860

Casemiro

Pelo Sr. Francisco José Teixeira Bastos te remeto as botas, e uma carta que veio pelo correio. O Francisco Bastos (da Barra) escreveu-me mandando-me dizer, que em casa do Pai se achava um baú teu; vindo da Corte.

O Sá Pinto já foi para Macaé.

Aquilo que o Fulgêncio te queria dizer era: a Luísa escreveu-lhe mandando pedir outra vez o retrato, e disendo (*sic*) que tudo quanto tinha feito era forçada pelo Pai; mas que lhe perguntava o que queria que ela fizesse, que estava pronta para tudo. O Fulgêncio está muito satisfeito; e eu também, por ir ver amanhã a minha Florinda. Peço-te que não se esqueça de dar o recado ao Matos, do Sr. Gervásio José Rodrigues

Saúde te deseje
Teu sempre amigo
Fonseca Júnior

P.S.

Foi feita a vapor,
leia como puder.

Geral: I. ☞ Lumiar não se refere aqui ao seu homônimo e 5.º distrito de Nova Friburgo, mas ao belo local próximo a Vila Verde e ao Morro de São João, perto de Rio Dourado, onde se encontra a Fazenda Lumiar, e onde Manoel da Fonseca Silva, pai de Fonseca Júnior, tinha propriedade. Quanto à Fazenda Lumiar, pertence atualmente (desde 1992) ao engenheiro civil, Dr. Luiz Adílson Bon, proprietário também (desde 1989) da Fazenda Ventania, vizinha à primeira. Da Fazenda Lumiar à Fazenda do Indaiáçu são cerca de três léguas, vale dizer, de 18 a 20 quilômetros.

2. ☞ Francisco José Teixeira Bastos morava em Bom Jesus, perto da povoação da Lontra e da Fazenda do Indaiáçu. Era, além de vizinho, compadre do pai de Casimiro, que juntamente com Claudino Antônio Marques de Abreu, fora padrinho de casamento de sua filha Luísa com João Antônio de Macedo, casal de que veio a ser neta a atriz cômica Zezé Macedo, uma das glórias do teatro e do cinema brasileiros.

3. ☞ Francisco Bastos, o Bastos “da Barra” citado por Fonseca Júnior, era, ao lado de Bento e José Antônio, um dos três filhos de Antônio Ribeiro Bastos, rico negociante de Barra de São João, que cada vez mais acredito fosse o verdadeiro dono do Trapiche (ou Armazém) onde se acha hoje a “Casa de Casimiro de Abreu”. Quanto ao baú citado, viera da Corte, enviado por Camacho Falcão, e continha material de luto.

4. ☞ Vê-se que os rapazes esperavam Sá Pinto afastar-se (além da botica de Barra de São João, ele tinha outra em Macaé), para namorarem suas filhas. Aqui se vê que Fulgêncio namora Luísa, que na verdade irá casar-se com o Dr. Apolinário Quintino Teixeira de Sousa Marajó, e que Fonseca Júnior namora Florinda, que será desposada por Joaquim Luís Pereira de Sousa e virá a ser mãe de Washington Luís. Já a outra filha de Sá Pinto, Amélia, essa, como já foi dito anteriormente, se casará com seu tio paterno, Torquato José de Sá Pinto, tabelião em Macaé, procurador e advogado do pai de Casimiro. As filhas de Sá Pinto eram ligadas à música e dedicavam-se ao canto. Viria talvez daí o gosto musical de Washington Luís, que tinha voz de barítono e arriscava suas árias, sobretudo a “Celeste Aída” de Verdi, a sua preferida.

5.  Suponho que Fulgêncio (Fulgêncio Augusto de Barros Ribeiro), fosse filho de José Antônio de Barros Ribeiro, que de sociedade com seu provável irmão Antônio Leopoldino Ribeiro, era grande negociante de café, dono da firma Barros & Leopoldino, à Rua de São Bento, 19, Corte. Fulgêncio, por sua vez, seguirá a tradição da família e se dedicará ao mesmo ramo de negócios. Quanto ao seu provável tio, o abastado tramontano Antônio Leopoldino Ribeiro, lembro que foi na sua casa, que ainda existe e pode ser vista em Barra de São João, que o Imperador D. Pedro II hospedou-se na noite de 23 para 24 de abril de 1847.

6.  Vê-se que havia pouco tempo que os três amigos, Fonseca Júnior, Fulgêncio e Casimiro, haviam-se encontrado. Talvez que Fonseca Júnior e Fulgêncio tenham ido visitar Casimiro na Fazenda do Indaiaçu. Mas pode ser também que as conversas entre os três tenham-se dado nos dias que antecederam a morte de José Joaquim, período em que Casimiro permaneceu na Vila de Barra de São João.

7.  O Matos a que se refere Fonseca Júnior é José Carvalho Rangel e Matos, administrador da Fazenda do Indaiaçu. Juntamente com João Antônio de Macedo, ele aparece como testemunha no testamento de Casimiro. Quanto a José Gervásio Rodrigues, não consegui identificá-lo.

8.  Fonseca Júnior é Manoel da Fonseca Silva Júnior, amigo de infância de Casimiro em Rio das Ostras. Filho de Manoel da Fonseca Silva e Joana Rosa de Siqueira da Fonseca, foi batizado pelo Padre Luís Francisco de Freitas, o mesmo que batizou Casimiro e Sílvio Pinto de Magalhães. Seus padrinhos de batismo foram Francisco de Sá Pinto de Magalhães e a mulher deste, D.^a Luísa Carlota de Sá, pais de Florinda. Suponho seja ele o “Manduca” a que se refere Casimiro em carta de 27 de outubro de 1859, através da qual envia exemplares de *Primaveras* a um cavalheiro de Barra de São João. E é ele, sem dúvida, o “FJ” que, um ano após a morte de Casimiro, escreve a página intitulada “Casimiro de Abreu”, datada de “Barra de S. João 18 de outubro de 1861.”, que tive a sorte de localizar, publicada em *O Popular*, de Porto das Caixas, em 5 de fevereiro de 1862. O fato de tratar Casimiro por “Casimiro” é sintomático. Fonseca Júnior morreu de cólera morbus em 30 de dezembro de 1867 no acampamento de Tayi, na Guerra do Paraguai, sendo a sua morte anunciada oficialmente pelo então Marquês de Caxias.



1860.mai.02 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiçu, Antônio José Marques de Abreu Júnior escreve a Casimiro. Documento em perfeito estado de conservação. Papel verde água de luxo, com timbre em relevo, encorpado e pautado, quatro páginas, com texto nas duas primeiras, e a terceira em branco. Na quarta, o endereçamento (“Ilmo Sr. Casemiro José Marques d’Abreu. Barra de S. João”) e um selo de “60”. À parte, na carta, Casimiro anotou “Respondida”. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Primo Casimiro

Rio de Janeiro 2 de maio de 1860

Amigo. Pelo Joaquim e por carta de um amigo da Barra tivemos a triste notícia da morte de teu pai, e que por minha parte muito senti.

Se nesse lugar sofremos muito, ele não foi culpado porque seus desejos foram de nos fazer bem, e tudo que nos fez em contrário, é porque foi vítima como sempre te disse, das intrigas do Claudino, pessoa a quem aborrecerei mesmo depois de morto. Tinha esperanças que um dia teu pai conhecendo a verdade tornaria a ser nosso amigo, e seu ódio cairia sobre quem dele tanto abusou. Dou hoje graças a Deus por teres ido para fora, do contrário ele não teria na hora extrema uma pessoa da família para o consolar. Não tenho expressões que te possam consolar desta dor, apenas te peço que tenhas coragem, deves-te lembrar que são desgostos a que estamos sujeitos tarde ou cedo; o que te recomendo é que tenhas cuidado com os espertos que se finge (*sic*) amigos, e te livres das ciladas que te armar (*sic*); toma muito cuidado no teu futuro.

O Falcão mostrou-me tua carta, muito agradeço o teres-te lembrado de mim, é uma prova de tua amizade e que por minha parte saberei

retribuir, os amigos não esquecem mesmo nas horas de mais angústia. Já deves saber que morreu a mãe do Falcão, eu e ele tínhamos bem vontade de te vermos (*sic*) pois estamos com saudades bastantes, ele tem-me feito crer que é bem teu amigo, falando com ele há dias disse-me que muito desejava estar perto de ti, para te dar o seu parecer quando como amigo experiente, tu o quisesses aceitar.

Desculpa-me tanta maçada, eu desejo que estejas desfrutando boa saúde e darás-me (*sic*) muito prazer se me deres ocasião de receber cartas tuas; nós todos gozamos saúde, o Falcão já respondeu a tua carta, e aqui chegou o quadro de tua encomenda ao Machado, porém dizem que não chegou perfeito porém dizem que é muito bonito. Adeus.

Recebe um abraço deste

Primo amigo

Antônio

Geral:

1.  I. Fiz uma maquilagem na ortografia da carta. Atualizei-a e limpei-a, mantendo contudo os erros de linguagem e pondo um “*sic*” onde cabia. Embora se expressasse com clareza, Antônio José Marques de Abreu Júnior lidava mal com a língua de Camões. Escrevia coisas como “cinti”, “abozou”, “grasas”, “coraje”, “pesso” e “agradeso”. Era guarda-livros, homem da contabilidade e das finanças, não das letras, o que não o impediu de ligar-se ao Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, que muito ficou a dever-lhe. Filho de Antônio José Marques de Abreu e Ana Emília de Abreu, ele nasceu no Porto a 31 de agosto de 1837 e morreu no Rio de Janeiro em 19 de março de 1896. Em 1901, seus ossos foram levados para a sua cidade natal, para o belo jazigo dos Marques de Abreu (o de n.º 105 da seção 16) no Cemitério do Prado do Repouso. Ele morreu comendador, solteiro, e rico. Tão rico que a família se referia a ele como “o tio Toninho das lecas”, gíria portuguesa equivalente a “cheio da grana” ou “podre de rico”.

2.  Antônio dá a entender que tivera notícias da morte do tio por informações verbais do escravo Joaquim e por carta de um amigo. Percebe-se um tom de queixa no que diz. Mal sabia que Casimiro lhe escrevera com data de 22 de abril. A carta deve

ter-lhe chegado com atraso. Mas que chegou, chegou. Tanto que foi parar em Portugal, achando-se hoje na cidade do Porto.

3. ☞ Quando penso na firma “Abreu Irmão & Sobrinhos”, a associa a José Joaquim, Claudino Antônio, e aos sobrinhos Antônio Ferreira Marques de Abreu e Manoel Ferreira Marques de Abreu. Mas, pelo visto, Antônio José Marques de Abreu Júnior andou também trabalhando com os tios no Rio São João, provavelmente na Casa da Lontra. E a experiência, como se vê, parece ter terminado em ressentimento.

4. ☞ Aqui se capta um pouco do caráter de Claudino Antônio Marques de Abreu, que tinha de fato um gênio difícil. Ele vivia em Corridos, na Freguesia de Nossa Senhora do Amparo de Correntezas, município de Capivari, hoje Silva Jardim (RJ). Diante do seu modo autoritário, um vizinho o apelidou de “o Rosas de Correntezas”, uma alusão ao ditador argentino Don Juan Manuel de Rosas. Tivera uma infância difícil, como órfão, e há indícios de que a mãe o superprotegeu. O trecho em que Antônio José previne Casimiro contra golpes e espertezas de terceiros, parece que esconde *indiretas* em relação a Claudino.

5. ☞ Aqui se confirma: sem o socorro de Casimiro, José Joaquim morreria na mais absoluta solidão, pois Claudino Antônio já se achava também muito mal. Tanto que morrerá 37 dias depois de José Joaquim.

6. ☞ Todo o trecho sobre a amizade de Camacho Falcão por Casimiro é significativo e só faz confirmar que, por onde passava, Casimiro deixava um rastro de simpatia e cordialidade. Era querido por todos.

7. ☞ Pelo modo como a ele se refere, percebe-se que Antônio José conhecia Manoel Antônio Rodrigues Machado, confirmando, ao que parece, que tenha passado alguma longa temporada nas proximidades da Lontra e da Fazenda do Indaiáçu. E a propósito, aqui já não se fala em “caixa de insetos” mas em “quadro”, fazendo pensar que se tratasse de um quadro com borboletas, ou insetos em geral, no mesmo estilo dos que ainda hoje despertam o interesse dos turistas que visitam o Brasil.



1860.mai.03 – Da Fazenda do Indaiaçu para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve a Câmara, Cabral & Costa, sendo João Antônio de Macedo o provável portador. Em 7 de maio, em carta a Casimiro, a citada firma acusa o recebimento. Foi também o Macedo quem deu a Paula Brito a notícia da morte de José Joaquim, e foi ele, ao que parece, quem trouxe a carta de 22 de abril de Casimiro ao primo Antônio. (A carta de Casimiro a Câmara, Cabral & Costa se perdeu).



1860.mai.03 – Do Rio de Janeiro para Barra de São João (entenda-se: para Fazenda do Indaiaçu), Antônio Francisco da Costa Cabral escreve a Casimiro. Papel azul encorpado, quatro páginas, texto nas três primeiras. Na quarta, o endereçamento, “Ilmo Sr. Casimiro José Marques d’Abreu – Barra de S.João”, e uma anotação (“Respondida”), posta por Casimiro. Ver M.151/2 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Ilmo Sr. Casemiro (*sic*) José Marques de Abreu

Barra

Rio Janeiro 3 de maio de 1860

Amigo e Sr. Tenho ante mim seus favores de 27 e 28 do passado e em resposta vou com esta a sua presença dizer-lhe o que se me oferece.

Como me determina, farei dizer no 30.º dia outra missa por alma de seu bom Pai, e meu amigo.

Fico certo de que todos os papéis do Sr. seu Pai, e os a ele confiados estão sob sua guarda, e é o quanto basta para tranquilizar-me a cerca (*sic*) dos que lhe falei pertencentes a nossa Casa, e que se achavam em poder dele.¹

Estive ontem com a Senhora sua Mãe por espaço, talvez de duas horas, e conversando largamente com ela a cerca (*sic*) do passado e do presente, fiz-lhe ver quão agradável lhe poderia ser o futuro ainda, se ela quisesse (como pareceu) abraçar os meus conselhos, que o foram no sentido em que muitas vezes conversei com o Sr seu Pai = de retirar-se ela daqui para a companhia do Sr seu Tio Manoel Joaquim Pinto Osório = e aí aguardar o destino que acordarem seus filhos a respeito de seu futuro, a que ela me diz estar resolvida a sujeitar-se; conseqüentemente entendo que VM^{de} lhe deve mandar quanto antes condução para que ela se retire. Hoje pretendo tornar a ir falar-lhe e levar-lhe cem mil réis que ela me mandou pedir para fazer algum luto e pagar pequenas quantias que deve; suprir-lhe-ei o mais que lhe for necessário para sua viagem. Se no seu caso, não hesitaria um só momento em aceitar os desejos da Sr^a sua Mãe, e pediria a seu Tio todo o seu préstimo e úteis conselhos para a robustecer nesta sua vontade.²

Insisto na minha opinião (reforçada pela do muito honesto e inteligente advogado e meu amigo Sr. Dr. Perdigão Malheiro) de liquidar-se a Casa da Lontra, visto como havendo menores, a lei proíbe negociar alguém por sua conta: compreenda bem, liquidar não quer dizer queimar, vexar ou destruir; mas sim vender, receber, pagar e pôr garantido todo o ativo. A este respeito peço-lhe que ouça o Torquato ou qualquer advogado hábil e circunspecto para ver se ele vai ou não de acordo com o que lhe digo = Se seu Tio o Sr. Claudino não quiser convencer-se disto, que o acompanhe e que ouça também o que lhe disserem a respeito para conhecer que um instante sequer me não afastarei de repetir-lhe o que entendo conveniente, justo e de todo o direito devido a quem quer que fosse, e muito menos aos herdeiros de um homem a cujas cinzas renderei sempre culto igual ao respeito e amizade que devidamente lhe tributei quando vivo. Sobre a escrituração que tem a seguir relativamente aos demais bens do espólio de seu finado

Pai, deve VM^{cs} abrir em um livro, uma conta corrente de débito e crédito com o seguinte título

“Deve O espólio de meu finado Pai o Sr. José Joaquim Marques de Abreu, de que sou inventariante, em c/corrente . . . Haver”

Tudo quanto receber leve a crédito, e quanto pagar debite; sobre estes pagamentos será bom ouvir alguém a fim de que não vá pagar alguma coisa que lhe não seja depois levada em conta. A carta inclusa veio pelo Paquete, entrado no dia 1.º, Deus queira que as suas cartas cheguem a tempo de ir por este Paquete, que deve seguir para a Europa no dia 9 do corrente. Não se esqueça de instar pela vinda do Sr. seu Tio Francisco que de muita utilidade lhe será, mesmo para os arranjos pedidos na última hora pelo seu finado Pai.⁴

Mande-me dizer o que resolve acerca do seu lugar no Banco Mauá, para se a respeito me falarem, eu poder dizer alguma coisa.⁵

Aceite recomendações de minha mulher e saudades de meus queridos filhinhos, e creia-me

Seu amigo sincero e obrigado
Antônio Francisco da Costa Cabral

P. S.

Recomende-me ao Sr. seu Tio,
e ouça-o acerca de tudo, que
ele o aconselhará como amigo.

1.  A frase “é o quanto basta para tranquilizar-me” mostra o grau de confiança que Costa Cabral depositava em Casimiro. Nada, pois, do irresponsável, do cabeça-de-vento como alguns o descreveram.

2.  Todo o trecho sobre Luísa é de grande valor. Ela devia ser inteligente, um “bom papo”, apesar de não dispor de muita escolaridade. Costa Cabral, que é sensível e sofisticado, diz que com ela esteve “por espaço talvez de duas horas (...) conversando largamente (...) acerca do passado e do presente”. Além disso, fica a impressão de que

Luísa era flexível a argumentações, como Costa Cabral deixa transparecer. E há aqui um pormenor importante. Se ela pôs luto por José Joaquim, é praticamente certo que não tinha outro companheiro, o que, contudo, não quer dizer que não o possa ter tido entre 1855 e 1860. Outro pormenor interessante. Se Costa Cabral conversou “muitas vezes” com o pai de Casimiro sobre a situação de Luísa, e considerando-se que provavelmente José Joaquim e Costa Cabral não se viam com muita freqüência, é porque realmente o casal estava separado há muito tempo, dando a perceber que Luísa viera para Niterói logo após a volta de Portugal. Quanto aos conselhos de Costa Cabral com relação a Luísa, cabe a pergunta, por que retirar-se ela para a companhia do irmão Manoel Joaquim? Isso faria sentido enquanto vivia José Joaquim, de quem estava separada. Mas uma vez ele morto, por que não poderia ela retornar à fazenda e até morar ali se o quisesse? Casimiro poderia, como herdeiro e inventariante do pai, impor a presença da mãe na fazenda. Se não o fez, é porque havia problemas, talvez atritos com pessoas que ali atuavam; digamos, por exemplo, atritos com Claudino, que, como se viu, era pessoa difícil. Aliás, não é à toa que Costa Cabral previne Casimiro “Se seu Tio o Sr Claudino...”. Parecia antever reações por parte do irmão caçula de José Joaquim.

3. ☞ A amizade de Antônio Francisco da Costa Cabral por Casimiro fica muito clara na paternal paciência e no critério com que o orienta nas questões do inventário e da Casa da Lontra. Chega a pormenores de ensinar-lhe a fazer lançamentos de débitos e créditos, enfim, coisa de pai para filho.

4. ☞ Foi lamentável que se tenham perdido as duas cartas de Casimiro a Costa Cabral, a de 27 e 28 de abril, pois deviam conter informações importantíssimas do ponto de vista biográfico. Pela frase, “Não se esqueça de instar pela vinda do Sr. seu Tio Francisco que de muita utilidade lhe será, mesmo para os arranjos pedidos na última hora pelo seu finado Pai.”, se depreende que naquelas cartas Casimiro fizera revelações a Costa Cabral sobre as derradeiras orientações de José Joaquim.

5. ☞ A grande surpresa da carta é ver Casimiro a um passo de tornar-se empregado do Banco Mauá. E a impressão que fica é a de que esteve em suas mãos a decisão de aceitar ou não o emprego. Aliás, como se pode ver na página 472 do *Almanack Laemmert* de 1860, o endereço oficial do Banco Mauá, Mac Gregor & Cia. era o n.º 143 da Rua da Quitanda. O Barão de Mauá, por sua vez, tinha seu escritório no n.º 185 da mesma rua, quase colado ao n.º 195 em que trabalhava Casimiro, que devia, portanto, cruzar a toda hora com o rico e respeitado Irineu Evangelista de Sousa.

Geral: ☞ a) Vê-se que Casimiro não atendeu ao pedido de Luísa em carta que lhe dirigiu em 24 de abril, isto é, o envio de condução para que pudesse partir de Niterói. Seria leviano julgar o comportamento do poeta, sem dispor de documentos que expliquem ou clarifiquem sua atitude. Suponho que ele pretendesse vir ao Rio de Janeiro para ouvir Costa Cabral, deixando para conversar pessoalmente com a mãe.

b) Vê-se que Luísa luta permanentemente com problemas de dinheiro, chegando a pedir cem mil réis a Costa Cabral para despesas de luto e pequenos pagamentos. Na verdade, ela morreu na miséria em 10 de setembro de 1877. E só não morreu de todo abandonada, graças à glória que cercava o nome de Casimiro, e que levou algumas pessoas a se mobilizarem para ajudá-la a morrer com o mínimo de dignidade.

c) Por haver Costa Cabral endereçado a carta para Barra de São João, fica a dúvida sobre se Casimiro estaria na Vila ou na Fazenda do Indaiáçu. Estou seguro de que estava na fazenda, pois em “4 de maio de 1860”, Antônio Ramos de Oliveira, que vivia na Vila, escreve a Casimiro e manda a carta para a Fazenda do Indaiáçu. Se Casimiro estivesse na Vila, a citada carta se tornaria desnecessária.



1860.mai.04 – De Barra de São João para a Fazenda do Indaiáçu, Antônio Ramos de Oliveira escreve a Casimiro, perguntando-lhe “o dia em que o finado seu Paizinho nasceu”, para que pudesse preparar um ofício. A nota posta ao lado (“S. Casa 4 de maio de 1860”) faz pensar que o remetente fosse ligado à Santa Casa. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Geral:  Lamentavelmente, não me foi possível fotocopiar esta carta que, por sorte, é de interesse limitado. Quanto a Antônio Ramos de Oliveira, era português, nascido em 2 de setembro de 1802 na Freguesia de São Veríssimo de Paranhos, no Porto. Em 1828, já se achava fixado em Barra de São João, sendo um dos pioneiros lusitanos da geração do pai de Casimiro que aportaram àquele arraial. Ali, dedica-se ao comércio de secos e molhados e, entre 1832 e 1839, se casa Maria Inácia de Faria Oliveira. Pouco a pouco, adquire bens, terras, prestígio social. Escreve em péssimo português, mas sua assinatura é imponente, não disfarça a vaidade. Parece que era amigo íntimo do casal José Joaquim e Luísa, pois é na sua casa que, três dias antes da morte de Casimiro, Luísa dá procuração a Manoel da Fonseca Silva e ao Dr. Francisco Manoel das Chagas para tratarem de seus interesses. Antônio Ramos de Oliveira morreu de “apoplexia fulminante” em Barra de São João no dia 11 de junho de 1874, tendo sido sepultado no dia seguinte no Cemitério da Irmandade do Santíssimo Sacramento. A laje que cobria o seu túmulo era de grande beleza, esculpida em mármore branco, aparentando riqueza. Até 1994 mais ou menos, cheguei a vê-la. Aos poucos, foram-na mudando de lugar, jogaram-na no chão, creio que partiu-se (como vi, impotente, esfacular-se a do

Vigário João Ferreira Passos) e já não a vejo mais no Cemitério de Barra de São João. Pode ser que esteja virada, com a inscrição para baixo, servindo de tampa para túmulo de terceiros, coisa comum naquele cemitério. Não sei. Sei é que, lamentavelmente, não a vejo mais.



1860.mai.07 – Do Rio de Janeiro para Barra de São João (entenda-se: para a Fazenda do Indaiáçu), Câmara, Cabral & Costa escrevem a Casimiro. Papel com timbre ovalado, com nome e endereço da firma: “Rua Nova de São Bento 37-B”. Ao lado do endereçamento, Casimiro anotou, “Respondida”. Ver M.275, em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Famalicão, Portugal.

Ilmo Sr. Casimiro José Marques de Abreu
Barra

Rio Janeiro (*sic*), 7 de maio 1860

Amigo e Sr.

Temos em nossa presença o seu favor de 3 do corrente, e de seu conteúdo ficamos cientes, e de conformidade.

O Sr. João Antônio de Macedo, (*sic*) apresentou-nos a ordem que VM^ê a favor dele sacou até a quantia de Rs 600\$000 que será cumprida.¹

E sem mais para hoje, incluímos os Preços Correntes² e nos repetimos.

Seus amigos obrigados criados
Câmara, Cabral & Costa.³

I. ☞ Suponho (e faz sentido) que Macedo tenha sacado os seiscentos mil réis e, por ordem de Casimiro, tenha procurado por Paula Brito. Dá-lhe a notícia da morte de José Joaquim e, provavelmente, efetua o pagamento de algum débito pela edição do livro. Se assim o fez, não efetuou o pagamento integral, pois no testamento, Casimiro deixará ordens nesse sentido.

2.  Anexa à carta, a firma envia a lista de “Preços correntes da Casa de Câmara, Cabral & Costa – Rua Nova de S. Bento n.º 37. Rio de Janeiro, 7 de maio de 1860”. Entre os produtos listados, café, açúcar, feijão, milho, farinha de mandioca, arroz de Santos e de Iguape, amendoim em casca.
3.  A carta, reconhecimento pela letra, foi escrita por Antônio Francisco da Costa Cabral.



1860.mai.08 – Do Rio de Janeiro para Barra de São João (entenda-se: para a Fazenda do Indaiáçu), L. R. Cunha escreve a Casimiro. Papel azul, de luxo, 20.5 x 13.5 cm, timbre em relevo com as letras “L. R. C.”. Texto todo na primeira página. Endereçamento a “Ilmo Sr. Casemiro José Marques de Abreu. Barra de S. João”. Documento fotocopiado, ver M. 337 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Amigo Casemiro (*sic*)

Tenho em meu poder tua carta datada de 30 do próximo passado. Fico certo do conteúdo da mesma, e agradeço-te a franqueza com que me expões os motivos pelo qual (*sic*) não devo dar passos para ver se consigo o arranjo no banco Mauá.¹ Ainda desta vez não mudo de casa! paciência ...

Estimo que tenhas continuado a gozar saúde, e que brevemente voltes a esta para então conversarmos e veremos se por intermédio do teu amigo guarda-livros do Cabral, eu posso arranjar um bom lugar em qualquer casa.

Ontem completei os = 25! = e para não passar despercebido esse dia, convidei o nosso amigo Joaquim e fomos tomar chá em nossa casa,² lá fizemos um papel bem desagradável, porém desculpável em virtude do dia – o Joaquim ficou alegre, e eu pela primeira vez matriculei-me nas fileiras do Deus Baco, – estou resolvido a não continuar porque não me dei bem.

Adeus, até a primeira

Teu amigo do coração

L. R. Cunha³

8 de maio 1860.

1. ☞ Escrevendo em 3 de maio a Casimiro, diz Costa Cabral: “Mande-me dizer o que resolve acerca do seu lugar no Banco Mauá, para se a respeito me falarem, eu poder dizer alguma coisa.” Casimiro, ao que tudo indica, não se interessou pelo emprego, uma vez que o desaconselha ao amigo L. R. Cunha.

2. ☞ A passagem sobre o chá e a bebida é bastante esclarecedora. Fala-se com frequência na boemia de Casimiro, mas parece haver nisso uma boa dose, não de álcool, mas de fantasia. Talvez que ele e os amigos fizessem de vez em quando umas farri-nhas, coisa provavelmente ingênua, como se vê por esta carta um tanto angelical.

3. ☞ Foram inúteis as tentativas de identificar com segurança os três personagens: “o guarda-livros do Cabral”, “o nosso amigo Joaquim”, e o próprio remetente da carta, L. R. Cunha. Suponho que o primeiro fosse João Antônio de Macedo. Quanto ao terceiro, tem-se ao menos uma pequena pista, qual seja, a data de seu nascimento, que seria o dia 7 de maio de 1835.



1860.mai.09 – Do Rio de Janeiro para Macaé (leia-se Barra de São João, Fazenda do Indaiáçu), Paula Brito escreve a Casimiro. Papel de tarja preta, de luto, 13 por 21 cm. Pequeno envelope também de luto, endereçado a “Ilmo Sr. Casimiro de Abreu (Por Especial Favor) Macaé”. No verso do envelope, Casimiro anotou “Respondida”. Fotocopiado. Ver M.338/9 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Amigo Casimiro.

Rio de Janeiro 9 de maio, 1860.

Dou-lhe sentidíssimos pêsames pela irreparável perda que sofreu. Bem longe estava eu de ter uma tão infausta notícia, que me foi dada pelo nosso amigo Macedo!

Crente, como é, o meu amigo achará na religião o consolo para sua alma, e na resignação o conforto para seu espírito.

Sabe que pode dispor de mim para o que for do seu serviço – disponha.

Não podendo, talvez, vir à Corte brevemente, pode ser que precise dos serviços de um amigo (única coisa que lhe posso com vantagem oferecer), com esse conte, porque, como sempre, mostrarei que sou

Amigo e patricio muito
sincero e afeiçoado
Paula Brito.

Geral: I.  Ainda que não fosse um absurdo pensar-se que o Macedo citado pudessem ser o escritor Joaquim Manoel de Macedo, que era de Itaboraí, aqui se trata de João Antônio de Macedo, avô paterno da atriz cômica Zezé Macedo, afilhado de casamento do pai de Casimiro.

2.  Importante a referência feita por Paula Brito à fé religiosa de Casimiro, e uma verdadeira surpresa que ele a tenha destacado. Sim, porque se a destacou, é porque era um traço visível da personalidade do nosso poeta. Outra surpresa é o fato de João Antônio de Macedo ser conhecido de Paula Brito.

3.  O fato de a carta ter sido endereçada para Macaé, não significa que Casimiro se achasse naquela cidade. Paula Brito, sem dúvida, desconhecia que oito meses antes, em setembro de 1859, Barra de São João se emancipara de Macaé. Casimiro, há documentos que o mostram, estava na Fazenda do Indaiáçu.



1860.mai.10 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, João Baptista Leite & Cia. escrevem a Casimiro. O papel foi dobrado de modo a servir de envelope. No verso, Casimiro anotou “Respondida”. Ver M.330 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Ilmo Sr Casimiro José Marques d’Abreu.

Inday-assú (*sic*)

Rio de Janeiro 10 de maio de 1860

Tendo-se apresentado o Sr. João Antônio de Macedo com ordem de V.M^{cc} para nos pagar o que porventura nos devesse, e passando a examinar a sua conta corrente, achamos que nos devia a quantia de 223\$500Rs, débito este que mandamos saldar pela verba dos seus salários deste ano.

Aproveitamos a ocasião para lhe dizer que poderá dispor do nosso limitado préstimo.

Somos com estima

De VM^{cc}

Amigo obrigado criado
João Baptista Leite & Cia.

Geral:

1. ☞ A carta, importantíssima, revela que Casimiro estava trabalhando como assalariado em João Baptista Leite & Cia., na Rua da Quitanda n.º 195, firma que ficara como procuradora dos Marques de Abreu, quando estes viajaram para Portugal em abril de 1854. E foi sem dúvida Antônio José Marques de Abreu Júnior, um dos sócios da citada firma, quem arranjou esse emprego para o primo Casimiro.

2. ☞ Vê-se por aqui a correção de Casimiro, mandando pagar pelo Macedo, tal como deve ter feito com Paula Brito, as dívidas que ele deixara na Corte.

3.  Se se entender “seus salários deste ano” como os dos meses de 1860, teremos só 3 meses, pois Casimiro deixou a Corte e partiu para o Indaiçu no dia 4 de abril. Numa outra hipótese, “o ano” contaria da posse em diante. E aí, ao que tudo indica, teríamos mais meses de trabalho, já que, pelo que sabemos, Casimiro deve ter começado no emprego em agosto de 1859, pelo que se deduz do que diz em carta de 25 de julho de 1859 ao amigo Couto. Tomando-se 223\$500 Rs como salário de três meses, tem-se cerca de 75\$000 Rs por mês, o que é pouco, se observados os preços de alguns objetos e bens de consumo da época. Exemplo; uma assinatura anual do *Jornal do Commercio*, para a Corte e para Niterói, custava 24\$000 Rs. (vinte e quatro mil réis) e o livro de Casimiro, *Primaveras*, era vendido a 4\$000 o exemplar.



1860.mai.II – De Montevideu para o Rio de Janeiro, Belisário Luís da Silva Peixoto escreve a Casimiro. Documento em perfeito estado. Papel verde claro. Quatro páginas. Endereçado a “Ilmo. Sr. Casimiro J. M. de Abreu Rio de Janeiro Quitanda 195”. Traz esta nota: “Ao cuidado do meu amigo P. M. de Moraes”. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

“pelo P. Joinvile”

Montevideu II maio 1860

Casemiro (*sic*)

Aqui estou não penses que é outra pessoa quem te escreve!

Aqui cheguei no dia 12 do passado e fui fazer quarentena de nove dias no lazareto, no dia 22 de manhã saí! Caramba.

Como estás?

Eu vou indo sofrivelmente.

Manda-me notícias tuas e sobre aquele negócio que pedi a Lulu para te incumbir.

Montevidéu é muito feio, triste e aborrecido.

Vivo triste e desesperado neste desterro não sei quando voltarei, naturalmente quando estiver bom.

As recordações que trouxe de São Domingos cada vez se aprofundam — mais no meu coração.

.....

Escreve-me não seas ingrato, nunca te persuadas que eu não sou teu amigo que te dá um abraço neste momento e te deseja as felicidades que se podem gozar no mundo.

Adios caro mio ja tengo la honra de ser teu muito amante (sic)

Amico (*sic*)

Belisário

Geral:

1. ☞ Tanto na primeira página do *Correio Mercantil* quanto na do *Jornal do Commercio* do domingo, dia 8 de abril de 1860, foi publicada uma nota, através da qual se ficava sabendo que, às 8 horas da manhã daquele dia, a bordo do vapor inglês *Mersey*, várias pessoas seguiriam para Montevidéu, entre as quais, Belisário Luís da Silva Pinto (*sic*) e Paulo Martins de Morais. A mesma nota saíra na véspera, na primeira página do *Diário do Rio de Janeiro*, criando com isso uma dúvida sobre qual teria sido o dia exato da partida, se 7 ou 8 de abril. Além disso, no nome de Belisário, trocou-se “Peixoto” por “Pinto”, resultado talvez da leitura da abreviação feita na alfândega, onde devem ter escrito “Pei^{to}”, que na redação do jornal virou “Pinto”. Vê-se ainda que a viagem durou quatro dias, e que Belisário ficou em Montevidéu, enquanto P. M. de Morais retornou ao Rio de Janeiro, trazendo consigo esta carta para Casimiro.

2. ☞ A frase “aquele negócio que pedi a Lulu para te incumbir” faz pensar que pudesse ter relação com a caixa de insetos trazida da roça por um vizinho de Casimiro, e sobre a qual já falamos neste livro.

3. ☞ Casimiro seguiu para Indaiáçu em 4 de abril e Belisário para Montevidéu em 8 (ou 7) do mesmo mês. Assim, foi antes de 4 de abril que se encontraram em São Domingos. Talvez em março, ou antes disso.

4.  Belisário devia estar mesmo doente ou de mau humor para achar feia e triste uma cidade alegre e bonita como Montevidéu. Aliás, o fato de dizer que só retornaria ao Rio de Janeiro quando estivesse bom, dá a entender que continuava às voltas com problemas de saúde. Sim, porque não se pode esquecer que, quatro ou cinco meses antes, passara algum tempo em Nova Friburgo em busca de melhoras para os males do peito. Mas Montevidéu? Que fazia Belisário tão longe de casa? Um lado da sua família tinha raízes na Argentina; talvez tivesse também algum parente no Uruguai.



1860.mai.12 – Da Fazenda do Indaiáçu para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve ao amigo Almeida Cunha. Papel branco, encardido pelo tempo, com tarja preta de luto em ambos os lados, 27 x 21 cm. Texto na primeira página, endereçamento na segunda, “Ilmo. Sr. José Antônio de Almeida Cunha, em casa de Joaquim Augusto da Cunha Porto, Rua das Violas, Rio de Janeiro”. Parece que o papel tinha duas folhas (quatro páginas), e que lhe juntaram uma terceira no meio, para encorpá-lo, endurecê-lo como cartolina. O texto está perfeito, mas na terceira e quarta páginas há um furo. O papel foi dobrado para servir de envelope, e traz os números “3506 P – 4759 v” sob o endereço, à esquerda do qual alguém anotou a lápis: “Carta importantíssima e profética de C. de A. que morreu de tuberculose no mesmo ano!”. No canto superior esquerdo, em relevo, há o timbre com as iniciais “C.J.M.A.” Original: Coleção Pedro Corrêa do Lago, São Paulo (SP).

Indayá-assú (*sic*) – maio 12 – 1860.

Meu amigo

As cartas inclusas são: – uma que recebi de Pernambuco para si, e outra minha que rogo fazer seguir quando escrever –

Já deve saber o que perdi. Este ano de 1860 foi-me e talvez ainda me seja bem fatal. Depois do Macedinho em março, a morte levou-me meu Pai em 17 de abril!

Agora ficarei aqui pela roça e sepulto-me em vida no sossego destas matas. Além de tudo padeço muito do peito e bem sabes como as tíscas são rápidas neste país –

Pesam-me nos ombros mil encargos e não estranhe se eu for parco em escrever-lhe –

Tendo lido os Mercantis de abril, em nenhum vi o convite para a Missa que se projetou para *ele* e desejava saber por que não se fez.

Escreva-me para a Barra de São João, Correio de Campos – e não obstante tudo, creia-me sempre

Seu amigo obrigadíssimo
Casimiro JM de Abreu

Geral:

1. ☞ Pedro Corrêa do Lago me disse que o original desta carta pertencia à Coleção Abelardo Rodrigues, de Recife (PE), à qual foi comprada.

2. ☞ José Antônio de Almeida Cunha, autor de *Leonor* (poesia, 1866), nasceu em Rio Formoso (PE) em 9 de agosto de 1841 e faleceu em Casa Amarela, na capital pernambucana, em 17 de agosto de 1919. Advogado (por Recife, em 1869), jornalista e político, era filho de Antônio José da Cunha e Ana Corrêa de Almeida e Cunha. Foi um dos fundadores da Academia Pernambucana de Letras e um dos redatores do *Diário de Pernambuco*, de que era Diretor à época da sua morte. E a propósito desse amigo de Casimiro, registro aqui um fato surpreendente. Tendo eu, em 1999, perguntado ao grande e saudoso Barbosa Lima Sobrinho, que iniciara a sua vida de jornalista em 1915 no *Diário de Pernambuco*, se se lembrava de Almeida Cunha, disse-me, para meu espanto, que sim, que se lembrava dele, ainda que vagamente.

3. ☞ Desde 16 de abril de 1859, quando ali saiu o seu poema “Visão”, Casimiro vinha enviando trabalhos para o *Jornal do Recife*. Assim, é natural que se correspondesse com alguém da capital pernambucana, o que explica a carta que ele envia a Almeida Cunha para que este a mandasse, ao que tudo indica, para aquela cidade. E mais. Suponho que a carta fosse para o poeta José de Vasconcelos (1824–1895), editor do citado jornal e já conhecido de Casimiro, que lhe oferecera um exemplar de *Primaveras* com a dedicatória “Ao amigo José de Vasconcelos, oferece Casimiro de Abreu”, exemplar pertencente aos herdeiros do bibliófilo Jérsen Maciel Neto. Deixo registrado que, no *Jornal do Recife*, há textos de outros poetas do círculo de amizades de Casimiro, como Teixeira de Melo, Almeida Cunha e Sílvio Pinto de Magalhães.

4.  Surpreende que Casimiro lamente a morte do Macedinho e não cite a de Gonçalves Braga, outro grande amigo seu, falecido em março de 1860: aquele, no dia 5; este, no dia 10. Quanto à missa para o Macedinho, Almeida Cunha dará explicações a Casimiro na carta que lhe escreve em 20 de maio.
5.  Casimiro diz, “sepulto-me em vida no sossego destas matas.” Pelo “sepulto-me” se vê que se entediava na roça. Afinal, era um jovem urbano, viajado, desajeitado no sertão. Notar, além disso, que no dia 12, ele já se queixa (“padeço muito do peito”) da sua má saúde e dos encargos que o sufocam. O pior, porém, estava por vir, com a morte do seu tio Claudino doze dias mais tarde. Daí para a frente, seria o calvário.
6.  Casimiro diz, “Escreva-me para a Barra de S. João, Correio de Campos”. Em 1847, como se pode ver pelos jornais da época, as partidas do Correio para tais pontos (Campos, Espírito Santo, Macaé, São João da Barra, Barra de São João, Aldeia de São Pedro e Cabo Frio) ocorriam de cinco em cinco dias: nos dias 3, 8, 13, 18, 23 e 28. Em 1860, o número havia dobrado: era às segundas, quartas e sextas-feiras.
7.  Vê-se pelo *Almanack Laemmert* de 1857, que o n.º 40 da Rua das Violas é endereço de Inácio Augusto da Cunha Porto, com “Loja de Drogas”, e também de Joaquim Augusto da Cunha Porto, com “Armarinhos e lojas de diversas miudezas, quinquilharias, etc.” e comércio de “Ferragens”. Uma coisa é certa; era endereço de pessoas da família Cunha Porto. Acrescento que o segundo deles, Joaquim Augusto, era, nesse ano, Segundo Secretário do Gabinete Português de Leitura, e em 1859, Tesoureiro do Grêmio Literário Português, em mandato que tinha Faustino Xavier de Novais como Presidente.
8.  Por que teria Casimiro recebido, de Pernambuco, uma carta para Almeida Cunha? Tê-la-ia recebido ainda na Corte, antes de 4 de abril, quando partiu para o Indaiçu? Ou a teria recebido em Barra de São João, na Vila ou na fazenda? Nesse caso, por que estaria ele, Casimiro, atuando como intermediário?



1860.mai.17 – Provavelmente de Lumiar (próximo à Vila de Barra de São João) para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve à firma Câmara, Cabral & Costa, que lhe responde cinco dias depois, em 22 de maio. (A carta de Casimiro se perdeu)



1860.mai.17 – Provavelmente de Lumiar (perto da Vila de Barra de São João) para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve a Antônio Francisco da Costa Cabral, encaminhando-lhe “correspondência” para ser mandada ao *Jornal do Commercio* e ao *Correio Mercantil*, e tocando em assunto que tem a ver com o Macedo. Costa Cabral acusa recebimento no dia 22. (A carta de Casimiro se perdeu)



1860.mai.20 – Provavelmente de Lumiar (perto da Vila de Barra de São João) para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve a Costa Cabral. Pede-lhe extrair a conta do falecido pai, um remédio para bebedeira, e volta a falar de João Antônio de Macedo. O portador foi o escravo Joaquin. (A carta de Casimiro se perdeu).



1860.mai.20 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Almeida Cunha escreve a Casimiro. Papel com flores e nome “J. A. de Almeida Cunha” em alto relevo. Pequeno envelope retangular de 14 x 6 cm, onde está o endereçamento a “Ilmo. Sr. Casimiro José Marques de Abreu – Fazenda de Indaiassu – Barra de S. João”. Documento fotocopiado, pode ser visto em M.335/6 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Meu caro Casimiro

Rio de Janeiro 20 maio de 1860

Como me mandou perguntar se houve ou não a missa do nosso amigo M. Jr., participo-lhe que não. No dia imediato ao da sua saída fui procurar o Bicalho à rua de Bragança (quero dizer Beco) e não o

encontrei; depois, soube que ele se tinha mudado para a rua dos Arcos, e visto eu não poder ir lá por ser longe, pedi a uma pessoa a quem ele ia visitar todos os dias, que viesse falar comigo; prometeu, mas até agora não veio. Eu falei a diversas pessoas para darem dinheiro para a missa, mas tendo recebido pouco, depois de ver que passava a missa muito tempo do mercado, resolvi entregá-lo outra vez. Infelizmente não sei o que se há de fazer agora. Não me foi possível ir à missa do 7.º dia de seu pai, porque quando li nos jornais, era tarde. Calculo quanto terá sentido essa morte, mas aliviá-lo, dar consolações — é tudo baldado para quem tem sofrido tanto como você. Desculpe-me o mal alinhavado desta carta, e conte que terá sempre em mim aquela amizade de outrora. Se me escrever acredite que dará muito gosto a quem se preza ser

Seu amigo obrigado & criado
José Antônio de Almeida Cunha

Geral: 1.  Diante do original, fica-se em dúvida sobre se Almeida Cunha teria escrito “2 de Maio” ou “20 Maio”. Mas deve ser mesmo “20 Maio”, já que esta carta é resposta à de Casimiro datada de “Indaiçu – Maio 12 – 1860”, o que faz com que a data seja, forçosamente, posterior ao citado dia 2.

2.  Soa estranha a frase de Almeida Cunha “Como me mandou perguntar”. Seria mais natural “Como me perguntou.”, pois Casimiro lhe fizera a pergunta por carta. Passa uma certa impressão de distanciamento, que parece confirmar-se na frase “...terá sempre em mim aquela amizade de outrora.” Por que o outrora?

3.  Vê-se que eram todos amigos: Macedinho, Casimiro, Almeida Cunha e Bicalho (Honório Bicalho, com quem Casimiro deve ter convivido na Escola Central e, depois, no *Jornal da Sociedade Filomática*).

4.  Pela frase “No dia imediato ao da sua saída”, se vê que Almeida Cunha sabia da partida de Casimiro em 4 de abril. Talvez tenham estado juntos; ou na véspera, ou no próprio dia 4.

5.  Ainda que compreensivelmente, escapou a Almeida Cunha e a Casimiro este anúncio publicado no *Jornal do Commercio* da quinta-feira, 19 de abril de 1860: “Alguns alunos do mosteiro de S. Bento convidam aos amigos e colegas do falecido José Joaquim Cândido de Macedo Júnior para assistirem a uma missa que mandam celebrar

pelo repouso de sua alma, hoje 19 do corrente, pelas 8 horas da manhã, na igreja de S. Pedro”. Assim, embora mandada celebrar por outros que não os do grupo da literatura, pode-se dizer que sim, que houve missa por alma do Macedinho, que fora aluno do Mosteiro de São Bento.



1860.mai.22 – Do Rio de Janeiro para Lumiar (próximo a Barra de São João), Câmara, Cabral & Costa escrevem a Casimiro. Papel azul encorpado, pautado, com quatro páginas, tendo na terceira e quarta um grande furo e uma “dentada”. Dois selos de 30 réis, verdes, rompidos. Na primeira página, ao alto, oval em relevo com os dizeres “Câmara, Cabral & Costa. Rio de Janeiro. Rua Nova de S. Bento 37-B”. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Famalicão, Portugal.

Ilmo. Sr. Casemiro (*sic*) José Marques de Abreu

Lumiar

Rio de Janeiro, 22 de maio 1860

Amigo e Sr.

Recebemos o seu prezado favor de 17 do corrente e do quanto nele se serve dizer-nos ficamos cientes e de conformidade.

Debitamos-lhe a quantia de Rs 8\$840, importância de anúncios e gratificação ao padre que em 18 do corrente celebrou a missa de 30.º dia por alma de seu finado Pai.

Baldos de mais assunto incluímos nota dos preços correntes e duas cartas, sendo uma do nosso sócio Cabral.

Somos com estima
Seus amigos obrigados criados
Câmara, Cabral, Costa.

Geral:

1.  A importância desta carta está no endereçamento para Lumiar, onde creio que Casimiro passou alguns dias, durante o mês de maio, provavelmente na companhia do amigo de infância Manoel da Fonseca Silva Júnior (“Manduca”?), cujo pai tinha terras e casa naquele lugar. Talvez que Casimiro fizesse pouso por lá, para ficar mais perto da Vila de Barra de São João, de que distava (e dista) alguma coisa em torno de 12 km., enquanto que a Fazenda do Indaiáçu distava mais ou menos 35. Penso que foi ali que ele compôs o poema (de que resta um fragmento, em rascunho) “Perdão, meu Pai, se em loucos desvarios”. A Fazenda Lumiar pertence hoje ao Dr. Luiz Adílson Bon, dono também da vizinha Fazenda Ventania.
2.  Observar que, embora Casimiro trabalhasse em João Baptista Leite & Cia, suas finanças continuavam ligadas a Câmara, Cabral & Costa, donde fora despedido, mas onde o pai tinha o dinheiro aplicado.



1860.mai.22 – Do Rio de Janeiro para Barra de São João (ou Lumiar ou Fazenda do Indaiáçu), Antônio Francisco da Costa Cabral escreve a Casimiro. Documento em perfeito estado. Papel azul encorpado, quatro páginas, texto na primeira. Na quarta, o endereçamento, “Ilmo Sr. Casemiro (*sic*) José Marques de Abreu – Barra de S. João”. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Famalicão, Portugal.

Ilmo amigo Sr. Casimiro José Marques de Abreu

Rio de Janeiro 22 de maio 1860

Acuso recebido seu prezado favor de 17 do corrente.

Vou mandar aos jornais – Mercantil – Jornal do Commercio a correspondência que me remeteu.

A Sra. sua Mãe mandou-me uma carta ontem pedindo-me para lá chegar, o que farei logo ao retirar-me para S. Domingos. Os papéis que aí tiver encontrado pertencentes à nossa Casa, me fará o favor de trazê-los quando vier, assim como os bilhetes da rifa.

Com respeito ao Macedo falaremos.

Desejando-lhe saúde e venturas, desejo também que não poupe no seu serviço ao

Seu amigo obrigado
Antônio Francisco da Costa Cabral.

P.S.

Muito cuidado com os espertalhões e pareceristas que o hão de procurar em grande quantidade.

Geral:

1. ☞ Trata-se sem dúvida da carta “do nosso sócio Cabral” anunciada no último parágrafo da carta anterior.
2. ☞ Suponho que ao prometer “mandar aos jornais (...) a correspondência que me remeteu”, Costa Cabral esteja falando de umas notas de moradores de Barra de São João, que reclamavam do atraso na tomada de posse de cargos naquela Vila. Talvez se valessem do prestígio de Casimiro para as publicar sem demora.
3. ☞ Vê-se que em fins de maio, Luísa ainda se achava em Niterói, deixando claro que Casimiro não atendera ao seu pedido de enviar-lhe condução para dali partir. Talvez porque ele não pretendesse se demorar na fazenda; ou então, por motivos mais sérios, difíceis de vislumbrar.
4. ☞ Percebe-se, pelo tom reticente, que havia um clima de mistério em relação a João Antônio de Macedo.
5. ☞ Observar o paternalismo de Costa Cabral em relação a Casimiro, a quem procura acautelar e orientar.



1860.mai.27 – Do Rio de Janeiro para a Fazenda do Indaiáçu, Antônio Francisco da Costa Cabral escreve a Casimiro. Papel pautado, 27 x 21 cm, texto na primeira, endereçamento na quarta, “Ilmo Sr. Casimiro José Marque d’Abreu em s/c Fazenda do Indaiassú, Barra S. João”. Anexa à carta, há uma “receita para bebedeira”. Documento fotocopiado, ver M. 007 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Ilmo. Sr. Casimiro José Marques de Abreu

Rio de Janeiro 27 de maio de 1860

Prezado amigo e Sr. O preto Joaquim, portador de sua carta datada de 20 do corrente, recolheu-se aqui no dia 23 por tarde, dia em que eu tinha partido para Petrópolis, e de onde desci no dia 25 com minha família; e por isso tanto se demorou. A Sra. sua Mãe, com quem estive ontem, aguarda a vinda do meu amigo para ir em sua companhia, visto como não pode seguir só em companhia do preto; pois ninguém mais veio para acompanhá-la.

Remeto pelo portador o remédio *contra a bebedeira*, que me pede para o mesmo, Deus lhe ponha a sua santa virtude. A conta corrente do Sr. seu Pai, vou mandá-la extrair para achar pronta quando chegar. Fui inteirado da proposta feita pelo Macedo ao Dr. Augusto Teixeira de Freitas, e muito ansioso fico pela sua vinda a esta para largamente conversarmos acerca deste negócio e de outros que muito lhe podem interessar e que muito me têm incomodado. Espero pois, que logo que possa dê cá uma chegada para conversarmos.

Aceite recomendações de todos de minha família e creia que sou

Seu amigo muito obrigado
Antônio Francisco da Costa Cabral

Remédio para bebedeira

Deve ser aplicado em duas doses iguais, sendo uma pela manhã e outra à noite, tendo todo cuidado de não chegar a parte alguma do corpo este líquido, se porém chegar, deve lavar imediatamente esse lugar com água quente.

Geral:

1. ☞ O portador da carta foi o escravo Joaquim, a quem se destinava o remédio para bebedeira. Estranho remédio aliás. Ou era para cheirar (o que parece improvável por oferecer perigo ao contacto físico), ou para pôr em algum canto da casa. Nesse caso, seria mais uma “simpatia” que um remédio.
2. ☞ Desde pelo menos outubro de 1858, Costa Cabral passa temporadas em Petrópolis. Talvez alugasse algum imóvel no local, onde aliás, no prestigiado Colégio Kopke, estudou o seu primogênito, Horácio.
3. ☞ A frase “para achar pronta quando chegar”, faz supor que Casimiro pretendesse vir brevemente à Corte. Assim, é provável que no encontro que teve com Luísa, Costa Cabral lhe tenha dito que aguardasse a chegada do filho que, na volta, a levaria consigo para a fazenda. É uma hipótese; mas faz sentido.
4. ☞ Todo o trecho sobre João Antônio de Macedo tem um clima de mistério. Talvez que ele se comportasse de maneira a gerar desconfianças.
5. ☞ Augusto Teixeira de Freitas, um dos maiores juristas brasileiros, nasceu em Cachoeira, na Bahia, em 19 de janeiro de 1817 e faleceu em Niterói no dia 12 de dezembro de 1883. Era também escritor e deixou um romance de nome curioso e hoje esquecido, *Pedro quer ser Augusto*, que faz pensar em alguma alusão irônica a D. Pedro II. Além de seus muitos méritos, Teixeira de Freitas teve o de inspirar a Rodolfo Bernardelli uma verdadeira obra-prima, a escultura que se acha em frente ao prédio da Ordem dos Advogados do Brasil, no Rio de Janeiro. De pé, com a toga, uma figura sólida, imponente, respeitável. Na página 2 da *Gazeta de Notícias* de 14 de dezembro de 1883, sai a notícia de sua morte. Creio que morava em Niterói ou São Domingos, já que foi sepultado no cemitério do Maruí.
6. ☞ Observar que em suas cartas a Casimiro, Costa Cabral termina quase sempre enviando recomendações da própria família, deixando transparecer que o poeta era íntimo na casa e querido por todos.



1860.jul.13 – De Portugal para o Rio de Janeiro, Francisco José Marques de Abreu escreve a Casimiro. (Carta perdida, citada na de 10 de agosto de 1860).



1860.jul.19 – No Rio de Janeiro, de partida para Nova Friburgo, Casimiro escreve a “Machadinho”, apelido carinhoso de Machado de Assis. Cópia feita à mão por terceiros. Papel amarelecido, 22 x 16 cm, traz no final esta nota, “Carta existente nos arquivos da Academia”. Coleção José Mindlin, São Paulo, SP.

Machadinho

– Rogo-te o favor de entregares este livro a D. Gabriela e dá-lhe as melhores desculpas por não ir oferecer-lho pessoalmente.

Continuo ainda bastante doente e parto para Nova Friburgo – Adeus, dá-te um abraço o

Teu
C. de Abreu

1860 – julho 19

Geral:

I.  Foram inúteis as tentativas de achar esta carta no Arquivo da Academia Brasileira de Letras, mas não se pode duvidar da veracidade da nota anexa à cópia que aqui se analisa, pois o texto da mesma faz todo sentido. Ninguém iria inventá-lo. Sem dúvida, antes de partir para Nova Friburgo, a exatos três meses de baixar à sepultura, Casimiro pede a Machado de Assis que entregue à atriz Gabriela da Cunha, íntima amiga do romancista, um livro, que talvez fosse um exemplar de *Primaveras*. Acrescento que, na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, há um álbum com autógrafos de personalidades do século dezenove (Col. Andrade Leite, I-05,34,062), onde o segundo da

lista é o de Casimiro. Encontra-se num pedaço de papel que parece ter servido de envelope a uma carta. Traz estes dizeres: “Para Machado de Assis – Do Casimiro”. Não creio se tratasse de dedicatória colocada em algum exemplar de *Primaveras* oferecido ao romancista, pois dificilmente alguém arrancaria uma página com tais características. O que creio, embora sem muita convicção, é que o citado autógrafo tenha a ver com a carta que aqui se analisa.

2. ☞ Gabriela (Augusta) da Cunha (de Vecchi) nasceu no Porto em 18 de dezembro de 1821, filha da atriz e autora dramática Gertrudes Angélica da Cunha. Veio jovem para o Brasil, onde se casou com José Felice de Vecchi e se tornou das mais importantes atrizes dramáticas do seu tempo. Mereceu de Machado de Assis um bom poema “A D. Gabriela da Cunha”, publicado em *O Espelbo* de 25 de dezembro de 1859. O jornal *Entreacto*, em seu número de estréia, de 1.º de maio de 1860, prestou-lhe grandes homenagens, dela dizendo, “Gabriela da Cunha é um exemplo dessa raça divina, que faz da arte uma religião, e do belo o alvo supremo de sua passagem sobre a terra”. Os elogios vinham em boa hora, pois a atriz se achava adoentada. Chegou a estar gravemente enferma, só conseguindo voltar ao trabalho alguns meses depois.



1860.ago.10 – Do Porto para o Rio de Janeiro, Francisco José Marques de Abreu escreve a Casimiro. Quatro páginas, papel azul encorpado e pautado, em perfeito estado de conservação, apesar de um pequeno corte na terceira e quarta páginas. Endereçamento, “Ilmo. Sr. Casimiro José Marques de Abreu – Rio de Janeiro”. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Casimiro

Porto 10 de agosto de 1860

Confirmo a minha carta de 13 do mês próximo passado, não tendo depois recebido alguma tua a que dera resposta.

Por via do mano Joaquim sei que os teus incômodos de saúde têm aumentado, o que sinto profundamente, porque te consagro sincera e pura amizade, e por isso peço-te que venhas quanto antes tratar-te no

seio da nossa família, pois estou persuadido que (*sic*) a mudança de ares contribuirá poderosamente para o teu restabelecimento. O estado melindro (*sic*) de tua mana continua, e só poderá cessar depois do parto, que ainda está para daqui a alguns meses, e por isso, apesar de ter a maior vontade de ir aí, não o posso fazer. Espero que, coadjuvado pelo nosso comum amigo o Sr. Cabral, terás dado andamento ao inventário, que muito desejo ver concluído. Eu e tua mana te enviamos as mais ternas e saudosas recomendações, e crê que sou com a mais perfeita estima, e distinta consideração

Teu Tio, padrinho, cunhado e amigo
Francisco José Marques de Abreu

Geral:

1.  Por algum motivo de que não me lembro, não me foi possível fotocopiar esta carta, que só pude copiar à mão. E só agora, 13 anos depois, me surge uma dúvida: se na frase “Confirmo a minha carta de 13 do mês próximo passado, não tendo depois recebido alguma tua a que dera resposta.” está “dera resposta”, ou, o que faria mais sentido, “deva resposta”. Fica para, posteriormente, conferir-se com o original.
2.  Vê-se que é indiretamente, através de Joaquim José, que vive em Lisboa, que Francisco José (no Porto) sabe do mau estado de saúde do sobrinho. Provavelmente, Costa Cabral teria escrito a Joaquim José e lhe falara do assunto, pedindo-lhe que alertasse os demais parentes de Casimiro. Mas Francisco José não sabe da extensão da doença de Casimiro. Daí que lhe aconselhe a viagem a Portugal, coisa impossível àquela altura. Na data da carta, Casimiro já se achava em Nova Friburgo, a dois meses e uma semana da morte.
3.  Maria Joaquina, esposa de Francisco José e irmã mais velha de Casimiro, só dará à luz em 17 de novembro de 1860, quando lhe nasce a filha Maria (Maria Amália), que será batizada a 31 de agosto de 1861. A madrinha, representando a tia Maria Amália, de Lisboa, será Albina, que se encontra na Casa dos Carvalhais, em Santa Maria de Oliveira. Acrescento que, por evidente lapso, no original está “melindro” e não “melindroso”. Acrescento também que, ao escrever a Costa Cabral em 17 de setembro de 1860, Casimiro se referirá a trechos desta carta.



1860.ago.23 – De Nova Friburgo para o Rio de Janeiro, em 23 de agosto de 1860, Casimiro escreve a Francisco de Paula Brito. Este, quatro dias depois, para desmentir boatos de que o poeta falecera naquela cidade, publica um trecho da carta no *Jornal do Commercio* de 27 de agosto. (A carta de Casimiro se perdeu).

“Nova Friburgo, 23 de agosto de 1860.

.....
 “Vou indo melhor, mas ainda sofro bastante da tosse: também há apenas um mês que aqui estou!”

“Seu amigo,
Casimiro de Abreu”

Geral:

I. ☞ Paula Brito divulgou este fragmento de carta, inserindo-o numa nota que fez publicar no *Jornal do Commercio* da segunda-feira, dia 27 de agosto de 1860. O texto, que veio no canto direito da segunda página, é o que, respeitado nos seus mínimos detalhes, transcrevo a seguir:

“O Sr. Casimiro de Abreu.

Sr. Redator. – Para tranquilizar as pessoas que profundamente sentiram a notícia, falsamente espalhada, da morte do Sr. *Casimiro de Abreu*, autor das *Primaveras*, abaixo transcrevo as poucas linhas de uma carta que dele recebi.

“Nova Friburgo, 23 de agosto de 1860.

.....
 “Vou indo melhor, mas ainda sofro bastante da tosse: também há apenas um mês que aqui estou!”

“Seu amigo,

Casimiro de Abreu”

Antes de receber esta carta, tinha eu escrito (que já foi publicado no *Diário*) o seguinte

SONETO

A dor, que tanto vos pungiu, senhora,
 Sobre infaustas notícias espalhadas
 Por quem anda escutando nas estradas
 Da coruja o piar, quando está fora,

Cesse, que outras notícias dão-se agora,
 De mais límpidas fontes emanadas;
 Elas mitiguem, da verdade ornadas,
 A dor, que tanto vos pungiu, senhora!

Se em novas tão fatais não há segredo,
 Nova vida recobra e novo alento
 Quem não podia de morrer ter medo;

Porque fora da morte louco intento
 As – *Primaveras* – acabar tão cedo
 De quem todo é amor, todo é talento!

F. de Paula Brito.”

De fato, antes de receber a carta de Casimiro, Paula Brito já havia publicado o soneto acima na seção “Noticiário”, na primeira página do *Diário do Rio de Janeiro* de 23 de agosto de 1860. Vinha também acompanhado de uma nota introdutória, redigida por alguém da redação. Eis a nota e o soneto: “Uma senhora a quem causara grande impressão a falsa notícia da morte do jovem poeta autor das *Primaveras*, escreveu ao nosso patricio o Sr. Paula Brito, pedindo-lhe informações sobre o fato. Poeta também e amigo do Sr. Casimiro de Abreu, respondeu o Sr. Paula Brito com o seguinte soneto, que merece ser lido por mais de um título:

A dor, que tanto vos pungiu, Senhora,
 Sobre infaustas notícias espalhadas
 Por quem anda escutando nas estradas
 Da coruja o piar, quando está fora;

Cesse, que outras notícias dão-se agora,
 De mais límpidas fontes emanadas;
 Elas mitiguem, da verdade ornadas,
 A dor que tanto vos pungiu, Senhora;

Se em novas tão fatais não há segredo,
 Nova vida recobra e novo alento
 Quem não podia de morrer ter medo;

Porque fora da morte louco intento
 As *Primaveras* acabar tão cedo
 De quem todo é amor, todo talento.

O último verso vem mesmo assim, *De quem todo é amor, todo talento*. Parece que a melhor forma seria a do *Jornal do Commercio: De quem todo é amor, todo é talento*. E por ter sido encaminhada pelo próprio autor, creio que a melhor fonte a ser usada na transcrição do soneto, seja exatamente esta, como fez, aliás, o Dr. Moreira de Azevedo, quando, em 1863, organizou a edição póstuma das *Poesias* de Paula Brito, falecido em 15 de dezembro de 1861. Com pequenas alterações de pontuação, incluiu o soneto sobre a falsa morte de Casimiro, tal como o havia publicado o *Jornal do Commercio* de 27 de agosto de 1860.

2. ☞ Insisto em alertar. Até pelo soneto de Paula Brito se pode ver que o título do livro de Casimiro é *Primaveras*, e não *As primaveras*. Os travessões usados deixam isso bem claro.

3. ☞ Sobre a falsa morte de Casimiro, lembro que fato idêntico ocorreu com Gonçalves Dias. Em 20 de abril de 1862, muito doente, o poeta maranhense partiu de Recife com destino à Europa a bordo do navio à vela *Grand Conde*. Era, parece, o único passageiro. A 25 de julho, quando o poeta já se encontrava na Europa, correu no Rio de Janeiro a notícia de sua morte, desmentida alguns dias depois, em 3 de agosto.



1860.ago.26 – Do Rio de Janeiro para Nova Friburgo, Antônio Fernandes Camacho Falcão escreve uma longa carta a Casimiro, que não lhe responde. Falcão citará o fato em nova carta ao poeta, esta com data de 21 de setembro de 1860. (A primeira carta de Camacho Falcão se perdeu).



1860.set.04 – De Nova Friburgo para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve a Antônio Francisco da Costa Cabral que, parece, não lhe responde. O próprio Casimiro cobrará a resposta em outra carta que lhe escreve em 17 de setembro de 1860. (A primeira carta de Casimiro se perdeu).



1860.set.17 – De Nova Friburgo para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve a Antônio Francisco da Costa Cabral. O original se encontra extraviado. Por uma fotocópia do mesmo, fornecida à Biblioteca Nacional pelo escritor (Nélson) Lacerda Nogueira, da Academia Fluminense de Letras, se vê que o papel da carta media 22 x 18 cm, e que o texto ocupava duas páginas apenas. Fotocópia: Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional (I-02,01,016), Rio de Janeiro (RJ).

Ilmo. Sr. A. F. da Costa Cabral

Friburgo 17 de setembro 60 –

Prezado amigo Sr.

– Só anteontem me entregaram¹ ...

Veio o mestre de obras² dizer-me que tinha necessidade urgente de Rs.1.820\$000, fêria dos seus empregados; eu empurrei-o para o Macedo,³ e caso este recorra a VM^{sc.}, espero que o valerá. Apenas eu chegar à Fazenda examinarei com vagar tudo isto pois creio que alguma coisa vai torta.⁴

– Meu tio Francisco persuade-se que temos dado andamento ao inventário, e tudo está como estava –

O que mais lamento é a fatalidade da moléstia⁵ da minha mana, que prende meu tio – sabe Deus até quando!

Ao menos era um homem que tomava conta do que lhe pertencia, e não eu que não sirvo para isto, porque não tenho energia bastante nem mesmo jeito –

– Prometeu-me o meu amigo responder “pelo próximo correio – à minha carta de 4 e até hoje ansiosamente (*sic*) espero os seus conselhos e opiniões sobre um assunto que pode afetar seriamente a minha vida. Seja como um Pai, esclareça o Cruz e D. Maria, proteja-me⁶ e estime-me e terá certa a gratidão de filho –

Creio que devo retirar-me no fim do mês, seguindo para o Rio; mas hei de precisar de alguns fundos para as despesas, pois segundo a conta junta⁷ do primeiro mês calcula-se a do segundo;⁸ e vê-se que rastejam a Rs.400\$000 – que trusce (*sic*) –

Retribuo do coração os cumprimentos que me dirige a Sra. D. Adelaide, e descanso (*sic*) com a esperança de vê-la em breve, e aos meninos –

Muitas recomendações ao Sr. Câmara.⁹

Escrevo-lhe à noite e com pressa pois o portador sai amanhã muito cedo –

Creia-me sempre

De VM^{es}

Grato e obrigadíssimo amigo e criado

C. de Abreu

Várias relíquias e manuscritos de Casimiro, inclusive o original desta carta, pertenciam aos descendentes de Antônio Francisco da Costa Cabral. Durante muitos anos, estiveram sob a guarda de sua neta Adelaide da Costa Brandão, a *Sinhá*, como era tratada em família. Ocorreu que, em 1949, como a Academia Fluminense de Letras pretendesse organizar uma grande exposição sobre Casimiro, em desagravo pela dura e contundente biografia que dele fizera Nilo Bruzzi, *Sinhá* emprestou o valioso acervo ao escritor (Nélson) Lacerda Nogueira, para que este pudesse expô-lo na sede da Academia, em Niterói. Deve-se dizer, a bem da verdade, que Lacerda Nogueira era primo

de *Sinhá*. Dizer também que a exposição foi de fato realizada, recebendo da imprensa uma grande atenção. A *Revista da Semana*, por exemplo, dedicou boa parte da sua edição de 17 de setembro de 1949 à cobertura do evento, ilustrando-a com farto material fotográfico. Finda a exposição contudo, o acervo não foi devolvido aos descendentes de Costa Cabral. E foram inúteis as tentativas feitas por alguns membros da família com vistas a tê-lo de volta. A partir daí, uma série de equívocos e desencontros levou ao extravio do acervo. O único saldo positivo do episódio, foi que a Academia Fluminense de Letras publicou vários dos textos guardados por Antônio Francisco Costa Cabral após a morte do poeta, incluindo-se aí uma boa quantidade de poemas manuscritos, que o acadêmico Arnaldo Nunes reuniu em *Autógrafos de Casimiro de Abreu* (Separata do volume n.º IX da *Revista da Academia Fluminense de Letras*, Niterói, 1956).

-
1.  Esta linha está truncada, mas a última palavra deve ser mesmo “entregaram”.
 2.  Parece que passou pela cabeça de Casimiro a idéia de casar-se e ir morar na Fazenda do Indaiaçu, como deu a entender a Francisco do Couto Sousa Júnior. Assim, o fato de Casimiro referir-se a obras na fazenda, poderia fazer pensar que elas estivessem ocorrendo na sede da mesma. Mas não foi isso. As obras, como se verá pelo inventário de José Joaquim e do próprio Casimiro, tinham a ver com a construção de uma casa de negócios em terras da fazenda, creio que no caminho que a ligava à povoação da Lontra. Casimiro apenas deu andamento ao que já vinha sendo feito, e que fora iniciado por seu pai.
 3.  Macedo, já se sabe, é João Antônio de Macedo. Após a morte de Casimiro, ele ficará responsável pelos negócios da Casa da Lontra, em processo de liquidação. Aliás, vê-se que Costa Cabral fora sincero ao aconselhar Casimiro a liquidar aquela firma, logo após a morte de José Joaquim, já que foi exatamente o que ele, Costa Cabral, fez após a morte de Casimiro. Decorridos menos de 20 dias do óbito do poeta, ele pôs anúncio no *Jornal do Commercio* de 7 de novembro de 1860, chamando devedores e credores de Abreu & Irmão, “em liquidação”, para o acerto de contas, orientando-os no sentido de procurarem por Macedo, no local do estabelecimento, ou seja, na povoação da Lontra.
 4.  Na fotocópia enegrecida existente na Biblioteca Nacional, só se consegue ler as palavras “... com vagar tudo is...”, seguindo-se a elas um trecho de difícil leitura. Felizmente, na página 32 da sua publicação *A Naturalidade de Casimiro de Abreu* (Niterói, 1950), a Academia Fluminense de Letras transcreve trechos da carta, e completa a frase em questão: “Apenas chegue à fazenda examinarei com vagar tudo isto, pois creio que alguma coisa vai torta.”, interpretação que, por fazer sentido, adotei. Afinal, os autores da obra acima citada, Lacerda Nogueira e Carlos Maul, tiveram acesso ao original da carta, onde a legibilidade devia ser maior que a permitida pela fotocópia. Se-

gue-se outro trecho também truncado, que a Academia preferiu não transcrever, onde podem ser lidas as palavras “... xordía e com o meu quinhão em Portugal, dava vivas á Christina—” A expressão “o meu quinhão em Portugal” é significativa, já que o assunto da carta está ligado, em alguns momentos, a questões de inventário. E Casimiro sabia que tinha parte na Quinta do Ulmeiro, nas proximidades de Sintra, que pertencia a seu pai. Acrescento que, na fotocópia, o trecho em que está “... e descanso com a esperança de vê-la...” é também de difícil leitura, o que o original da carta talvez pudesse aclarar.

5. ☞ Casimiro se refere “à fatalidade da moléstia da minha mana”. Na verdade, ao escrever-lhe do Porto, seu tio, padrinho e cunhado Francisco José não se refere a moléstia, mas a um “estado melindroso” (já alertei, está “melindro” no original) associado à gravidez. Acrescento que, por este trecho da carta, se pode ver o quanto Casimiro confia no tio. Reconhece-lhe o talento para os negócios, coisa que lhe faltava, como ele mesmo diz. Havia ainda a falta de energia causada pela doença. Era o inferno interior, o conflito entre o dever e a inclinação natural. Era o contemplativo que, cruelmente, o destino obrigava a agir.

6. ☞ Casimiro pede a Costa Cabral que seja o seu “advogado de defesa” nas dificuldades que enfrentava com a oposição da família de Joaquina Luísa ao seu namoro com a moça. E a propósito, lanço algumas palavras sobre “o Cruz e D. Maria”, citados pelo poeta. Ele, é Manoel Estanislau de Castro e Cruz, coronel do corpo de engenheiros do Exército, nascido em Buenos Aires em 5 (ou 7) de maio de 1805, filho legítimo do capitão-tenente Antônio dos Santos Cruz, brasileiro, com D.^a Maria do Rosário de la Quintana, argentina. Do segundo casamento de seu pai com D.^a Joaquina Feliciano de Almeida Cabral, o coronel teve um irmão e duas irmãs, uma das quais, Maria Teresa, veio a casar-se com Luiz Antônio da Silva Peixoto, tornando-se mãe de Joaquina Luísa, a namorada de Casimiro. Com a morte do cunhado Luiz Antônio em 30 de maio de 1844, Cruz tornou-se tutor dos filhos deste com Maria Teresa, o que explica a ascendência que parece ter sobre os mesmos. Registro ainda que ele atuou como engenheiro na Freguesia de Nossa Senhora do Amparo de Correntezas, em Capivari (hoje Silva Jardim-RJ), e deve ter conhecido muito bem os Pinto Osório, família a que pertencia a mãe de Casimiro. Passando à reserva em 1858 por motivos de saúde, o coronel Cruz faleceu em 5 de junho de 1881, tendo sido sepultado no Cemitério de São Francisco de Paula, no Catumbi, em local muito próximo ao primitivo túmulo do Duque de Caxias. Quanto a “D. Maria”, creio tratar-se do modo por que Maria Teresa era tratada na intimidade.

7. ☞ Casimiro diz a Costa Cabral, “a conta junta do primeiro mês”, mas se esquece de juntá-la à carta, e só posteriormente a mandará para a Corte. Nas páginas 35 e 36 da publicação *A naturalidade de Casimiro de Abreu e mais falsidades, erros e mistificações de um biógrafo* (Niterói, 1950), a Academia Fluminense de Letras, transcreve (com erros) a conta de

Casimiro no hotel de Mariana Salusse. Na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional (I-02,01,018), há uma fotocópia (plastificada) desse documento, fornecida àquela seção pelo escritor (Nélson) Lacerda Nogueira, e que vai aqui transcrito fielmente:

O Senr. Casemiro d'Abreu

Do dia 26 de Julho até 31 de Agosto	a Salusse	Deve
37 Dias de pensão a 3\$000		111.000
37 Dias para o preto a 640		23.680
6 Dias para 2 animais a 500		6.000
2 Garrafas de vinho do Porto		4.000
1 Garrafa de vinho do Reino		3.000
4 Dias para 1 Preto, e um animal		4.560
Importe de uma receita		<u>23.500</u>
Feitio de 2 Camisas de lã		<u>2.000</u>
Feitio de 2 Siroulas		2.000
12 Covados de baetilha a 1000		<u>12.000</u>
		Rs 191.740

Quatro notas sobre a conta do Hotel Salusse: a) usa-se a expressão “para o preto” ao referir-se ao escravo acompanhante, mas usa-se “para 1 Preto” quando se trata do segundo escravo. Provavelmente porque, ao fim dos primeiros 37 dias, o acompanhante já se tornara conhecido dos donos do hotel; b) Côvados é uma antiga medida de comprimento correspondente a 3 palmos, vale dizer, 66 centímetros; c) Baetilha é baeta delgada, tecido felpudo de algodão; d) Ceroulas são geralmente cuecas compridas, que vão até às canelas.

8.  Se Casimiro calculou que as despesas do segundo mês (setembro) seriam semelhantes às do primeiro (cinco dias de julho e mais agosto completo), é porque manteve consigo o escravo acompanhante, que lá ficou, ao que tudo indica, até a partida do poeta para a fazenda, na companhia de Manoel da Fonseca Silva Júnior. Os três (ou quatro, pois Fonseca Júnior pode e deve ter levado também consigo um escravo), devem ter descido juntos para o Indaiáçu.

Quanto aos Rs.400\$000 (quatrocentos mil réis) que Casimiro diz ter levado consigo ao subir para Nova Friburgo, ele os conservou intactos, como dá a entender a Costa Cabral. Isso, aliás, será confirmado alguns dias depois, quando, a 11 de outubro, já na fazenda, ele dita o testamento a Bernardino José Fernandes dos Reis: “Declaro que devo também algumas pequenas quantias de cuja importância me não recordo, a diversas pessoas (...) e à venda de Madame Saluces (*sic*) também em Friburgo.

Declaro que estive hospedado no Hotel de Madame Saluces (*sic*), o tempo de dois meses, e esta despesa não tendo sido satisfeita, desejo que meu testamenteiro a satisfaça, havendo para isso a quantia de quatrocentos mil reis na primeira gaveta da cômoda do quarto que ocupava no mesmo hotel.”

Ora, dificilmente Casimiro teria esquecido na gaveta da cômoda uma importância tão alta. Por que então, cabe a pergunta, teria deixado ali o dinheiro? Penso em duas hipóteses. Primeira: deixa-o de propósito, para garantir a vaga do quarto, caso na suportasse a viagem e tivesse de voltar do caminho. Segunda: ao partir, provavelmente de madrugada, a conta não fora ainda “fechada” e, para não ficar em débito, deixa na gaveta o dinheiro correspondente, talvez acompanhado de um bilhete à dona do hotel. Não satisfeito, escrupuloso e correto como era, pedirá no testamento que se salde toda a dívida, inclusive as pequenas quantias despendidas na venda de Mariana Salusse.

9. Já foi dito, no comentário à carta de 16 de fevereiro de 1858, que a firma Câmara, Cabral & Costa era formada por três cidadãos portugueses, Manoel de Pontes Câmara, Antônio Francisco da Costa Cabral e José Domingues da Costa. O primeiro deles, a quem Casimiro envia muitas recomendações, era um belo representante da espécie humana, alto, esbelto, elegante e, como se não bastasse, riquíssimo. Nascido (ou batizado) em 19 de janeiro de 1815 na Ilha da Madeira, morreu tragicamente em 1.º de abril de 1882, próximo ao Cabo Finisterra, quando o Paquete Douro, em que viajava, foi abalroado por um vapor espanhol, tendo ambas as embarcações afundado. Manoel de Pontes Câmara já era então viúvo de Guilhermina de Matos Vieira, nascida no Rio de Janeiro, cidade em que faleceu em 25 de agosto de 1874. Acrescento que no corredor do segundo andar do prédio da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, há um excelente e grande retrato a óleo de Manoel de Pontes Câmara feito por Rocha Fragoso.



1860.set.19 – Do Rio de Janeiro para Nova Friburgo, Antônio Francisco da Costa Cabral escreve a Casimiro, que acusa recebimento e responde no dia 29 do mesmo mês. (A carta de Costa Cabral se perdeu).



1860.set.21 – Do Rio de Janeiro para Nova Friburgo, Antônio Fernandes Camacho Falcão escreve a Casimiro. Perfeito estado de conservação, 27 x 21 cm, fotocopiado, pode ser visto em M.109 e 110 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Ilmo Sr. Casemiro (*sic*) José Marques d'Abreu

Friburgo

Rio de Janeiro 21 de setembro 1860.

Com data de 26 do passado dirigi-lhe uma carta que talvez por demasiado extensa o incomodasse e compelisse a não responder para evitar assim a reprodução de semelhantes estopadas. Muito folgarei se assim foi e faço votos para que a falta de notícias suas – que muito prezo como sabe – não seja devida a incômodos de saúde.

Manoel da Silva Melo Guimarães entregou-me hoje a carta inclusa pedindo-me com muita instância que visse o melhor modo de lha fazer chegar às mãos –

Assim cumpro, e como ele faz o maior empenho em obter a resposta com muita brevidade, e pede-me igualmente que interceda com o meu amigo para esse fim, por isso o recomendo à sua proteção, desejando que a pobrezinha não tenha a mesma sorte da minha anterior, a que aludo –

As suas – Primaveras – são procuradas com furor, mande-me dizer se quer que vá cedendo os exemplares que cá tenho, mediante a competente retribuição – Ao Almeida Cunha e depois de imensas rogativas, cedi um – que, diz ele, é para Ladislau Neto. Queria pagar, recusei-me a receber o dinheiro por não estar para isso autorizado – Não sei se fiz bem – o meu amigo o dirá –

Adeus, diga-me quando puder, como está, e disponha do

Seu amigo sincero e obrigado

Antônio F. Camacho Falcão

Geral:

1. ☞ A carta de 26 de agosto, de Camacho Falcão a Casimiro, pode (e deve) ter-se extraviado, pois é sintomático que não tenha ido parar em Portugal, como a de 21 de setembro. Mas pode ser também que Casimiro a tivesse recebido e a deixado sem resposta, pois não devia estar nada bem, mergulhado em problemas, provavelmente não tinha espírito para cartas. Aliás, tampouco responderá à carta e ao questionário enviados por Manoel de Melo, e que, esses sim, foram parar em Portugal.

2. ☞ Manuel da Silva Melo Guimarães, mais conhecido como Manuel de Melo, nasceu em Aveiro, Portugal, em 7 de abril de 1834. Tendo vindo para o Brasil em começos de 1845, tornou-se aqui muito conhecido nos meios culturais e literários. Foi Secretário do Banco Rural e Hipotecário. Faleceu em Milão, aonde fora em busca de cura para a doença que o vinha atormentando, a icterícia.

3. ☞ Apesar do quadro de doença e preocupações, deve ter tido um efeito benéfico no espírito de Casimiro o que lhe diz Camacho Falcão sobre o “furor” que o livro *Primaveras* continuava a fazer um ano após publicado. Observar, aliás, que até mesmo os amigos se referiam à obra como *Primaveras*, sem o artigo *As*. Tenho insistido nesse ponto, que me parece importante.

4. ☞ Ladislau (José de Sousa Melo e) Neto, um dos maiores e mais respeitados diretores do nosso Museu Nacional, nasceu em Maceió (AL) em 27 de junho de 1838 e morreu no Rio de Janeiro em 18 de março de 1894. Doutor em Ciências Naturais, formou-se na França e, ainda em vida, foi alvo de diversas honrarias da comunidade científica daqui e do exterior.



1860.set.21 – Do Rio de Janeiro para Nova Friburgo, Manuel da Silva Melo Guimarães escreve a Casimiro. Fotocopiado. Ver M.I07 e I08 em microfilme ou cd. Original: Coleção Carlos Lopes Abreu, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

Meu amigo,

Deixa-me felicitá-lo pelas suas melhoras, e ambicionar que, sacudida até a lembrança de ruins agouros, o vejamos em pouco restituído à capital?

Tenho muito que lhe ralhar a propósito da sua notícia para o “Dicionário Bibliográfico”. Sabe que é uma amostra, um arremedo de notícia, um arremedo parco e agorentado, menos do que um passaporte, menos que uma certidão de batismo, ou uma lista de família?

Tratou de resto o meu pedido, confesse.

De mim declaro que estou muito enfadado.

Preciso que me diga, porque tudo isto falta nas seis linhas da inculcada autobiografia:

Os seus nomes, sobrenomes e apelidos;

O lugar do seu nascimento;

A época em que foi a Portugal;

As circunstâncias (*sic*) de interesse da sua carreira literária;

Os títulos dos jornais portugueses em que imprimiu composições suas;

Os estudos que cursou.

Quero (**quero**, repare bem), quero que ofereça ao autor do “Dicionário” um exemplar das “Primaveras”, e, se tiver, um também do “Camões e o Jau”.

A condição principal, o ponto indeclinável é que os esclarecimentos estejam cá à volta deste correio. O livro, deve dar ordem para que me seja aqui entregue.

Não lhe peço desculpa destas fórmulas imperativas. Julgo-me por hoje autorizado a impregá-las ... (*sic*) mas também deixo-lhe salvo o direito de as usar para comigo em todas as conjunturas e por todos os modos, com a certeza de uma obediência passiva e devota por parte do

Seu amigo afetuosíssimo
Manuel da Silva Melo Guimarães

Rio, 21 de setembro de 1860.
Rua de S. Bento, n.º 32.

Geral:

1. ☞ Manuel de Melo colhia dados para a elaboração do *Dicionário Bibliográfico Português, Estudos de Inocêncio Francisco da Silva, Aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. Casimiro foi um dos escolhidos para responder ao questionário preparado com tal finalidade. Tendo porém respondido de modo irritantemente suscinto, Manuel de Melo escreve-lhe esta carta, “dá-lhe um puxão de orelhas”, encaminha-lhe um novo exemplar das perguntas, e lhe pede que amplie as informações fornecidas. Age de modo carinhosamente ditatorial para com Casimiro, mas tanto a carta quanto o questionário ficaram sem resposta e, tal como chegaram às mãos de Casimiro, foram parar na Casa dos Carvalhais, em Famalicão, Portugal.
2. ☞ Não fica claro se foi na Corte que Casimiro respondeu à primeira via do questionário, deixando as respostas com alguém para que as entregasse a Manuel de Melo, ou se elas lhe foram enviadas para Nova Friburgo, de onde as teria devolvido de maneira tão econômica que acabaram por frustrar o entrevistador.
3. ☞ Os ruins agouros citados seriam as notícias da morte de Casimiro que circularam na Corte em agosto.
4. ☞ Como alertei no início desta obra, o negrito na palavra “**quero**” é do próprio Melo. E mais uma vez, registro que até os contemporâneos de Casimiro referiam-se ao seu livro como *Primaveras*, sem o “As”.
5. ☞ Pelo tratamento que Manuel de Melo lhe dispensa, se vê que, decorrido um ano da publicação de *Primaveras*, Casimiro era já um nome respeitado nos meios culturais daqui e de Portugal.
6. ☞ Álvares de Azevedo foi o nome usado como exemplo para o preenchimento correto do questionário acima. O *Dicionário* começou a ser publicado ainda em 1860,

através da Imprensa Nacional, em Lisboa. Casimiro fora tão suscinto em suas respostas, que não pôde participar da primeira tiragem da obra, que se tornou um clássico no gênero. Ou agira assim por estar debilitado, sem paciência para coisas da literatura, ou porque as perguntas lhe parecessem indiscretas, abordassem pontos que preferia ver esquecidos.

7.  Notar que o endereço de Manuel de Melo (São Bento, 32) é defronte ao de Câmara, Cabral & Costa.

8.  O questionário impresso, com as instruções para o seu correto preenchimento, acha-se anexo à carta.



1860.set.29 – De Nova Friburgo para o Rio de Janeiro, Casimiro escreve a Antônio Francisco da Costa Cabral. O original extraviou-se. Uma fotocópia do mesmo, cedida à Biblioteca Nacional pelo escritor Lacerda Nogueira, mostra que a carta fora escrita em papel de 13,5 x 22 cm, com desenho de palhinha trançada, com o texto todo em duas páginas. No topo, uma anotação abreviada de Costa Cabral: “Respondida a 7 de outubro”. Trata-se, parece, da última carta de Casimiro. A letra não tem firmeza. A tuberculose já ia bem longe. Fotocópia: Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional (I-02,01,017), Rio de Janeiro (RJ).

Friburgo – 29 setembro 1860

Prezado amigo e Sr. Cabral –

– Respondo ao seu favor de 19 e estou de posse de todas as cartas que tem tido a bondade escrever-me –

– A conta de Mme. Salusse¹ ficou por esquecimento, mas eu já enviei-a –

– O meu pedido de retirar-me² consistia no receio de gastar dinheiro aqui, e na vontade de consultar o Dr. Rosa,³ pois já estive melhor do que hoje –

– O Fonseca mandou-me visitar pelo filho, que parte amanhã, e eu vou em sua companhia até o Indaiaçu. Se não puder ir, volto; podendo, demorar-me-ei alguns dias na Fazenda e volto a Friburgo –

Creio que não faço mal em fazer esta visita⁴ depois de uma ausência de 4 meses –

– Recomendo-lhe que não se esqueça daquele negócio.⁵

– À Sra. D. Adelaide e aos meninos envio os meus saudosos cumprimentos.

Lembre-me ao Sr. Câmara⁶ e continue a crer-me de

V. M^{te}

Amigo grato e obrigadíssimo

Casimiro de Abreu

O original desta carta deveria, obrigatoriamente, encontrar-se nos Arquivos da Academia Fluminense de Letras, já que foi emprestada ao escritor Lacerda Nogueira por uma das netas de Antônio Francisco da Costa Cabral, Adelaide da Costa Brandão, a *Simbá*, para que, juntamente com muitas outras relíquias de Casimiro que pertenciam aos descendentes daquele seu avô e eram por ela guardadas, pudesse ser exposta na sede da citada Academia, em Niterói. Foi isso no segundo semestre de 1949. A exposição, realizada como forma de desagravar o nome de Casimiro diante da corrosiva biografia que dele havia feito o escritor Nilo Bruzzi, foi de fato realizada. Só que o valioso e vasto acervo (fotos, objetos, manuscritos de poemas, de cartas e de textos em prosa, além de um raríssimo álbum com autógrafos de Gonçalves Dias, Macedinho, Casimiro e outros), motivo do citado empréstimo, jamais retornou às mãos dos descendentes de Costa Cabral. E foram vão os esforços desenvolvidos por alguns membros daquela família para recuperar o precioso acervo, que nunca conseguiram ter de volta. Felizmente, para minimizar o extravio de todo o rico material que tivera em seu poder, a Academia Fluminense de Letras realizou diversas publicações, em que pôde analisar e divulgar uma grande quantidade de textos do autor de *Primaveras*. A presente carta, por exemplo, foi reproduzida fotograficamente entre as páginas 36 e 37 de *A naturalidade de Casimiro de Abreu e mais falsidades, erros e mistificações de um biógrafo*, Niterói, 1950.

(Ver caixa inserida nos comentários à carta de “1860.set.17”).

1.  a) A conta de Madame Salusse a que Casimiro se refere já foi analisada nos comentários à sua carta de 17 de setembro a Costa Cabral. Tal conta deveria ter sido anexada àquela carta, mas, por esquecimento, não o foi, só tendo sido enviada alguns dias depois. Sem saber disso, provavelmente na carta que escreve a Casimiro no dia 19, Costa Cabral lhe cobra a remessa do citado documento. Casimiro diz-lhe então que já o havia enviado. b) Agora, umas palavras sobre Madame Salusse, cujo nome de solteira era Mariana Joset. Nascida na Suíça, chegou ao Brasil com 12 anos de idade, acompanhada apenas do pai, pois a mãe e o irmão morreram em alto mar, na vinda para cá. Em Nova Friburgo, em 1.º de junho de 1830, casou-se com o francês Guilherme Mário Salusse, 18 anos mais velho que ela, e que fizera parte das tropas de Napoleão. Do casamento, realizado pelo célebre Vigário Jacob Joÿe, resultaram dez filhos. Mariana Salusse tornou-se hoteleira e, ao falecer aos 94 anos de idade, em 15 de abril de 1906, deixou, além de uma imensa fortuna, uma grande quantidade de descendentes, entre filhos, netos, bisnetos, e até trineto. Três deles gravaram seus nomes no mundo das artes: um filho (o pintor Pedro Eduardo Salusse, provável professor de desenho de Casimiro), um neto (o poeta Júlio Salusse, autor do famoso soneto *Cisnes*), e uma bisneta (a soprano Balduína Teixeira da Costa Sayão, mundialmente conhecida como Bidu Sayão).

2.  Na carta anterior a Costa Cabral, datada de 17, Casimiro havia escrito, “Creio que devo retirar-me no fim do mês, seguindo para o Rio...”. Agora, nesta de 29, ele diz, “O meu pedido de retirar-me consistia no receio de gastar dinheiro aqui...”. Há uma visível diferença de tom entre o “devo retirar-me” e “o meu pedido de retirar-me”, o que leva a pensar que Costa Cabral lhe tenha censurado a idéia da viagem ao Rio de Janeiro, com a interrupção do tratamento e do repouso na serra.

3.  O Dr. Rosa a que Casimiro se refere era o Conselheiro José Bento da Rosa (1808-1879), Catedrático da Faculdade de Medicina e detentor da Ordem da Rosa. Era médico do pai de Casimiro, e deste também. Ao pai, cobrou 40 mil réis por uma consulta em dezembro de 1859 ou janeiro de 1860 (Ver M.010 em microfilme ou cd). No *Correio Mercantil* de 3 de junho de 1860, pode-se ler, “O Dr. José Bento da Rosa mudou-se para a casa n.º 244 da rua de S. Pedro”. Nesse endereço, ao que tudo indica, é que Casimiro o consultou antes de subir para Nova Friburgo, e onde pretendia ouvi-lo novamente.

4.  Fonseca tinha mais de um filho, mas o que visita Casimiro é sem dúvida Manoel da Fonseca Silva Júnior, seu amigo de infância em Rio das Ostras, batizado em 23 de junho de 1843, afilhado de Francisco de Sá Pinto de Magalhães, o avô materno de Washington Luís. Seus outros irmãos eram muito pequenos para representarem o pai, sobretudo em visita tão longe de casa. O trecho “Se não puder ir, volto (...) e volto a Friburgo” tem dado margem a interpretações controversas. A coisa me parece clara.

Creio que Casimiro quis dizer o seguinte. Se, por causa da doença, não agüentar a viagem até o Indaiáçu, interrompo a ida e volto para cá. Se agüentar, fico alguns dias na fazenda e, depois, volto para cá, para Friburgo. Vê-se que Casimiro estava inseguro quanto à viagem, desaconselhável sob todos os aspectos. Esgotado, sem condições de enfrentar o longo dia a cavalo (mais de dez léguas até à fazenda), caminho acidentado, sol forte da serra, tudo isso devia desanimá-lo. Devem ter feito o “caminho dos suíços”, descendo por Muri, Lumiar, Barra do Sana, Vargem Grande, Indaiáçu. Viriam, suponho, Casimiro, Fonseca Júnior, dois escravos, quatro cavalos. Dadas as condições de Casimiro, podem ter parado, talvez até pernoitado em Lumiar, distante umas três léguas de Friburgo e, no dia seguinte, prosseguido até à fazenda. Fazer tudo num só dia seria uma temeridade, pois podiam estropiar os cavalos. Mas podem, sim, ter cometido essa imprudência. Acrescento que o dia 29 de setembro de 1860 caiu num sábado. Assim, devem ter descido no domingo, dia 30, bem cedo, para escapar ao sol. Quanto ao que teria empurrado Casimiro para a fazenda, é possível que tenha sido a solidão, a possibilidade de, no Indaiáçu, ter pessoas conhecidas e alguns parentes por perto, ou até mesmo a idéia de mandar buscar a mãe. Enfim, a fazenda era agora a sua casa, a única que tinha na verdade.

5. ☞ Casimiro volta a pedir a intercessão de Costa Cabral a seu favor no caso do namoro com Joaquina Luísa da Silva Peixoto, a “Quinquina”, ao solicitar-lhe que “não se esqueça daquele negócio”.

6. ☞ Observar que Casimiro cita D.^a Adelaide (Adelaide Zeferina de Oliveira Cabral), os meninos, mas não cita a menina Adelaide, a *Yayá*, por ser talvez muito pequena. Observar também, mais uma vez, que Casimiro manteve relações cordiais com Manoel de Pontes Câmara, a quem sempre se recomenda, só não citando nunca José Domingues da Costa, que seria, parece, “o terror” da firma Câmara, Cabral & Costa.



1860.out.07 – Do Rio de Janeiro, e ao que tudo indica, para a Fazenda do Indaiáçu, Antônio Francisco da Costa Cabral escreve a Casimiro. A carta, que teria chegado às mãos do poeta quando este já se achava a menos de dez dias da morte, deve ter ficado sem resposta. E é provável que na primeira ida à fazenda após o óbito de Casimiro, o próprio Costa Cabral a tenha recuperado e rasgado.

Agradecimentos

Deixo aqui uma palavra de eterna gratidão às pessoas abaixo, muitas das quais, infelizmente, já nos deixaram. Foi graças a elas que, ao longo de mais de dezesseis anos de pesquisas, colhi material não apenas para o presente livro, mas para os outros que pretendo publicar sob o título geral de “Em torno a Casimiro de Abreu”. Rio de Janeiro (RJ), 12 de maio de 2007. Mário Alves de Oliveira.

BRASIL = Araruama (RJ): Dr. Sylvio Lamas de Vasconcellos • **Ara-xá (MG):** Patrícia Aparecida Pontes • **Barra Mansa (RJ):** Alan Carlos Rocha • **Barra de São João (RJ):** Cartório: Milce Pereira da Costa • Matriz: Andrea Gomes Barbosa, Sra. Dinea Carvalho Muniz, Padre José Alves dos Santos, Sr.a Raymunda dos Santos • Igreja Brasileira: Padre Pedro dos Santos Silva • Sra. Amenaide Tardelli Moreira Marchon (Dona Didi, fal.), Sra. Arinda Souza, Prof.^a Dirce Moreira Lessa (fal.), Sra. Diva Souza Borges (fal.), Sr. Gélío Alves Faria, Sra. Helena Maria Sardemberg Bastos, Sra. Lúcia Ramos Machado (nascida em 04.mar.1905 em Barra de São João, onde faleceu em 11.abr.2006, com 101 anos), Sra. Mabê Bastos de Freitas (fal.), Sra. Maria Celina

Tardelli Moreira Bastos (fal.), Maurício da Rocha Bittencourt, Sr. Nagippe Jorge (Seu Bipa, fal.), Sra. Nazareth Jorge de Sousa (fal.), Sr. Paulo Souza, Sr. Wálter d'Almeida, Sr. Zeferino Teixeira Bastos (Seu Zefe, fal.) • **Belo Horizonte (MG)**: Olavo Romano • **Brasília (DF)**: Sra. Luciana Carteri, Senador Roberto Saturnino Braga • **Cabo Frio (RJ)**: Cartórios: Dr. Renato Batista ▪ Sr. Dominério do Angelim, Dr. Hilton Massa • **Cachoeiro do Itapemirim (ES)**: Sra. Denise Maria Moreira Vieira, Dr. Levi Rocha • **Campinas (SP)**: Academia Campinense de Letras: Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho (fal.) • **Campos (RJ)**: João Oscar (do Amaral Pinto), Sr. Valdir Pinto de Carvalho • **Cantagalo (RJ)**: Matriz: Sr. Altair Costa, Padre Antônio Stael de Souza, Cristiane Maria Cardoso Ferreira ▪ Dr. César de Azevedo Goulart, Dr. Henrique José da Silva Bon • **Casimiro de Abreu (RJ)**: Fórum e Cartórios: Alcimar de Souza, Almir Pimentel Filho, Sr. Itamar Ramos dos Santos (fal.), Sr. Ivan de Lima Seixas Júnior, Sra. Lucília Maria de Carvalho da Silva, Dr. Naildo Borges Macabu, Paulo Roberto de Castro Medeiros Gomes, Sra. Silvana Carla Moisinho de Mello, Sra. Therezinha de Aquino Costa dos Santos ▪ Fazenda Casimiro de Abreu (antiga do Indaiaçu): Sr. Carlos Müller, Sra. Ili Gracie Melcher Goulart da Cunha, Mauro Melcher Goulart da Cunha, Sr.^a Olga Alves Barbosa Honorato, Dr. Rogério Goulart da Cunha ▪ Sr. Alci da Silva (Seu Sissi, em Córrego da Luz), Sr. Dilvo Peres, Sr. Elesbão dos Santos Silva, Dr. João Buchaúl, Sr. Lindolpho Bastos (Seu Dafinho, fal.), Sr. Marcionílio Vieira Machado, Sr. Theodomiro de Oliveira (em Professor Sousa) • **Cordeiro (RJ)**: Sr. Alderi Perquis Hermsdorff, Sr. João Duprat Salgado (Seu Juíno, fal.), Márcio Valério Carvalho da Cunha • **Dourado (SP)**: Prof.^a Cecília Barros Pereira de Sousa Braga (fal.), Sra. Cecília Almeida Prado • **Goiânia (GO)**: José Mendonça Teles • **Itaboraí (RJ)**: Casa de Alberto Torres: Sra. Dalva Soares • **Itaipava (RJ)**: Sr. Hélio Gracie • **Macaé (RJ)**: Casa Paroquial: Sra. Wanda Guaracyema Leitão Caldas, Sra. Waldinéa Go-

mes Caetano ▪ Fórum e Cartórios: Sr. Arian Pimentel, Sr. Domingos da Costa Peixoto, Dr. Henrique Mendes, Sra. Irenilda Nolasco de Abreu, Dra. Kátia Mallet Soares, Dr. Luiz Augusto Fernandes Netto, Sr. Luiz Carlos dos Santos Gomes ▪ Centro de Memória Antônio Alvarez Parada: Prof.^a Maria da Conceição Vilella Franco, Prof.^a Rosali Quinan, Vilcson Mateus dos Santos Gavinho ▪ Sr.^a Alzira Rosa Santos Gavinho Thomaz, Sra. Anália Jorge Cabral (fal.), Prof.^a Ana Lúcia Nunes Ferreira, Sr. Luiz Ernesto Olive, Sr. Manoel Olive, Sra. Maria Bernadette de Almeida Castro Alvarez (D.^a Detinha), Sra. Nilcenéa Sardemberg Barreto (D.^a Neinha), Prof.^a Sônia Lapa • **Mangaratiba (RJ)**: Emil de Castro, Dr. José Antônio Algebaile • **Niterói (RJ)**: Fórum e Cartórios: Dr.^a Maria Helena Jorge, Sra. Adenaide Pereira dos Santos ▪ Biblioteca Estadual: Sra. Sylvia Estrella, Sra. Mariad Lúcia de Gouvêa Arias ▪ Arquivo Municipal: Sr. Dejair Leite ▪ Arquivo Arquidiocesano: Edercy Borges de Oliveira, Padre Edson Assunção ▪ Cemitério do Maruí: Sr. Getúlio Alves Cardoso ▪ Família Pache de Faria: Saizyl Pache de Faria Cupello, Solange Pache de Faria Mathews, Dr. Matheus Brandão Pache de Faria ▪ Academia Fluminense de Letras: Prof.^a Eneida Fortuna Barros, Dr. Lyad de Almeida (fal.) ▪ O Fluminense: Dr. Alberto Torres (fal.) ▪ Dr. Alaôr Eduardo Scisínio (fal.), Sra. Emirene Pinheiro, Emmanuel de Macedo Soares, Hillo Guedes Alcoforado Filho, Dr. Jorge Picanço Siqueira, Sr. José Carlos Pinheiro (fal.), Sr. Luiz Mathias Netto (fal.), Sra. Maria Cândida Assumpção Domingues, Dra. Maria Helena Jorge, Sra. Neuza Barreto da Costa, Sra. Sandra Maria Corrêa e Castro Tavares • **Nova Friburgo (RJ)**: Pró-Memória: Sra. Thereza de Albuquerque e Mello ▪ Cúria Diocesana: Sra. Ana Cecília Abicalil ▪ Colégio Anchieta: Padre Antônio Rodrigues ▪ Colégio Nossa Senhora das Dores: Sra. Carla Espósito, Prof.^a Jean Beatriz Fersuta Wermelinger • **Olímpia (SP)**: Prof. Rotschild Mathias Netto (fal.), Sra. Maria Lucy Mathias Netto • **Paraíba do Sul (RJ)**: Matriz: Sra. Sônia Fonseca ▪ Sr. Fernando Alves

Barreira (fal.), Sr. Jurandyr Júdice Pureza • **Pelotas (RS)**: Sra. Fernanda Cardoso Moreira • **Petrópolis (RJ)**: Museu Imperial: Sra. Maria de Fátima Moraes Argon, Sra. Mônica De Zayas, Sra. Neibe Machado da Costa • **Poços de Caldas (MG)**: Fernando de Oliveira Barbosa • **Porto Alegre (RS)**: Décio Presser, Sra. Najara Machado • **Porto das Caixas (RJ)**: Sr. Gílson Nascimento, Sr. Josué Raymundo da Silva (Seu Zuzu) • **Recife (PE)**: Arquivo Estadual: Sra. Lindinalva da Costa Santos, Sr. Ronildo Maia Leite ▪ Biblioteca Estadual: Sra. Graça Vasconcelos ▪ Gabinete Português de Leitura: Sra. Maria de Fátima Silva ▪ Faculdade de Direito: Dr. Francisco Ivo Dantas Cavalcante, bacharel Antônio Carlos dos Santos ▪ Academia Pernambucana de Letras: Sra. Maria de Lourdes R. B. de Mello ▪ Sra. Adelma Ferreira dos Santos, Sra. Ana Isabel de Souza Leão Andrade, Sra. Carmen Lúcia de Souza Leão Rego, Marcus Accioly, Sra. Tereza Cristina de Sousa Dantas • **Rio Bonito (RJ)**: Prof. Arnupho Dobbin Ferro, Dr. Francisco Constantino de Campos Chermont, Prof.^a Maria do Carmo Soares Cordeiro, Sra. Mauritya Alves da Costa • **Rio Claro (SP)**: Prof.^a Margarida Maria Penteadó Orellana • **Rio das Ostras (RJ)**: Sr. Abílio Ricardo Meleiro, Sra. Aurélia Moreira Jorge, Edgar de Souza Carvalho, Sr. Edivaldo Barreto Portugal (Edinho), Sra. Ernestina Jorge (fal.), Sra. Eth Lisieux da Silva Couto, Sra. Evangelina Dias de Abreu Martins (Dona Vanja, fal.), Sr. Fernando Valle da Silva Couto, Sr. Flávio Fonte Vieira, Sr. Francisco Fábio Guimarães de Barros, Sra. Georgina Jorge dos Santos, Sra. Inayá Moraes, Leonardo Marques, Dr. Luiz Adílson Bon, Sr. Luiz Mário Menescal, Dr. Marcello Jacintho Xavier Martins, Sr. Nasin Pereira Gonçalves, Sra. Regina Pereira Muniz, Renato Mendes da Silva, Renato Costa Reis (Nato), Ricardo Martins de Aguiar, Sr. Sérgio Vallone Puga, Silvana de Souza Martins • **Rio de Janeiro (RJ)**: Academia Brasileira de Letras: André Leonardo Fernandes Saman, Aurileide Freitas Deppe da Costa, Dr. Barbosa Lima Sobrinho (fal.), Joana Cardoso da Silva, Dr. Josué Montello

(fal.), Luiz Antonio de Souza, Maria Dulce Carneiro de Oliveira, Sr. Paulino Cardoso ▪ Biblioteca Nacional: Sra. Ana Virgínia Pinheiro, Sra. Ângela Di Stasio, Sr. Cláudio de Carvalho Xavier, Sra. Léia Pereira da Cruz, Sra. Lúcia Maria de Aquino Lomba, Lúcia Nolasco, Sra. Maria Angélica Brandão Varella, Sra. Mônica Carneiro Alves, Sr. Raymundo Batista Carneiro, Sra. Vera Lúcia Miranda Faillace ▪ Real Gabinete Português de Leitura: Dr. Antônio Gomes da Costa, Sr. Artur Soares de Pinho (fal.), Carla Rosa Martins Gonçalves, Sr. Francisco Borges da Silveira (fal.), Sr. Raul Nunes Caldeira, Vera Lúcia de Almeida ▪ Arquivo Nacional: Sra. Carla Lopes, Sr. Eliseu de Araújo Lima, Jacques Peres Pinheiro, Sátiro Nunes ▪ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: Bruno Pereira da Silva, José Luiz de Souza, Prof. Pedro Tórtima ▪ Arquivo Histórico do Exército: Ten. Claudinei Moraes da Silva, Ten. Marcos Paulo Mendes Araújo ▪ Instituto Histórico-Cultura da Aeronáutica: Brig. Ivo Gastaldoni, Maj. Dirce Silva Brízida, Nair de Laia ▪ Ministério da Fazenda: Sra. Cássia Helena da Silva Ferreira do Carmo, Sra. Iara Graciano Iponema, Dr. José Carlos Costa Simonin, Sra. Marlene Abrantes Russell Mac Cord ▪ Arquivo Público do Estado: Sr. Johenir Jannotti Viegas, Sr. Joseph Kanaan, Sra. Liana Martins de Mendonça, Sra. Sônia Maria Oliveira de Castro, Sra. Waldecy Catharina Magalhães Pedreira ▪ Arquivo Arquidiocesano: Aloysio de Oliveira Martins Filho, Márcia Regina Gonçalves Mello Freire, Paulo Lavandeira Fernandes ▪ Liceu Literário Português: Sr. Albino Melo da Costa ▪ Igreja de Santo Afonso, na Tijuca: Pe. José Luciano Jacques Penido ▪ Arquivo e Biblioteca do Mosteiro de São Bento: Sra. Francisca Maria Brandão, Dom Mateus Ramalho Rocha, O.S.B. ▪ Família Condé: João Carlos Condé, João Condé (fal.), Sra. Maria Theresa Condé Pereira ▪ Colégio Brasileiro de Genealogia: Dr. Paulo Carneiro da Cunha (fal.), Gílson Caldwell do Couto Nazareth ▪ Administração do Cemitério de São Francisco de Paula (Catumbi): Paulo César Alonso Pinto, Theobaldo de Olivei-

ra Pessanha Filho ▪ Administração do Cemitério do Caju: Sra. Célia Maria Souza dos Santos ▪ Administração do Cemitério dos Ingleses: Sra. Elizabeth Schneider ▪ Médico oftalmologista: Dr. Fausto Marques Pinheiro ▪ Basílica de Nossa Senhora de Lourdes (Vila Isabel): Padre Sérgio Monteiro Saldanha ▪ Médicos pneumologistas: Dr. Antônio Faria Pedroso, Dr. Pedro Lobianco ▪ Famílias Costa Cabral e Pache de Faria: Sra. Adelaide Pache de Faria Paiva (fal.), Sra. Helena Brandão Orosco, Helena Hörlinger, nascida Helena Brandão Orosco (filha), Heloísa Orosco Borges da Fonseca (Luhli), Sra. Maria da Conceição Siqueira Gê (fal.), Sr. Sérgio Pache de Paiva, Sra. Tânia Cavalcanti de Albuquerque, Sra. Yêda Cavalcanti de Albuquerque ▪ Família Alvarenga Peixoto: Sra. Celma Peixoto de Paiva (fal.), Cel. Eduardo de Alvarenga Peixoto, Mauro de Alvarenga Peixoto Gonçalves, Sra. Nahyta de Alvarenga Peixoto Gonçalves (fal.), Sra. Thalita Peixoto Diniz Junqueira ▪ Família Sena Campos: Sra. Dulce Sena Campos (fal.), Sra. Izah Sena Chevalier Figueira ▪ Família Getúlio Veiga: Prof.^a Beatriz Getúlio Veiga (fal.), Dr. Jorge Getúlio Veiga (fal.) ▪ Ordem Terceira da Penitência: Frei Eckart Hermann Höfling-ofm, Sra. Maria Luíza Fonseca Bastos ▪ Quatro filhas do Gen. Alves Cerqueira: Sra. Nelly Soares Cerqueira, Sra. Iná Cerqueira Ronzani (fal.), Sra. Edith Soares Cerqueira Lopes (fal.), Sra. Eloah Cerqueira de Moura (fal.) ▪ O Globo: Mânia Millen, Amélia Gonzalez ▪ Família Bocayuva de Miranda Jordão: D.^a Cora Bocayuva de Miranda Jordão (filha caçula de Quintino Bocayuva, falecida em 6.out.1998), Sra. Ana Maria Bocaiúva de Miranda Jordão (neta de Quintino), Dr. Hariberto de Miranda Jordão Filho (neto de Quintino) ▪ Arquivo Histórico do Itamaraty: Sra. Lúcia Monte Alto Silva ▪ Biblioteca do Itamaraty: Sra. Loana Braga Barbosa Saltarelli, Sra. Sônia Ângelo Doyle ▪ Casa de Rui Barbosa: Hugo Porto Soares ▪ Serviço de Documentação Geral da Marinha: Ten. Simone Mitchel ▪ Igreja dos Santos dos Últimos Dias, Andaraí – Centro da História da Família: Sra. Suely Santos Car-

doso ▪ Museu do Telefone: Bruna Costa Queiroz da Cruz ▪ Museu da Justiça: Sr. Argemiro Eloy Gurgel, Sr. Frederico Pessoa de Melo Amorim, Edilaine Viera Costa ▪ Museu Nacional de Belas Artes: Sra. Cirlei Vianna ▪ Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo: Sr. Armindo Fernandes Dinis ▪ Palácio São Joaquim: Sr. Adionel Carlos da Cunha ▪ Adriana Maria Gomes de Oliveira, Dr. Afrânio da Silva Jardim, Alexei Bueno, Sra. Almir Laranjeira Berford (Dona Santinha), Antônio Carlos Villaça (fal.), Cel. Augusto Vergne de Castro Araújo, Carlos Alberto Marques de Abreu (sobrinho-neto de Casimiro, fal.), Carlos Alberto dos Santos, Carlos Sussekind de Mendonça Filho, Sr. Cláudio de Carvalho Xavier, ator Cláudio Corrêa e Castro (fal.), Sra. Clécia Ribeiro Gondim, Prof.^a Cleonice Berardinelli, Sra. Cybele de Ipanema, Sr. Edmo Zarife, Prof. Elói Heraldtd, Sra. Fidalma Consentino Pereira, Fernando Barbosa Lima, Sr. Fernando da França Leite, Francisco da Costa, Sra. Gessy Pereira Zarife Alves, Gilberto Mendonça Teles, Sr. Gil Schueller, Gilberto Ferrez (fal.), Giulio Draghi, Gen. Greenhalgh H. Faria Braga (fal.), Sr. Guilherme Gomes (fal.), Helena Jobim, Sr. Jacob Alegre, Jamir Firmino Pinto, Jairo Severiano, João Máximo, Dr. João Sérgio Marinho Nunes, Sr. Jorge Mendes, Dr. Jorge Pedro Pereira Carauta, Jorge Silveira Sampaio (bisneto do Barão de Mauá, fal.), José Antônio de La Rocque Romeiro, Sr. José Christóvão de Oliveira, Sr. José Ferreira dos Santos, Sr. José Leite Corrêa e Castro, José Luiz dos Santos Júnior, Dr. José Pacheco de Medeiros Filho, Sr. José Roberto Haddock Lobo, Sra. Judith Athayde e Silva, Júlio Bronislavsky, Kurt Prober, Prof.^a Léa de Jesus Neves, Prof. Luiz Emygdio de Mello Filho (fal.), Marcelo Rodrigues de Brito, Márcia Brasil, Dr. Márcio Moreira Alves, Sr.^a Margarete Elizabeth Cardoso, Maria José Gomes de Oliveira (Zezê), Sra. Marília Carqueja Vieira, Mário Tadeu da Conceição, Prof. Maximiano de Carvalho e Silva, Sr. Moacyr Pereira de Sousa, Néelson Bérenger Machado, Sra. Neph Bruzzi, Paulo Fernandes Pacheco (fal.), Sr. Paulo L.

Fernandes, Paulo Pardal (fal.), Dr. Pedro Caldas Camargo, Sr. Pedro Luiz Castro da Rocha, Pedro Macário, Dr. Plínio Doyle (fal.), Ramiro Cid Taboada, Reinaldo Escorcio de Oliveira, Dr. Renato Nunes Esteves, Dr. Ricardo dos Santos, Sr. Roberto Jorge Menezes Mattos, Roberto Menezes de Moraes, Sr. Roberto van Erven, Romero Gonzales Garcia, Ronaldo Miranda, Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, Samir Ramos Curi, Sandra Helena Kaznowski da Silva, Dr. Sérgio Ioset Salusse Bittencourt-Sampaio, Sérgio Roberto de Castro Ramalho, Silvana Maria Gomes de Oliveira, Sra. Themis Breedveld, Trajano Valpassos, Sr. Valmir Cezário de Souza, Sra. Vilma Vieira da Silva, Vito Zambito, Dr. Waldyr Caldas da Silva, Dr. Waldyr da Fontoura Cordovil Pires, Waltensir Dutra (fal.), Sr. Wálter Figueiredo Bastos, Sr. Willys Rodrigues, Yolanda Alves de Oliveira, atriz Zezé Macedo (fal.), Zuenir Ventura • **Salvador (BA)**: Sr. Luís Henrique Dias Tavares, Sra. Maria Cândida Assunção Bandeira, Cel. Ricardo Pereira de Miranda • **São João da Barra (RJ)**: Cartórios: Dra. Eliane das Graças Cardoso Rangel, Sr. Jacymar Rodrigues ▪ Sr. Benedito Lino Soares (Seu Bené, fal.), Sr. Fernando Antônio Lobato Borges ▪ Sra. Mariana Cruz Mello, Sra. Maria Siqueira Gaya • **São Luís (MA)**: Biblioteca Pública: Sra. Silvânia Garcês Vieira, Sra. Noemi Soares dos Santos • **São Gonçalo (RJ)**: Sra. Isaura Franco Alfradique • **São Paulo (SP)**: Biblioteca José Mindlin: Sra. Cristina Antunes, Dr. José Mindlin ▪ Prefeitura: Sra. Daíse Aparecida Oliveira, Sra. Zélia Maria Ramos Carneiro ▪ Academia Paulista de Letras: Dr. Célio Debes, Sra. Maria Luíza Pereira de Souza Lima ▪ Boris Kosoy, Sr. Jorge Eduardo Stockler, Dr. Luís Gastão Jordão, Pedro Corrêa do Lago • **São Tiago (MG)**: Sr. José Hemetério Neto, Sr. Suetônio Soares Valença • **Saquarema (RJ)**: Padre Ademar Ermilindo Pimenta • **Silva Jardim (RJ)**: Fórum e Cartórios: Sr. Adenesil Miranda da Mota, Sr. Alair de Araújo Guedes, Alcery Pacheco da Conceição, Dra. Alessandra Genúncio Tavares, Sr. Borgeo Francisco Gomes, Dra. Celma Aparecida

Tardelli, Sr. Evaristo Gomes, Sr. José Eugênio Rodrigues da Costa Almeida Castro, Luís Henrique Carvalho de Miranda, Sr. Juiz, Dr. Maxwel Rodrigues da Silva, Dra. Rosalina Martins de Abreu, Valdenyr Fonseca de Carvalho, Sr. Zulmar Lisboa de Almeida ▪ Casa de Cultura: Sr. Ronalt Santiago ▪ Matriz: Padre Genecy Gomes Rodrigues, Padre Miguel Fernandes ▪ Reserva Biológica Nacional de Poço das Antas: Sr. Agustinho do Nascimento, Sr. Dionízio Moraes Pessamílio, Sr. José de Sousa Peres, Dr. Whitson José da Costa Júnior ▪ Prefeitura: Ana Lúcia Conceição Garcia ▪ Sr. Arão Lopes da Cunha, Sr. Aristão Jorge Ecard Espíndola, Sra. Áurea Martins Castro, Sr. Bráulio Klein, Sr. Carlindo Saldanha, Sr. Carlos Augusto Pires, Sr. Delso Siqueira (na Aldeia Velha), Sr. Epitácio Garcia, Fernanda Fischer Espíndola, Sra. Henriqueta Maria Pereira, Sra. Iracema Saldanha, Sr. Jeocimar Viana Antunes Pinheiro, Sr. José Sardinha (fal.), Sra. Leda Sousa Klein, Lurdes Ecard Espíndola, Sr. Manoel da Conceição Pinto (em Correntezas), Prof. Nalcílio Mello, Sebastião de Oliveira Galdino (em Salto d'Água), Vanderlei Rangel de Sousa, Waldyr de Freitas Osório • **Vassouras (RJ)**: Fazenda do Secretário: Elisabeth Corrêa da Silva, Elisângela Corrêa da Silva, Edna Corrêa da Silva, Sra. Martha Ribeiro de Brito ▪ Museu Casa da Hera: Sra. Isabel Rocha Ferreira ▪ Casa de Cultura: Sr. Affonso Celso Villela de Carvalho, Paula Corrêa e Castro ▪ Sr. Carlos Eduardo de Almeida Barata, Sr. João Batista da Conceição • **Vitória (ES)**: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo: Sr. Aylton Rocha Bermudez, Sr. Francisco Aurélio Ribeiro, Sr. Hormízio Santos Muniz, Sr. João Bonino Moreira (fal.), Dr. José Moisés, Dr. Renato José Costa Pacheco (fal.) ▪ Sr. Luís Felipe Marques de Abreu (fal.) • **PORTUGAL = Amadora**: Sr. Alberto Manuel dos Santos, Sra. Elisabete Lopes Maio dos Santos • **Amarante**: Sr. João Pinto Mendes • **Bombarral**: Museu Municipal: Dra. Cláudia Abreu Campos Silva, Sr. Manoel Silva Rodrigues, Sr. Nuno Lopes • **Coimbra**: Sr. Albino Alves • **Funchal (Madeira)**: Arquivo Regional:

Dra. Maria Fátima A. Barros Ferreira • **Lisboa**: Arquivo Nacional de Fotografia: Sr. José Pessoa, Dra. Vitória Mesquita ▪ Câmara Municipal (Alvarás, Escrivania e Toponímia): Sra. Maria Emília Ferreira Lopes Soares ▪ Arquivo do Alto da Eira: Dr. Nuno Campos ▪ Arquivo do Ministério de Obras Públicas: Dra. Isabel Carneiro ▪ Hemeroteca de Lisboa: Dr. Jorge (Manuel Cabrita) Trigo ▪ Arquivo Geral da Marinha: Dra. Isabel Frade Ferreira ▪ Biblioteca Nacional: Prof.^a Ana Maria Almeida Martins, Sr. Joaquim Matos Freitas da Silva, Dra. Maria Fernanda Torres, Prof.^a Maria Leonor Machado de Sousa ▪ Arquivo da Torre do Tombo: Dr. Fernando Miguel Soares Bandeira da Silva Veloso, Dr. José Maria Furtado, Sra. Maria Fernanda Marques Nabais Gomes, Sra. Maria José Bigotte Chorão ▪ Livraria Lácio: Sr. Antônio dos Santos André ▪ Administração do Cemitério do Alto de São João: Sra. Clarisse Diogo Pereira dos Reis Pereira ▪ Administração do Cemitério dos Prazeres: Sra. Maria Isabel Rodrigues Lopes, Sra. Maria Leonor Nobre Moreira Antunes ▪ Arquivo Fotográfico Municipal: Dra. Inês Viegas, Dra. Maria de Lurdes Baptista, Dra. Rosa Ávila ▪ Arquivo Histórico do Banco Espírito Santo: Dr. Carlos Alberto Damas ▪ Gabinete de Estudos Orlisiponenses: Sra. Elisabete Gama ▪ Conservatória do Registro Civil da Junta de Freguesia de São Pedro de Alcântara: Sra. Maria de Lourdes Santos ▪ Museu dos Teatros: Dr. José Carlos Alvarez ▪ Governo Civil: Sra. Maria das Neves Lourenço ▪ Academia das Ciências de Lisboa: Sra. Sara de Oliveira Serra Garcia ▪ Banco de Portugal: Sr. Eusébio Lourenço Alves, Sra. Stela Pereira ▪ Sra. Áurea Jardim, Sr. Antônio Barbosa de Sousa (Dono do “Martininho da Arcada”), Sr. Antônio Eugênio Jantarão, Dr. José Hermanno Saraiva, José Paulo Alves (Zepaulo), Sra. Maria Arminda Sá, Prof.^a Maria da Conceição Vilhena, Sra. Maria Filomena Monteiro de Andrade e Sousa, Sra. Maria Francisca de Oliveira Andrade, Sr. Raul Marques Pereira, Dr. Vítor Wladimir Jozé Ferreira

• **Porto**: Arquivo Distrital: Dr. Silvestre de Almeida Lacerda ▪ Admi-

nistração do Cemitério Prado do Repouso: Sr. Alexandre Joaquim Meireles, Sr. Luís Joaquim Ribeiro Martins ▪ Biblioteca do Governo Civil: Sr. José Maria dos Anjos ▪ Dr. António Augusto Paes, Dr. Jorge Fernandes Alves, José António Carneiro Pacheco de Andrade, Sr. Manoel Moreira da Silva, Sra. Maria José de Abreu Sampaio de Lima Carneiro Pacheco de Andrade, Sra. Maria Luísa Calem Champalimaud Carneiro Pacheco (fal.), Sr. Mário Rui Champalimaud Carneiro Pacheco, Sr. Nuno Canavez • **Braga**: Arquivo Distrital: Sr. Afonso Costa Ferreira ▪ Museu dos Biscainhos: Dra. Maria Teresa de Almeida d'Eça ▪ Governo Civil: Sra. Rosalina Machado • **Vila Nova de Famalicão**: Conservatória do Registro Civil: Sra. Maria Teresa Ferreira Borges ▪ Sr. Amadeu Gonçalves, Sra. Anabela Ferreira da Silva, Sr. João Carvalho Guedes, Sr. João Manuel Abreu de Azevedo, Sra. Maria José Simões Araújo Sobral ▪ Arquivo Distrital: Sra. Maria Natália Rodrigues de Magalhães • **Ponta Delgada (Açores)**: Biblioteca e Arquivo Público: Sr. Albano Mendonça Martins do Vale, Dra. Fátima Oliveira, Dr. Francisco Silveira, Dra. Luísa César, Sr. Maria de Fátima Ramos, Sr. Silvestre Rodrigues Medeiros, Sra. Aida Lopes, Sr. Amílcar Alberto de Meneses Tavares-Silva, Sr. Cristiano Férin, Dr. Hugo Moreira, Sr. Manoel Ferreira, Sr. Walter do Nascimento Tavares Lopes • **ALEMANHA = Dresden**: Dr. Gerhard Bauer • **ARGENTINA = Buenos Aires**: Igreja de San Nicolás de Bari: Monseñor José Erro • **BÉLGICA = Zemst**: Yves Moerman • **ESPANHA = Madri**: Sra. Isabel Ferreiro • **FRANÇA = Mâcon**: M. Émile Magnien • **Paris**: **Casa de Victor Hugo**: Mme. Marie-Laurence Marco ▪ Alban Corbier-Labasse, M. Jean Tulard • **Rennes**: M. Jean-Michel Massa • **INGLATERRA = Londres**: The International Napoleonic Society: Mr. David G. Chandler • **URUGUAI = Montevideú**: Sra. Célia Regina Gomes da Paixão.

Índice

Índice, pela página em que a carta se encontra ou começa.

Destinatários de cartas de Casimiro

- Albina Teresa Marques de Abreu, a irmã caçula: 38, 55, 91, 112, 113, 125, 153, 165
- Antônio Fernandes Camacho Falcão, colega de trabalho e amigo: 206
- Antônio Francisco da Costa Cabral, patrão e amigo: 242, 252
- Antônio José Marques de Abreu Júnior, primo e amigo: 188
- Cavaleiro não identificado de Barra de São João: 163
- Cristóvão Corrêa e Castro, amigo e confidente: 136, 151
- Francisco de Paula Brito, o editor de *Primaveras*: 239
- Francisco do Couto Sousa Júnior, amigo e confidente: 48, 50, 56, 58, 62, 64, 67, 68, 70, 72, 75, 78, 79, 82, 83, 85, 87, 88, 92, 96, 99, 102, 106, 108, 115, 117, 121, 123, 127, 128, 132, 134, 140, 142, 143, 146, 148, 155, 157, 159, 161, 166, 168, 174
- José Antônio de Almeida Cunha, amigo do mundo das letras: 226
- José Domingues da Costa, patrão: 60

José Joaquim Marques de Abreu, o pai: 32, 34, 36, 37, 40, 42, 44, 46, 47, 52, 74, 122, 150

Luís (Bruno) Pereira de Sousa, “Lulu”, amigo: 94

Machadinho (Machado de Assis), amigo do mundo das letras: 236

Manoel Antônio Rodrigues Machado, vizinho na roça: 191

My Dear, amigo não identificado com segurança, 156

Pedro Luís Pereira de Sousa, amigo e confidente: 169, 176

Remetentes de cartas a Casimiro

Antônio Fernandes Camacho Falcão, colega de trabalho e amigo:
204, 248

Antônio Francisco da Costa Cabral, patrão e amigo: 194, 203, 214,
232, 234

Antônio José Marques de Abreu Júnior, primo e amigo: 211

Antônio Ramos de Oliveira, comerciante de Barra de São João: 218

Belisário Luís da Silva Peixoto, amigo, irmão da namorada de
Casimiro: 224

Câmara, Cabral & Costa, casa comercial em que Casimiro trabalhou:
219, 231

Claudino Antônio Marques de Abreu, tio paterno de Casimiro: 181

Francisco de Paula Brito, o editor de *Primaveras*: 221

Francisco de Sá Pinto de Magalhães, farmacêutico de Barra de São
João: 183

Francisco José Marques de Abreu, tio paterno, cunhado e padrinho
de Casimiro: 237

João Baptista Leite & Cia, casa comercial em que Casimiro
trabalhou: 223

João José da Silva Porto, comendador, fazendeiro em Macaé e Rio
das Ostras: 186

José Antônio de Almeida Cunha, amigo do mundo das letras: 229

José Galdino da Silva Leite, marido de Rosa, prima de Casimiro:

186

L. R. Cunha, amigo: 220

Luísa Joaquina das Neves, a mãe: 201

Manoel da Fonseca Silva Júnior, “Manduca” (?), amigo de infância
e vida adulta: 208

Manuel de Melo, bibliófilo: 250

Pedro Joaquim de Magalhães, alfaiate de Capivari: 187

